



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Edina Fialho Machado

**AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE: A RELAÇÃO PROFESSOR-
ALUNO COMO PROCESSO HUMANIZADOR**

Belém – PA
2007

Edina Fialho Machado

Afetividade na formação docente: a relação professor-aluno como processo humanizador

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Formação de Professores

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Josefa de Souza Távora

Belém – PA
2007

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP).
Elaborada pela Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação - UEPA,
Belém - PA.

Machado, Edina Fialho.

Afetividade na formação docente: a relação professor-aluno como
processo humanizador.

215f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do
Pará, Belém, 2007.

1. Afetividade, Sentimentos, Emoções. 2. Racionalidade,
Subjetividade. 3. Ensino-aprendizagem, Autoridade. 4. Exclusão e
Humanização.

Edina Fialho Machado

Afetividade na formação docente: a relação professor-aluno como processo humanizador

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora

_____ - Orientadora

Profª. Maria Josefa de Souza Távora
Dra. em Educação
Universidade do Estado do Pará

Profª. Marta Genú Soares Aragão
Dra. em Educação
Universidade do Estado do Pará

Profª. Josenilda Maria Maués da Silva
Dra. em Educação
Universidade Federal do Pará

À AUGUSTO DE SOUZA MACHADO, meu pai,

por sua rigorosidade, sempre amorosa, com que nos educou, dando-nos proteção, orientação, nos ensinando valores éticos e nos tratando com muito afeto. Tenho certeza, que lá do céu, ele vibra com esta minha conquista.

À ESTEFÂNIA FIALHO MACHADO, minha mãe,

por seus cuidados e afeto sem medidas, desde as primeiras horas de minha vida, me orientando, me ensinando o alfabeto, a crescer com princípios de solidariedade e simplicidade, como até hoje demonstra em suas ações delicadas, porém firmes, ao usar de racionalidade com muita afetividade.

AOS MARGINALIZADOS E EXCLUIDOS, milhares de serem humanos no limiar da desumanização, explorados, submissos e desrespeitados em seus direitos de cidadãos e de seres humanos, porém, resistem e desejam ser sujeitos de sua história.

AOS QUE EDUCAM COM AFETO, por acreditarem em seus sonhos, fazerem opção pela educação amorosa e radical, vivenciando valores éticos e humanos, capazes de provocar o processo de transformação e humanização.

À COMUNIDADE PORTELENSE, especialmente pelos que lutam de forma destemida, na tentativa de romper as barreiras da violência, da exclusão e da marginalização, usando a força de sua crença, a firmeza de seus passos, o peso político de suas idéias e ações, que são sementes de esperança, germinando como ideal de liberdade na vida de cada portelense, que, assim como eu, ainda não perderam a esperança.

AO PROF. PAULO FREIRE, por sua história de compromisso e luta inspiradora em defesa dos oprimidos e por uma educação afetiva, competente e humanizadora. Sua prática educativa e libertadora, desenvolvida como ato político, comprometido com os seres humanos, orienta minha vida pessoal e profissional, e, me inspirou na realização desta pesquisa.

À eles eu dedico este trabalho

AGRADECIMENTOS

À DEUS, por me permitir viver e ser feliz, por me iluminar com sabedoria, a contar do processo seletivo, até a conclusão deste trabalho, possibilitando-me receber esta benção com a qual sempre sonhei. A ti meu Deus, eu devo esta graça e, por ela eu lhe digo: muito obrigada, meu Deus.

À MAMÃE, por estar sempre ao meu lado com seu amor incondicional, me protegendo e amando. A você, que me acompanha, que sofre com minhas perdas, que vibra com minhas conquistas e torce pelos meus sonhos. Muito obrigada, mamãe.

AOS MEUS IRMÃOS, pelo cuidado e proteção, força, afeto e companheirismo nos momentos difíceis e nos felizes. A cada um de vocês, que de forma especial, sempre contribuíram em minhas conquistas. A você: Edy (em memória), José, Nazaré, Sebastião, Manoel, Odete, Benedito e Ualame, o meu amor incondicional e gratidão.

AOS MEUS SOBRINHOS(a), a quem eu amo e sei que por eles sou amada, que de forma carinhosa, divertida, respeitosa e comprometida, me ajudaram a manusear os recursos tecnológicos, na montagem de trabalhos, na gravação e transcrição de fitas, na digitação de textos, bem como, a resolver meus problemas domésticos, a torcer por mim, a amar-me. Obrigada por existirem em minha vida.

AO ALEXANDRE GALVÃO DA ROCHA, em uma época em que prevalece o individualismo e a desconfiança, você foi torcedor afetuoso, além de confiar em mim, sendo meu avalista junto à Secretaria Executiva de Estado de Educação do Pará – SEDUC. Com esse gesto, assegurou minha licença para estudar. A você Alexandre, o meu afeto e eterna gratidão.

À PROF^a Dr. M^a. JOSEFA DE SOUZA TÁVARA, minha Orientadora, por esses dois anos de convivência, com quem dividi momentos de incertezas, de dores e de alegrias, na tessitura deste texto, vivenciando valores como, paciência, delicadeza e afetividade, na busca pela aprendizagem, de forma humilde e simples, o respeito, afeto e gratidão.

À SECRETARIA EXECUTIVA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARÁ E SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELÉM, pela licença concedida para que eu pudesse realizar este estudo. Saberei recuperar este tempo, com minha competência e dedicação, trabalho pela educação, nestas Secretarias.

À UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ, AO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, E AO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO GERAL, pela oportunidade em poder conciliar trabalho e formação, reafirmando o compromisso desta Universidade, com a formação de seus professores e a qualidade de vida dos paraenses.

À COORDENADORA E VICE-COORDENADORA DO MESTRADO, PROF^a DR^a. IVANILDE APOLUCENO DE OLIVEIRA E PROF^a DR^a. CELY DO SOCORRO COSTA NUNES, pela luta incansável e competente na consolidação deste programa, pelo espírito de solidariedade, pela orientação sempre oportuna, pela aprendizagem coletiva, pelos momentos de crescimento, apóio e incentivo em nossas dificuldades.

AOS PROFS. DO MESTRADO, pela troca generosa de conhecimentos, empenho e dedicação ao programa, pois, de alguma maneira cada um contribuiu para a realização deste.

AO PROF. BENEDITO FIALHO MACHADO Diretor da Escola Estadual de Ensino Médio “Magalhães Barata” e **À PROF^a. ROSELI ANDRÉ FARIAS**, Diretora da Escola Municipal Prof^a. Maria Amoras de Oliveira, pela compreensão e solidariedade, no período de seleção para o mestrado. Obrigada pela oportunidade.

ÀS COORDENADORAS PEDAGÓGICAS DA E.E. MAGALHÃES BARATA, PROF^a. ANA PAULA DE MAGALHÃES E LUÍZA CRISTINA ROCHA MAGNO, pelo companheirismo e apóio em dividir tarefas, enquanto eu estudava para a seleção do Mestrado. Valeu colegas.

AOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA, que gentilmente se dispuseram a ler e contribuir com este texto, me ajudando em sua tessitura, com suas críticas e orientações. Muito obrigada!

À PROF^a DR^a. MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO CARDOSO SILVA, por sua grandeza de espírito solidário, postura de sensibilidade, demonstração de afetividade, desprendimento de tempo, ao debruçar-se sobre este texto, na intenção de ajudar-me a ferir menos as regras e o senso estético da língua portuguesa. A você professora, que se fez conhecer por mim, de uma forma tão generosa, o meu muito obrigada.

AO COLEGA E PROF. AGENOR SARRAFE PACHECO, pela delicadeza ao ler meu texto comigo e, oferecido seu olhar sensível e crítico de historiador e professor, me ajudando a vê-lo com olhos do intelectual urbano, mas que não perdeu a simplicidade do menino e caboclo da floresta.

À PROF^a. LÍLIA VIVIANE PASTANA DO AMARAL, por ter colaborado com este texto, realizando a tradução do resumo para a língua inglesa. Muito obrigada, amiga.

À PROF^a DR^a. NILDA DE OLIVEIRA BENTES, na condição de professora do Mestrado, participou do momento da Qualificação, investindo tempo e saberes na leitura de meu texto, muito obrigada, professora.

AO PROF. E AMIGO FERNANDO FARIAS ao realizar a revisão das normas técnicas exigidas pela academia, demonstrando sua generosidade. Obrigada menino de ouro.

AOS PROFESSORES SUJEITOS DESTA PESQUISA, a vocês eu devo a produção deste texto, construído a partir de seus relatos. Muito obrigada pela atenção, voto de confiança e decisivas contribuições: Prof^a Ivanilde Apoluceno de Oliveira, Prof. José Roberto Alves da Silva e Prof^a. Roseane Fernandes da Costa. O meu carinho, respeito, agradecimentos e afeto.

À TODOS AQUELES que direta ou indiretamente, contribuíram para esta grande conquista, em especial, **aos Colegas do Mestrado**, com os quais, compartilhei experiências, saberes, dúvidas e sonhos, além de raros e prazerosos momentos de descontração, o meu muito obrigada e desejo de sucesso.

Sou professor a favor da decência contra o despudor, sou a favor da liberdade, contra o autoritarismo, da democracia contra a ditadura de direita ou esquerda.

Sou professor a favor da luta, contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou classes sociais.

Sou professor contra o capitalismo vigente que inventa a miséria na fartura.

Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo.

Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza.

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por esta escola e este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias, sem as quais o meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser, de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste.

Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar.

Paulo Freire.

RESUMO

MACHADO, Edina Fialho. Afetividade na Formação Docente: A Relação Professor-Aluno como Processo Humanizador. 2007. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2007.

O presente trabalho aborda a afetividade na formação docente pois, o cotidiano escolar é permeado por situações e atitudes, que colocam o professor em contato permanente, com questões relacionadas à afetividade, a qual desempenha papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais e / ou coletivas do sujeito. A afetividade é fator importante nas relações do espaço da sala de aula. O problema de pesquisa, centra-se na percepção dos professores, a respeito das questões afetivas em sala de aula, onde, em muitos casos, se evidenciam conflitos e desgaste emocional, que tendem a prejudicar o processo ensino-aprendizagem e as relações entre as pessoas envolvidas nele. Estas reflexões nos fazem questionar: *Que tratamento os professores dão à afetividade em sala de aula? Qual sua influência na formação pessoal e profissional docente? De que forma a afetividade interfere no processo humanização? E que relação existe entre afetividade e cognição?* Tendo em vista a natureza da pesquisa, nossa preocupação está voltada para o desvendar da afetividade nas relações de sala de aula, na formação do professor, e sua importância no processo de humanização. A pesquisa se refere a um Estudo de Caso, de abordagem Qualitativa. Como instrumento de construção dos dados, utilizamos a técnica de entrevista semi-estruturada, com três professores do Curso de Pedagogia da UEPA. Os resultados foram analisados de forma descritiva e interpretativa crítica e os dados apresentados em forma de relatório. O trabalho apresenta três capítulos: O Capítulo I Sala de Aula: espaço do afeto e da construção de saberes, é dividido em dois itens a saber: afetividade, afetividade e cognição: uma relação possível. Contém um olhar sobre a epistemologia da afetividade, e a relação desta com a cognição no processo ensino-aprendizagem. O capítulo II Afetividade e (trans) formação docente, trata de Afetividade na formação pessoal e profissional docente e as dimensões afetivas na relação professor-aluno. O capítulo III Educação afetiva como processo Humanizador reflete, a respeito das políticas de formação docente e evidencia a necessidade de afetividade como instrumento humanizador. Os resultados obtidos, demonstram que a afetividade é relevante nas relações entre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem e para a própria aprendizagem; além disso, evidencia que as políticas de formação docente, não priorizam a questão da afetividade e da humanização, e que a afetividade exerce grande influência na formação docente, além de existir relação estreita entre ela e a cognição. Os sujeitos da pesquisa demonstram ser afetivos e saber se relacionar com afetividade em sala de aula, além de gostarem da profissão docente. Os resultados validam a realização de pesquisas desta natureza, pois, demonstram que é possível o professor, ser afetivo com os alunos e que essa afetividade pode trazer melhorias em sua vivência pessoal e profissional.

Palavras-chave: Afetividade, cognição, ensino-aprendizagem, formação docente, humanização.

ABSTRACT

MACHADO, Edina Fialho. Affectivity on teacher's formation: A teacher-pupil relation as a humane process. 2007. 215f. Dissertation (Masters in Education) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2007.

This work treats about affectivity on teaching formation, because scholastic quotidian is replete by situations and attitudes which put teacher in permanent contact with questions relating to affectivity, which acts as a fundamental paper on intelligence constitution and its functionability, determining, to the subject, individual or collective interests and necessities. Affectivity is an important factor among relations in a classroom. The problem of the research is centralized on teacher's perception, relating to affective questions in classroom, where, in many cases, emotional conflicts and wastages are evident, and this can break the teaching-learning process and relations among people who are involved on it. These reflections send me to question myself: How teachers treat affectivity in classroom? What's its influence on teacher's personal and professional formation? How affectivity interferes on humane process? What's the relation between affectivity and cognition? Looking the nature of the research, I intend to clear up how affectivity is worked on classrooms relations and on teacher's formation humane process. The research is a study of case, with quality approach. The instrument to construct points of view was a half-structured interview with three teachers of the Curso de Pedagogia from UEPA. The analysis of the results were done by a critical interpretation and description, with a report after this. The work shows three chapters: Chapter I – Classroom: Space to developing friendship and knowledge, is divided in three items: affectivity, affectivity and cognition : a possible relation? and affectivity and knowledge. It has a glance over ephistemology of developing affectivity and its relation. Chapter II – Affectivity and teachers (trans)formation treats about affectivity on teacher's personal and professional formation and affective dimensions on teacher-pupil relation. Chapter III – Affective education as a humane process reflects about politics of teacher's formation. It evidences the necessity of a practice of affectivity as a humane instrument. The results shows that affectivity is important on relations between teaching-learning process subjects and to the learning itself. Then, it evidences that politics of teacher's formation don't give priority to affectivity and humane question. Affectivity has a great influence on teacher's formation, and it has a narrow relation with cognition; research subjects show to be affective persons and they know how to act with affectivity in classroom; they also like their profession. The results confirm these kind of researchs, since that show how possible is to be an affective teacher to his pupil, and see that the affectivity can change his personal and professional life to better.

Key-words: Affectivity, cognition, teaching-learning, teacher's formation, humane.

SUMÁRIO

INÍCIO DO DIÁLOGO	10
TESSITURA E DESAFIOS METODOLÓGICOS	22
CAPÍTULO 1 – SALA DE AULA: ESPAÇO DO AFETO E DE CONSTRUÇÃO DE SABERES	34
1.1 AFETIVIDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS	50
1.2 AFETIVIDADE E COGNIÇÃO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL EM SALA DE AULA	58
CAPÍTULO 2 – AFETIVIDADE E (TRANS)FORMAÇÃO DOCENTE	74
2.1 AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DOCENTE	96
CAPÍTULO 3 – EDUCAÇÃO AFETIVA COMO PROCESSO HUMANIZADOR	119
3.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS AFETIVAS E HUMANIZADORAS NO CURSO DE PEDAGOGIA	126
CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO	160
REFERÊNCIAS	177
APÊNDICE	184

INÍCIO DO DIÁLOGO

O cotidiano escolar é um espaço por si só, propiciador da emergência de situações em que questões relacionadas à afetividade, afloram, posto que essas, são manifestações humanas. Tendo em vista a natureza da presente pesquisa, meu objetivo está voltado para o desvendar da afetividade presente nas relações vivenciadas na sala de aula como condição indispensável no processo de humanização.

A temática central deste estudo dá ênfase à afetividade, por isso, optei por escrevê-lo na primeira pessoa para me sentir mais envolvida e motivada com o objeto da presente pesquisa. Portanto, considero este trabalho, quase um rascunho de minhas utopias pedagógicas e humanas, vividas cotidianamente, sem considerá-las transitórias, uma vez que elas são permanentes em todas as etapas de minha vida. Posso, contudo, dizer que como todas as idéias, ele necessita ser lapidado e ampliado por outros olhares e, até mesmo, por outras referências teóricas e apreciações metodológicas.

No trabalho, procuro refletir sobre a importância que a afetividade exerce na formação do professor, o qual é construído como um ser único, formado no percurso de vida pessoal e profissional, portanto, portador de sensações que se expressam e interferem em sua formação e nas relações estabelecidas entre ele e os outros atores do processo educativo com os quais convive.

Trago para a discussão algo que me fascina como profissional e pessoa, porque, além de contribuir com a pesquisa, por si só, é uma necessidade emergencial da própria política de formação docente, a qual se recomenda rever os princípios que a faltam. Além disso, é uma forma de expressar o meu pensar e minha crença sobre o ser professor e o que isso representa no contexto social, pessoal e profissional, principalmente, na era da sociedade da informação e da comunicação e da aprendizagem coletiva.

Eu, assim como Brandão (2005, p. 35) “sou como pessoas que, por crerem e viverem o ideário de uma vida solidária; estudam, educam e militam em favor da vida”. Para mim, esta pesquisa representa um pouco desta afirmação.

A escolha de um objeto a ser investigado, além da relevância acadêmica, que implica o social, o político e o pedagógico, deve despertar no pesquisador, mais que o interesse acadêmico, ele deve sentir-se envolvido emocionalmente com ele, para

ter mais interesse e paixão em pesquisá-lo. Por isso, eu poderia haver optado por outros objetos de estudo relacionados a educação e formação do professor; tenho certeza de que encontraria temáticas interessantes, de aprofundamento teórico, relevância política, social, pedagógica e, até, o reconhecimento da academia como mais uma proposta a ser refletida.

Contudo, por mais interessantes que fossem essas temáticas, eu estaria apenas cumprindo uma exigência da academia: elaborar um projeto, realizar uma pesquisa, analisar os dados e escrever uma dissertação, o que por si só, é algo grandioso, pois representa a sistematização do pensar, condição essencial na vida de um professor, porém, não estaria respondendo às minhas aspirações pessoais e nem atendendo à minha vocação como educadora, que é realizar um velho e sempre renovado desejo: estudar a afetividade na formação do professor como processo humanizador, considerando que, para Nóvoa (1995, p. 17):

as opções que cada um de nós tem que fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar, a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.

A temática escolhida, funciona como filtro pelo qual passarão muitas de minhas dúvidas, questionamentos, temores, encantos e desencantos em relação à profissão docente, principalmente nos momentos de crises, sejam elas nos campos, epistemológico, metodológico, político, filosófico, ético e até mesmo existencial, aos quais, todos estamos sujeitos, pois não somos apenas profissionais, somos pessoas dotadas de razão, de sentimentos, de emoções e de afeto.

Estudar a formação do professor, tendo a afetividade como elemento importante neste processo, é um convite a adentrarmos no campo da linguagem emocional, pois, como seres autopoiéticos, vivemos em contínua inter-relação com outros seres também iguais, e é na dinâmica relacional, construída por conversações viabilizadas pela linguagem que surgem conflitos e emergem emoções desse processo de interação – professor/ aluno/sala de aula, tendo em vista que o ser humano se constitui de muitas dimensões, entre elas, emoções e afeto, as quais ocupam parte significativa de nossa vida pessoal e profissional. Afinal, afirma Oliveira (2007, p. 218),” as pessoas se emocionam, se sensibilizam, são afetadas pelo outro em suas relações intersubjetivas cotidianas escolares. E estas relações são formadoras”.

É difícil uma pessoa consciente de si e do mundo, viver sem conflitos, afinal, somos seres que atribuímos valores às coisas, aos acontecimentos, às ações e, principalmente aos outros, pois, ao tomarmos uma decisão, fazemos opções, não utilizamos apenas a razão. Nossas escolhas são profundamente marcadas por tais valores e por isso mesmo, muitas vezes nos geram conflitos axiológicos e éticos, que de alguma maneira, incomodam nossas estruturas emocionais.

Objetivo, com este estudo, analisar as interações afetivas entre professores e alunos no contexto da sala de aula, tendo como referência, os relatos dos professores, pelos quais, busco identificar os aspectos afetivos presentes que influenciam o processo de aprendizagem; conhecer a importância que os professores dão a afetividade em sala de aula; refletir as relações existentes entre afetividade e cognição no processo ensino-aprendizagem e investigar a influência da afetividade na formação pessoal e profissional do professor e, de que maneira ela se manifesta nas ações do professor, no processo humanizador, já que, o trabalho docente precisa ser exercido de forma competente e comprometido com a realização dos sujeitos, caso contrário, nos perderemos na desumanização.

As questões relacionadas aos sentimentos, às emoções e, ao afeto na formação do professor, representam a discussão de uma temática importante a ser pesquisada, discutida, compreendida e vivenciada em nossas experiências e práticas docentes, é preciso levar em consideração, que há tempos essa questão vem timidamente sendo incluída nas discussões sobre saberes e competências docentes, como vem emergindo em diferentes trabalhos.

A temática tem sido levantada, principalmente por aqueles que defendem a ênfase educativa marcada pelos aspectos históricos, culturais e sociais da condição humana, os quais, possibilitam um novo olhar nas relações existentes entre as dimensões afetivas e cognitivas inerentes ao ser humano e, do papel exercido pelo professor no processo ensino-aprendizagem e na formação pessoal e profissional da pessoa.

Isso vem confirmar, que a questão da afetividade é algo que interessa aos pensadores e em especial aos educadores há bastante tempo, como se observa nas teorias de Wigostsk e Wallon, que há muito, contestam as teorias racionalistas excludentes e ambíguas que privilegiam a razão em detrimento das emoções, como se fossem dimensões secundárias no processo da construção da aprendizagem e da pessoa, todavia, o ser humano é um ser de conjunto.

Ao pesquisar a formação do professor é importante refletir e acompanhar as atuais mudanças que acontecem na forma de viver e de conviver, posto que estas, exigem das instituições de ensino e dos intelectuais que se apropriam da ciência e produzem novos conhecimentos, que adotem posturas críticas, criativas, corajosas, éticas e reflexivas frente às mesmas, pois, não basta ao professor, ser competente tecnicamente para ensinar, é necessário, além de competência técnica, sensibilidade para conviver com a igualdade na diversidade, e pluralidade em que se constitui a sala de aula como um espaço da diferença, porque este também, é o tempo em que os sentimentos, as emoções, o afeto e a ética devem ser cultivados e experimentados por todos, em especial pelos professores.

O problema desta pesquisa investiga, sobre o tratamento que os *professores do Curso de Pedagogia da UEPA* dispensam às questões afetivas na sala de aula, pois, a falta de controle emocional e de afetividade em relações pedagógicas, evidenciadas em instituições de ensino, considerando relatos de alunos ao se reportarem sobre professores, que utilizam adjetivos desqualificadores da condição humana quando se referem a alunos, isso, foi o motivo central que me impulsionou a trabalhar a temática em foco.

Situações como essas, demonstram certa fragilidade em nossa formação, no que diz respeito às competências emocionais do docente, e pode levar alunos a se desencantarem pela profissão, ao verem atitudes deselegantes de seus professores, dos quais, eles esperam outras posturas, já que, a sala de aula pode ser um espaço, em que os mesmos possam desenvolver a intelectualidade, mas também a afetividade, além de demonstrar fraquezas e possibilidades, tendo em vista que, o fazer pedagógico não pode ser confundido com uma atividade meramente técnica, mas envolve, além da razão, as emoções e o afeto dos sujeitos envolvidos, nesse processo, afinal, a sala de aula é feita de cores, sons, cheiros, sabores, dores, prazeres, amores, saberes, seres humanos em construção.

Realidade, também refletida, em relação á queda da auto-estima do aluno que passa a se sentir em condições de inferioridade frente aos outros colegas e até mesmo ao professor, o qual por sua vez, sente-se desprestigiado em decorrência da falta de receptividade dos alunos como consequência e resposta a sua atitude, culminando por criar uma situação desgastante e desestimulante para ambos.

É nesta linha de proporções que se situa a presente pesquisa, ao perceber uma lacuna no conhecimento e na prática de relações afetivas na formação do

professor e na sala de aula, o que me conduziu para as seguintes questões: *De que maneira a afetividade influencia na formação pessoal e profissional do professor de Pedagogia da UEPA? Como o professor do Curso de Pedagogia da UEPA se relaciona afetivamente com os alunos? Quais as relações existentes entre afetividade e cognição? Em que aspectos a afetividade contribui para o processo ensino-aprendizagem e a humanização?*

A formação do professor tem sido tema de muitos debates, trabalhos acadêmicos, dissertações de mestrado e teses de doutorados entre outros tantos estudos. Esta produção evidencia o esforço da academia e da sociedade em relação à compreensão da formação deste profissional, como nos mostra a última pesquisa da UNESCO (2005), sobre os professores de ensino fundamental e médio, na qual são evidenciados alguns aspectos da formação docente. Os temas pesquisados e mais recorrentes nesses trabalhos, se referem a: questão da titularidade, da organização enquanto categoria profissional, das condições de trabalho e de salários, condições de saúde, moradia, acesso à cultura, a informação e informatização, ao campo de trabalho e até mesmo sobre a faixa etária.

Até a década de 90, eles demonstraram pouca ênfase sobre a questão da afetividade, como se o professor trabalhasse apenas com os mecanismos da razão, não sofresse as influências do meio e nem por elas fosse influenciado. Tal pensamento, demonstra o desconhecimento de que a afetividade é bem ampla, e refere-se a todas as vivências dos indivíduos e às formas de expressões mais complexas e essencialmente humanas, ou seja, que a afetividade é algo bem presente permanentemente no ser humano.

Existe a necessidade de se evidenciar nestes trabalhos, a questão do professor como sujeito de emoções, sentimentos e de afeto, o que me estimula a estudar nesta pesquisa, por considerar de suma importância para a prática diária docente, principalmente se acompanhado de atitudes éticas, portanto, devem ser trabalhados em sua formação e, assumidos em seu trabalho.

Nesta linha de pensamento, comenta, Rios (2005, p. 137) “a melhor qualidade revela-se na sensibilidade do gesto docente, na orientação de sua ação para trazer o prazer e a alegria ao contexto de seu trabalho e da relação com seus alunos”.

Isso pode ser percebido no trabalho de André (2004)¹ sobre A formação de Professores nas pesquisas de Dissertações e Teses defendidas no Brasil nos anos 1990, por meio do qual, a autora evidencia os aspectos mais pesquisados, os emergentes e os silenciados; a questão da identidade foi considerada um tema emergente, já no que se refere à afetividade, não foi sequer discutido como tema silenciado, ou seja, o trabalho não identificou pesquisas com este tema e nem considerou o seu esquecimento.

Apesar destes estudos não terem evidenciado a afetividade como questão central de pesquisa, a partir de 2000, já existem várias produções que levantam a temática, como podemos observar nos trabalhos de diferentes autores que são mencionados nesta pesquisa.

Entretanto, eles são quase todas autorias independentes, livros de quem normalmente já tem um nome consagrado, ou então de alguém que reflete e relata suas experiências na área educativa e, somente bem recente, este passa a ser um tema que emerge em várias pesquisas de pós-graduação na academia, conquistando a posição que ele de fato merece ocupar.

A Universidade do Estado do Pará, exerce destacada posição na formação de professores no Estado, porém, são poucas as pesquisas que estudam a formação dos mesmos; as que existem, normalmente tratam da qualidade da formação, prática docente, entre outros, sem priorizar a temática afetividade.

É provável que essa lacuna de pesquisas sobre afetividade se dê em decorrência de práticas pedagógicas com pouco envolvimento afetivo com o aluno, realidade que merece ser estudada e superada, como vem aos poucos acontecendo nas academias, entre elas a UEPA, seja pela ação de alunos dos cursos de licenciaturas e, principalmente, pelos professores que participam dos programas de pós-graduação, como podê-se perceber, já é possível encontrar trabalhos que tratam da questão, entre eles pode-se fazer referência a Campos (2005)², intitulado: Afetividade e Autoridade: uma relação possível?

¹ Pesquisa realizada em 410 dissertações e teses apresentadas nos anos 1990, sobre a Formação de Professor, no qual ela destaca os temas mais pesquisados, os emergentes e os esquecidos, contudo, a temática afetividade não apareceu entre os pesquisados e nem também entre os esquecidos.

² Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Formação de Professores, pela UEPA, no ano de 2005 de autoria da aluna Alessandra da Silva Campos.

Monteiro (2003)³ Estuda a Identidade Docente, utilizando as memórias de professores, pelas quais eles manifestam suas emoções e seus afetos, o que recebeu um tratamento especial da pesquisadora. Ludgero (1997)⁴, levanta a problemática da identidade do professor e fala das questões da subjetividade e das emoções.

Bentes (2003)⁵ discute as sanções dos professores aos alunos, em decorrência do exercício do poder atribuído ao professor. Estas referências, mesmo que ainda tímidas, demonstram existir no Centro de Educação da Universidade do Estado do Pará, uma significativa reflexão a respeito da temática afetividade na formação do educador.

A importância desta pesquisa, se dá ao compreendermos que o trabalho do professor é voltado para atender o ser humano e que ele próprio é um deles, portanto, é importante que ele tenha uma formação que lhe permita ser um profundo conhecedor das necessidades e particularidades do ser humano, assim, é bom e necessário investigar as políticas de formação de professores, afinal, são elas que determina e mobilizam os conteúdos e objetivos a serem trabalhados nesta formação, tendo-se em vista, que isso influencia nas posturas que os professores assumem no trabalho.

Reconheço que a afetividade tem lugar destacado na vida do ser humano, todavia, diante do sectarismo e do individualismo presentes na sociedade atual, as pessoas têm vergonha de expressá-la, temendo serem chamadas de sentimentais, como se demonstrar afeto fosse torná-las frágeis, contudo, acontece o contrário, uma vez que o ser humano não pode deixar de expressar suas emoções e sentimentos sob pena de se endurecer e até se desumanizar. Esta visão racionalista de ver o papel do professor, precisa ser questionada, pois ele é um profissional e uma pessoa.

O professor é antes de tudo um ser humano, isso significa dizer, que sua prática pedagógica é uma atividade exclusiva entre seres humanos, na qual os sentimentos e o afeto não devem ser ocultados pelas teorias, mas devem, primeiramente, servir para expressar as suas razões e os seus saberes de forma afetuosa e ética, melhorando as relações entre os sujeitos do processo ensino-

³ Tese de Doutorado intitulada Auto-formação, histórias de vida e construções de identidades do/a educador/a, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003 de autoria de Albeni Lis Monteiro.

⁴ Dissertação de Mestrado - UNAMA 1997, intitulada: Ser professor Universitário: uma leitura fenomenológica. De autoria de Cláudio Ludigero.

⁵ Tese de Doutorado. Sanção educativa e aprendizagem nas relações dialógicas da sala de aula. São Paulo: Faculdade Metodista de Piracicaba. 2003, de autoria de, Nilda de Oliveira Bentes.

aprendizagem desenvolvido na escola, sobre isso, argumenta Freire (2003, p.144) “como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os sonhos, os desejos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista”

A ditadura do saber racionalista, à necessidade da praticidade, da dinamicidade e carência de afeto no trabalho docente, interfere no desempenho do professor e contribui para diminuir sua auto-estima, o que possivelmente prejudica as relações afetivas em sala de aula e, o processo ensino-aprendizagem, pois, o afeto e as emoções devem estar presentes nesta relação comunicativa e educativa. Por isso, é importante que os professores trabalhem para enfrentar e combater a crescente ameaça de embrutecimento do ser humano.

Estudar a formação do professor a partir dos afetos é discutir o papel da educação e da escola sem esquecer das questões de ordem econômica, social, tecnológica e principalmente axiológica, afinal, a postura dos sujeitos depende muito dos valores trabalhados em sua formação, e implica também, na compreensão de homem e de mundo dos próprios professores levando-se em consideração, que são eles os responsáveis imediatos pela formação da sociedade, mesmo assim, alguns questionam:

quem sou eu? Qual minha função social? Ensinar sem dúvida, socializar conhecimentos, saberes, competências. A resposta satisfaz, mas muitos profissionais, experimentam um fundo de insatisfação, uma sensibilidade não satisfeita, sobretudo quando tiram seu olhar fixo das matérias e passam a enxergar e sentir os educandos (ARROYO, 2000, p. 53).

O autor reafirma o importante papel desempenhado pelos professores como gerenciadores de conhecimentos e, principalmente, de seres humanos que se identificam e se preocupam com os sujeitos sociais. Para isso, é recomendável que exista, por parte dos gestores, políticas de valorização dos educadores, sejam eles docentes ou não, já que ambos desenvolvem posição de destaque na construção e organização da sociedade, na condição de trabalhador social.

Trabalhador este, que tem importância fundamental no processo de produção do conhecimento sistematizado, como instrumento propiciador para a reflexão de nossas práticas e, na organização de uma sociedade mais ética, justa e, portanto, melhor para se viver. Neste sentido, o professor é um elemento de significativa importância na formação da sociedade.

Ao refletirmos sobre a importância do professor no processo de construção de valores humanos, precisamos considerar a sua formação pessoal além da profissional, porque ele trabalha com a totalidade de seu ser, assim, a sua formação afetiva não pode ser desconsiderada, pois ele mobiliza o tempo todo no trabalho educativo, seu comportamento em aula, suas intenções, crenças, valores e, sentimentos, afetam cada aluno individualmente.

A pesquisa se justifica pelo papel de destaque exercido pela Universidade do Estado do Pará na formação de profissionais na área de educação e apesar disso ainda é carente de trabalhos que reflitam e expressem, na instituição, a formação do professor do ponto de vista da sua afetividade e que considere a sua importância no processo educativo.

Ela faz sentido ainda, ao se considerar as significativas contribuições que possam trazer para a instituição como um todo, tendo em vista a implementação de uma política de formação docente que contemple todos os aspectos da vida humana, posto que a educação deve atingir o ser humano em toda a sua plenitude, em especial em sua afetividade.

A escolha dessa temática deu-se em decorrência de alguns fatores, entre eles, destaco as observações em torno da importância da afetividade, por estar presente por toda nossa existência, além do contexto e a relevância do Curso de Pedagogia para a UEPA e, principalmente, pela minha trajetória pessoal e profissional, a qual não pode ser negligenciada nesta pesquisa sobre o Curso de Pedagogia, ao considerar que sou Pedagoga, tenho Especialização em Docência do Ensino Superior, Orientação Educacional e Gestão Escolar.

Profissionalmente, tenho experiência na Educação Básica, na qual, já trabalhei como Professora, Orientadora, Coordenadora e Administradora, além disso, já atuei em todos os níveis da Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental (Regular e Supletivo) e Ensino Médio, portanto, tenho um acúmulo de experiência na área da Pedagogia e identidade com os diferentes campos de atuação do Pedagogo, o que a priori, me credencia para a escolha do curso para desenvolver esta pesquisa.

Na Docência Superior iniciei minha experiência no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, com a disciplina Filosofia da Educação, pela qual ampliei minha compreensão a respeito da importância da educação como processo de humanização, e do professor como sujeito que pode promover a humanização nesse processo. Trabalhei no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do

Acaraú, por cinco anos seguidos, e no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará, desde o ano de 1997 até a presente data, onde desenvolvo ensino, pesquisa e extensão. Portanto, creio que uma década trabalhando com o curso já me dão autoridade e identidade para sentir-me envolvida verdadeiramente com ele.

Outra razão desta identificação com o Curso, é que minha trajetória de dez anos como Pedagoga, foi pesquisada e seus resultados se constituíram em um Trabalho de Conclusão de Curso, de duas alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, no município de Portel, onde desenvolvi parte de minha trajetória profissional como Pedagoga e, principalmente, onde vivi todo minha infância e adolescência. Isso indica, existir uma forte relação entre mim e o Curso de Pedagogia que me respaldam para a realização deste estudo.

É de conhecimento acadêmico, que inteligência e afetividade são indissociáveis e importantes no processo da aprendizagem, e na efetivação da conduta da pessoa, pois, não existe uma conduta marcada somente pelo afeto, como também, não existe uma postura humana apenas cognitiva, ou seja, cognição e afetividade são elementos fundamentais na construção do sujeito e de sua aprendizagem.

Portanto, as atitudes afetivas e éticas do professor em relação ao aluno são tão importantes quanto sua orientação teórica, seus procedimentos e suas técnicas para a aprendizagem deste, assim, ele não pode se descuidar dessas atitudes em sua prática.

Nesta perspectiva, o presente trabalho reflete a questão da importância da cognição e da afetividade como elementos presentes e indissociáveis no processo ensino-aprendizagem desenvolvido na sala de aula, bem como, o papel da afetividade na formação pessoal e, profissional do professor, destacando seus reflexos nas relações estabelecidas entre os sujeitos e, evidenciando a afetividade presente na educação como instrumento de humanização, além de questionar os motivos que levam muitos professores a serem menos afetivos com seus alunos.

Ao pensar nestes aspectos da aprendizagem humana, é bom analisar a formação do professor a partir da formação inicial desenvolvida na graduação onde se aprende elementos fundamentais para o exercício da docência, contudo, a mesma deixa profundas lacunas, como o pouco valor que é dado à afetividade e, que precisa ser preenchida pela formação continuada que se faz ao longo da profissionalização, a partir das condições adotadas pelas políticas de formação das instituições formadoras e, a partir, da vontade individual e coletiva do professor.

Essa questão se reflete, em meu comentário como pesquisadora e também sujeito desta pesquisa, quando falo a respeito de meu compromisso pessoal de crescer profissionalmente.

eu me considero muito responsável pela minha formação, porque tenho compromisso político-pedagógico com a educação, por isso mesmo, apesar de reconhecer as dificuldades, também percebo as possibilidades e busco alternativas para melhorar cada dia mais, já que tenho uma vontade imensa de acertar, de crescer profissionalmente (A AUTORA, 2007).

Todavia, é claro que só a minha vontade não é suficiente, mas ela é fundamental nessa decisão de buscar as conquistas, as quais, quase sempre são muito difíceis. Às vezes, nós sabemos muitas coisas, temos muitas informações, mas ficamos nelas, não as transpomos e nem aproveitamos os conhecimentos para a melhoria de nossa prática, isso também acontece comigo se eu não estiver envolvida com aquilo que faço. Para evitar situações como essas, uma condição de fundamental importância, é que o professor esteja envolvido profissional e afetivamente com seu fazer, como eu estou agora com as questões da presente pesquisa.

Questões como essas, serão apresentadas na metodologia e, percorridas ao longo do estudo, pois, acredito que a superação dos problemas evidenciados neste trabalho, se faça com um projeto educacional reflexivo e transformador, assumido pelo professor de ensino superior, em especial das licenciaturas, considerando que são eles que formam os novos professores e, é bom que tenham visão mais ampla desse processo, não só como especialistas de uma área de conhecimento, mas como educadores revestidos de saberes, de postura ética e também de afetos, elementos fundamentais no seu cotidiano de trabalho.

O presente trabalho faz uma viagem pelo mundo da afetividade, buscando evidenciar sua importância no processo educativo, fazendo o contraponto com as políticas de formação de professores, e a necessidade de incluir nessa formação estudos a esse respeito, pois, o professor é um ser humano que trabalha com outros seres humanos.

Convido você, caro leitor, a me acompanhar nesta caminhada por trilhas desconhecidas, inusitadas, racionais, afetivas e profundamente humanas. Que ela nos ajude a compreender a afetividade e a nós mesmos e, se por acaso você não se encontrar, sentir-se um viajante solitário, não se preocupe, isso faz parte da condição humana em seu desejo de estar com os outros e de encontrar respostas às suas

perguntas, afinal, o ser humano é social e, como tal, necessita sentir-se integrado como parte ativa do processo de comunicação.

Posso dizer que, mesmo com as idas e vindas que marcaram o percurso desta pesquisa, foi uma grata satisfação realizá-la, nela me questionei, respondi e prazerosamente redescobri-me, encontrei-me, identifiquei-me, fazendo-me uma pessoa e profissional mais atenta às questões do ser humano e de mim mesma, tendo em vista, a prática de postura ética.

A respeito disso, comenta Freire (2000, p.17) “Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos”.

A afirmativa nos leva a refletir sobre as possibilidades que este trabalho evidencia, no sentido de adotarmos posturas éticas em todas as nossas ações, quer sejam as de convívio pessoais, como, também, em nossas relações profissionais e sociais, nas quais está presente a afetividade e eu recomendo o exercício ético. A exemplo do que afirma Arroyo:

quando essa preocupação se torna central vamos percebendo que somos mais do que docentes. Somos adultos que aprendem os significados da cultura, carregam vivências, saberes e competências, valores e concepções de mundo, de homem, de mulher, experiências de classe, de raça, de gênero, de cidadania (2000, p. 164).

A ética, e a afetividade não poderão ser negligenciadas na convivência entre os homens. Se esses forem professores, sua responsabilidade aumenta, pois, eles trabalham na formação das pessoas, na qual, a ética e a afetividade são elementos indispensáveis como processo pedagógico humanizador, questões que veremos a partir do primeiro capítulo deste trabalho que trata da sala de aula como espaço de construção de saberes e de relações afetivas e, mais detalhadamente, no capítulo terceiro que discute a afetividade realizando o processo de humanização.

Espero sinceramente, que esta Dissertação nos proporcione refletir e questionar as nossas velhas práticas educativas, que ainda teimamos em usar, mas que precisam ser revistas, melhoradas e até modificadas, tornando-nos capazes de aguçar nosso olhar sobre elas, para que procuremos torná-las mais significativas, prazerosas, proveitosas, afetivas e, capazes de ampliar o processo de humanização das pessoas que se constituem em sujeitos dessas práticas.

É um pouco do que pretendo com este trabalho que ora vos apresento, e que está metodológica e epistemologicamente explicitado no item a seguir.

TESSITURA E DESAFIOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada para a tessitura desta Dissertação, foi sendo construída no processo, entre dores e prazeres, medos e ousadias, muitas dúvidas e poucas certezas, pois, a cada leitura realizada, e entrevista analisada, eu encontrava mais informações e adquiria um outro olhar sobre o trabalho, o que me fazia refletir e desejar reorganizá-lo constantemente.

Para optar pelo método de estudo que melhor pudesse efetivar esta pesquisa, atendendo as solicitações e sugestões das professoras que compuseram a banca de Qualificação, fiz uma verdadeira reviravolta a partir dessas recomendações e, também, em função das próprias descobertas junto à Orientadora, as referências teóricas e as falas dos entrevistados que forneceram material importante para análise. Algumas vezes, consegui acertar, em outras, cometi confusão metodológica e transgredi as regras da academia. No entanto, foi apenas imaturidade acadêmica, a qual espero ter superado à medida, em que fui tendo clareza a respeito dela, e me envolvendo afetivamente cada vez mais com ela, pois,

a transgressão metodológica repercute-se nos estilos e gêneros literários que presidem à escrita científica. A ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável; o seu estilo é uma configuração de estilos construídos e segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista (SANTOS, 2005, p. 78-9).

O autor reflete sobre a possibilidade do pesquisador sair da camisa de força metodológica e ter capacidade de criar seu próprio estilo. Claro que para isso, ele não poderá fugir as normas indispensáveis exigidas pela academia para que seu trabalho tenha rigor científico e seja reconhecido como tal.

O que não pode acontecer, é o pesquisador perder sua autonomia na pesquisa, sua capacidade de tomar decisões e de fazer opções, subordinando-se às regras metodológicas de forma mecânica, pois, a própria pesquisa o obrigará a rever posturas, paradigmas, caminhos metodológicos, já que ela não é estática, ganha, vida e movimento durante o seu desenvolvimento.

Assim, torná-se indispensável que procuremos criar possibilidades para encontrar nosso próprio caminho, sem que para isso, fira as normas exigidas pela academia, e nem também, deixar de colocar a nossa intencionalidade e subjetividade, uma vez que, toda pesquisa deve corresponder aos interesses da academia e dos sujeitos que a constroem, considerando, que eu jamais posso isentar-me do envolvimento afetivo com a mesma, assim como não posso separar o pessoal do profissional, compreendendo que um se fundamenta no outro, afinal,

a definição de um tema de pesquisa deve estar umbilicalmente vinculada a nossa prática social; rica em contradições, conflitos e sucessos. Os estudos realizados na nossa vida acadêmica, aliados às experiências que vivenciamos na vida pessoal e profissional, são possíveis indicadores para esta definição (NUNES, 2004, p. 7 mimeo).

Como refere a autora, eu também me sinto umbilicalmente envolvida com esta pesquisa, porque, a formação do professor sempre foi um desafio para mim a 27 anos de serviços na educação, seja na condição de coordenadora, de gestora, seja na docência, para a qual me dedico com toda minha intencionalidade, afetividade e busca permanente por melhoria em minha formação, no magistério me realizo e sou feliz.

Outra razão desta relação umbilical com a pesquisa, é que sou parte integrante deste universo como Professora Colaboradora⁶ há dez anos de “efetivos” serviços desenvolvidos na formação docente dentro da Universidade do Estado do Pará, período que vai de 1997, até a presente data, onde procuro ver os alunos como sujeitos sociais, capazes de compreenderem a sociedade, de forma crítica, afetiva, sensível, estética e inclusiva.

Na construção e efetivação de um projeto transformador, a pesquisa desenvolve destacado papel. Assim, realizar a pesquisa com a qual estou envolvida profissional e afetivamente, é de grande importância para mim, tendo em vista, que

⁶ Denominação dada ao Professor da UEPA, que, atendendo convocação, e às exigências de um edital público de processo seletivo, foi aprovado em provas e títulos por uma banca examinadora, porém, não adquire vínculo efetivo com a instituição. Categoria a qual pertence desde 1997, ao concorrer com 13 candidatos e ter sido aprovada em 1º lugar.

todo pesquisador, além de buscar fundamentação teórica sobre a mesma e não fugir das normas técnicas e metodológicas exigidas pela academia, ele deverá se identificar com o objeto pesquisado, bem como, ousar construir novas possibilidades de investigação com as quais se identifique e, que estabeleçam relações significativas, em resposta às questões levantadas e a seus questionamentos pessoais.

A esse respeito, comenta Minayo (2004, p.16): “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro do potencial criativo do investigador”. É com este propósito, que me debruço nesta pesquisa, buscando apoio nas teorias estudadas, nas técnicas aprendidas e na capacidade de criação que deve ser inerente a todo pesquisador, na tentativa de encontrar o seu próprio caminho, situação, na qual me encontro e me incluo como aprendiz neste momento.

O processo metodológico desta pesquisa, refere-se a um Estudo de Caso e, tem por princípio investigativo, a abordagem Qualitativa, por meio de análise descritiva e interpretativa crítica, tendo por base os relatos de três professores entrevistados do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, no Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará, além das referências teóricas que deram sustentação a este estudo.

Para isso, levo em consideração, que no estudo de caso é preciso ter bem claro as peculiaridades que se deseja atingir, sobre isso, argumentam as autoras, André e Lüdke (1986, p.17): “O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois, tem um interesse, próprio, singular”.

Por mais comum que este estudo possa parecer, ele tem características próprias que o distinguem de outros, está situado em um contexto específico, tem finalidade própria definida e contextualizada com a realidade dos sujeitos que são os atores deste trabalho. Ele busca retratar a realidade estudada, revelando a multiplicidade e dimensões presentes nas falas e nos sentimentos dos sujeitos envolvidos neste contexto, revelando suas experiências, seus medos, seus sonhos, suas emoções e seus afetos.

Para a realização da pesquisa foram adotados alguns passos que possibilitaram fazer a tessitura do tema, entre eles posso citar: o levantamento bibliográfico como possibilidade de nortear a pesquisa e servir de suporte à análise. Neste sentido, estive atenta a novos aspectos que surgiram à medida em que o

estudo avançava, dando condições teóricas para compreender o assunto e poder definir mais claramente a linha teórica da pesquisa.

Mesmo sem estar explícito como linha teórica, busco apóio na Antropologia Filosófica, por compreender que ela se preocupa em estudar o ser humano em todas as suas dimensões, questionando as finalidades da educação para o homem.

A Filosofia Antropológica de que trata este trabalho, tem preocupação real com a educação do homem, pois, acredito que através da educação seja possível compreender e melhorar a existência humana e propor alternativas de ação, através de uma educação que tenha como princípio a valorização do ser humano que desperta de sua inércia para a sensibilidade e verdadeira humanização, pois,

tudo o que se refere ao homem, a seus valores, fins e meios, é problema da Filosofia Antropológica, porque ela se dedica a compreender para melhor explicar a vida da espécie humana. Antropologia é portanto o conhecimento ordenado do homem. A Antropologia é o grande meio de auto-educação da humanidade, visto que procura explicar a fim de criar a compreensão e, dessa maneira, proporcionar as oportunidades para auxiliar o desenvolvimento e colocá-lo no caminho certo (SCMITZ, 1984, p. 5).

Neste sentido, faço um mergulho na Pedagogia, ao estudar os autores da educação que discutem a temática, para melhor explicar a importância do afeto e da ética na formação do professor e nas relações estabelecidas entre os sujeitos do processo educativo, pois, minha intenção, focalizar o estudo sobre a afetividade, no campo da Pedagogia, afinal, esse é o lugar do qual falo e no qual me encontro.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, porque leva em conta todos os aspectos evidenciados nas falas dos sujeitos, bem como os indicativos apontados pelas referências teóricas, pois, considero que esta é uma forma adequada para este tipo de estudo, porque permite ao pesquisador ampliar seus instrumentos de construção e análises dos dados, facilita responder às questões norteadoras e, ajuda a verificar o alcance dos objetivos propostos, além de contribuir para a organização e apresentação dos resultados.

Para Alves-Mazzotti (1998, p.147) “as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos”. Isso quer dizer que a pesquisa qualitativa adota métodos diversificados de procedimentos metodológicos para cada caso em particular, ou seja, ela vai descobrindo no decorrer da pesquisa, o que fazer para dar o novo passo.

Nela existe uma relação de dinamicidade, uma interdependência e vínculo entre os sujeitos e o objeto da pesquisa, os quais precisam estar em permanente interação, por isso, os entrevistados são também, co-autores desta pesquisa.

O Curso de Pedagogia é uma referência na história da formação de professores no Brasil e também na UEPA, porque, mesmo com críticas, crises e mudanças pelas quais o curso passa, continua a ter importância destacada no cenário educacional, afinal, seu trabalho extrapola a docência e até mesmo o espaço escolar se estendendo a outros ambientes educativos não escolares, além disso, os pedagogos têm espaço de trabalho garantido em todas as licenciaturas, ou seja, trabalham em todos os cursos que formam professores, por isso, a relevância deste profissional ser investigado e investir em sua formação, como vemos na afirmação a seguir:

O Curso de Pedagogia dinamiza sua estrutura a partir de uma visão sistêmica que dispõe, na sua vertente horizontal, toda sua constituição social, enquanto equipe de pessoas atuantes nas estruturas funcionais e organizativas, suas implicações e concepções sobre o fenômeno educacional e suas contextualizações social, antropológicas e pedagógica (ZORZO, 2004, p. 28).

A afirmação nos aponta a importância do Curso de Pedagogia, destacando o papel da docência, sem esquecer as habilitações e competências. Esta compreensão me motiva mais a realizar esta pesquisa, porque acredito, que seus resultados possam trazer benefícios para a melhoria da formação profissional e pessoal dos professores da UEPA, refletindo-se nas relações afetivas em sala de aula, e no processo ensino-aprendizagem, desenvolvido no Curso de Pedagogia.

Na impossibilidade de trabalhar com muitos sujeitos, como minha ingenuidade metodológica e vaidade intelectual pensavam ser ideal, tive que fazer opção e adotar alguns critérios para selecionar os professores que seriam entrevistados, tal opção fundamentou-se em: área e nível de formação, tempo de magistério, faixa etária, disponibilidade e interesse em participar da pesquisa, bem como, a partir de longos papos na sala dos professores, nas reuniões de departamento, e até mesmo, em torno de nossas angústias e esperanças.

Em relação à área e nível de formação, optei por trabalhar com dois Licenciados Plenos em Pedagogia e, uma Licenciada Plena em Filosofia. Sendo, uma Especialista, um Mestre e uma Doutora em Educação. A respeito do tempo de magistério, trabalhei com uma professora que já está em fase de aposentadoria, com um que tem 13 anos de magistério e, com uma que tem apenas 05 anos de

magistério, possibilitando-me perceber, que não é o tempo de trabalho que determina o compromisso profissional, ou, o desinteresse afetivo pela docência.

Com relação á faixa etária, uma esta na fase que pode ser considerada a melhor idade, outro está na maturidade e uma na juventude, possibilitando-me ter um olhar mais apurado dessas diferentes experiências. Quanto ao interesse dos entrevistados em participar da pesquisa, todos demonstraram interesse em ser sujeito da mesma, por acreditarem na importância do exercício de práticas afetivas em sala de aula.

Em se tratando de pesquisa qualitativa, não podemos definir a princípio um número de sujeitos a serem trabalhados, considerando que a construção dos dados deve atender as necessidades da pesquisa, foi isso o que procurei fazer. Esses critérios foram estabelecidos, para que eu pudesse trabalhar com uma representação de diferentes olhares, isso se deu à medida, em que foram surgindo as necessidades, até chegar à conclusão de que eu só poderia trabalhar com três, mesmo desejando ter um número maior de docentes.

Com alguns, apesar das tentativas e do interesse, não foi possível afinarmos nossos horários, como é o caso da Professora Creuza Barbosa dos Santos, que se mostrou interessada em participar, todavia, as circunstâncias de vida e de trabalho, não permitiram que realizássemos as entrevistas, fato que lamento, pois, sei o quanto ele teria a contribuir com esta pesquisa.

Todavia, houve uma certa resistência de muitos professores em participar desta pesquisa, pois, após muitas tentativas de contatos, alguns admitiram que a temática não era considerada de grande relevância para academia, como chegaram a demonstrar, outros, alegaram que preferiam não se expor a respeito de algo que ainda precisa ser muito discutido e melhor compreendido por todos, isso me fez refletir e não insistir nessas participações.

Os dados desta pesquisa foram sendo construídos a partir de diferentes instrumentos, entre os quais, posso citar, o levantamento bibliográfico, as conversas informais e, as entrevistas individuais semi-estruturadas, assim como nos propõe Alves-Mazzotti (1998, p.163)“as pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de construção de dados.”

Fiz entrevistas individuais semi-estruturadas a três professores, por meio das quais, pude perceber o que eles deixam transparecer em seu tom de voz, expressão facial, postura corporal e em suas comunicações verbais e atitudinais, pois, todos

estes aspectos devem ser considerados em uma pesquisa de abordagem qualitativa, principalmente quando se trata de afetividade.

Um fato importante nesta pesquisa, foi o interesse explícito desses sujeitos em participarem dela, principalmente, ao permitirem a utilização de seus nomes, desse jeito, eles assumem suas vozes, e poderão ser identificados e reconhecidos por quem venha a ler este texto, evitando o emprego de pseudônimos que colocam os sujeitos no anonimato. Por disso, todos receberam uma cópia da Dissertação, para que vissem o tratamento que suas falas receberam.

Uma das professoras entrevistada é a Dr^a. Ivanilde Apoluceno de Oliveira, casada, cristã, e educadora militante. Ela é formada em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal do Pará, Mestre e Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tem uma larga experiência na formação superior, inclusive na Pós-graduação Lato e *Stricto Sensu*, bem como, na formação inicial em Graduação no curso de Pedagogia com as disciplinas Filosofia e Filosofia da Educação, por meio das quais, ela trabalha a educação humanizante.

Atualmente ela é Coordenadora do Mestrado em Educação da UEPA, bem como, do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, no qual, desenvolve um brilhante trabalho educativo como instrumento de humanização. É autora de vários livros na área da educação e da filosofia, os quais, tratam de educação inclusiva, ética, diversidade, sensibilidade, cidadania e humanização.

Sua escolha também se deu, por conta de sua trajetória na educação, sempre marcada pela construção da cidadania, de atitudes éticas e da busca pela liberdade, bem como, pelas suas atitudes sempre acolhedoras e incentivadoras aos iniciantes na pesquisa, sejam os de Graduação, como os de Pós-Graduação, ela sempre tem uma orientação a dar, um tempo a dedicar e uma palavra de incentivo a dizer.

O outro entrevistado é o professor José Roberto Alves da Silva, Pedagogo, formado pela Universidade do Estado do Pará, na qual também fez a sua Especialização em Educação. Ele cursou o Mestrado em Educação também na UEPA, por meio de um convênio entre esta e a Universidade de Cuba. Atualmente, ele cursa o Doutorado em Educação através de um convênio interinstitucional, com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, do qual a UEPA configura como uma das instituições parceiras.

Fiz opção por ele, em razão de alguns critérios, como: Ser hoje professor do Curso de Pedagogia da UEPA, tendo sido aluno deste Curso na UEPA, bem como de

uma das professoras entrevistadas, o que me ajudou a analisar e comparar suas falas. Outro fator, deu-se em decorrência dele ser do gênero masculino, evitando assim, o antigo pensamento de que, a profissão docente, e em especial, a afetividade são coisas do gênero feminino.

Outra entrevistada é a professora Roseane Fernandes da Costa, esposa, mãe, mulher e profissional, é Pedagoga formada pela Universidade da Amazônia, fez Especialização em Informática Educativa e, atualmente cursa Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Educação, na Universidade Castelo Branco. Fiz esta escolha, em decorrência do fato dela ser Pedagoga e ter ingressado no magistério recentemente, tendo apenas cinco anos de docência, os quais, todos no Ensino Superior, além disso, ela veio de outra área de atuação, descobrindo a profissão docente depois de ter experimentado outra.

Outro fato, para essa escolha, foi eu conhecer seu trabalho em outra instituição e aqui na UEPA, e perceber o seu envolvimento afetivo com os alunos nos dois casos, tanto na particular quanto na pública, pois, ela deixa transparecer em suas ações, em seu tom de voz, o seu envolvimento e paixão pela docência, demonstrando assim, que trabalha a educação como processo inclusivo e profundamente afetivo.

Ela foi também escolhida, pelo fato de ter demonstrado um grande interesse em participar desta pesquisa, desde o primeiro dia em que falei dela na reunião dos professores de Prática Pedagógica no Curso de Pedagogia, ela colocou-se a disposição, evidenciando seu interesse, e principalmente, entusiasmo pela temática a ser abordada. Tenho convicção, de que não consegui isentar-me afetivamente dessas escolhas, pois, tenho como sujeitos, dois professores formados em Pedagogia, assim como eu, e uma em Filosofia, que é minha outra paixão pessoal e profissional.

Acredito que os dois cursos se completam, considerando que, ambos questionam e refletem os valores da educação, do homem e da sociedade, buscando compreender e atingir o ser humano em sua intelectualidade e em sua subjetividade, ou seja, o ser humano em sua totalidade e, conseqüentemente, em sua afetividade, neste sentido, a Filosofia oferece à Pedagogia as hipóteses operacionais e uma visão mais ampla de sua tarefa.

Outro fator para esta escolha, deu-se pelo fato, deles serem de gerações, de experiências, de tempos de magistério, de formação acadêmica, de percursos

históricos, culturais e sociais, diferentes, ou seja, suas trajetórias percorreram outros caminhos e, mesmo assim, podem discutir e vivenciar as mesmas questões, as mesmas experiências atuais no Curso de Pedagogia da UEPA, porém, a partir de suas lógicas, de seus valores, de suas compreensões. Assim, pude trabalhar com um Especialista, um Mestre e um Doutor, essas diferenças, contribuíram de maneira significativa para o enriquecimento desta pesquisa.

Como sou parte integrante deste contexto, não posso ignorar minha imersão no grupo pesquisado, tendo em vista, que partilho de suas experiências, seus problemas e suas conquistas. Assim, a medida em que a pesquisa foi se desenvolvendo, novas necessidades surgiram e procurei estar atenta a todas elas, foi assim, que optei por também relatar minhas experiências afetivas e profissionais, como professora e pessoa, para respaldar o que digo neste trabalho, mesmo tendo consciência, da dificuldade que teria, em dar um tratamento desprovido de envolvimento afetivo com minhas falas, mesmo assim, assumi o risco por considerar que seria muito valiosa esta inserção, e comprometendo-me a dar tratamento ético a mesma.

A combinação entre as referências teóricas e a técnica de entrevistas semi-estruturadas aplicadas a professores, foram objetos de análise, permitindo ampliar as possibilidades de ter uma idéia mais aproximada da realidade como demonstram os resultados.

Os relatos dos professores foram analisados de forma descritiva e interpretativa, procurando responder as questões norteadoras e os objetivos propostos nesta pesquisa, na qual, apresento às observações sobre o que vi, ouvi, observei, constateei e vivenciei no decorrer da mesma, relacionando as descobertas, com o suporte teórico que deu sustentação à construção deste estudo, afinal, não pude me limitar em descrever as situações encontradas, foi necessário que os resultados fossem interpretados de forma ética e crítica, uma vez que, os resultados de uma pesquisa, não podem resumir-se à simples transcrição do que se constatou.

Os resultados desses relatos, estão sendo apresentados por meio de redação em forma de relatório, considerando que, a redação nos permite expressar as nossas interpretações e representações da realidade pesquisada, assim como nossas reflexões e sugestões para ela, como pode ser percebido na afirmação a seguir.

a redação adquire relevância na pesquisa qualitativa sob três aspectos: para a apresentação das descobertas de um projeto, como base para avaliar os procedimentos que levaram a essas descobertas, e dessa forma, aos resultados propriamente ditos: e por último, como ponto de

partida para considerações reflexivas sobre a condição geral da pesquisa (FLICK, 2004, p. 247).

Em consonância à afirmação do autor, apresento minhas reflexões e considerações a respeito da importância desta pesquisa, como provocadora de uma intervenção positiva na formação dos professores do Curso de Pedagogia da UEPA, bem como, para dizer que ainda tenho muito para rever neste trabalho.

Nesta linha de pensamento, sinto-me uma pesquisadora orgânica no campo da educação, pois, sempre fiz de meu trabalho educativo uma oportunidade de reflexão e possibilidades de melhorias, tarefa a qual venho me dedicando permanentemente, afinal, eu sempre compreendi educação como uma oportunidade ímpar de formar consciência e de contribuir para que as pessoas sejam de fato cidadãs.

Estudar a formação de professores a partir da afetividade, é discutir o papel da educação e da escola, sem esquecer das questões de ordem econômicas, sociais, tecnológicas, axiológicas e, principalmente, éticas, tendo-se em vista que, a postura dos sujeitos depende muito de sua formação e implica também, na compreensão de homem e de mundo dos próprios professores, e da valorização que os gestores dão ao educador como trabalhador social, que tem importância fundamental no processo de produção do conhecimento como instrumento capaz de organizar uma sociedade melhor para se viver.

Reconheço este trabalho ainda incompleto, porque, no estudo de caso, os sujeitos não são estáticos, se movimentam e, junto com seu movimento, eles interferem diretamente nos destinos da pesquisa, fato que me obrigou várias vezes a rever o percurso metodológico, na tentativa de encontrar melhores alternativas para chegar ao que pretendia inicialmente com a pesquisa, ou descobrir novos resultados e, propor uma política de formação que contemple todos os aspectos da vida humana. O que a meu ver, deve ser prioridade em toda proposta educativa libertadora, pois, a educação que se diz humana, deve atingir o ser humano em toda a sua plenitude.

A Dissertação Afetividade na formação docente: a relação professor- aluno como processo humanizador, está dividido em três capítulos, como forma de apresentação metodológica, estética e didática para facilitar a leitura e a compreensão do leitor, todavia, todo o trabalho está encadeado, sendo que, a análise das entrevistas está permeando o corpo do trabalho em especial, nos capítulos II e

III, na tentativa de quebrar a dicotomia dualista existente entre teórico e prático, cognição e afetividade.

O primeiro capítulo intitulado: Sala de Aula: espaço de afeto e construção de saberes, está composto de dois itens, sendo: Afetividade e relações interpessoais, pelo qual, procuro resgatar a epistemologia de afetividade, a partir de diferentes tempos históricos e de linhas de pensamentos diferentes.

O outro item, intitulado: Cognição e Afetividade: uma relação possível. Trata de discutir as possíveis relações e, ou dicotomias existentes entre esses dois fatores da aprendizagem humana, e a construção do conhecimento. Com este capítulo busco reunir arcabouço teórico a respeito da temática, ao apresentar a epistemologia da afetividade, bem como, suas interfaces com a cognição, fazendo a relação com o processo ensino-aprendizagem.

Na tentativa de dar conta do presente capítulo, reflito pedagogicamente a importância da afetividade no processo educativo como possibilidade de ser um importante instrumento de libertação e de humanização, considerando, que a educação tem como finalidade primeira e última, afetar diretamente o ser humano.

O segundo capítulo, Afetividade e (trans)formação docente, trabalha a questão das políticas de formação docente, bem como, a afetividade na formação profissional e pessoal docente, além de discutir as dimensões afetivas na relação professor-aluno.

Nele, estudo de maneira geral as principais idéias e aplicações das políticas de formação docente, discutindo seus princípios, finalidades, gestão e, espaços destinados a questão da afetividade como elemento importante na formação do professor, além de refletir, como a afetividade interfere na formação pessoal e profissional do professor e, como isso influencia a mobilização dos sentimentos e do afeto no processo ensino-aprendizagem, e no exercício da cidadania.

Realizo este estudo intercalado com a análise dos dados construídos nas entrevistas realizados com os três professores, procurando dar sentido e significado as falas desses sujeitos e, relacionando-as, comparando-as, ou confrontando-as com as referências teóricas de estudo.

O capítulo terceiro intitulado: Educação afetiva como instrumento de humanização, apresenta um item: Educação Afetiva e processo humanizador.

Nele, analiso os dados construídos por meio das entrevistas feitas aos professores, além, de colocar-me nele, evidenciando as descobertas da pesquisa a

respeito da manifestação ou não do afeto pelos professores, destacando as influências que isso traz para os alunos, e evidencio, em que aspecto a afetividade na educação, pode contribuir para realizar o processo de humanização.

Por fim, faço minhas considerações em relação à importância desta pesquisa, mostrando um pouco do que nela, com ela e por meio dela estou aprendendo: primeiro, que para ser professor não basta apenas saber ensinar sua matéria, é preciso querer ensinar e desejar que seus alunos aprendam; é preciso ter identidade com seu trabalho e acima de tudo, ser um profundo conhecedor do ser humano, ser, sentir-se um deles e estar com eles envolvido.

Aprendi, também, que os caminhos metodológicos da pesquisa, nem sempre são os caminhos das pedras, podem ser também o da poesia, do sonho, do encantamento e das descobertas. Espero que esta Dissertação possa expressar o muito que com ela já aprendi, o muito que ainda necessito aprender e o quanto desejo continuar esta aprendizagem, afinal, o professor é um eterno aprendiz. Para Luckesi (1991, p. 79) “o educador é antes de tudo um ser humano, e como tal é construtor de si mesmo e da História através da ação; é determinado pelas condições e circunstâncias que o envolvem, sofre as influências do meio e com elas se auto-constrói”.

A afirmação representa o que aconteceu comigo ao longo desta pesquisa, pois, as contingências que marcaram este percurso, não serviram para me fazer desanimar e desistir de minha busca, pelo contrário, me desafiaram a continuar, assim, apesar das dificuldades que vivenciei, entre elas, estudar, e trabalhar, porém, tive garra para extrair o que nelas tinha de positivo e reorganizar minhas idéias, assim, fui construindo e reconstruindo a pesquisa e a mim mesma, pessoal e profissionalmente.

Ela ajudou-me a amadurecer um pouco mais, neste sentido, posso dizer, que a pesquisa pode nos formar e transformar, porque quem se envolve verdadeiramente com ela, não poderá sair imune a seus efeitos, coisa que comigo também aconteceu, fui literalmente afetada (no sentido da afetividade) por ela. Nesta perspectiva, posso afirmar, que hoje eu me identifico plenamente com esta Dissertação, principalmente, porque eu mergulhei racional e afetivamente nela, e a construí passo a passo, o que me faz gostar de sua forma, afetiva, racional, simples, humana, e ao mesmo tempo, profunda de se apresentar.

Eu acredito na veracidade de seus resultados, e não me arrependo de ter priorizado os exemplos positivos das vozes dos entrevistados, tendo em vista, que eu prefiro falar do belo, do bom e, do positivo, assim, quero dizer, que foi proposital a opção por não trabalhar com exemplos contraditórios a afetividade construtiva e ao processo de humanização, por que isso, a vida já nos mostra a todo instante e não é nada agradável de se ver.

Todavia, apesar deste texto ser minha autoria, ele é parte de utopias partilhadas por diferentes olhares, militâncias e experiências vividas, neste sentido, são idéias inacabadas, por isso mutáveis, transitórias, e possíveis de serem melhoradas, porém, são profundamente verdadeiras.

O que você verá nos capítulos a seguir, lhe possibilitará refletir sobre os princípios educativos e objetivos da educação afetiva e humanizadora, e, a respeito do papel do professor como sujeito fundamental nesse processo, tendo a afetividade como elemento destacado na formação de pessoas mais humanas, éticas, justas e com consciência de cidadania planetária, estética da sensibilidade e, processo humanizador.

Seja bem vindo a esta viagem, se contagie, se embriague, se emocione e afete positivamente por ele, se atreva a chegar até o fim, quem sabe, você descobrirá aquilo que sempre soube: “que a educação afetiva pode facilitar o ensino-aprendizagem e além disso, construir o processo de humanização do ser humano”.

CAPÍTULO 1 - SALA DE AULA: ESPAÇO DO AFETO E DE CONSTRUÇÃO DE SABERES.

A ação do professor e da professora é inseparável de sua subjetividade, de seus sentimentos, ideais e representações, da percepção e da consciência que tiver sobre os interesses que estão em jogo, sobre as estruturas, as múltiplas determinações do social e, especificamente, dependerão da consciência que tiver de sua ação educativa, do próprio campo da educação e da escola.

MIGUEL

ARROYO.

A sala de aula constitui-se em um espaço de relações de poder, de defesa de idéias, de idealização de sonhos e de projetos, no qual, alunos e professores exercem status intelectual diferentes e, têm um papel social a desempenhar nesta relação. Compete ao professor que, em tese tem um saber sistematizado, saber

coordenar essas relações e promover um ambiente agradável e produtivo nesse ambiente educativo. Para Veiga (2006, p.105):

O ambiente da sala de aula é um espaço de vida coletiva, um espaço de relações únicas e originais, semelhantes a um ecossistema para a intensificação da aprendizagem, em que os vínculos dos alunos e dos professores com o conhecimento são acentuados.

A respeito dessa questão, a escola como instituição formadora oficial, pode ser comparada a um teatro, a sociedade sua platéia e, a sala de aula é o palco no qual seus principais atores – alunos e professores, vivenciam suas necessidades, verificam suas possibilidades de mudanças e podem projetar suas esperanças, desenvolver o processo ensino-aprendizagem e encaminhar a realização de seus sonhos.

Dimensão esta, que constitui a sala de aula um espaço polissêmico, por nela conviverem pessoas com valores e formas de viver diferentes, simbolizando as diferenças culturais na diversidade, porém, capazes de tornar possível à relação e a vida em sociedade e, conseqüentemente, o crescimento e desenvolvimento da espécie humana com toda a sua diversidade e intencionalidade. Sobre isso, argumenta Veiga (2006, p. 20) “O espaço de ensino é revelador de intencionalidades, permeado de valores e, contradições, afinal, ensinar implica estabelecer relações concretas entre as pessoas”.

Isso demonstra a importante que tem o professor saber expressar afetividade pelos alunos, em forma de compromisso profissional, já que, ensinar é trabalhar e se relacionar com seres humanos, o que sugere um professor portador de equilíbrio emocional, que lhe assegure convivência tranqüila com a diversidade existente na sala de aula e que também, compreenda a sua atividade como uma interação que se desenvolve no social e que se caracteriza como humana e para seres humanos. Nesse caso, seu trabalho envolve relações de afetividade.

Na visão de Marchand (1985, p. 82) “É preciso buscar outra forma de aproximação que não exclua o respeito e aceitar as inevitáveis diferenças que existem entre alunos e professores”. Diferenças essas, necessárias na posição que cada um ocupa nessa relação, todavia, essas diferenças não significam superioridade ou inferioridade como pessoas, mas apenas diferenças em sua forma e sistematização de saberes e de posição hierárquica. De acordo com Sampaio (1996) o filósofo francês Célestin Freinet, colocava professor e aluno no mesmo nível de

igualdade e camaradagem e, acreditava que, a afetividade é um vínculo entre as pessoas e delas com o conhecimento.

Nesta perspectiva, é interessante que o professor aprenda a respeitar as diferenças entre alunos, suas idéias, ou entre os grupos que compõem esse espaço, pois, a sala de aula se apresenta como um complexo e grande desafio ao desenvolvimento do conhecimento, demonstração da inteligência e compreensão do mundo em sua totalidade e multiplicidade, para as quais, é importante que o professor esteja atento e preparado, como recomenda Roman (2004, p. 303) “Cada um leva a cabo sua formação, reorganizando os códigos em estruturas e estratégias cognitivas, afetivas e efetivas também diferentes, conforme sua própria capacidade”. Questão que o professor precisa respeitar nessa comunicação

Assim, torna-se importante que o professor tenha formação que lhe garanta estas condições, para que ele possa ter consciência de que a ele, na condição de professor não basta dizer, é necessário que fale sua palavra, que se comunique verdadeiramente com seus alunos, que os toque com seu exemplo, com sua aproximação afetiva, com sua palavra, afinal,

quem “diz”, apenas transmite um recado, passa uma informação, expressa o banal, já aquele que “fala” vai muito além, pois dá forma ao recado, desafia o conteúdo, interroga e investiga.(...) O discurso vazio, a oratória inútil, o palavreado que nada leva, sintetiza-se no significado do dizer, mas a reflexão que faz pensar, a frase que abre sonhos, a metáfora que invade a poesia expressa a grandeza da fábula e, portanto, a magia do dizer (ANTUNES, 2003, p. 27).

O autor nos leva a refletir sobre a necessidade da formação do professor ser de qualidade, dele ter claro quais são seus objetivos educacionais e qual o seu compromisso para com os sujeitos com os quais trabalha e, com a transformação da sociedade, pois, o professor só poderá falar, expressar além de dizer, se ele for capaz de estabelecer relações de respeito para com seus alunos, para que esses possam também respeitá-lo em seu saber e em seu modo de ser.

Todavia, é preciso que os alunos também possam se expressar e comunicar seus pensamentos, seus sentimentos, seu afeto e sua subjetividade, condições indispensáveis para o estabelecimento de relações afetivas em sala de aula e no convívio social, pois, a dinâmica de uma classe representa uma multiplicidade de saberes, desejos e valores. Ela é construída através da interlocução dos sujeitos consigo mesmo e das relações que se estabelecem entre os diferentes, como vemos na afirmação a seguir:

esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque, professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa abertura ao querer bem, de maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, prática específica do ser humano (FREIRE, 1996, p. 141).

Isso nos mostra a permanente necessidade do professor saber se relacionar com os diferentes alunos, porém, deixa claro que ele não é obrigado a fingir que tem apreço igual por todos, o que não pode acontecer nesta relação é o professor tratar de forma discriminatória e excludente quem quer que seja. Acredito que nessa relação, todos os alunos, independente de serem “os eleitos” dos professores, merecem tratamento igual como pessoas, apesar das diferenças individuais.

As atitudes de acolhimento e de inclusão vivenciadas pelo professor, podem trazer benefícios significativos para a aprendizagem e auto-estima do aluno, do contrário, a medida em que o aluno se sentir inferiorizado pelo professor ou por qualquer colega, sua auto-estima diminui e sua aprendizagem também.

Os professores são atores desse espaço e responsáveis por estabelecer relação, na qual, haja espaço e tempo para a manifestação da afetividade, como nos diz Roger (2001, p. 42): “À medida que professor cria essa relação com a classe, o estudante, se tornará um aluno com mais auto-iniciativa, mais originalidade, mais auto-disciplinado, menos ansioso e direcionado pelos outros”. Isso demonstra a importância da afetividade no processo educativo e portanto, na formação do professor, como elemento integrador desse processo.

Quando essa convivência é cheia de traumas, fragiliza as relações e prejudica o trabalho pedagógico, fazendo as pessoas sofrerem, o professor perder sua identidade com o trabalho e, até mesmo, prejudicar o processo da construção do conhecimento, considerando, que ele acontece com a mobilização de todas as dimensões do homem, portanto, assim como a razão, a emoção é importante neste processo, e deve ser cultivada para que os alunos, passem a ter mais iniciativa, mais sociabilidade, mais afetividade, e maior e melhor possibilidade de construir-se.

A pessoa que luta permanentemente para desenvolver-se em todas as suas dimensões, normalmente tem a sua personalidade mais fortalecida. É a afetividade que valoriza as coisas em nossa vida, tanto aquilo que está fora de nós, como os acontecimentos e os fatos, bem como aquilo que está dentro de nós (causas subjetivas) como nossos medos, angústias, sonhos e conflitos, para Arantes (2003, p.

107) “Assim como a organização de nosso pensamento influencia nossos sentimentos, o sentir também configura nossa forma de pensar”.

A soma de todos esses fatores, aliados a presença da afetividade, contribuem para a formação de nossa identidade profissional e pessoal e de pessoas mais felizes. Neste sentido, afirma Arantes (2003, p.104) “Ter como característica a manutenção de estados emocionais positivos, pessoas alegres, satisfeitas e felizes podem trazer conseqüências benéficas para a educação e para os educandos de maneira geral”.

A respeito do desenvolvimento da pessoa, argumenta Chalita (2001, p.107).”O pleno desenvolvimento da pessoa humana significa o desenvolvimento em todas as suas dimensões, não apenas do aspecto cognitivo ou da mera instrução, mas do ser humano de forma integral”.

Posso ainda dizer, que as emoções desenvolvem sentimentos nas pessoas, sejam de repulsa ou de aproximação e, isso pode ser observado quando vivemos momentos de prazer junto a uma pessoa, passamos a desenvolver sentimento de aproximação, de identidade e de afeto por ela; quando ao contrário, vivemos emoções de conflitos, de agressões com uma pessoa, passamos a alimentar sentimentos de repulsa por ela, o mesmo acontece na sala de aula.

Portanto, os sentimentos e o afeto podem ser construídos a partir das emoções, e as emoções desenvolvem sentimentos e afetos, o que se aplica em relação à construção da formação pessoal e profissional do professor.

Torna-se indispensável que os professores tenham consciência crítica a respeito do papel que a cultura exerce no controle da sociedade, principalmente no que se refere à indústria cultural, que também tem uma pedagogia própria para difundir suas idéias, influenciando os sentimentos e as emoções das pessoas e a pedagogia escolar, a qual está permanentemente exposta e, suscetível as diferentes influências de uma sociedade aberta, mas que nem sempre, está preparada para selecionar as informações que recebe e pouco valoriza as relações entre as pessoas.

Mesmo assim, sabe-se que essa pedagogia utiliza meios bem mais agradáveis para atingir seu público alvo, como se percebe, pois, elas fazem apelação para a fantasia, mechem com as emoções, trabalham a imaginação e mobilizam os sonhos. Isso interfere na afetividade dos sujeitos, é assim que ela se torna muito eficaz.

Por isso, não basta formar técnica e teoricamente um professor, ou atribuir-lhe diplomas, uma vez que, esses aparatos, não podem intercambiar sentimentos, afetos, emoções e, tampouco proporcionar significações denotativas. Esses aparatos são importantes para sua formação e reconhecimento profissional, quando aliados à sua capacidade de discernimento sobre a importância de seu papel como educador, por isso, é necessário formá-lo para saber refletir sobre o valor dos conhecimentos que possui e trabalha, e no que diz respeito à produção de novos conhecimentos.

O acadêmico, tem características próprias que o distingue de outras formas de conhecimento, ele é produzido no interior da academia e fundamentado por teorias pedagógicas que o sustentam, ampliam, e se transformam em novos saberes, possibilitando a materialização em tecnologias, que possam contribuir para a melhoria das condições de vida da população, por isso, ele precisa ocorrer permeado por um processo pedagógico que, além de realizar estas maravilhas, estabeleça um permanente e afetuoso diálogo entre os sujeitos, tornando-os mais afetivos e equilibrados emocionalmente como pessoas e profissionais.

Pimenta e Anastasiou (2005, p.83), assim se reportam: “trata-se, portanto, de reinventar os saberes pedagógicos com base na prática social da educação”. São muitos os estudiosos que estão em consonância em relação a esta questão, ao considerarem que, os saberes pedagógicos só têm significados, se estiverem contextualizados com a realidade social dos sujeitos, de forma criativa.

A respeito disso, afirma Veiga (2006, p. 18) “Há necessidade de priorizar o delineamento de trilhas inovadoras para a teoria e a prática de ensino, em vez de buscar os caminhos da padronização no pensar, no sentir e no agir em sala de aula. Vale salientar que o ato de ensinar é sempre uma criação, uma inovação” .

O presente quadro, indica aos profissionais da pedagogia escolar, direcionarem suas reflexões sobre a importância, finalidade, filosofia, procedimentos metodológicos e processos avaliativos dessa pedagogia, no sentido de perceberem os principais pontos que a fazem perder espaço para a pedagogia da indústria cultural, que parece tão atrativa aos olhos e ao gosto dos alunos, enquanto a pedagogia escolar, parece distante dos interesses dos mesmos, os quais, não se sentem envolvidos afetivamente com ela, já que, muitas vezes, são silenciados ou negados por esta pedagogia que,

trata uma grande massa de indivíduos de acordo com padrões uniformes por um longo período de tempo, para reproduzir resultados semelhantes.

Ela submete esses indivíduos (professores e alunos) a regras impessoais, gerais, abstratas fixadas por leis e regulamentos. Ela estabelece um sistema de vigilância, de punições e de recompensas que não se limitam aos “conteúdos da aprendizagem”, mas também a suas formas e modos: atitudes e posturas corporais, modos de se expressar, de sentir-se, etc (TARDIF & LESSARD, 2004, p. 24).

Essa realidade nos faz questionar: a escola, na lógica em que está organizada, incentiva ou inibe a subjetividade do aluno, sua capacidade de sonhar, de tornar-se pessoa na plenitude da palavra?. Os professores permitem que os alunos manifestem seus desejos, ou os influenciam para que desistam de seus projetos? Elas valorizam as emoções, as demonstrações de afeto dos alunos, ou se mantêm indiferentes aos sonhos e aos sentimentos dos mesmos?

Nessa ótica, a comunicação docente é poder, e poder democrático se adquire pela capacidade comunicativa, neste sentido, o professor não pode ficar indiferente às manifestações dos alunos. Quando isso acontece, ele não está se comunicando com eles, neste caso, não se realiza o processo ensino-aprendizagem, o qual acontece na comunicação e na interação entre os sujeitos, pois, os professores apresentam os conteúdos e os alunos os processam da forma que lhes parecer melhor.

Nas sociedades profundamente marcadas pelos interesses materialistas, a produtividade e a quantidade são vistas como valor primordial, daí que, os interesses escolares também perpassam por essas questões. Nessas sociedades as mudanças são permanentes e os professores são obrigados a lidar com situações para as quais não estão preparados, pois as informações chegam de todos os lados e por diferentes fontes, assim, eles são obrigados a ensinar a seus alunos, aquilo que seus professores não lhes ensinaram, expondo-se a momentos de angústias, inseguranças e quase sempre baixa estima e perda da identidade profissional, todavia,

nós professores precisamos surpreender-nos com nós mesmos, sair da crítica pesada e agonizante tão repetida nas últimas décadas que só vê negatividade na escola e, por extensão, no professor público. Ninguém constrói uma auto-imagem positiva, realista, nesse repetido negativismo (ARROYO, 2000, p. 138).

Situações como essas, se configuram como resultados de programas de formação aligeirada, e até mesmo falta de identificação com a tarefa que a profissão lhe obriga a desempenhar, nesses programas, muitos, tornam-se “professores” por uma conveniência de mercado que absorve mão de obra barata e imediata, de

trabalhadores quase sempre desprovidos dos saberes e atitudes necessárias à prática docente, entre eles, os conhecimentos sobre o ser humano, pois, para desenvolver-se, plenamente, a pessoa necessita ser respeitada em sua forma de ser, que é sempre diferente do outro, inclusive na forma de aprender, afinal, os professores apresentam os conteúdos e os alunos, os processam, cada um a sua maneira.

Condição, que o professor precisa respeitar no processo da comunicação pedagógica, se quiser ter um processo educativo fortalecido e produtivo, tanto no aspecto da cognição, quanto no das relações interpessoais. Assim, para Manchand (1985, p.109):

o educador pode alcançar este resultado por meio de uma higiene intelectual e de uma disciplina afetiva tais, que se pode chegar a dizer que cuidar do educador é muitas vezes, a melhor solução do problema da criança difícil.

Nessa perspectiva, torna-se importante conhecer as características pessoais dos alunos, as questões afetivas, além de saber usar a razão e nela colocar a emoção para que a comunicação possa ser estabelecida, já que ela, é que mobiliza tanto a razão, quanto a emoção dos sujeitos.

Todavia, nem sempre as relações de poder em sala de aula promovem um ambiente prazeroso de convivência e de aprendizagem, pois, têm-se conhecimentos empíricos e através de depoimentos e leituras, que muitas dessas relações, não contribuem para proporcionar oportunidade agradável de convivência e de produção intelectual, muitas delas estão fundamentadas em posturas não democráticas, que inibem as iniciativas de aproximação entre os sujeitos deste processo, o que nos leva a pensar na possibilidade de rever a questão da formação dos professores e do papel da escola como formadora de consciências coletivas e solidárias.

Para Veiga (2006, p. 24) “A afetividade do ato de ensinar implica um trabalho de equipe, pois o processo que se vive em grupo é valorizado e colocado ao alcance dos participantes”.

Como possibilidade de efetivação dessa educação pode-se considerar que além do aspecto cognitivo, priorizado pela pedagogia fundamentada na racionalidade técnica, na competência, sob a ótica do capital, também sejam considerados, os aspectos das emoções, dos sentimentos e dos afetos, os quais estão presentes, em todas as situações de vida do ser humano, entre elas, o processo ensino-

aprendizagem, que se dá envolvido em contextos sociais, culturais, econômicos e axiológicos, nos quais, os sujeitos estão imbricados. Nessa perspectiva, os sentimentos e o afeto, não podem ser esquecidos como elementos presentes na relação de ensino-aprendizagem desenvolvido na escola, tendo-se em vista que,

a construção dos conhecimentos, na forma que concebemos, pressupõe um sujeito ativo que participa de maneira intensa e reflexiva das atividades. Acreditamos que o ser humano constrói sua inteligência, sua identidade, seus valores e afetos, pelo diálogo estabelecido com seus pares, com os professores e com a cultura, na própria realidade cotidiana do mundo em que vive (ARAÚJO, 2003, p. 166) .

Pensamento, que pode ser interpretado no sentido, de que, a construção da aprendizagem cognitiva do sujeito, é construída socialmente e permeada por sua racionalidade e afetividade.

Diante da possibilidade do conhecimento, o ser humano precisa ter autonomia para analisar as informações que recebe, assim, ele pode recusar-se a processar e assimilar algumas informações, e outras ele pode aceitar e delas apropriar-se na produção de novos conhecimentos a partir das referências iniciais que recebeu, para Vasconcellos (2000, p. 47)” O educando em sala de aula, vai construir o seu conhecimento fazendo o percurso da Síntese para a Síntese pela mediação da Análise, uma vez que este é o caminho geral de construção do conhecimento”.

Uma das diferenças do ser humano para os outros animais, está no fato dele ser capaz de valorar as informações que recebe, e esse ato de atribuir valores às coisas, às pessoas ou a objetos e objetivos, envolve seus sentimentos, suas emoções e seus afetos, uma vez que eles estão presentes em todas as nossas escolhas.

É recomendável que os aspectos da afetividade e das emoções, sejam valorizados na relação professor-aluno, pois, elas fazem diferença nessa relação. Apesar de sua complexidade e importância, percebe-se que essas manifestações raramente servem como objeto de reflexão nas práticas escolares, as quais, são profundamente determinadas por essas, porém continuam a ignorá-las como se elas não existissem.

nesse processo devem ser tecidas as relações, entre os aspectos cognitivos e afetivos, entre os fenômenos científicos e cotidianos, entre os aspectos considerados pertinentes à vida pública, e os considerados exclusivos da vida privada, para reunir o que já havia sido arbitrariamente separado e que provoca cisão, também arbitrárias, no psiquismo dos estudantes (SASTRE, 2003, p. 143).

Os educadores na condição de Orientadores Educacionais, Supervisores Escolares, Coordenadores Pedagógicos, Administradores ou Gestores, mas em

especial, os docentes, e docência definida aqui, por Ferreira (1991, p. 489) como “o exercício do magistério” e reafirmado por Rios (2005, p.53) “O docente é o professor em exercício, isto é, que efetivamente desenvolve uma atividade”.

Como professor, ele tem enorme necessidade em relação aos conhecimentos epistemológicos das ciências complementares da Pedagogia, como a Antropologia Filosófica, a Psicologia Educacional, a Filosofia da Educação, a Sociologia Educacional, a Biologia Educacional, entre tantas outras que servem de suporte teórico para a apropriação dos saberes específicos do conhecimento a respeito do ser humano e de seu complexo sistema de aprendizagem, o qual, se bem orientado, pode tornar-se simples e de fácil acesso e desenvolvimento.

De acordo com Tardif e Lessard (2004) “Os intelectuais criam e controlam o conhecimento teórico, técnico, e prático necessário às decisões, às inovações, ao planejamento das mudanças sociais e à gestão do conhecimento cognitivo e tecnológico”. Contudo, existe a demanda de outros saberes necessários à prática do professor, para que ele possa exercer conscientemente a sua tarefa educativa - os saberes a respeito do ser humano.

Para tanto, recomenda, Rossini (2005, p. 19):

precisamos acreditar no potencial humano e na certeza de que nossa maior riqueza é o homem. E esse homem tem que ser desenvolvido na sua criatividade, sua imaginação, no seu conhecimento, no seu domínio das relações intra e interpessoais.

Neste sentido, significa maturidade profissional e compromisso social, fazer referências e reflexões às políticas de formação docente adotadas pelos gerenciadores desses sistemas, no sentido de melhorar efetivamente esta formação, proporcionando aos educadores, melhores condições de favorecer o processo ensino-aprendizagem, pelo qual eles são responsáveis e devem ter grandes contribuições a dar, entre elas, maior envolvimento afetivo com os sujeitos com os quais trabalham, pois, o trabalho pedagógico desenvolvido na sala de aula, deve também levar em conta a relação entre pessoas, com todas as sutilezas que as caracterizam.

No processo de globalização da economia, da cultura, do conhecimento e da comunicação, evidenciados através do desenvolvimento tecnológico que acelera as formas de se processar as informações, globalizam-se também, as formas de aproximação das pessoas, que cada vez mais, procuram viver juntas em comunidades, associações e grupos identitários, isso mostra, que temos medo da

solidão e sentimos necessidade de pertença, afinal, somos seres sociais e educativos.

Precisamos compreender que a sala de aula é lugar de aproximação dos diferentes, e não termos medo dessa aproximação que nos desvela, nos torna íntimos, que nos enfraquece. Não precisamos nos precaver, nos armar, criar auto-defesas, alegando que aluno e professor ocupam lugares diferentes, e nem fazermos questão de manter essa diferença, tornando-nos anônimos solitários em meio a dezenas de alunos, como diz Touraine (2001, p.70) “O que hoje ameaça diretamente o sujeito é esta sociedade de massa onde o indivíduo foge de toda referência a si mesmo.” Isso também pode ser evidenciado, em projetos educativos que não potencializam o processo de humanização, preocupando-se mais com os aspectos cognitivos e com a racionalidade do ser humano, afinal:

nem todas as condições educacionais a que estamos submetidos conduzem a mais humanidade, mais emancipação, mais participação. Muitas práticas sociais, de potencial educativo, não se concretizam como tal e funcionam, muitas vezes, como instrumento de desumanização, de opressão e de alienação (FRANCO, 2002, p.115).

Neste sentido precisamos refletir: que contribuições as nossas práticas educativas e sociais trazem para o processo de humanização? Estamos conscientes da finalidade e do alcance de nossas práticas? Em que bases as relações entre professor e alunos são estabelecidas nessas práticas? Como acontece a relação entre eles e o processo ensino-aprendizagem? Que posturas os professores adotam diante da turma? Como os alunos se posicionam em relação a sua autonomia na produção do conhecimento?

Essas são algumas questões fundamentais que precisam ser revistas e valorizadas no processo educativo desenvolvido em sala de aula, para que haja maior possibilidade de diálogo e seja capaz de propiciar condições de sucesso aos sujeitos, tendo em vista que:

a comunicação pedagógica se realiza efetivamente no diálogo. O diálogo se faz na diferença e na diversidade. Há que existir, portanto, na prática docente, espaço para a palavra do professor e do aluno, para o exercício da argumentação e da crítica (RIOS, 2005. p. 129).

Em consonância com essas idéias, recomendo que o professor esteja atento para valorizar os diferentes saberes, estabelecer um clima de relacionamento agradável com os membros da sala de aula e desses entre si e, além disso, preservar a sua autoridade docente, sem negar ao outro (aluno) o direito de se

expressar em todas as suas dimensões. Para Veiga (2006, p.22) “ Ensinar como ato afetivo se expressa por meio dos elos da efetividade, que favorecem uma troca entre o professor e os alunos”. Todavia, é preciso compreender a diversidade como oportunidade de crescimento, pois, na diversidade da sala de aula acontece algo complexo e mágico entre as pessoas, o estabelecimento de relações entre os sujeitos.

Minha compreensão é de que, esta situação não é muito diferente do que ocorre nas relações sociais que estabelecemos cotidianamente na convivência com a diversidade, considerando que, diariamente nos relacionamos com outras pessoas, muitas vezes escolhemos com quem nos relacionar, em outras, não temos essa oportunidade, apenas somos levados a conviver em nome da estética da sensibilidade, considerando que:

algumas pessoas se aproximam de nós. Outras chagam até nós, deixam conosco alguns bens. Outras penetram nosso ser, passam a morar conosco, quase que se identificam com nosso ser. E vamos, nos construindo, quais seres humanos, como resultado dessas milhares de relações que estabelecemos cotidianamente (GUARESCHI, 2002, p. 153).

A afirmação, acima, também pode ser percebida na sala de aula e na vida cotidiana. Em nossa vida acadêmica conhecemos diferentes pessoas, estabelecemos relações, com algumas construímos amizades, outras, apenas tratamos bem para manter as regras de boa convivência; algumas chagamos até a ignorar, ou somos por elas ignorados ou, até mesmo agredidos em alguns casos, assim, vamos construindo nossa formação pessoal e profissional docente.

O relacionamento humano constitui a maior parcela de nosso tempo, além disso, as emoções e os sentimentos exercem muita influência na relação com os outros, assim, elas devem ser valorizadas no processo pedagógico desenvolvido na sala de aula. Afinal, afirmam Tardif e Lassard (2005, p. 67). “se é verdade que se pode manter fisicamente alunos dentro da sala de aula, não se pode obrigá-los a aprender, porque o aprendizado necessita de sua colaboração e participação”

Em outras palavras, isso significa que não se pode obrigar ninguém a aprender, o aprendizado surge da necessidade e do desejo que a pessoa tem em aprender, por conta disso é que o professor precisa ter habilidade para despertar o interesse do aluno em desejar aprender, por isso é importante que ele esteja bem preparado profissionalmente, além de estar bem formado como pessoa, como cidadão.

O que implica ao professor, ter equilíbrio emocional e ser capaz de demonstrar afetividade pelas pessoas com as quais ele trabalha, procurando derrubar barreiras, preconceitos, medos, inseguranças que ainda teimam em existir e, proporcionar possibilidade de melhor relacionamento entre eles e, possibilitar uma aprendizagem mais significativa. Isso se torna possível, quando os conteúdos são desenvolvidos de maneira contextualizada com a realidade social e envolvimento afetivo dos alunos, porque a dimensão afetiva exerce um aspecto mediador central na formação da pessoa e no desenvolvimento cognitivo.

Neste sentido, considero que trabalhar os conceitos dissociados da afetividade não é suficiente para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos, já que esses aprendem com todas as suas dimensões, pois, acredito que a formação docente é influenciada pela afetividade, considerando que ela mobiliza juntamente com os saberes, emoções, sentimentos e afetos, os quais caracterizam as relações humanas, naturais ou construídas em sala de aula.

Portanto, elas não podem ser negligenciadas na relação pedagógica, afinal, a docência tem como objeto de trabalho, não a matéria inerte ou simbólica, mas ela se constitui de relações com as pessoas, as quais, são capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores, isso evidencia a necessidade dele ter formação sobre o ser humano e suas possibilidades de aprendizagem. A respeito disso, argumentam Tardif e Lessard (2004, p. 38) “o trabalho docente não consiste apenas em cumprir ou executar, mas é também a atividade de pessoas que não podem trabalhar sem dar um sentido ao que fazem, é uma interação com outras pessoas”.

Tendo em vista esta realidade, torna-se mister refletir sobre o papel que a afetividade representa na vida dos sujeitos desse processo, a começar pelo professor, pois ele é o principal agente do processo educativo, no sentido de ter que coordenar e dinamizar as relações nela estabelecidas, afinal, é dele que se espera maturidade profissional e pessoal no trata com as mais diferentes questões que se apresentam, e para as quais, espera-se e recomenda-se que ele esteja preparado. É neste sentido, que o professor, ao encorajar seus alunos, contribui para melhorar a auto-estima deles, bem como, para que eles se empenhem mais para enfrentar os problemas de aprendizagem.

Nessa linha de pensamento, é aconselhável que se leve em conta a importância que a afetividade ocupa na vida profissional e pessoal do professor, bem

como, o tipo de influência que ela exerce em sua forma de trabalhar, de conduzir suas atividades e de se relacionar com os alunos, afinal, em todas as relações que se estabelece com o outro, implica sempre a mobilização dessas, tendo-se em vista que ela é parte inerente ao ser humano.

Na escola, essa realidade não poderia ser diferente, considerando o fato de que nela, o professor está diante de pessoas diferentes e que estão em processo permanente de formação, tanto no sentido mais amplo de sua formação pessoal, a qual inclui aspectos cognitivos e afetivos e, no que se refere ao nível acadêmico e profissional ao qual a universidade se propõe a realizar, incluindo aí o exercício da cidadania que deve ser uma tarefa da universidade, como pode-se observar na afirmação:

e essa formação de cidadãos deve caracterizar-se como a preparação de homens pensantes, que buscam continuamente novos caminhos, e não de máquinas que sempre repetem automaticamente os mesmos movimentos. Portanto, a universidade, além de ser uma instância de produção de conhecimento, de cultura e de tecnologia, é também a instituição onde se devem formar pessoas, cidadãos e profissionais (ALVES, 2006. p. 56).

Isso se dá, porquê, na medida em que os docentes trabalham os conteúdos sistematizados, deixam transparecer por meio do currículo oculto, os seus valores, as suas crenças, os seus sonhos, as suas indagações, o que, assim como pode gerar a alienação, pode também, propiciar a reflexão crítica e diferentes olhares sobre a realidade estudada, além de construir as bases para o exercício da cidadania planetária, tão necessária na sociedade atual. E cidadania aqui entendida no seu sentido mais amplo, aquele em que o sujeito não precisa de autorização para exercê-la, porque ela é condição essencial e indispensável para a vida em sociedade.

Sobre a importância de ser sujeito, argumenta Freire (2000, p.119) “O ser humano é, naturalmente, um ser da intervenção no mundo à razão de que faz a história. Nela, por isso mesmo, deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto”. Neste sentido, a educação é vista como mola propulsora para a construção e o exercício dessa cidadania, o que indica a necessidade de escolas e professores mais atuantes e afetivos, tendo em vista, que o ensino é bem mais do que transmissão de conteúdos, mas sim o despertar de mentes que sejam capazes de cultivar e ampliar as informações que receberem. Todavia, para que isso se efetive, os docentes devem se sensibilizar e decidir superar as muitas contingências, e além disso, utilizar teorias, técnicas, diferentes saberes e desafiar

essas contingências intervindo de forma prepositiva, coerente e formadora de cidadãos, caso contrário, será apenas um elemento de transmissão de informações.

E o exercício da cidadania não pode ser confundido com falta de ética e permissividade, afinal, cidadania implica responsabilidade e justiça social, como condições reais ao exercício da mesma, portanto, o professor não pode centralizar o conhecimento em si e nem decidir aprender pelos alunos, ele é o mediador dos sonhos e do processo de aprendizagem destes, é ele que vai intermediar o mundo real e o ideal dos alunos.

É possível observar essa diferença, quando nos deparamos de um lado, com professores responsáveis pela transformação da sociedade e com os sujeitos sociais, e de outro, com professores que desconsideram sua função social, preocupando-se apenas com a transmissão de conteúdos que sirvam somente para atender uma exigência de mercado, sem valorizar, ou até mesmo, ignorar os sujeitos sociais mais próximos. Sobre isso afirma, Marchand (1985, p.19) “a pedagogia esquece, assim, um elemento importante nascido desta presença recíproca: a qualidade do diálogo que se estabelecem entre o educador e o educando”. E sem diálogo, não existe ensino-aprendizagem.

Na sala de aula as relações são muito próximas entre as pessoas no sentido espacial no qual esta se configura, a partir das condições de infra-estrutura nem sempre adequadas à realização das atividades, bem como na própria distribuição dos móveis, o que pode afastar, ou aproximar professores e alunos nesse espaço. Assim, existe sempre a necessidade de se respeitar o exercício da cidadania, porque nesse ambiente escolar, há uma troca emocional significativa entre as pessoas, as quais, não podem ser silenciadas, nem ignorados ou tratadas com indiferença, por nenhuma pedagogia, ou sujeito desse processo, sob pena de negar a alteridade, e as identidades presentes, o que seria contraditório ao exercício consciente da cidadania, e se isso acontece,

onde fica o outro irredutível, misterioso, inominável, nem incluído, nem excluído, que não é regido pela nossa autorização, nem pelo nosso respeito, nem por nossa tolerância, nem pelo nosso reconhecimento para ser aquilo que já é e/ ou aquilo que está sendo e/ ou aquilo que poderá ser ? (SKLIAR, 2003, p. 23).

Realidade parecida, com relações pedagógicas excludentes, em que se constituem muitas práticas de sala de aula, nas quais, pode-se perceber a falta de afetividade manifestada em atitudes, tanto de alunos quanto de professores que parecem descontentes com a situação, porém, pouco fazem para reverter esse

quadro, isentando-se de suas responsabilidades perante si próprios e perante os outros, colocando-se sempre na defensiva e culpabilizando os outros pela situação. Parecem quase exclusivamente racionais, com muito conteúdo na cabeça, porém, sem iniciativa, sem corpo, e sem emoções, é a constatação daquilo que afirma, Sampaio (2004, p. 30):

estamos vivendo uma crise global profunda, onde o vazio existencial e afetivo, provocado pela manipulação e desmandos, favorece a miséria, a violência, a corrupção, o medo, a insegurança, resultado da fragilidade das relações e dos valores humanos.

Por outro lado, também existe a prática de afetividade entre os diferentes atores daquele espaço, manifestada em ações e atitudes que contribuem para melhorar as relações estabelecidas naqueles ambientes, afetividade esta, que vem sendo cultivada como elemento integrador e facilitador do processo ensino-aprendizagem, por ser considerado um aspecto importante desse processo educativo.

Para o professor desenvolver sua ação de ensinar de maneira satisfatória, diz Veiga (2006, p. 23). “O vínculo afetivo é imprescindível para tornar a sala de aula um ambiente mais humanizado, mais próximo às características e necessidades dos alunos”.

O que aumentam as possibilidades de se realizar a humanização. Porém, a perda da dimensão axiológica e da autoridade de modo geral, tem gerado falta de compromisso com as questões éticas e sociais, o que indica uma triste e sombria realidade institucional e social. Para Sampaio (2004, p. 32) “não se privilegia o bem-estar humano, o que pode possibilitar o desenvolvimento harmonioso da sociedade, mas apenas os interesses do capital e de uma minoria que detém o poder”.

Acredito que nesta análise, não se valoriza a subjetividade, a afetividade e, os valores humanos, o que me leva a questionar: que valores, são trabalhados nessas relações pedagógicas e sociais?, Qual é a finalidade da educação? Em que se fundamentam os princípios educacionais?. Ao que parece, isso se dá, por que nos esquecemos que a educação tem como finalidade, realizar a humanização, que pode se dar até mesmo por meio das discussões teóricas em sala de aula, quando essas não diminuem a importância da relação pessoal existente entre professor e aluno.

A afetividade e o equilíbrio emocional, são elementos sempre presentes na relação entre os atores da ação educativa formal desenvolvida no ambiente da sala de aula, como veremos no decorrer deste trabalho, portanto:

a educação emocional é de fundamental importância na formação do educador, para que possa ampliar a clareza da sua missão e possa agir coerente com ela, exercitar as habilidades e competências emocionais que lhe dê uma estrutura capaz de comprometer-se e responsabilizar-se pela formação dos seus alunos (SAMPAIO, 2004, p. 67).

Neste sentido, o equilíbrio emocional tem relevância significativa na conduta do professor, afinal, ele é quem orienta e conduz o processo ensino-aprendizagem, e conseqüentemente, suas atitudes têm influência na conduta dos alunos, sejam do ponto de vista positivo, quanto do negativo, o que o obriga a ter equilíbrio emocional para lidar com as mais diferentes situações, para isso, ele necessita ter uma boa formação, tanto no aspecto pessoal, quanto no profissional.

No item a seguir, abordarei a afetividade na perspectiva da Pedagogia, pois, são as relações e os processos educativos e pedagógicos de sala de aula, que permitem com mais clareza, a nossa análise das possíveis relações e dicotomias existentes entre afetividade e cognição na construção da aprendizagem.

Reflico sobre a epistemologia da afetividade e aponto sua importância no processo ensino-aprendizagem e na formação docente, pois, a afetividade não pode se distanciar das atividades profissionais, já que ela está presente em todas as ações pedagógicas exercidas pelo professor, no decorrer de suas atividades como docente.

1.1 Afetividade e relações interpessoais.

Somos humanos porque aprendemos uns com os outros em situações em que a

cooperação cria a vida, a sociedade e o próprio conhecimento. Não somos apenas seres sociais. Somos sociais, porque aprendemos a nos tornar cooperativos. Somos seres originais e essencialmente interativos.

CARLOS RODRIGUES

BRANDÃO

Quando não são estabelecidos laços afetivos e de aprendizagem entre os sujeitos nas relações em sala de aula, por mais que esses se vejam todos os dias, cada um será apenas mais um para o outro, sem identificação entre eles. Neste sentido, não haverá alegria nos encontros, coisa que acontece quando existe afetividade entre eles, os quais, descobrem sentido especial a cada novo encontro.

Para Ferreira (2001, p.20) Afetividade, quer dizer: “qualidade ou caráter do afetivo”. Porém, os sentimentos e as emoções, são considerados molas propulsora da afetividade.

Entretanto, a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. É a afetividade como sinal de ternura, de sentimentos e de inter-relação, que me interessa neste estudo, pois procuro investigar sua influência na aprendizagem em sala de aula.

É grande a divergência quanto à conceituação dos fenômenos afetivos. Na literatura encontramos, eventualmente, a utilização dos termos “afeto”, “emoção” e “sentimento”, aparentemente como sinônimos, todavia, existe diferença e, na maioria das vezes, o termo *emoção* encontra-se relacionado ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma agitação, uma reação de ordem física.

A epistemologia que estudo a afetividade, envolve os sentimentos, as emoções e o afeto como elementos que constituem a subjetividade e que interferem objetivamente no momento de tomar decisões, fazer planos, se relacionar, ensinar e aprender, posto que, o ser humano não pode prescindir desses, sob ameaça de desumanizar-se e embrutecer, tendo-se em vista, que ele é constituído de objetividade, porém é também subjetivo, pois, o pensamento, a razão, ou cognição, assim como a emoção, o afeto ou a paixão são abstrações que fazem contraste entre estados mentais construídos na interação com o mundo.

Assim, afetividade pode ser definida como: atitudes e valores, comportamento moral e ético, desenvolvimento pessoal, desenvolvimento social, motivação, interesse, ternura, inter-relação, sentimentos e emoções.

Ao que percebo, são muitos os vocábulos que definem o campo afetivo, os quais podem ir da idéia de comportamento moral e ético, até a de valores, desenvolvimento pessoal e social, como também, pode se expressar como ternura pelo outro, emoções, sentimentos, forma de se relacionar, desenvolvimento pessoal e social, motivação, interesse, ternura, inter-relação, sentimentos e emoções.

Todos esses vocábulos de alguma forma, demonstram certa afinidade com as relações que os homens estabelecem entre si, as quais devem ser consideradas na ação educativa, pois, o afeto pode ser desenvolvido por meio da formação, daí nossa preocupação em que sejam revistas as políticas de formação de professores. Observo, que as palavras relacionadas à afetividade estão voltadas para a questão especial da subjetividade humana, algo que possivelmente mexe com as emoções e com os sentimentos do ser humano, que necessita dar e receber afeto.

Engelmann (1978) faz uma profunda revisão terminológica quanto às variações semânticas, ao longo do tempo, das palavras emoções, sentimentos, estados de ânimo, paixão, afeto e estados afetivos, em diversos idiomas (francês, inglês, alemão, italiano e português) ele esperava conseguir clarear e precisar as peculiaridades de significado de cada termo que às vezes, são usados como sinônimos.

O mesmo pesquisador pretendia corrigir o caráter vago e a inadequação de uso, em muitos casos. Entretanto, ele concluiu acreditando, que existe uma variação conceitual muito grande em relação à terminologia e ao significado de afetividade, dependendo do autor e do idioma a ser considerado, aumentam mais as terminologias e os significados.

Apesar das dificuldades de conceituação que vêm acompanhando historicamente os fenômenos afetivos, Engelmann (1978) tem destacado com clareza, que tais fenômenos referem-se às experiências subjetivas, que revelam a forma como cada sujeito é afetado pelos acontecimentos da vida, pelo sentido que tais acontecimentos têm, e o que representam cognitivamente e afetivamente para ele. Nessa perspectiva, o autor referido anteriormente, acrescenta que:

os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo.

Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam [...]. São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações etc.) um sentido afetivo (p. 130-1).

Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois relacionam-se com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Dessa maneira, podemos supor, que tais experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais um sentido afetivo.

Mesmo tendo conhecimento de que por muito tempo a literatura pedagógica não deu a devida importância para a afetividade dos educandos, como se aprender fosse um mecanismo exclusivo da razão, esta questão vem gradativamente sendo superada, principalmente, a partir do final da década de 1990, e especialmente nesta metade dos anos 2000, como resultado de vários estudos que defendem a afetividade como elemento fundamental na construção da aprendizagem, pois, o professor se relaciona com os alunos e vice-versa, mobilizando o tempo inteiro as habilidades afetivas inerentes aos seres humanos.

O trabalho docente exercido em sua plenitude vai além do domínio de conteúdos, ele extrapola o campo técnico e cognitivo, estendendo-se a outros ambientes, como o da afetividade, tendo-se em vista que, a ação ensino-aprendizagem se processa na relação entre razão e emoção e não se faz de forma isolada, mas amparado por idéias, emoções e sentimentos dos sujeitos, por meio de múltiplas linguagens, como a corporal, a escrita e a falada. Esta constatação, fortalece minhas convicções de que a afetividade é parte integrante desse processo, de acordo como venho defendendo ao longo deste texto.

O vocábulo afeto, tem sofrido transformações ao longo do tempo, e em diferentes idiomas e autores, o que apenas demonstra sua importância na vida das pessoas e, portanto, no processo ensino-aprendizagem escolar. Para Ferreira (2001, p. 20) A palavra afeto designa:

1 afeição, amizade, amor. Relacionado a sentimentos pelo outro;

2 objeto de afeição. Neste sentido, ela significa sinônimo de algo; mas também pode ser interpretada como adjetivo, que significa: partidário, sectário. Todavia, a palavra afeição, quer dizer: 1- sentimento de apreço sincero por alguém, ou algo;

carinho, amizade; 2- inclinação, pender. Afetivo significa: adjetivo de 1- relativo a afeto. 2- objeto de afeição; o mesmo que afetuoso.

Wallon, estudioso francês, com formação em Medicina, Pedagogia e, Filosofia, dedicou grande parte de sua vida ao estudo das emoções e da afetividade, por considerá-las de grande importância na formação das pessoas. Ele identificou manifestações afetivas no ser humano, suas características e a grande complexidade que sofrem no decorrer de seu desenvolvimento, assim como suas múltiplas relações com outras atividades psíquicas.

Afetividade para Wallon, foi o objeto de estudo de suas obras e seu trabalho em grande parte de sua vida acadêmica, na qual ele articulou o social e o biológico, além de estabelecer distinção entre afetividade e emoção, pois, para ele, a afetividade é psicológica, a emoção é mais biológica, por isso ele apresenta as emoções numa perspectiva genética de desenvolvimento, na medida em que o indivíduo se desenvolve, elas vão encontrando formas de expressão mais complexas.

Com base em pressupostos darwinistas, Wallon encontrou argumentos convincentes que enfatizam a origem do homem como um ser emocional. Analisando aspectos como prole reduzida em comparação com outros mamíferos e o prolongado período de dependência entre o bebê e seus pais, ele destaca a importância da proximidade com o outro para o desenvolvimento humano. Proximidade essa, que traz referências afetivas, por acreditar que elas estão presentes nas relações humanas.

Aprofundando seus estudos, o mesmo autor defende que a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos, por isso ela é importante no processo da afetividade. Ele afirma ainda, que a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, pois, considera, que ela determina os interesses e necessidades individuais, por isso, atribui às emoções um papel de primeira magnitude na formação da vida psíquica, funcionando como uma amálgama entre o social e o orgânico.

as relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, pois, ao nascer, não dispõe de meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos têm de ser realizadas por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON, 1971, p. 262).

Ainda segundo este autor, o processo de internalização envolve uma série de transformações que colocam em relação o social e o individual. Partindo desse pressuposto, o papel do outro no processo de aprendizagem torna-se fundamental. Conseqüentemente, a mediação e a qualidade das interações sociais ganham destaque.

Wallon (1978, p.261) atribui as emoções um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica, funcionando como um amálgama entre o social e o orgânico. Ele se baseia numa visão não fragmentada do desenvolvimento humano, buscando compreendê-lo do ponto de vista do ato motor, da afetividade e da inteligência, assim como do ponto de vista das relações que o indivíduo estabelece com o meio, para Galvão (2003, p.72) como são “manifestações essencialmente expressivas, as emoções diferenciam-se de outras manifestações da afetividade cuja gênese depende de representação simbólica, como os sentimentos e as paixões”.

Ferreira (2001, p.257) define Emoção como sendo: 1- ato de mover-se moralmente. 2- perturbação do espírito, provocada por situações diversas e que manifesta como alegria, tristeza, raiva, comoção. 3- estado de ânimo despertado por sentimento estético, religioso etc.

Continuando suas afirmações, Ferreira (2001, p. 631) define sentimentos como sendo qualidades morais. Sentimento: 1- ato ou efeito de sentir(se). 2- sensibilidade. 3- disposição afetiva em relação a coisas de ordem moral ou intelectual. 4- afeto, amor. 5- tristeza, pesar.

Pode-se constatar que os sentimentos não estão relacionados apenas às coisas boas, como afeto, amor, alegria, fraternidade. Eles também estão relacionados à tristeza, pesar. Assim, é importante que o professor considere os seus próprios sentimentos e os dos alunos, na relação que juntos estabelecem em sala de aula, caso contrário, esses tenderão apenas para a tristeza e não para o amor, a alegria e a confiança que deve existir entre eles.

O autor também define sentimento como sensibilidade, questão essencial na relação pedagógica, tendo-se em vista que nessa relação, as pessoas expressam seus sentimentos, seus afetos, suas emoções e, podem se sensibilizar diante de uma determinada situação que chamou sua atenção, como também podem permanecer imunes e insensíveis a esta realidade. Nesta perspectiva, é recomendável que o professor seja observador, para perceber a sensibilidade de seus alunos e, ao

mesmo tempo, trabalhar a sua própria sensibilidade diante deles, desenvolver a sensibilidade estética em si mesmo e em seus alunos, como elemento indispensável para uma boa convivência com a diversidade, como podemos observar na afirmação a seguir:

no conjunto da rede universal de relações, o homem revela-se como sujeito no contato concreto com os outros sujeitos que, por serem livres no exercício da razão, da vontade e dos sentimentos, transforma a existência do eu com a circunstância em convivência (GONZÁLEZ, 2005, p. 48).

O autor nos indica que a construção de nossa mente, de nossa cognição e de nosso comportamento afetivo, ou não diante do outro, se dá pela tessitura cíclica de emoções e sentimentos que constantemente se transformam e evoluem; além disso, ele nos faz conceber que os sentimentos e as emoções exercem destacado papel em relação ao pensamento, ou melhor, no funcionamento cognitivo do ser humano.

Isso indica que, não podemos nos descuidar em relação à expressão de nossos sentimentos e nem de procurar manter o equilíbrio emocional diante das situações de conflitos; e mantê-los, não significa ter que suportar agressões, humilhações, discriminações, ou qualquer outro tipo de violência explícita ou velada, mas significa, estabelecer possibilidade de ser e manter a ética enquanto outros já a perderam.

Para Sampaio (2004, p. 20) “é necessário o resgate da função do educador na construção de uma educação de qualidade que ajude as pessoas a se cultivarem como seres humanos e a serem responsáveis pela sua transformação”.

A segunda definição, nos leva a pensar na questão da afetividade alterada por razões momentâneas e circunstanciais que pode ocorrer com pessoas normais, as quais precisam ser tratadas, para evitar graves problemas afetivos. Para Arantes (2003) as emoções são, portanto, organizadas, concebidas e nomeadas de forma absolutamente diversa em diferentes grupos culturais, nos quais, convivem diferentes sujeitos, e onde cada um tem uma forma de encarar as coisas e também de valorar e de expressar os seus sentimentos.

Neste sentido nos indagamos, como explicar o sentimento da dor diante da perda de uma pessoa querida? Como medir a alegria e a explosão da emoção de quem é aprovado no vestibular? E a emoção do jogador que fez o gol de honra no final do campeonato? Como avaliar a emoção de uma mulher grávida à espera do primeiro bebê? E o sentimento de decepção, quando se perde um amor, ou o de alegria quando se sente o prazer de ganhar um novo amor ?.

Que sentimentos mobilizam milhões de torcedores na copa do mundo? Como descrever a emoção do primeiro beijo? E o que pensar das atitudes de violência explícita nos estádios de futebol? ou a violência velada, nos crimes premeditados por vingança ou dinheiro? Qual delas é emoção e, qual delas é sentimento?. Como explicar essas emoções de forma racional?. Para Sampaio (2004, p. 43) “os problemas humanos não se resolvem no nível da racionalidade, mas no nível afetivo”.

É recomendável que o professor tenha um olhar atento e, procure estar ligado e intervir positivamente sempre que perceber qualquer alteração de comportamento em seu aluno, caso contrário, ele também poderá ser contaminado por estas emoções. Todavia, o que idealizamos em educação é a emoção provocada por sentimentos estéticos que valorizam o que de bom tem o ser humano, afinal, diz Sampaio (2004, p. 45) “quanto mais tivermos zonas imóveis e rígidas, menos vivos, nos sentiremos, e os problemas, as dores e as deformações surgem”.

No item a seguir concentro o estudo focalizando possíveis relações e ou dicotomias existentes entre cognição e afetividade como temática central dessa discussão, já que ambas são reconhecidas como manifestações naturais do ser humano, por isso elas devem ser trabalhadas em conjunto se quisermos alcançar a pessoa em sua plenitude.

Procurro refletir a respeito da idéia de relação dicotômica, dual e fragmentária existente entre dois elementos básicos da vida humana: razão e emoção, afetividade e cognição. Trabalharei essa questão a partir da análise do pensamento cartesiano, kantiano e platônico, os quais, tentam separar razão de emoção e supervalorizar uma em detrimento da outra, caracterizando-se como visão dicotômica e dual.

Refletindo esse aspecto, acrescenta Morin (2003, p. 23) “o racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida, é irracional”.

Ao mesmo tempo tentarei apresentá-las como elementos presentes nas relações estabelecidas em sala de sala na construção do conhecimento, considerando que o ser humano não está dividido em caixas pretas isoladas, pelo contrário, ele representa uma unicidade que deve ser percebida e compreendida pelo professor.

Nesta linha de raciocínio é possível pensar, que as interações que acontecem na sala de aula são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos e

possibilidades, envolvendo afetivamente os sujeitos desse processo, essa questão pode claramente ser percebida na afirmação a seguir.

o que se diz, como se diz, em que momento e por quê – afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo ensino-aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. Nesse processo de interrelação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos e desejos, afeta cada aluno (TASSONI, 2000, p. 76).

Mediante ao exposto, entende-se que, a sala de aula como ambiente eminentemente de aprendizagem caracteriza-se como movimento, como práxis em que a produção de professores e alunos direciona-se para a mesma finalidade, apropriação e produção de conhecimentos.

Wallon defendia a idéia de integração entre três campos funcionais básicos da aprendizagem: o afetivo, o cognitivo e o motor, por considerar que eles exercem uma relação de interdependência e de influência no desenvolvimento humano. Para Tassoni (2006, p.50) “A afetividade incorpora as construções da inteligência e tende a si racionalizar, ampliando suas formas de manifestação”.

Nessa perspectiva, é possível dizer que refletir a questão das dimensões afetivas na constituição humana, significa discutir o problema da relação existente entre sujeito e objeto, pois, essa relação ocupa posição central no processo de produção do conhecimento, afinal, o sujeito precisa do objeto para dele apropriar-se e o objeto só tem sentido, quando interpretado e apropriado pelo sujeito.

Isso nos faz pensar, que a concepção dicotômica entre cognição e afetividade, vem perdendo gradativamente espaço na disputa por uma visão menos fragmentária a respeito do ser humano, como se percebe nesta afirmação:

a partir da ampliação dos conhecimentos sobre emoções e seus complexos processos de constituição, o conceito de homem centrado apenas na sua dimensão racional, típico da visão cartesiana, vem sendo revisto, em direção a uma concepção monista de constituição do ser humano, em que afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis do mesmo processo, não sendo mais aceitável analisá-las isoladamente (LEITE, 2006, p. 17).

O processo ensino-aprendizagem escolar do qual se exige continuamente o desenvolvimento cognitivo, e se utiliza o exercício motor no desenvolvimento das ações práticas, não pode ser isento do campo afetivo, porque esse processo ocorre na relação entre pessoas, nas quais, se realiza a relação pedagógica.

O próximo item a ser desenvolvido neste capítulo, faz uma reflexão a respeito das possíveis relações e, ou dicotomias existentes entre afetividade e cognição,

como elementos presentes no processo ensino-aprendizagem realizado em sala de aula, evidenciando que ambas são mobilizadas nesse processo formador.

1.2 Afetividade e cognição: uma relação possível em sala de aula

Todas as decisões pedagógicas que o professor assume, no planejamento e desenvolvimento do seu trabalho, têm implicações diretas no aluno, tanto no nível cognitivo quanto no afetivo.

SÉRGIO ANTÔNIO

S.LEITE

Embora a relação entre afetividade e cognição no processo ensino-aprendizagem nunca tenha sido negada, ela não era considerada central neste processo, pois somos herdeiros de uma concepção dualista e cartesiana de homem dividido entre corpo e alma, que por muito tempo predominou em nossas práticas educativas, as quais, há algum tempo vem sendo questionada e modificada, a partir de pesquisas e experiências, que comprovam a relação indissociável entre estes dois lados da aprendizagem humana, e quebrar a concepção dicotômica existente entre razão e afeto que predominou por muito tempo.

Para estudar a relação existente entre cognição e afetividade, é necessário compreender que existe um relacionamento bem estreito entre elas, pois, as conquistas do plano afetivo são utilizadas no plano cognitivo, e o mesmo acontece ao contrário, o que sei cognitivamente posso utilizar nas minhas relações afetivas. Todavia, o processo de formação pessoal do sujeito, só será possível e completo, quando a afetividade for levada em consideração como elemento vital na construção da aprendizagem, tendo em vista, que ele é presente nesta formação.

Desenvolverei esta unidade tomando por base o que dizem os teóricos sobre as possíveis relações e distanciamentos existentes entre cognição e afetividade, e ao mesmo tempo, procurando expressar minha subjetividade e envolvimento afetivo com ela, pois, compreendo o processo ensino-aprendizagem desenvolvido em sala de

aula, como uma interação permanente entre os aspectos cognitivos e afetivos, que realizam a produção do conhecimento acadêmico e dos saberes culturais e sociais.

Arantes (2003) nos diz, que desde a Grécia Antiga, postularam uma suposta dicotomia entre razão e emoção, Platão, já definia como virtude a liberação e troca de todas as paixões, prazeres e valores individuais pelo pensamento, considerado por ele um valor universal e ligado à imortalidade das formas eternas.

Descartes, por sua vez, criou a sua famosa frase “Penso, logo existo”, pela qual sugeria a supremacia e hierarquia entre tais instâncias do raciocínio humano, sendo o pensamento a primeira e a mais importante instância, essa idéia o colocava na condição de excelência e afirmava a dicotomia entre razão e emoção.

Ainda nessa linhagem de pensamento, Kant (1798 apud. MONDIN, 1980) disse que “é impossível o encontro entre razão e felicidade, ao afirmar que se Deus tivesse feito o homem para a felicidade, não o teria dotado de razão”. Tal pensamento, denota que ele estabelecia uma hierarquia entre razão e emoção, ao considerar a primeira como elemento importante na sociedade e a segunda, como coisa sem importância, fruto das vaidades e das paixões.

Mesmo com os avanços da Psicologia Social, da Antropologia Filosófica, da Pedagogia, e de outras ciências, que discutem a importância da afetividade na vida do ser humano, ainda hoje encontramos pessoas e grupos, entre esses, professores, que defendem a supremacia da cognição sobre a afetividade, como se percebe em diferentes situações e atitudes, de quem assume essa postura.

Isso pode ser claramente identificado, nos programas e desenhos curriculares, pautados pela lógica da racionalidade técnica, que constantemente é mal interpretada pelos docentes que fazem de sua prática, uma camisa de força racional, ao valorizar nos processos pedagógicos e avaliativos, apenas os aspectos da objetividade e da racionalidade, sem considerar os de ordem emocional e afetiva, importantes nesse processo, pois, o ser humano aprende com a totalidade de seu ser.

A respeito desta questão, Morin (2003, p.23) lendo essa lógica de compreensão do social, e da aprendizagem, a contrapelo assinala que:

a verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica; é o fruto do debate argumentado das idéias e não a propriedade de um sistema de idéias. A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento.

Nessa linha de pensamento, suas idéias a respeito de afetividade, assemelham-se as de Wallon, o qual, destaca que a afetividade e a inteligência compõem um par inseparável na evolução psíquica, tendo-se em vista, que ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem á criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados, o que comprova a sua importância.

Muito tem se discutido a respeito da relação entre afetividade e cognição, isso é bem presente nas teorias da aprendizagem, seja a luz da genética, da psicologia social, do interacionismo, ou da antropologia filosóficas, todas elas, de alguma maneira, defendem a aproximação entre afetividade e racionalidade, considerando que, na medida em que o ser humano vai se desenvolvendo, se construindo como pessoa, a sua razão fica a serviço de sua vida afetiva, neste sentido:

quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido (VYGOSTSKY, 1993, p. 25).

Sabe-se que afetividade e cognição estão intrinsecamente imbricadas, pois elas são construídas culturalmente pelos homens, portanto, a afetividade não pode ser negada no processo de construção do conhecimento, por ser ela que o homem acessa e penetra no mundo simbólico, criando a atividade cognitiva, e ao mesmo tempo, possibilita o seu desenvolvimento, o que em outras palavras significa dizer, que a afetividade e a cognição são indissociáveis no processo da aprendizagem.

Por muito tempo utilizou-se uma pedagogia com bases dualistas e racionalistas, que enfoca a aprendizagem como resultado exclusivo da razão e da inteligência formal, dando-se pouca importância às influências que os afetos exercem nessa aprendizagem, contudo, ela depende tanto da razão, quanto da valorização do afeto. Freire (2000, p. 43) argumenta que:

uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e, mentirosamente neutra.

A negligência em relação á afetividade no processo ensino-aprendizagem, pode ser observada a partir da elaboração dos planejamentos de ensino, nos quais, os objetivos estão normalmente centrados em ações objetivas, operacionais, mensuráveis repetitivas e racionais, negligenciando-se os aspectos da subjetividade e da afetividade, pois,

apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, num estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação (GALVÃO, 1996, p. 45).

Não existe uma supremacia da cognição sobre a afetividade, e nem ao contrário, da afetividade sobre a cognição, porém, elas se completam e juntas realizam o processo de construção da aprendizagem, ou seja, ambas, são importantes para a efetivação de nossa aprendizagem, e precisam ser trabalhadas nesta construção.

Dado ao exposto, não tem lógica a nossa intenção de tentar anular um aspecto em detrimento do outro, haja vista que ambos são inerentes à condição humana e não podem ser negados nesta condição, sob pena de tornarmos este ser incompleto, não no sentido de sua inconclusão, mas no sentido de mutilação, de exclusão e negação de uma de suas importantes dimensões, a do campo emocional e afetivo.

É possível fazer analogia com afetividade, sentimento e emoção, posto que estes pertencendo ao campo afetivo, são historicamente tidos como elementos facilitadores ou inibidores do pensamento, o qual pertence ao campo racional. Para Leite (2005, p. 24) “As instâncias cognitivas e afetivas não se opõem abstratamente como excludentes, mas operam numa totalidade cuja unidade não elide a existência de suas diferentes funções”.

Existem diferenças de natureza entre inteligência e afetividade, entretanto, ambas são importantes no processo da aprendizagem, pois, apesar de diferentes, elas são indissociáveis na efetivação da conduta concreta da pessoa, já que, não existe uma conduta marcada exclusivamente pelo afeto, como também, não existe uma postura humana somente cognitiva, o que nos propõe uma reflexão a respeito da questão, afinal, afirma Arantes (2003, p. 109) “os aspectos afetivos e cognitivos presentes na mente humana não se constituem em universos opostos, pelo contrário, estão indissociáveis em nossos pensamentos e nossas ações”.

Acredito nessa relação, ao ter consciência de que, à instrução dado por um mestre, apresenta aspectos emotivos, cognitivos e afetivos que lhe conferem um efeito original e pessoal, variando, por outro lado, com cada um dos alunos e, portanto, das relações que se estabelecem entre eles, e desses com o professor, reafirmando a idéia de que, tanto a afetividade, quanto a cognição, são elementos presentes nessa relação e no processo ensino-aprendizagem da sala de aula.

Nessa perspectiva, Piaget (1919, apud SOUZA, 2003) considera que, apesar das diferenças de natureza, a afetividade e a cognição são indissociáveis em todas as ações simbólicas e sensório-motoras do ser humano, pois, uma está implicitamente ligada à outra, sendo portanto, consideradas indissociáveis nessa relação.

Para ele, a afetividade é a fonte de energia da qual a cognição se utiliza para seu funcionamento, nesta perspectiva, todos os objetos de conhecimento, são simultaneamente cognitivos e afetivos. Isso necessita ser respeitado e, explorado no processo ensino-aprendizagem desenvolvido na escola.

Cognição e afetividade são fundamentais na construção do sujeito e no processo de sua aprendizagem, portanto, o comportamento, as atitudes afetivas e éticas do professor em relação ao aluno, são tão importantes quanto sua orientação teórica, seus procedimentos e suas técnicas para a aprendizagem deste.

Esta constatação, exige do professor, que tenha uma formação humana e, profissional, que o torne capaz de adotar posturas éticas, solidárias e afetivas, tendo-se em vista, que o professor normalmente é visto como modelo a ser seguido pelo aluno, tanto profissional, quanto pessoal e afetivamente. Para Freire (1996, p. 141) “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade”.

Autoridade esta, que precisa estar fundamentada em princípios éticos, respeito às diferenças e marcada pela afetividade, do contrário, será uma autoridade sem legitimidade, atuando apenas no campo da racionalidade, não pela importância e diferenças de saberes entre o status de professor e o de aluno, os quais, têm papéis diferenciados nesta relação, não na condição de seres humanos, pois, nessa, eles são iguais, porém, são diferentes em relação a seus saberes e a posição que cada um ocupa nessa relação. A respeito dessa condição humana e da relação de poder e de saberes, afirma Morin (2003, p. 47) “Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo o que é humano”.

Nesta ótica, é bom que o aluno respeite a autoridade do professor, porque este exerce domínio no campo cognitivo formal e sistematizado, do qual o aluno necessita apropriar-se para crescer intelectualmente, afinal, é tarefa do professor, proporcionar condições de aprendizagem ao aluno, para que esse possa desenvolver-se.

Uma das condições que facilita essa relação de autoridade e aprendizagem, é o fato do aluno perceber, que o professor, exerce sua autoridade de forma competente, afetiva, respeitosa e humilde diante de todos, e não apenas pelo prazer de mandar. Retornando a Freire, o professor não pode confundir afetividade com licenciosidade, e nem acreditar que para exercer seus conhecimentos teóricos, seja necessário adotar posturas desprovidas de afetividade, ou seja, o professor e aluno são possuídos de processos cognitivos e de capacidade afetiva.

O conhecimento acadêmico sistematizado, tem características próprias que o distingue de outras formas de conhecimento, ele é produzido no interior da academia e fundamentado por teorias pedagógicas que o sustentam, ampliam, se transformam em novos, e deveriam se materializar em tecnologias e melhorias da qualidade de vida da população e, principalmente, no processo de humanização.

Ele é produzido socialmente pelos sujeitos desse processo, os quais, utilizam todas as suas potencialidades nesta produção, entre as quais, à cognição e a afetividade. Nesta perspectiva, considero importante que a questão da afetividade seja trabalhada nos conteúdos curriculares escolar, já que, o acesso ao mundo simbólico se efetiva pelas relações que se estabelecem entre os sujeitos, e delas, se constroem a aprendizagem, tanto do campo cognitivo quanto do afetivo.

Nesse sentido, argumenta Morin (2003) "no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica".

Percebe-se a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem, bem como, que a competência afetiva do professor possibilita a criação de vínculos de confiança, respeito mútuo e amizade entre ele e os alunos, e desses entre si. A respeito dessa questão, afirma Sampaio (2004, p. 68) "a afetividade aproxima o eu e o outro. A agressividade afasta".

Para o aluno, o valor de uma vida afetiva na escola, melhora consideravelmente o seu interesse pelo estudo e a sua aprendizagem cognitiva, neste sentido é inegável o papel desempenhado pelo professor na organização de seu trabalho e na condução das ações desenvolvidas diretamente na sala de aula, pois, elas são fatores influentes na aprendizagem do aluno, tanto do ponto de vista positivo, quanto do negativo, já que, assim como o aluno melhora sua auto-estima com boas notas, uma avaliação negativa, interfere para a baixa dessa estima, considerando que:

decisões de ensino inadequadas dificultam o processo de aprendizagem e as implicações envolvem também as dimensões afetivas, podendo os referidos conteúdos tornarem-se aversivos para os alunos. Tudo indica que o sucesso e o fracasso da aprendizagem têm claras implicações na auto-estima do aluno, entendida aqui como os sentimentos derivados da avaliação que o indivíduo faz sobre si mesmo (LEITE, 2006, p. 25).

Situações como essas são percebidas, quando o professor não se sente comprometido politicamente com a profissão docente e com as responsabilidades que ela exige do professor e, principalmente, quando ele tem uma formação técnica, pedagógica e epistemológica de pouca qualidade, que não o capacita para desempenhar com segurança seu trabalho, traduzindo-se em procedimentos pedagógicos e posturas equivocadas.

Nesse sentido, afirma Freire (2006, p. 95) “Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar aquilo que não sei”. Tal afirmação, coloca o professor na condição de eterno aprendiz, na busca permanente para melhorar cada vez mais a sua formação e, assim, poder contribuir de maneira efetiva e significativa para a aprendizagem do aluno.

Este saber também se refere a afetividade, pois, assim como não é possível ensinar o que não se sabe, também é difícil amar aquilo que não se conhece, neste sentido, recomenda-se que o professor se envolva verdadeiramente com seus alunos, possibilitando estabelecer laços de solidariedade e afetividade com eles, para que sintam confiança naquilo que ele faz e diz, além de sentirem prazer ao estarem em sua companhia, isso só é possível, quando o professor não se reduz a um técnico que transmite conteúdos, mas quando ele comporta-se como pessoa e profissional comprometido com os sujeitos, posto que:

o educador que opera a serviço de um sujeito, abandona técnicas de adestramento e adaptação, renuncia à preocupação excessiva com métodos de ensino e com os conteúdos estritos, fechados e inquestionáveis. Ao contrário disso, apenas coloca os objetos do mundo a serviço de um aluno-sujeito que, ansioso por fazer-se dizer, ansioso por se fazer representar e apresentar com as palavras e os objetos da cultura, escolherá nessa oferta aqueles que lhe dizem respeito, nos quais está implicado por seu parentesco com aquelas primeiras inscrições que lhe deram forma e lugar no mundo (KUPFER, 2003, p. 44).

Fica evidente que o envolvimento afetivo do aluno está relacionado também com o seu desenvolvimento intelectual, tendo-se em vista, que ele encontra mais facilidade em aprender as coisas que despertam seu interesse e que estão

associados à questão da afetividade, pois, assim, ele envolve seus valores, seus interesses e suas vontades nesse processo educativo.

A afetividade é um elemento determinante entre os conteúdos escolares e as relações que se estabelecem entre alunos e professores, uma vez que, quando o aluno se relaciona bem com o professor, normalmente ele demonstra mais facilidade na compreensão e aquisição dos conteúdos ministrados por esse professor, confirmando assim, a ligação entre cognição e afetividade no processo educativo.

Neste sentido, é recomendável que as escolas e os educadores façam uma reflexão sobre sua função e sobre seu trabalho, já que, para Arroyo (2002, p. 148) “as normas escolares perdem tempo controlando os corpos, os tempos, os sentimentos, a imaginação e os sonhos dos mestres e dos educandos”.

Mediante essa realidade, é possível entender, que todas as ações pedagógicas do professor, do planejamento, do desenvolvimento à avaliação, são marcados profundamente pela sua afetividade e, tem implicações diretas no aluno, tanto no aspecto cognitivo, quanto no afetivo, é por isso que as ações e atitudes afetivas do professor, em relação a seus alunos, tem tanta importância, quanto seus saberes e conhecimentos teóricos a serem ensinados.

Nessa linha de pensamento, é importante que o professor procurar buscar em sua prática, ultrapassar os limites do ensino tradicional, com base na separação entre os sujeitos, no verbalismo, na memorização e provavelmente, na alienação das mentes, por uma pedagogia do encantamento, da afetividade e da construção da autonomia e, da realização dos sujeitos, isso poderá ser efetivado na medida em que o professor envolve-se afetivamente com os sujeitos de sua ação, pois,

a afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais (MORIN, 2003, p. 20).

O conhecimento produzido em sala de aula pode ser influenciado por forte carga afetiva que se concretizam nas relações entre as pessoas, em diferentes espaços educativos, e, mais fortemente na sala de aula, em função da aproximação entre os sujeitos como ações responsáveis, definidas e problematizadoras da condição humana no social.

Diante das permanentes mudanças e diferentes espaços educativos nos quais os alunos podem se informar, o papel do professor no modelo atual de transmissor

de conhecimento, está chegando ao seu limite, assim, é importante que ele esteja conectado com as exigências de seu tempo, entre elas, a necessidade permanente de tornar o processo ensino-aprendizagem em sala de aula, algo mais significativo, tendo em vista que atualmente, ele não é a única fonte de informação para o aluno.

E uma das formas de efetivar esta realidade é trabalhar de maneira mais afetiva como possibilidade de envolver os alunos nessa relação e, assim eles passem a valorizar mais a presença do professor, como elemento importante em sua formação, oportunizando ao professor, ocupar o lugar que realmente lhe confere nesta formação, ser agente de transformação e de humanização dos sujeitos, inclusive, de si mesmo.

Na visão de Masetto (2003, p.23). “O aluno começa a ver no professor um aliado para sua formação, e não um obstáculo, e sente-se igualmente responsável por aprender”. Dessa maneira, ele passa a se considerar um sujeito do processo, o autor de sua aprendizagem. Isso se evidencia, quando compreendemos, que a aprendizagem como qualquer ação humana, não acontece desvincula da totalidade do ser humano, ela se dá, por meio do envolvimento de todas as suas dimensões, dado ao princípio de que aprendemos com todos os nossos sentidos.

O professor é o profissional que atua diretamente na relação com as pessoas, e a relação estabelecida em sala de aula, implica em viver afetos, emoções, demonstrar ou reprimir sentimentos, elementos que são inerentes à condição humana, e estão presentes nas relações existentes entre os sujeitos do processo educativo da sala de aula, afinal, as pessoas não vão para a escola, desprovidas de suas idéias, de seus pensamentos, assim como também de seus sentimentos e de sua afetividade.

Sobre cognição e afeto, objetividade e, subjetividade, argumenta Freire (2000, p. 89). “A minha compreensão das relações entre subjetividade e objetividade, consciência e mundo, prática e teoria foi sempre dialética e não mecanicista”. Neste sentido, a educação afetiva pode ser impulsionada pela expressão dos sentimentos e das emoções, e desenvolver-se por meio da formação acadêmica, afinal, somos seres sociais e aprendizes, por isso, a educação da afetividade é imprescindível para o desenvolvimento e realização plena da pessoa, como propõe, Arroyo (2000, p.114) “a formação dos seres humanos acontecendo nos mesmos processos em que produzimos a cidade, o campo, a escola, os tempos e espaços humanos”.

Posso então dizer, que a produção do conhecimento efetivado em sala de aula, é o resultado da ação do professor, porém fundamentalmente da disposição e mobilização do aluno em direção a essa aprendizagem, em desejar aprender e, em estar aberto à orientação do professor.

É com esta intenção, que recomenda-se ao professor, que ele esteja preparado profissional e humanamente para lidar com essa realidade, afinal, ele precisará mobilizar muitas habilidades para conquistar a atenção do aluno e envolvê-lo cognitivamente e afetivamente em suas atividades, compreendendo que a sala de aula é também um espaço de conquistas, portanto:

a sensibilidade dos profissionais quando não foi capturada pelo legalismo, capta essas dimensões surpreendentes que são inerentes à ação educativa. A transgressão inovadora é a expressão de que os professores e as professoras não foram capturados(as) por uma visão legalista de seu ofício e de sua prática. Estão vivos, sentem, dialogam como humanos e percebem nos educandos gente surpreendente. Formam sujeitos éticos (ARROYO, 2000, p. 144).

Porém, ainda nos falta bastante para que as salas de aula sejam de fato espaço de aprendizagem coletiva e agradável, de construção permanente, de valorização do novo e de respeito ao antigo, um lugar do acontecimento, de descobertas, e de relações afetivas, como afirma Rios (2005, p. 27) “O fazer de sala de aula não se restringe à sala de aula, está além de seus limites, no envolvimento de professores e alunos com a aventura do conhecimento”. Aventura essa que poderá ser gratificante, se todos procurarem desenvolver junto com seus saberes, a sua afetividade que é, e deve ser natural nessa relação.

A afirmação vem contradizer a lógica da racionalidade moderna impregnada nas práticas pedagógicas tradicional e, tecnicista, que priorizam a racionalidade técnica em detrimento da competência emocional. Tal perspectiva, pode tornar o ser humano voltado para a racionalidade crítica e técnica, a praticidade, a operacionalização de tarefas e a memorização com pouca análise reflexiva, como se o ser humano fosse apenas razão e desprovido de sensibilidade e afetividade.

Isso é o resultado de inversão de valores, pois, a maioria das escolas, que deveriam ser lugares de acolhida e respeito à vida, são espaços de dominação e de submissão do homem pelo próprio homem, porém, para que todos sejam respeitados e tratados como pessoas, é necessário reformular os nossos valores e atitudes.

É de conhecimento público, que o preconceito e a discriminação são inimigos da justiça e da democracia, sem a qual, será impossível estabelecer uma sociedade

de equidade, onde todos possam expressar sua identidade, viver sua alteridade e conviver respeitosamente com a diversidade, a qual, deve ser considerada no processo educativo desenvolvido, principalmente, pelas instituições de ensino que formam educadores.

Ao refletimos a respeito das relações que muitas vezes se estabelecem nas salas de aula, nas quais, alunos e professores vivem em constantes conflitos, se esquecem de seus papéis e de suas responsabilidades, e passam até a se agredir em alguns casos, demonstra, que não conseguem discordar política e ideologicamente das idéias uns dos outros, sem dissociar da pessoa, ou magoá-la, confirmando que:

mesmo inserido em um ambiente escolar, o aluno e o professor, não deixam de lado suas características, suas peculiaridades individuais, que alias, são marcas da natureza humana que devem ser exploradas em sala de aula. Cada um é singular, daí que qualquer tentativa de homogeneização do ensino se traduza em fracasso (CHALITA, 2001, p. 138).

Quando isso acontece, passamos a perceber o quanto essas relações precisam ser transformadas e, os professores e alunos passem a agir de forma mais produtiva e afetiva, criando um ambiente adequado para a auto-realização de todos os sujeitos do processo educativo, considerando que, a construção do pensamento, se realiza influenciada por seu meio ambiente social e histórico, pois,

sendo uma profissão de relações humanas, a docência distingue-se assim da maioria das outras ocupações em que as relações com os clientes são individualizadas, privadas, secretas, como de (advogado, terapeuta, médico, ect.) com efeito, mesmo sendo realizado num ambiente fechado, o objeto do trabalho docente é coletivo e público (TARDIFF e LESSARD, 2005. p. 68).

Essa concepção pedagógica contradiz a posição de alunos e de professores, quase que exclusivamente racionais, cheio de conteúdos sistematizados, porém, com poucas experiências de vida, com poucas imagens, de poucas palavras, com dificuldades de expressar emoções e, com dificuldades de se relacionar afetivamente com seus pares, o que, conseqüentemente, influenciará na sua forma de ensinar e de aprender, uma vez que, a cultura da escola impõe aos alunos um mundo escrito, codificado e formal, fazendo a ruptura com sua vida cotidiana.

O que me leva a refletir sobre, a relação indissociável entre o eu profissional e o eu pessoal do professor, e nos aponta para a presença da afetividade nesta relação, ao saber que, o afeto pode ser adquirido e cultivado na relação com o outro, todavia, para que isso aconteça, é necessário espaço para o afeto se manifestar, afinal, são

as relações afetivas e sociais que marcam a vida humana, seja no campo da subjetividade, ou da racionalidade.

Posso afirmar, que a afetividade valoriza os fatos e acontecimentos de nosso passado e nossas perspectivas futuras, realizando assim, a tessitura de nossa identidade pessoal e profissional, a qual, se faz ao longo de nossas vivências, tanto racionais, quanto emocionais, como nos aponta Chalita (2001, p.107) “ o pleno desenvolvimento da pessoa humana significa o desenvolvimento em todas as suas dimensões, não apenas do aspecto cognitivo ou da mera instrução, mas do ser humano de forma integral”.

A formação docente vai se construindo, se forjando no cotidiano do professor, e se constitui em tarefa diferente, do trabalhador de fábrica que repete mecanicamente uma atividade programada. O professor, elabora mental e emocionalmente o que vai fazer, e começa a mobilizar suas emoções ao planejar suas atividades para sujeitos sociais, os quais, também pensam e sentem, reagindo de diferentes maneiras as suas atitudes, as quais, não podem ser repetitivas como na fábrica.

Para Gauthier (1998) “a ação pedagógica não pode se limitar à coerção e ao controle autoritário, porque, ela exige para ter êxito, uma certa participação dos alunos, e de algum modo, seu consentimento”. Assim, cada aluno pode reagir de diferentes maneiras aos efeitos deste planejamento, deixando o professor inseguro, pois não sabe se suas idéias serão bem aceitas pelo grupo, se suas estratégias terão o efeito desejado, e nem como os alunos irão reagir ao seu trabalho, isso causa uma certa insegurança no professor, uma ansiedade de véspera, tendo-se em vista, que:

não há como o educador começar a ser educador na hora em que bate o ponto e deixar de sê-lo na hora em que o relógio indica o fim do expediente. Do educador se exige uma constante ocupação com o ato educativo. Ele tem de Ser. É uma questão de ser e não uma questão de estar (RODRIGUES, 1996, p. 38).

O autor reflete a respeito do professor como um educador, como alguém que precisa ser, além de estar, ou seja, o professor é percebido nesta visão, como uma identidade profissional que está umbilicalmente ligada a sua condição de pessoa, e não como atividade desprovida de envolvimento pessoal e afetivo. Isso me faz refletir a respeito do trabalho desenvolvido na sala de aula, no qual as pessoas se envolvem cognitivamente e afetivamente no processo educativo, pois, a aprendizagem não se dá de forma dicotômica, mas, envolvida por várias dimensões do ser humano, afinal, ele é muito complexo, como vemos na afirmação de Morin (2003, p. 57):

o ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Todo o ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também, que todo o ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo.

As relações estabelecidas em sala de aula entre alunos e professores, assemelham-se a um palco no qual todos os sujeitos precisam estar motivados para interagir e com ele participar, isso me leva a pensar na sala de aula como um grande teatro, o professor é o autor que escreve e dirige a peça, e os alunos são todos atores, cada um representa um papel pessoal dentro dessa relação social.

Se o autor conhecer e respeitar os atores, escreverá papéis que poderão ser desenvolvidos por todos, para que isso aconteça, basta que ele escreva para cada um, o papel correspondente as suas capacidades e a seus talentos, possibilitando a todos desempenharem seus papéis de forma satisfatória, e além disso, ele poderá procurar novos talentos entre os atores.

É importante, reconhecer que todos têm o mesmo grau de importância nesta peça, nem o professor pode ser visto como estrela principal, ele é tão importante quanto seus alunos, tendo-se em vista que:

enquanto profissão de interação com seres humanos, portanto, a docência confronta-se, de repente, com a problemática do poder, quer dizer, com a coordenação das ações coletivas de indivíduos tão diferentes, autônomos e capazes de iniciativas, algumas das quais, até, potencialmente perigosas para os projetos do professor (TARDIF e LESSARD, 2005, p. 70).

Acredito na importância de maior aproximação entre os sujeitos, para que haja mais possibilidade de interação e aproveitamento do processo ensino-aprendizagem, para que isso ocorra, faz-se necessário, maior desprendimento de preconceitos e tabus em relação ao outro. Por outro lado, é indispensável que o professor seja capaz de mudar, de quebrar barreiras, de entregar-se nesta relação, de desarmar-se, de desejar amar e ser amado pelos seus alunos, de envolver-se verdadeiramente com eles, pois, a experiência do intercâmbio de presenças e inter-vivências, torna a vida humana não apenas possível, mas plena de sentidos e de significados.

É importante estabelecer relações verdadeiras e profundas com os nossos pares, neste sentido, posso afirmar, que as boas relações entre alunos e professores, representam um avanço para o sucesso do processo ensino-aprendizagem desenvolvido por eles, bem como para seu próprio crescimento pessoal e profissional, pois,

ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado. E o professor é capaz de fazer isso. Para quem teve uma formação rígida, é difícil expressar os sentimentos; há pessoas que não conseguem elogiar, que não conseguem abraçar, que não conseguem sorrir. O professor tem de quebrar essas barreiras e trabalhar suas limitações e as dos alunos (CHALITA, 2001, p. 16).

Indubitavelmente, o professor é um profissional profundamente marcado pela necessidade de dar e de receber afeto, isso se justifica primeiro, pelo fato dele ser humano e social, depois, em função de que seu trabalho se realiza por intermédio de relações com o outro e, nessas relações, estão envolvidas racionalidade e afetividade, elementos determinantes do processo ensino-aprendizagem desenvolvido na escola.

O trabalho do professor é um trabalho coletivo, e que envolve visibilidade, e envolvimento direto, nesse caso, as emoções e as expressões demonstradas pelo professor, são percebidas pelos alunos, os quais podem distinguir entre expressões afetuosos, calorosas, carinhosas e respeitadas, das expressões de deboche, de indiferença, e de discriminação em relação a si ou aos demais alunos.

Saber explicar bem o conteúdo que ensina é um bom começo para o professor estabelecer um relacionamento agradável com seus alunos, entretanto, isso não é o suficiente para que imediatamente os alunos passem a se relacionar bem com ele, a terem simpatia por sua pessoa, e a gostarem de sua companhia. Quando esse bom relacionamento acontece, é possível despertar nos alunos, a sensação de confiança no professor e, conseqüentemente, o respeito pelo seu trabalho e por sua pessoa, podendo inclusive, proporcionar uma relação de cumplicidade positiva entre eles, e assim, facilitar ainda mais o processo ensino-aprendizagem, já que:

a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares) bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas (LEITE, 2006, p. 26).

Torna-se portanto, importante estabelecer relações profundas com os nossos pares, neste sentido quero dizer, que as boas relações entre alunos e professores representa um grande avanço para o sucesso do processo ensino-aprendizagem desenvolvido por eles, porque ela é mais prazerosa com quem nos damos bem, por isso:

é preciso ser flexível com quem tem menos informação, com quem teve menos oportunidade para o desenvolvimento, com quem tem menos ou mais facilidade cognitiva. Cada ser é único e deve ser respeitado ao que concerne a seus limites, seu tempo, suas escolhas e projetos. É preciso

também ser flexível consigo mesmo e não transformar o perfeccionismo em uma doença, uma amarra (CHALITA, 2001, p. 100).

A afirmação acima, nos leva a pensar que infelizmente, os dirigentes e atores de nosso sistema educacional, em sua maioria, ainda não compreenderam o significado de uma formação profissional mais humana e dialógica, na qual, os sujeitos possam se expressar, demonstrar sentimentos, elogiar e também criticar de maneira consciente, procurando melhorar o trabalho e as relações entre as pessoas.

Isso nos leva a crer, que existe necessidade de mudança radical em nossas posturas e prática educativas, adotadas em nossas escolas, pois, da forma que está, afirma Arroyo (2000, p. 148) “em nome de transmitir o conhecimento, o gradeamos e disciplinamos, em nome de educar, socializar, controlamos as pulsações, e o prazer, a imaginação, o sentimento, a memória, o corpo, a sexualidade, a diversidade”. Isso me leva a pensar, que a escola tem contribuído de forma significativa, para a formação de um arsenal a serviço da anti-democracia, ao invés de formar para o exercício da democracia e de cidadãos planetários, tão essenciais na sociedade atual.

Situações como essas, colocam em dúvida a formação profissional que recebemos na academia, e aquela que construímos no cotidiano de nossa existência pessoal e de nosso convívio social com o processo educativo, o que significa dizer, que necessitamos refletir sobre nossa formação, além de estar permanentemente nos formando, afinal, o professor tem como objeto de trabalho, a relação direta com o conhecimento, seja na sua aquisição, internalização, socialização ou na sua produção.

O mesmo em outra proporção, também acontece com o aluno, ele necessita estar preparando-se, em permanente processo de busca, de aquisição, de compreensão, de reformulação e de produção de novos conhecimentos, para isso ele deve ser o autor de sua aprendizagem, com a orientação do professor.

Essa realidade pode ser claramente percebida na afirmação a seguir:

o aluno vai construindo o conhecimento a partir do seu contato, de sua interação com a realidade. O professor tem aqui um papel fundamental que é de dispor a realidade para o aluno: que tipo de realidade o aluno vai ter contato? Esta é uma grande responsabilidade do professor enquanto articulador do processo ensino-aprendizagem. O aluno não aprende só na escola; ocorre que na escola as atividades são programadas, planejadas, intencionais (ao contrário da aprendizagem informal). O professor de forma

intencional, dispõe certas condições da realidade para que o aluno construa seu conhecimento (VASCONCELLOS, 2000, p. 63).

É indispensável, refletir a forma como são desenvolvidos os conteúdos curriculares, pois, existem situações, em que esses são apenas relatados como informações, sem relação e contextualização com a realidade na qual o aluno está inserido, e de certa forma, como imposição de um modelo pedagógico antidemocrático e excludente dos sujeitos desse processo. Situações como essas, se evidenciam quando o professor, mistifica a realidade, e mascara as contradições e os conflitos existentes nela, e dificulta a capacidade de análise crítica do aluno, pois, as idéias do professor, normalmente tem influência nas interpretações dos alunos.

Não cabe aqui, condenar o direito do professor usar a razão, pelo contrário, pois ele a mobiliza o tempo inteiro, o que não pode acontecer, é ele confundir racionalidade com racionalização. De acordo com Morin (2003, p. 23) “a verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não pode ser onisciente, que a realidade comporta mistérios”.

Realidade que me faz questionar, os nossos valores como pessoa, já que eles se manifestam em nossas ações de vida cotidiana, e, uma escola voltada para a vida, argumenta, Leite (2006, p.35) “implica objetivos e conteúdos relevantes, tornando-se como referência o exercício da cidadania, o que aumenta a chance de se estabelecerem vínculos afetivos entre o sujeito e os objetos”.

Percebe-se a relevância da afetividade na formação pessoal e profissional docente, como elemento propiciador de relações mais saudáveis, prazerosas e produtivas entre os sujeitos, pois, a afetividade contribui para melhorar a auto-estima e, conseqüentemente, intervir no processo ensino-aprendizagem, tornando-o mais produtivo e prazeroso.

É com esta convicção, que desenvolverei os próximos capítulos, tratando da afetividade presente no espaço da sala de aula, como elemento integrador dos sujeitos e do processo ensino-aprendizagem e, sua importância na formação pessoal e profissional docente, e seu significado nesse trabalho, o qual, se realiza em um contexto humano e social, da sala de aula.

A questão será apresentada a partir da análise dos relatos dos três professores entrevistados bem como, de minhas interferências diretas sobre a questão e, ao mesmo tempo, fazendo o contraponto com as referências teóricas que dão

sustentação a este texto, e comparadas com minhas interpretações e análise em torno do estudo.

Portanto, o próximo capítulo, intitulado, “Afetividade e transformação docente”, reflete sobre a afetividade na formação pessoal e profissional docente, como elemento importante para a formação do professor e do processo ensino-aprendizagem, considerando que ele se realiza na interação entre pessoas.

CAPÍTULO 2 - AFETIVIDADE E (TRANS) FORMAÇÃO DOCENTE.

Há um fazer-se da categoria como sujeito social, político, cultural e também pedagógico. Os professores vêm se fazendo, formando na história de que participam e que eles também fazem acontecer.

MIGUEL

ARROYO

O aprendizado sobre emoções, sentimentos e afetos inicia a partir da vida intrauterina de uma pessoa e se estende por toda a sua existência, ainda que o negligenciemos. Sobre isso afirma Brandão (2005, p. 67) “Somos seres autopoieticos destinados a uma contínua construção de nós mesmos, a todo instante e de várias maneiras convergentes”.

Estou convencida de que, as escolas deveriam ser centros em que a afetividade fosse motivada e ensinada, assim como os outros conteúdos curriculares, para que os membros da comunidade escolar possam desenvolver e organizar seus valores e pensamentos, pautados em princípios éticos, solidários, responsáveis e respeitosos, pois, a afetividade faz parte do ser humano e pode ser recuperada, aprendida, ensinada, retrabalhada, motivada internamente e incentivada externamente.

Esses valores podem ser desenvolvidos socialmente nas relações entre comunidades, para recuperar ou retrabalhar laços de afetividade perdidos pela dureza e contingências das relações sociais vivenciadas pelos sujeitos. A respeito dos valores que podem ser trabalhados na produção do conhecimento, por meio dos conteúdos escolares, desenvolvidos na escola, observe o que diz o autor nesta afirmação:

todo conhecimento é humano, poderá e deverá ser útil, imprescindível. Poderá desenvolver a consciência crítica e a lógica, o raciocínio e a sensibilidade, a memória e a emoção, a estética ou a ética. Dependerá do nosso trato pedagógico. Esta arte de explorar as potencialidades pedagógicas de todo conhecimento, sentimento ou emoção é o que nos diferencia de outros profissionais desses mesmos conhecimentos e arte (ARROYO, 2000, p. 215).

É importante, que as escolas trabalhem a educação dos sentidos além do desenvolvimento da razão, o que implica na formação de um novo professor, dotado de condições e qualidades fundamentais ao exercício de sua função, entre elas, a habilidade de se relacionar afetivamente, pois, as orientações dadas pelo professor apresentam aspectos afetivos que lhe dão um efeito original e pessoal, variando, entretanto, em cada uma das pessoas que as recebe, a partir de suas particularidades, entre elas a afetividade que é bem ampla, e refere-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressões mais complexas e humanas.

O presente capítulo procura destacar a importância do afeto no processo educativo, como oportunidade de construção da formação humana, nesta perspectiva, busca encontrar pistas que mostrem o professor por ele mesmo, partindo do que ele pensa sobre si e, assim, compreender o que faz, como lida com a afetividade em seu trabalho pedagógico de sala de aula e, de que forma ela marca sua vida pessoal e profissional, e, como ele manifesta seu afeto em relação aos alunos e a si mesmo.

Esta análise é feita a partir de um olhar interpretativo crítico nos relatos dos professores entrevistados e nas políticas de formação docente adotadas neste país, apontando as lacunas sobre a formação da subjetividade e, em especial, da afetividade do professor. Tomo como base, a análise das entrevistas com três professores, intercalando suas respostas com as referências dos autores que sustentam teoricamente este estudo.

Como mencionei anteriormente, sou parte integrante do contexto desta pesquisa, e, por isso, considere importante, me colocar também na condição de sujeito, ao fazer referências diretas a minha formação pessoal e profissional, mesmo reconhecendo o quanto será difícil manter distanciamento ao fazer esta análise de forma crítica, porém, esse é um risco que assumo com minha Orientadora, além da responsabilidade em fazê-lo de forma ética.

Nesta perspectiva, a afetividade contribui para realizar o processo transformador de minhas práticas educativas, em direção a sua melhoria, considerando que:

Sou de uma família agradavelmente amorosa, meus pais são simples, sem escolaridade formalizada, porém, muito conscientes da importância da educação em nossa vida. Eles se amavam, e nos tratavam com o mesmo amor, fomos educados com muito afeto e cumplicidade que prevalecem até hoje entre nós. Além disso, temos muita influência da religiosidade que prega valores como de bondade, honestidade, solidariedade e amor. Particularmente, eu fui a que mais recebeu essa influência, pois passei longos anos, de minha adolescência e juventude, envolvida nos movimentos da igreja, cheguei até a ser interna em colégio religioso, essa interferência marcou profundamente minha vida. Foi assim que fui me formando como pessoa, e, essa formação foi fortalecida pela formação profissional em Pedagogia, na qual estudei muito Filosofia da Educação, e busquei aprofundar questões sobre o ser humano, seus valores e a educação como processo de humanização. Questões que valorizo cada dia mais em minha existência pessoal e profissional (A AUTORA, 2007).

Esse relato evidencia também, que a nossa formação pessoal poderá influenciar às nossas escolhas profissionais e, enriquecer ou empobrecer o nosso trabalho. Além disso, ele demonstra também, que foram os valores da Igreja católica que influenciaram minha formação, do contrário, talvez eu agisse diferente como professora, contradizendo meu discurso. Fortalecendo essa idéia, defende Freire (2004, p.186) “É preciso haver uma indispensável coerência entre o que se diz e o que se faz – o meu discurso não pode diferenciar-se do meu gesto”.

Realidade que demonstra o quanto o professor precisa ser coerente entre seu discurso e sua prática, tendo em vista que suas ações cognitivas e racionais, podem trazer influências afetivas para a vida do aluno, pois, assim como uma situação

afetiva pode nos levar a raciocinar, uma situação de aprendizagem também pode nos emocionar profundamente, transformando-nos como pessoas e, profissionais. Isso está representado no relato da professora Roseane ao falar de como sua formação e experiência no magistério, mudou sua forma de viver como pessoa:

antes eu era uma pessoa muito egoísta, intransigente, e arrogante; eu pisava nos outros, com a maior facilidade, não tinha dó. Agora isso mudou! Não vou te dizer, que eu consegui tirar isso tudo de mim, mas posso dizer que tenho mudado muito, muito, muito. Sinceramente, eu mudei por causa do meu trabalho como professora! Antes de ter feito Economia, eu deveria ter feito Pedagogia! Para mim, o magistério representa mudança, melhoria de vida como pessoa, como ser humano; para mim o magistério foi muito bom mesmo.

O relato da professora, demonstra humildade ao admitir que era arrogante, e expressa o valor que tem a educação no processo de transformação de práticas autoritárias e racionais, em práticas democráticas e mais afetivas, que transforma pessoas arrogantes em pessoas mais humildes, gente agressiva em gente mais sensível, professor mandonista em professor democrático.

O professor trabalha com seres humanos e com conhecimentos, por isso ele precisa estar preparado para compreender o ser humano, o qual, apresenta características próprias que condicionam a ação do professor e, trazem interferências significativas para o desenvolvimento de seu trabalho, pois, a sua ação é coletiva, já que ele trabalha com a diversidade. Isso demonstra, ser importante que o professor e os demais profissionais que atuam na escola, tenham estados emocionais positivos, que despertem nos alunos o gosto pela vida e a capacidade de lutar por seus objetivos de forma ética e afetiva.

Para Nóvoa (1995, p.36) “a profissão docente encontra-se num processo de redefinição e de diversificação das suas funções no seio das escolas”. Neste sentido, é bom que o professor esteja preparado para exercer essas diferentes funções, sem perder a consciência de que seu lugar é o de professor, tendo em vista que, na docência, professores e alunos ocupam lugares diferentes, não somente em relação ao espaço físico distribuído nas salas de aulas, mas também, em relação a seus papéis sociais nessa relação, o que não quer dizer que exista superioridade do professor sobre o aluno, mas sim, que existe uma questão de hierarquia acadêmica.

Funções essas, que vão, além de ser responsável pela formação intelectual e profissional do aluno, o professor tem responsabilidade pela formação de valores humanos e de posturas éticas. Ou seja, na condição de professor ele precisará ter uma formação que lhe confira estes saberes, questão que nem sempre está colocada

em nossos cursos de formação profissional, sendo na maioria, responsabilidade pessoal e profissional de cada educador, descobrir os espaços que lhe propiciam estes saberes formativos, como pode ser observado, no relato da professora Ivanilde, ao falar de sua formação acadêmica:

sou formada em Licenciatura Plena em Filosofia, esse curso nos proporciona uma cosmovisão sobre a sociedade, a educação, o ser humano e os valores. Também tenho formação específica na educação através do Mestrado e Doutorado. Todos esses cursos me ajudaram a melhor compreender o mundo, o homem, e a educação, contudo, eu precisei descobrir as brechas para ampliar minha formação sobre afetividade, subjetividade e compreensão do valor da educação. Questões, que, em parte, dependem da formação recebida na academia, mas, fundamentalmente, de sua formação e compromisso pessoal, pois, o magistério lhe orienta, lhe indica caminhos, porém é você quem faz a sua opção pela mudança, ou em permanecer como está, coisas que só a vida ensina. Todavia, eu penso que, a nossa coerência epistemológica tem que estar representada também, nas nossas atitudes, ou seja, temos que dar exemplo daquilo que pregamos em nossas falas.

O relato demonstra que a professora tem consciência sobre o valor formativo da educação acadêmica, todavia, deixa claro que, as opções feitas pelo professor, dependem muito de sua formação pessoal, pois, é ele quem faz suas escolhas. Evidencia também, que o professor tem necessidade de buscar ampliar sua própria formação e de incluir nela, os elementos que ele considerar importantes, e que no entanto, não estavam representados em sua formação acadêmica.

Sobre esta questão, argumenta Roman (2004, p.296). “Sendo o homem uma totalidade, a docência, independentemente do âmbito em que ocorra, não pode estar desligada da formação do homem, pois, não existe um mero ensinar”. Completando seu pensamento a autora afirma que, também educam os mestres que imaginam prescindir de qualquer posição e julgamento. Mal-educam, mas educam.

A formação docente de qualidade social, não se fundamenta apenas na competência técnica, metodológica e racional, para Manchand (1985, p. 93) “toda pedagogia dessa relação leva, pois, em última análise, a uma formação do mestre que se preocupe, principalmente, com o aspecto da afetividade”.

Assim, poderá atingir as necessidades reais dos professores, tendo-se em vista que, eles são mais do que um cérebro a raciocinar, são possuidores de sentimentos, de emoções e de afetos, os quais devem ser considerados nesta formação, como elementos constitutivos da aprendizagem que se processa coletivamente. Nesta perspectiva salienta Senge (1999) “as mudanças fundamentais sempre estiveram relacionadas com as pessoas, e não com a tecnologia”. Até o momento, o máximo

que a tecnologia da informação fez foi permitir que as pessoas trocassem dados e informações, o que nem sempre é a questão mais importante para o aprendizado.

Tal pensamento, reforça a idéia de que, as universidades não podem se restringir a formar mão-de-obra especializada em determinada profissão, ou para atender uma determinada demanda de mercado, elas devem ser espaços de formação de consciência crítica, de exercício da cidadania, de reflexão e, acima de tudo, de pessoas com capacidade e sensibilidade para perceber o outro ao seu redor, respeitá-lo, e com ele se solidarizar.

Afinal, comenta Brandão (2005, p. 67). “o encontro entre seres humanos é fundado por uma vocação orgânica, biológica, e natural à comunicação, à cooperação e à conexão”. As instituições educativas e as universidades devem ser capazes de ajudar o ser humano a desenvolver-se em diferentes dimensões, incluindo aí, a cognitiva e a afetiva como elementos formadores de sua aprendizagem.

Ao ser questionado e comentar sobre a sua formação acadêmica recebida na UEPA, o professor José Roberto tece comentários a respeito da importância formativa que alguns conteúdos podem proporcionar ao professor, porém, que esses conteúdos não foram trabalhados em sua formação docente, como exemplo, a afetividade:.

sou pedagogo formado pela Universidade do Estado do Pará, e me sinto realizado na profissão, pois, acredito muito na formação que recebi, tive bons e competentes professores, além de afetuosos, entre eles posso fazer referência às professoras, Ivanilde Apoluceno de Oliveira e Albêni Liz Monteiro. Entretanto, eu não me lembro de ter estudado no curso de Pedagogia, no Mestrado e nem agora no Doutorado, nem um conteúdo específico que discutisse a questão da afetividade, isso a gente vai sentindo e aprendendo na prática, na ação dos professores, na forma deles se relacionarem com os alunos, mas eu penso que seria muito interessante estudarmos essas questões.

Identifico no relato do professor, que ele não reclama da formação que recebeu na academia, pois considera ter tido bons professores, todavia, aponta a carência de conteúdos sobre a afetividade, por considerar que seria importante ter esse conhecimento em sua formação. Ele evidencia compreender, que afetividade se aprende vivendo afetos, questão que também está muito clara para mim, ao compreender que, a melhor academia para a afetividade é a própria vivência, porque é nela que se experimenta ou se sente a falta dela.

Essa questão pode ser percebida no seguinte comentário:

as escolas são instituições de um tipo muito particular, que não podem ser pensadas como uma qualquer fábrica ou oficina: a educação não tolera a simplificação do humano (das suas experiências, relações e valores), que a cultura da racionalidade empresarial sempre transporta (NÓVOA, 1995, p. 73).

Torna-se importante que as políticas de formação docente considerem os aspectos da subjetividade e da afetividade deste, pois, ele trabalha na formação de outras pessoas e lida o tempo todo com as emoções, com os sentimentos e com o afeto, tanto os seus, quanto os dos outros, visto que, ao trabalhar os conteúdos de ensino, ele mobiliza uma série de outras habilidades e competências, entre elas, a competência emocional que é fundamental no processo de construção da aprendizagem cognitiva e afetiva das pessoas. Sobre isso afirma, Barros (2006, p.172) “O aluno aprende realmente bem o que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar afinidades”.

Muitos professores, ainda não perceberam a importância de valorizar a afetividade nas relações educativas, ou então não conseguiram fazer isso, em decorrência de vários fatores que vem dificultando sua formação, entre eles pode-se fazer referência às políticas de formação impostas pelos financiadores e adotadas pelas instituições formadoras sem questionamento a respeito dos valores atribuídos às questões da subjetividade dos sujeitos, entre as quais se situa a afetividade.

Ao se referir a sua formação, a professora Ivanilde, esclarece que está feliz com ela, e, tece o seguinte comentário a respeito da necessidade de inclusão da afetividade nos programas de formação de professores:

como Filósofa, Mestre e Doutor em Educação, eu considero, que tenho uma formação acadêmica sólida, porém sempre procuro melhorar, porque tenho consciência de que nunca estaremos formados como professores, dado o princípio de que o conhecimento se renova permanentemente, e de que nós, não temos condições de nos apropriarmos de sua totalidade, bem como, de que, como pessoas somos seres inconclusos. Ainda, os cursos que fiz, não trabalharam como conteúdo específico a questão da afetividade, somente em uma unidade de Filosofia isso foi discutido. Neste sentido, eu penso que nós precisamos descobrir os caminhos que nos levem ao encontro dos conteúdos que sejam significativos, se eles não existem no programa, eu posso introduzi-los, e trabalhá-los com os alunos, a afetividade é um deles, ela pode e deve ser trabalhada em todos os conteúdos e, principalmente vivenciada em nossas relações.

A professora demonstra ter consciência da importância da afetividade ser trabalhada nos programas de formação docente, contudo, deixa claro que o professor tem a responsabilidade de trabalhar esses conteúdos com os alunos. Outro detalhe nesse relato, é que a entrevistada tem certeza, de que a formação docente deve

acontecer como um processo permanente de busca, de superação de limites e de renovação.

Nesse sentido, comungo com suas idéias a respeito da formação docente e, da afetividade, pois, para mim, além de acadêmica ela é uma decisão pessoal, considerando que a formação sobre afetividade extrapola o fazer acadêmico mecânico e racional, estendendo-se as nossas concepções pessoais e políticas sobre educação, sociedade, sobre o ser humano e, essas são questões que exigem um maior envolvimento do professor.

Envolvimento esse que eu considero importante ter, pois,

de todas as minhas experiências formativas, a do magistério é a mais significativa, pois ela é uma formação que não pode ser interrompida sobre nenhum pretexto, nela eu descubro a cada dia que necessito me renovar permanentemente, que meu saber é muito limitado e, que ainda tenho muito a aprender. Todavia, eu não me imobilizo e, vou em busca do que ainda me falta e, entre os grandes erros e os significativos acertos, venho me construindo, me formando profissionalmente e amadurecendo como pessoa. Sinto falta de conteúdos específicos sobre afetividade, em minha formação e no magistério de modo geral, porém, se prestarmos muita atenção e tivermos sensibilidade para isso, perceberemos que existem muitas possibilidades de trabalharmos essa questão, pois, ela não é propriedade de nem uma disciplina em particular, mas é parte integrante de todos aqueles conteúdos que trabalham a formação do ser humano. Neste sentido, a afetividade pode e deve ser trabalhada em todas as disciplinas, melhor dizendo, ela precisa ser vivenciada nas atitudes dos professores (A AUTORA, 2007).

Fica evidente neste relato, que me considero um ser em permanente processo de formação, além disso, tenho consciência de minhas limitações, porém, demonstro estar sempre lutando para superá-las, todavia, lutar não é tarefa fácil, às vezes sinto-me desanimada como qualquer ser humano, por isso, considero necessário, o professor trabalhar a questão da afetividade em sala de aula, coisa que ele pode fazer em qualquer disciplina, todavia, não basta apenas discutir afetividade, sem sentir e sem vivenciá-la em nossas práticas, porque afetividade não se assenta em teorias, elas podem até explicitá-la, porém, ela só será compreendida, na medida que for experimentada em nossa vivência do cotidiano, tendo-se em vista que,

a educação emocional é de fundamental importância na formação do educador para que possa ampliar a clareza de sua missão e possa agir coerente com ela exercitando as habilidades e competências emocionais que lhe dê uma estrutura capaz de comprometer-se e responsabilizar-se pela formação dos seus alunos (SAMPAIO, 2004, p. 67).

A afirmação da autora, nos faz reconhecer a necessidade de compreender a importância do afeto e como ele se manifesta na ação docente e, um dos mecanismos para apropriação desse conhecimento é estudar a formação do

professor, pois, ela é terra fértil para se processar mudanças, as quais, ocorrem principalmente, quando os sujeitos estão conscientes de suas responsabilidades e preparados, ou pelo menos, preparando-se para acompanhar as mudanças, o que implica na formação permanente dos professores, como possibilidade de formar esse novo profissional.

Ainda em relação à formação docente, a professora Roseane, comenta o que pensa a respeito de sua formação, bem como, das influências que recebeu de alguns professores que marcaram significativamente sua decisão de ser professora.

como aluna de Pedagogia, eu criei um vínculo muito grande com a professora Betânia Fidalgo, que é uma professora que tem assim, um sentido muito político no trabalho dela, ela é muito envolvida, eu comecei a participar de projetos por aqui ao redor de Belém, participei de dois, assim, comecei a ter uma admiração pela profissão, por que até então eu imaginava que professor é uma profissão, como se fosse uma sub profissão. Depois é que eu comecei a valorizar e resolvi terminar o curso, e quando terminei o curso, logo depois fiz uma Especialização na área também e, disse, vou tentar ficar na profissão e me apareceu a primeira oportunidade, foi pra trabalhar em nível superior. Hoje sou realizada na profissão.

O relato da professora, deixa transparecer que seu ingresso no magistério não foi uma opção profissional, foi uma consequência das contingências da vida, pois, assim como muitos, ela considerava a profissão de professor uma “sub profissão”, como se fosse algo sem importância, todavia, a interferência positiva de uma professora que demonstrava envolvimento com o trabalho, contribuíram para sua permanência no curso e depois o ingresso na profissão.

Tal referência, comprova que o bom professor exerce papel de destaque entre os alunos, podendo até, ajudá-los em suas escolhas profissionais e pessoais, dependendo da relação que estabelece com eles. Sobre isso argumenta Rios (2005, p.137) “A melhor qualidade do professor, revela-se, na sensibilidade do gesto docente, na orientação de sua ação para trazer o prazer e a alegria ao contexto de seu trabalho e da relação com seus alunos”.

Mediante ao exposto, é fundamental que o professor tenha humildade para admitir que necessita aprender sempre mais, bem como, que seu saber tem limites, e que o conhecimento está em constante processo de reformulação e de construção de novos significados, afinal, ele trabalha com a produção do conhecimento, o que o obriga a estar permanentemente atualizado, situação que exige de imediato, que ele tenha consciência de que sua formação necessita ser construída, ampliada e atualizada sempre, considerando que,

quanto mais seriamente você está comprometido com a busca da transformação, mais rigoroso você deve ser, mais tem que buscar o conhecimento, mais você tem que estimular os estudantes a se prepararem científica e tecnicamente para a sociedade real na qual eles vivem (FREIRE, 1996, p. 9).

Creio ser importante refletir a respeito das atuais políticas de formação docente e sob que condição esta se dá, pois, temos nos defrontado com a implantação de parâmetros curriculares nacionais, de programas de “treinamento” de professores à distância, de intervenções por meio de avaliações e outros controles propostos pela área governamental. Temos constatado em todas essas ações a exclusão da participação dos professores que, no entanto, têm sido sempre culpabilizados pela baixa qualidade da nossa educação, como se o professor tivesse poderes de provocar ou resolver todos os problemas.

Ao escamotear condições aviltantes de salário e de trabalho do professorado, a lógica das políticas vêm adotando medidas simplistas para o desenvolvimento profissional de professores, situando-os fora das decisões, das reestruturações curriculares, do repensar da escola, concebendo-os como meros executores de propostas e idéias gestadas por outros, negligenciando a questão das identidades, dos sentimentos, da ética e do afeto, como se o professor fosse desprovido de tais dimensões, porém, esta é uma forma distorcida de ver seu papel, tendo em vista que este, antes de ser profissional, é uma pessoa e como tal, precisa ser visto.

Não menos simplista tem sido a formação docente inicial dos cursos de licenciaturas em muitas instituições formadoras, as quais adotam as exigências dos órgãos financiadores que priorizam a quantidade em detrimento da qualidade na formação, como se percebe nos cursos promovidos por essas instituições, entre as quais, podemos citar: a Universidade do Estado do Pará e a Universidade Federal do Pará, as quais, vêm, há algum tempo adotando esta política no Estado, por meio de convênios com prefeituras, e de programas de interiorização da própria instituição, como exemplo o meu Curso de graduação em Pedagogia, pois,

minha formação aconteceu nesses programas de formação aligeirada e de pacotes institucionais e governamentais que investem na diplomação, sem preocupação com a formação. Nasci na zona rural sem acesso a escolas, quando vim para a cidade, eu estava na situação de distorção entre idade e série, por isso cursei o Supletivo do Ensino Fundamental, deixando de conhecer metade dos conteúdos que deveria conhecer. Ingressei no Magistério do Sistema Modular de Ensino, no qual concentram as disciplinas em um mês, ao até semanas, priorizando assim, as questões objetivas e, negligenciando as subjetivas, pois tudo é determinado pelo fator tempo escolar. Como conseqüência do isolamento geográfico e abandono social, por muito tempo a população do interior do Estado não tinha acesso

ao nível superior, isso foi em parte resolvido no Marajó, com a implantação do projeto de Interiorização da Universidade Federal do Pará, lá eu cursei Pedagogia, também no sistema modular, trocando o merecido descanso de férias, por um pacote de aulas no decorrer do dia e trabalhos a noite e fins de semana. É claro que tivemos professores maravilhosos, tanto a nível intelectual e pedagógico, quanto de relacionamento humano, todavia, passaram por nós, verdadeiros engodos, que aproveitavam as férias para ganhar algum dinheiro, sem o menor comprometimento com o trabalho, além de serem vergonhosamente preconceituosos em relação aos alunos do interior, alguns faziam questão de deixar claro esse preconceito em suas atitudes de deboches com colegas, graças a Deus, comigo isso nunca aconteceu, pois sempre tive autonomia acadêmica e me fiz respeitar como pessoa e como profissional e acadêmica que tinha sede de saber (A AUTORA, 2007).

Esse depoimento, evidencia o desabafo de alguém que viveu de fato essa experiência, demonstra certa insatisfação com a formação recebida e admite uma realidade que muitos tentam esconder: que a formação que receberam deixaram profundas lacunas, além de sentirem o peso do preconceito e da discriminação.

Todavia, não estou negando a obrigação das Universidades, a respeito da universalização do conhecimento e nem o direito de acesso e permanência com sucesso a que a população do interior deve ter garantido à educação superior, afinal, essas Universidades são do Estado e não de Belém. Questiono, contudo, os critérios adotados na celebração dos convênios, as políticas de implantação dessas turmas, e quais as condições em que esta formação se dá? qual o compromisso dos professores que trabalham nesses cursos?. Afinal, ele é responsável pela socialização e reflexão desses conteúdos e de forma direta, pela relação entre as pessoas.

Esses cursos atendem, na maioria, professores do ensino fundamental e médio, o que exige maior atenção em relação à formação continuada desses professores, os quais, iniciam a etapa, cansados do ano letivo e, reiniciam as atividades letivas cansados, da Universidade. Assim, questiono: que esperança alimenta os docentes no trabalho e no estudo, se alguns de seus professores não os tratarem como sujeitos?. Essa formação que serve mais para atender o mercado, do que as necessidades educacionais, humanas, e sociais, pode ser percebida neste comentário:

a exigência de novos papéis para o professor, de novas práticas de formação de professores e de uma nova escola, encontram-se e interrelacionam-se no discurso de modernização do Estado para produzir um tipo de homem que possa contribuir para (servir) os avanços de uma sociedade tecnológica que, cada vez mais, passa a exigir modelos de ensino que valorizem o pensamento crítico e reflexivo, e, que também produza cidadãos autônomos, independentes, decididos e que saibam resolver problemas, requisitos considerados fundamentais pela lógica

produtiva e que vêm afetando o trabalho do professor quando este se depara entre outros aspectos, com a sua frágil formação recebida (NUNES, 2004, p. 13).

Contrariamente a esta realidade, muitos estudos e pesquisas acadêmicas e institucionais sobre a formação docente vêm, há tempo, defendendo a participação dos professores que fazem a educação acontecer nas escolas, na definição e implementação de políticas educacionais e de melhoria do ensino e do desenvolvimento da ciência, tendo em vista, que são eles os responsáveis primeiros pela efetivação do processo ensino-aprendizagem que se efetiva nas salas de aulas.

Como prova de que essa participação é possível, posso citar um projeto pequeno em relação a sua abrangência espacial, porém, grandioso, se pensarmos em sua importância social, que é NEP - Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, da Universidade do Estado do Pará, atualmente coordenado pela professora Ivanilde Apoluceno, para quem este projeto representa:

a consolidação de um projeto coletivo e também pessoal. Quando iniciaram o trabalho, contavam apenas com a alfabetização de um grupo de adultos na Vila na Barca, hoje este projeto cresceu, ganhou notoriedade e respeito público, já está consolidado como um projeto sério de inclusão social através da educação. Eu acredito neste trabalho e me envolvo profissional, pessoal e afetivamente com ele, porque o vejo como um instrumento de educação humanizante e profundamente afetivo, porque nele, existem laços de afetividade que mantém as pessoas ligadas a ele. Nós trabalhamos com a formação permanente dos educadores que são os multiplicadores do projeto na comunidade, porque, os nossos educadores têm visão e princípios de educação popular, inclusiva e afetiva, pois, compreendemos que é necessário cativar o aluno para que ele sinta confiança em nós e em nosso trabalho, bem como em si mesmo, ou seja, o NEP busca realizar o resgate da auto-estima das pessoas e, fazê-las se sentirem sujeitos de sua história.

O relato da entrevistada, mostra que é possível os professores serem autores e atores desse processo educativo e pedagógico, o qual se efetiva na relação de troca entre os sujeitos desse processo, não como meros executores, mas como profissionais reflexivos de seus saberes e de seu fazer. Professores pesquisadores e pessoas com sentimentos, emoções e afeto, considerando que, para desenvolver habilidades cognitivas, sociais e, afetivas é necessário que estas sejam trabalhadas.

O relato da professora, sustenta essa necessidade e respalda a atuação do professor como trabalhador social engajado nas lutas de seu tempo. Por isso, acredito que a formação do professor não se resume apenas a cursos de “treinamento” ou “reciclagem”, como se ele fosse operário que precisa de treinos para repetir mecanicamente a mesma atividade, com os alunos, isso não responde sua finalidade.

A formação do professor, exige outros saberes fundamentais e competências necessárias ao exercício docente, tendo-se em vista que, o magistério é uma profissão importante no contexto social e por isso, necessita de uma formação ampliada, consistente, competente e, diversificada, assim como sugere Gauthier (1998, p. 21) “O saber do magistério, não se resume apenas ao conhecimento da matéria que ensina”. A respeito da concepção de saberes e de competências docentes, posso afirmar:

eu sempre quis ser uma boa professora, queria ser igual a muitos que tive e, bem diferente de outros tantos que também conheci. Penso, que para ser um bom professor, não significa ser bom só no domínio intelectual e epistemológico dos saberes disciplinares, mas precisa também, ter conhecimentos pedagógicos, experienciais e, principalmente, os conhecimentos e saberes a respeito do ser humano, porque todo o nosso saber, a nossa aprendizagem, a nossa formação, se constitui nesses dois pilares: formação profissional e a formação pessoal, uma vez que elas são indissociáveis, considerando que o ser humano é uma unicidade (A AUTORA, 2007).

Este relato, demonstra ser importante que o professor esteja motivado por sua profissão, e que é necessário analisar a formação do professor a partir da formação inicial desenvolvida na graduação onde se aprende elementos fundamentais para o exercício da docência, porém, deixam profundas lacunas que precisam ser preenchidas ao longo da profissionalização, a partir da vontade individual e coletiva do professor, das condições epistemológicas, metodológicas e políticas filosóficas, ofertadas pelas instituições formadoras, entre outros tantos fatores que interferem e influenciam essa formação, como evidenciei no relato anterior, ao expressar o desejo de ser uma boa professora, sem entretanto dizer, que me considero como tal, afinal:

o conhecimento profissional do professor não é apenas o desenvolvimento pedagógico, o conhecimento e compreensão de si mesmo, o desenvolvimento cognitivo ou teórico, ou tudo isso ao mesmo tempo delimitado ou incrementado por uma situação profissional que impede ou permite o desenvolvimento de uma carreira docente (IMBERNÓN, 2005. p. 46).

A afirmação vem contradizer a lógica da racionalidade moderna impregnada nas práticas pedagógicas, tradicional e tecnicista, que priorizam a racionalidade técnica, em detrimento da competência emocional, induzindo o ser humano a voltar-se para a racionalidade crítica, técnica, a praticidade, a operacionalização de tarefas e a memorização, como se o ser humano fosse apenas razão e desprovido de sensibilidade e de afetividade.

Nessa perspectiva, considero que a formação dos profissionais da educação é de ordem política, filosófica, econômica, cultural e histórica, além de pedagógica,

pois, todos esses aspectos a influenciam a partir de princípios e interesses econômicos do mercado internacional, que por sua vez, é regulado por um sistema de controle das relações entre saber e poder, influenciando dessa maneira, as políticas de formação docente e os próprios docentes.

Sendo histórica, a formação do profissional docente emerge em contextos e momentos históricos e sociais diferentes, e vêm se transformando ao longo do tempo, mediante as mudanças dos próprios sujeitos e, conseqüentemente, diante das novas exigências das relações em constituição, as quais, todos estão permanentemente expostos e obrigados a acompanhar, o que em outras palavras significa, se transformar a partir da formação que recebe.

A respeito da necessidade de uma boa formação e mudança permanente, a professora Roseane, comenta em sua entrevista:

eu gosto do trabalho na UEPA, não só da UEPA, mas da outra universidade na qual eu trabalho, também gosto muito. Ganho pouco, no entanto, vejo como professora que eu ajudo muito aos alunos, isso me fez mudar a posição profissional, mas também como pessoa, pois acredito que estou contribuindo para a formação dos jovens. Entretanto, uma coisa que me chateia na universidade, é a desunião, o comodismo em relação á mudança, tem professor que não quer participar nem do planejamento, que não se prepara para seu trabalho. Penso que, se você é professor, você tem que estar contribuindo, preparado para a mudança, tem que ter disposição, é uma questão de compromisso. Outra coisa que me chateia, é que, apesar das dificuldades, tem professor que se esforça para fazer bem o seu trabalho, como considero que eu faça, e têm colegas que só atrapalham.

O comentário apresenta dados significativos para análise da situação, primeiro: ela diz gostar de ser professora, isso é importante para o exercício da profissão, pois, creio que seja em função desse gosto pelo magistério, que ela diz ajudar a construir a formação dos jovens. Porém, ela denuncia os conflitos de interesses e o comodismo de muitos colegas de profissão, que resistem à mudança, seja porque têm medo dela, ou porque se sentem confortáveis como estão. Ela reclama também, daqueles que se descuidam do trabalho, chegando até, a atrapalhar os que investem na profissão e na possibilidade de mudança, como ela acredita que seja o seu caso.

Sobre essa ótica, o professor tem um importante papel a desempenhar na apropriação, produção, socialização e gerenciamento de conhecimentos na sala de aula, considerando essa realidade, é importante, que haja mais investimento na formação docente e, maior valorização dos educadores, sejam eles docentes ou não, pois, ambos desenvolvem trabalho pedagógico e social, de significativa importância

no processo de produção do conhecimento sistematizado, como instrumento para a reflexão de suas práticas e organização de uma sociedade melhor para se viver.

É salutar que os professores, passem a assumir uma postura de abertura diante do mundo, além de serem preparados, formados e orientados para terem autonomia, capacidade crítica de formular seus juízos de valor, capacidade de tomar decisões, de conduzir seus destinos, pois, hoje mais do nunca discute, Zorzo (2004, p. 34) “a educação acerca-se do seu princípio fundamental: o desenvolvimento total dos seres humanos: espírito, corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade social e pessoal e espiritualidade”.

É com essa intencionalidade, que deve ser trabalhada a formação do professor, pois, ele trabalha a formação de outros seres humanos. Formação essa, necessária diante das constantes exigências do mercado de trabalho, as quais, vêm abalando a estrutura emocional do professor, o qual se sente inseguro diante delas, podendo até perder a identificação com a docência, o que afetaria sua atuação profissional e sua vida pessoal. Todavia, pode-se ainda lutar contra essa situação, pois, na condição de educadores, temos e teremos a obrigação de transformar esta realidade em algo melhor, considerando, que não somos meros transmissores de conteúdos.

A respeito dessa obrigação de mudar a realidade, a professora Ivanilde, comenta:

eu penso que, como educadores que somos, temos a obrigação de ajudar na transformação da sociedade, por meio da transformação das pessoas, porque são as pessoas que constroem e, portanto, podem mudar a sociedade. Creio que a educação seja um dos caminhos capazes de ajudar nesta transformação, é claro que tenho consciência de que ela por si só, não mudará a sociedade, mas creio que ela tem grandes contribuições a dar. Neste sentido, o professor é o seu principal agente de transformação, por isso, ele tem um papel social muito importante a desempenhar e, não deverá omitir-se do papel de ajudar a construir uma sociedade mais pensante criticamente, mais ética politicamente e, afetivamente mais humana. Condições que considero indispensáveis no processo transformador.

O relato da entrevista, demonstra consciência da importância da educação como instrumento de transformação e, fortalece a compreensão a respeito do papel do professor como elemento determinante nesse processo de transformação social, pois, ela o considera, capaz de organizar uma sociedade, pensante, ética, afetiva e, além disso, ser seu agente transformador. Sobre isso, eu poderia questionar, em que sentido a professora acredita estar contribuindo para essa transformação?.

Assim, a responsabilidade do docente, vai além das tarefas de ensino-aprendizagem de conteúdos, ela perpassa pela nossa missão de formar pessoas que cultivem os afetos, permitindo descobrir-nos como seres humanos mais éticos, felizes, afetivos e capazes de realizar uma educação que nos faça amar e ser amados, ensinar e aprender, perdoar e ser perdoado, e principalmente, a praticar permanentemente a educação que se propõe a realizar o processo de humanização, de sujeitos autônomos, livres, conscientes de si, do outro e do mundo.

Todavia, ainda falta muito para que as escolas e os educadores cheguem a esse estágio de maturidade profissional e, de equilíbrio emocional, isso se dá por diferentes fatores, entre elas, pode-se fazer referência, as posturas quase sempre autoritárias, de muitos professores que se sentem os donos da verdade e assumem papel de infalíveis, o que propicia um certo distanciamento do aluno e quebra a magia da relação pedagógica que, em tese deve existir entre aluno e professor.

A esse respeito, apontam Tardif e Lessard (2005, p. 67) “é importante o professor ter claro que se pode manter, fisicamente alunos dentro das salas de aula, mas não se pode obrigá-los a aprender, porque o aprendizado necessita de sua colaboração e participação”.

Indubitavelmente o professor é o agente coordenador do processo educativo desenvolvido na sala de aula, por isso, é de suma importância que ele tenha uma formação adequada a função que exerce e a responsabilidade que carrega sua função, formar profissionais e pessoas.

Todavia, o professor só poderá ser este líder motivador, se ele também se sentir motivado, identificado com seu trabalho, tanto em nível pessoal, quanto profissional, porque sua ação educativa depende fundamentalmente de sua formação profissional, no sentido de domínio dos saberes e das competências necessários ao desempenho de seu trabalho, bem como de sua formação pessoal, de seu estado emocional, de sua capacidade de discernimento, da compreensão da importância que tem seu trabalho na formação das pessoas e portanto, da sociedade. Sobre isso, argumenta Freire (2004, p.141):

uma das coisas que devemos fazer é não esperar que a sociedade se transforme. Se esperarmos, ela não se transforma; temos de fazer, e é nos metendo dentro do processo, na própria intimidade do processo em movimento, que descobrimos os caminhos e vamos desmontando coisas que se opõem à mudança.

Freire nos leva a pensar que a luta pela transformação da sociedade, será possível, na medida em que nós mesmos formos realizá-la, pois, ela acontece como uma conquista, para isso, podemos usar a educação como instrumento capaz de favorecer o processo transformador. Comungo com sua idéia, porque tenho consciência da força da educação nesta transformação e, se penso assim, é porque estou fundamentada, tanto nas teorias que tenho estudado no decorrer de minha formação acadêmica como professora, bem como, em minhas experiências como trabalhadora social, a qual sempre foi pautada por essa consciência de construção de cidadania e de liberdade.

e é também, amparada pelas minhas experiências profissionais e educativas vivenciadas em espaços educativos escolares, bem como, pelo meu envolvimento pessoal como educadora nos movimentos sociais, em ambientes educativos não escolares. Naqueles espaços que também e fundamentalmente se educa, se constrói consciência coletiva de cidadania planetária e, se sonha com uma sociedade melhor para se viver. Todavia, não basta apenas sonhar, é preciso fazer algo para provocar a realização deste sonho e, portanto, de provocar a mudança com a qual se sonha, porque mudar, exige engajamento dos sujeitos nesta transformação. Porém, não se transforma a realidade como em um passe de mágica, só se transforma a realidade lutando, coisa que tenho feito ao longo de minha vida profissional e pessoal, pois assumo este compromisso com a transformação, como profissional e pessoa (A AUTORA, 2007).

Fiz questão de relatar esse sonho e esta experiência, não como auto-elogio, mas como forma de reforçar o que venho defendendo neste trabalho, que a atuação do professor é determinante no processo da construção de práticas democráticas, afetivas e humanizantes, questões que procuro trabalhar em minhas práticas, em qualquer ambiente onde eu esteja atuando, por outro lado, essas idéias se assemelham as da professora Ivanilde, em relação ao papel da educação e do professor, nesse processo transformador, no qual o professor tende a envolver-se profissional e afetivamente, como vemos na afirmação a seguir:

e para que possa transmitir afeto é preciso que sinta afeto. Ninguém dá o que não tem. O copo transborda quando está cheio; o mestre tem de transmitir afeto, cumplicidade, participação no sucesso, na conquista de seu educando; o mestre tem de ser o referencial, o líder, o inventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, em seus projetos (CHALITA, 2001, p. 164).

Com essa idéia, o professor José Roberto, comenta o que pensa a respeito de seu trabalho como professor e, de como acredita agir afetivamente com seus alunos, no sentido de ajudá-los em suas dificuldades e a realizarem seus sonhos.

eu sei que não costumo parecer romântico, porque tem muitos alunos que pensam que professor homem é mais rigoroso, porém nem sempre isso é verdadeiro. Eu me considero um professor sério no que diz respeito a organização do trabalho, ao domínio de conteúdo, aos critérios de

avaliação, sem tornar-me alguém sem afetividade. Eu consigo me relacionar bem com os alunos e reconheço que isso é importante também para eles, principalmente, no sentido de motivá-los na superação de suas dificuldades. Nesse sentido, eu tenho até muita paciência em explicar o que eles ainda não entenderam, principalmente, que trabalho com a informática educativa no último ano e, muitos adultos têm dificuldades na aquisição desses conhecimentos, por isso precisam ser orientados com muita calma.

O comentário do professor evidencia algumas questões que precisam ser refletidas, a primeira é o que diz respeito a idéia de romantismo, que coincide com a de muitas pessoas, a respeito do trabalho docente, de que afetividade, romantismo, carinho e paciência, são coisas do gênero feminino, como se todo homem tivesse que ser apenas prático e não demonstrar afetividade, para não parecer frágil. Porém, o professor demonstra ter clareza sobre a questão e se coloca na posição de um professor, paciente, afetivo e preocupado, tanto com a construção do conhecimento sistematizado, bem como, com as conquistas e bem estar emocional dos alunos. Isso evidencia, que ele se preocupa e se envolve afetivamente com seus alunos, pois, ele acredita que isso traga benefícios para o processo ensino-aprendizagem.

Ao refletir sobre o exposto, percebo que existe necessidade de introduzir nos programas de formação docente, aspectos do conhecimento a respeito do ser humano e, portanto, da afetividade, dos sentimentos e das emoções, e não apenas os saberes cognitivos e racionais, neste sentido, afirma Manchand (1985, p. 20) “os educadores têm necessidade de cuidarem de sua vida mental, já que sua afetividade se acha mais ou menos alterada pelo seu ofício”.

Todavia, as políticas de formação docente, pouco têm priorizado estes aspectos na formação, ao dar prioridade a lógica cartesiana e racionalista que desconsidera a dimensão afetiva como elemento fundamental na formação do professor, na construção de sua identidade e na efetivação do processo ensino-aprendizagem. Entretanto, na escola perdemos muito tempo ensinando conteúdos que serão logo esquecidos, e não damos muita importância aos processos em que esse ensino se dá, nem tão pouco, qual a importância desses conteúdos na formação dos sujeitos desse processo educativo.

Sobre a questão de conteúdos significativos, a professora Ivanilde, faz o seguinte comentário:

as instituições que formam professores, perdem muito tempo trabalhando conteúdos sem muito valor formativo, quando na verdade, poderiam ressignificar os conteúdos que são trabalhados nessa formação, para que o professor saísse da academia com capacidade técnica, intelectual, epistemológica e, principalmente, ética e humana. Afinal, ele está se

formando para intervir na formação de outras pessoas, por isso, é importante que ele possua uma formação que tenha sentido e significação social, afetivo e, além disso, profundamente humano.

A professora acredita, que existem alguns conteúdos sem grande importância formativa para o professor, neste sentido, ela demonstra descontentamento, em relação à forma e os objetivos com que são trabalhados os conteúdos, os quais, deveriam ser mais significativos para a formação e a prática docente, todavia, ela não explicou, que conteúdos são esses, apesar de ressaltar a importância de conteúdos que tratem do ser humano, considerando, que o professor necessitará de saberes e de conhecimentos que lhe ajudem a compreender melhor o ser humano, as finalidades da educação e o processo transformador.

Portanto, é de suma importância, que o professor tenha uma formação que o contemple em sua particularidade, em sua totalidade, em sua humanidade, despertando nele, a sua afetividade, dando-lhe condições para saber lidar com as mais diferentes situações em sala de aula e na vida de modo geral, pois,

o que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, de insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando coragem (FREIRE, 2006, p. 45).

Para que esta realidade se concretize em nossas ações educativas e sociais, é fundamental que se trabalhe as emoções, os sentimentos e o afeto de forma permanente em todas as nossas ações, tendo-se em vista que, antes de sermos profissionais, somos pessoas dotadas de razão, de afeto e de sentimentos, os quais precisam ser percebidos na formação do professor, porque ele é uma pessoa dotada de muitas dimensões e portanto, deve ser visto por inteiro, de corpo e alma, como faço questão de me colocar na educação:

Como eu gosto de ser professora, me realizo na profissão, quando eu estou na sala de aula, eu estou com os alunos de corpo e alma, por inteira, por isso, eu penso que nossa formação deve se dar com esse sentido e nesta dimensão, jamais de forma superficial. Posso dizer que a minha opção pelo magistério permeia toda a minha vida, neste sentido, eu procuro fazer dele algo significativo para mim e para os alunos com os quais trabalho: me envolver verdadeiramente com os sujeitos, com o sentido da educação e, com o que ela representa para a sociedade. Tenho consciência de minhas limitações, bem como de que eu ainda tenho muitas inseguranças profissionais, contudo, procuro superá-las com humildade e muito empenho pessoal e, investimento profissional. Isso se dá, porque eu gosto do espaço da sala de aula e das relações que nela se estabelecem, das idéias que se discutem, se constroem, ou se refutam numa atitude de ousadia e, de muita humildade, sentimento necessário também no coletivo, como é o caso da sala de aula (A AUTORA, 2007).

Este relato demonstra uma pessoa realizada, porém, inquieta e consciente de sua incompletude e inseguranças, todavia, apesar de se dizer humilde, aparenta uma certa prepotência ao falar de sua convicção em ser professora.

Neste sentido, é recomendável que os educadores assumam seu compromisso político pedagógico e ajudem a tornar as escolas lugares de democracia, de construção coletiva, de compreensão que a educação se constrói em espaços e relações de solidariedade, de trabalho coletivo, de trocas de idéias, de saberes e de valorização desses diferentes saberes. A questão do ato de ensinar e de aprender, é discutida por Tardif e Lessard (2005, p.71) “Ensinar é confrontar-se com problemas e dilemas éticos que se tornam ainda mais delicados quando se encontram num contexto de relações face a face”.

Como o ser humano é político, ele precisa ser ético, porque pela ética, ele saberá exercer a sua atuação política com coerência e justiça social; do contrário, estará apenas seguindo as regras do mercado capitalista, no qual predomina a lógica do lucro, desconsiderando os valores éticos da humanidade. Assim, sendo a escola lugar polissêmico, ela poderá ser um espaço para o exercício da cidadania, da democracia, da prática política, da liberdade de expressão, de sentimentos, de idéias, de ética e, de afetos, frutos do amor e do gosto pela liberdade.

Entretanto, para que o professor seja capaz se posicionar frente às adversidades do mundo capitalista que interferem em sua formação, ele precisará adotar uma postura ética e, assumir sua opção de lutar pela liberdade, o que, em muitas situações, lhe exigirá ter equilíbrio emocional para lidar com essas situações. A respeito da necessidade que tem o professor de demonstrar equilíbrio emocional para enfrentar as diferentes situações da sala de aula e, poder contribuir com os alunos, a professora Roseane, faz o seguinte comentário:

eu sempre procuro manter-me atenta as necessidades dos alunos e, além disso, sempre demonstro ter controle da situação, seja ela qual for, pois, sou daquelas, que acredita no professor como mediador das relações e, que, nos momentos de conflitos ele não pode demonstrar desequilíbrio, pois, os alunos o consideram responsável pela regência do processo ensino-aprendizagem e das relações entre os sujeitos desse processo.

O relato da professora, nos mostra que ela considera o equilíbrio emocional uma qualidade no professor e, que por isso, procura manter-se sempre equilibrada, principalmente nas situações de conflitos, ao saber que, são exatamente quando as coisas não vão bem que esse equilíbrio se faz necessário. Todavia, esta qualidade é

difícil ao professor brasileiro, o qual, historicamente teve sua carreira marcada por políticas que pouco valorizam sua carreira e, sua formação profissional e pessoal, dificultando portanto, sua capacidade de manter o equilíbrio de suas emoções.

As precárias condições de formação e de trabalho, agregadas as de salário, tem servido para construir uma imagem pouco animadora do magistério e, até mesmo, de desesperança dos docentes em relação a sua profissão e, conseqüentemente, interferem em sua formação profissional e abalam a vida pessoal, pois, ele se constrói pessoalmente na medida em que sua carreira profissional se consolida, já que, uma está diretamente ligada à outra. Isso acontece, porque o professor não é apenas racional, é movido por sentimentos, afetos e emoções. Emoções essas, que, apesar de importantes, não podem substituir a seriedade da prática educativa e, nem a clareza do papel do educador, como agente responsável pela transformação social, além de ser um ser humano afetuoso. Isso pode ser percebido no comentário a seguir:

é preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e com alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores e educandos. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência (FREIRE, 2006, p. 142 -143).

A prática educativa defendida por Freire, aponta um conjunto de saberes e competências que perpassam pela competência técnica e científica, indo até a afetividade, sendo que, todos esses saberes e competências, podem ser utilizados para construir a liberdade, ou, para reforçar a submissão dos homens. Nesta perspectiva, o professor poderá escolher, a serviço de que quer usar seus conhecimentos, como comenta a professora Ivanilde:

eu venho pautando minha experiência profissional docente, de maneira que eu possa conciliar a minha competência profissional com a minha humildade pessoal, para isso, estabeleço critérios avaliativos e discuto com os alunos permitindo que eles se expressem e demonstrem seus pontos de vistas. Faço isso de forma afetuosa, sem perder o senso de responsabilidade e isso tem dado certo, pois, os alunos, respeitam mais aqueles professores em quem eles confiam intelectualmente e, com os quais estabelecem relações de confiança e de afeto, por isso, eu fiz a opção pela educação como instrumento de organização e luta pela liberdade, uso meus conhecimentos para ajudar na construção de uma sociedade melhor para se viver.

Identifico no relato da professora, que ela tem consciência da importância de seu papel como trabalhadora social, capaz de intervir positivamente no processo de mudança ou de permanência da estrutura de poder, pois, ela demonstra reconhecer

que o aluno tem direitos de expressar suas opiniões, além disso, procura trabalhar com seriedade, sem perder a afetividade. Ela demonstra também, que fez sua opção pela educação transformadora e, que faz isso, utilizando sua competência profissional e sua humildade pessoal.

Fato que pode ser comprovado, no comentário do professor José Roberto, ao se referir a professora Ivanilde, considerando-a afetiva, competente e comprometida com a educação. A respeito dessa questão, argumenta Freire (1996, p. 115) “Sempre recusei os fanatismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente, e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam”.

O professor precisa estar disposto a responder ao interesse maior da educação, que é proporcionar ao homem o direito e as condições de ser sujeito de sua aprendizagem e, de sua história. Realidade que só se efetiva, quando existe possibilidade do homem se expressar como pessoa e cidadão; condições que são proporcionadas, em ambiente educativo democrático e inclusivo, no qual as pessoas sejam aceitas e respeitadas em sua individualidade, em suas particularidades, como comenta o professor José Roberto em sua entrevista.

em todas as minhas experiências como docente, eu tenho procurado trabalhar de forma democrática, oportunizando ao aluno se expressar, falar de suas dificuldades e possibilidades. Acredito que seja uma forma de competência profissional e pessoal, além disso, busco estabelecer uma relação de confiança entre mim e os alunos, sem permitir que isso interfira negativamente no trabalho. Por isso, considero importante por limites, principalmente, porque trabalho com o último ano e, muitos alunos só pensam em concluir o curso, já se consideram formados, nesse caso, você precisa ser muito bom e se fazer respeitar por eles, usar seus conhecimentos profissionais e sua competência pessoal para saber lidar com a situação.

O comentário do professor, evidencia seu desejo em trabalhar de maneira democrática, uma vez que ele tem consciência de que os alunos precisam ser ouvidos como sujeitos, além disso, ele diz buscar parceria com eles, porém, demonstra certa inquietação, diante do comportamento desinteressado de alunos do último ano, por demonstrarem mais interesse em concluir o curso, do que em melhorar a sua formação. Por outro lado, ele comenta a respeito de impor limites para se fazer respeitar, assim eu questiono, que limites são esses impostos pelo professor?. O que o leva a considerar os alunos desinteressados?

Reconheço que o professor tem destacado papel nesta relação, pois é ele o sujeito responsável pela efetivação concreta das práticas educativas entre os sujeitos desse processo, além de seu idealizador e executor, como vemos nesta afirmação:

a centralidade colocada nos professores traduziu-se na valorização do seu pensar, do seu Sentir, de suas crenças e de seus valores como aspectos importantes para se compreender o seu fazer, não apenas de sala de aula, pois os professores não se limitam a executar currículos, senão que também os interpretam, os definem os re-interpretam (PIMENTA, 2002, p. 36).

A autora nos aponta a importância do professor como agente produtor de conhecimentos, como sujeito pensante, que é capaz de refletir a respeito do que aprende e também do que ensina, e que, além disso, tem sentimentos e valores, ou seja, aqui, o professor é visto como um ser humano por inteiro e não alguém que apenas executa mecanicamente uma ação sem reflexão e nem envolvimento emocional com esta atividade, como se fosse máquina programada para produzir.

O trabalho do professor não pode estar desvinculado de sua subjetividade, de sua capacidade de pensar, de projetar e de criar novas possibilidades de exercê-lo junto aos sujeitos do processo educativo. Nessa linha de pensamento, torna-se evidente a necessidade, de que o professor seja valorizado em seu saber e em sua forma de ser e de se expressar, para que passe a valorizar seus alunos como sujeitos pensantes, reflexivos e, possuidores de uma história de vida, que deve ser considerada em seu processo educativo.

Em relação a essa necessidade de envolver e valorizar o aluno de forma completa, a professora Ivanilde, relata o que pensa a respeito da questão:

a escola e os professores precisam redescobrir seus papéis sociais e junto com eles, redefinirem suas prioridades em relação ao seu trabalho como educadores. Não é possível se trabalhar sem objetivos definidos, sem envolvimento com os alunos, sem respeitá-los em suas limitações e possibilidades. Um professor tem que procurar ajudar o aluno a superar suas dificuldades, a avançar em suas conquistas, porém, isso só será possível, na medida em que ele se sentir valorizado e respeitado como pessoa.

A professora evidencia, que acredita na educação comprometida com os sujeitos, e demonstra a importância deles nesse processo, contudo, na atual forma de convivência, tem se desenvolvido uma mentalidade hegemônica da classe dominante, na qual a falta de atitudes éticas tem servido para aumentar as práticas autoritárias de discriminação, segregação e dominação das minorias sociais que são

excluídas dos bens sociais e culturais. Situação que de certa maneira, acontece nas escolas, quando professores, ou superiores tentam diminuir a pessoa do aluno.

Por meio da luta pela superação dessas contingências, o professor vai tecendo, construindo, lapidando passo a passo a sua formação pessoal e profissional desejada. Todavia, essa construção não se dá por acaso e muito menos de imediato, acontece como fruto de trabalho, de lembranças positivas ou negativas, de professores que marcaram sua vida, da formação que receberam e ainda recebem, da expressão ou repressão de grandes emoções e necessariamente, da troca ou da falta de muito afeto. Questão que será discutida no item a seguir, quando abordarei a questão da afetividade na formação pessoal e profissional docente.

2.1 Afetividade na formação pessoal e profissional docente.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e com alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores e educandos. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência.

PAULO

FREIRE.

Sendo o trabalho docente eminentemente voltado para o ser humano, é relevante que o professor saiba mobilizar os mais diferentes saberes e competências da profissão, entre elas, o conhecimento a respeito do ser humano, bem como a finalidade, os objetivos, os objetos e os sujeitos de seu trabalho, para Veiga (2006, p. 24) “a afetividade do ato de ensinar, implica um trabalho de equipe, pois o processo que se vive em grupo é valorizado e colocado ao alcance dos participantes”.

Como consequência disso, se percebe o trabalho educativo desenvolvido na sala de aula, como uma ação coletiva. Assim sendo, a cultura vivida pelos sujeitos desse processo educativo e sócio cultural, é a inspiração para recuperar elos tão importantes e infelizmente perdidos, na relação afetiva professor–aluno.

É recomendável estudar a formação do professor considerando todas as dimensões do ser humano e, não apenas as particularidades, pois ele é mais do que padrões sociais e por isso não se aplicam fórmulas para estudos e conhecimento sobre o ser humano, principalmente, do professor, pois, sua formação se dá por meio de processo gradativo e pode ser estudada em diferentes ângulos e em especial, em seu campo profissional e pessoal. A esse respeito, comenta Arroyo (2000, p.28) “como professor, representamos um papel, uma imagem social, que carrega traços marcantes, e muito misturados. Incômodos. A resposta à pergunta quem somos, está colada a como foi-se constituindo a imagem social do magistério”.

Essa visão, exige do professor que ele tenha formação pessoal e compromisso profissional com seu trabalho e com os sujeitos com os quais trabalha, considerando que seu fazer envolve o ser humano de forma integral: suas emoções, seus sentimentos, seus sonhos, dúvidas, medos, projetos, afetos e esperanças que precisam ser respeitadas e alimentadas para que ele sinta-se cada dia mais humano e cidadão de sua história. História que vai sendo construída gradativamente por meio de sua ação no mundo.

A importância de nossa formação pessoal, ser pautada em princípios de afetividade, pode ser percebida no comentário do professor José Roberto, ao se reportar, como sua vivência familiar, influencia até hoje sua experiência profissional docente:

eu sou de uma família muito amável, na qual, nos relacionamos bem uns com os outros, fui educado com cuidado, com seriedade e, com muito carinho, coisas que eu considero importantes na vida de todo mundo. Então, eu penso que devo também, tratar todo mundo assim, principalmente no meu trabalho, pois, ele se dá na relação entre as pessoas. Como professor eu tenho que dar bom exemplo, ser educado, atencioso e, respeitoso. Eu acredito que as coisas e as pessoas que foram importantes na minha formação como pessoa, também são importantes na minha formação profissional, entre elas, posso citar minha mãe ela é professora e me influenciou com seu exemplo a desejar, também ser professor.

O relato do professor demonstra, que ele considera importante levar para sua vida profissional, as experiências vivenciadas nas relações pessoais, afirma isso, ao dizer que considera importante um professor ser educado, respeitoso e, além disso tem que dar bom exemplo. Percebo também, que a afetividade está presente na formação pessoal do professor, assim como está presente permanentemente em todos os momentos de nossa vida, tanto pessoal, quanto profissional como a história tem nos evidenciado em todas as situações.

Torna-se de fundamental que as escolas valorizem, além dos aspectos cognitivos e racionais, os aspectos afetivos na formação do professor para que ele tenha condições de realizar uma pedagogia voltada para o desenvolvimento do ser humano por inteiro, formando pessoas capazes de lidarem com seus próprios sentimentos:

as nossas emoções não são sentimentos voltados para dentro, mas guias práticos e sensíveis de nossas ações. Não somos em nenhuma instância a dominância “disto” ou “daquilo”, mas complexas integrações entre a matéria e o espírito, o corpo e a alma, a mente e o coração, o sangue e o sopro, a lógica e o afeto (BRANDÃO, 2005, p. 21).

Mediante ao exposto, é possível dizer, que a formação de um profissional em educação, se dá, tanto pela formação acadêmica teórica, epistemológica, pedagógica e técnica, como também, pelas referências pessoais dos professores com os quais trabalha ao longo de sua trajetória como estudante e como profissional da educação. Afinal, a transformação humana se processa as vinte e quatro horas do nosso dia e, isso pode ser confirmado mediante os exemplos anteriores.

Para estudar a questão da afetividade na formação pessoal e profissional docente, é preciso primeiro, refletir sobre os programas curriculares e, a estrutura social em sua totalidade, porque, sendo a escola um espaço de transmissão, aquisição e produção de novos conhecimentos, ela é também, responsável pela socialização desse conhecimento e, fazer com que esses tenham significado real na vida das pessoas, afinal, o que aprendemos profissionalmente pode ser aproveitado em nossa vida pessoal e, vice-versa. Além disso, as coisas que vivenciamos em nosso trabalho, não deixam de nos influenciar como pessoas.

Esta situação pode ser percebida na declaração da professora Ivanilde ao ser questionada sobre a importância da afetividade em sua vida pessoal e profissional.

a afetividade sempre esteve presente em minha vida pessoal e também na profissional desde a infância. Na família eu sempre me senti muito querida, amada, meus pais eram muito afetivos entre si e comigo, tenho uma família bem estrutura emocionalmente e, que demonstra afetividade com muita naturalidade. Essas experiências familiares determinaram minha formação pessoal como uma pessoa afetiva e, isso eu consegui e consigo trazer para minha formação profissional, na qual eu procuro aliar os conhecimentos e saberes acadêmicos, disciplinares e curriculares, com os saberes a respeito do ser humano. Neste sentido, a afetividade está sempre presente em minha forma de ser e de me relacionar com os outros, entre os quais, os alunos.

Identifico no relato da professora, a importância determinante da afetividade vivenciada na vida pessoal, como condição importante para que ela seja afetiva também profissionalmente, isso demonstra que, aquilo que vivemos como pessoas,

nos ajudam a formar como profissionais, pois, o trabalho docente envolve todas as dimensões do ser humano e todas as suas relações interpessoais, tendo-se em vista que, o professor convive com a pluralidade em que se constitui a sala de aula como lugar polissêmico, no qual vivem diferentes pessoas, portadoras de múltiplos saberes que se constroem e se completam na interação das diferenças, pois,

a pedagogia do ser é um caminho que assegura a construção do conhecimento e a própria estruturação humana que se dá, no processo de integração do homem consigo mesmo, com o outro e com o ambiente em que vive, através do desenvolvimento dos aspectos físicos, emocionais, mentais e espirituais, das suas potencialidades, criatividade e dos valores humanos (SAMPAIO, 2004, p. 72).

Essa idéia, vem reafirmar aquilo que venho sustentando ao longo deste texto, a de que a afetividade é condição de fundamental importância na formação pessoal e profissional docente, considerando, que o professor mobiliza o tempo todo as suas emoções, os seus sentimentos e os seus afetos na elaboração e, principalmente, na execução de sua aula.

Nessa linha de pensamento, o professor tem que dar sentido ao ser fazer, por isso, na condição de autora e sujeito desta pesquisa, quero com muita humildade dizer:

minha vida pessoal não se separa da profissional, porque eu me identifico com o meu trabalho, eu me vejo e me sinto professora. Meu trabalho faz parte de minha vida pessoal e me realiza profissional e pessoalmente, porque gosto do que faço. Eu uso os conhecimentos e experiências da formação profissional, para minha vida pessoal, bem como, aquilo que sei de positivo e experimento como pessoa e cidadã, procuro levar para melhorar o meu trabalho. É por isso que eu digo, que minha vida pessoal está totalmente imbricada em minha vida profissional, eu sou as duas coisas ao mesmo tempo, não consigo separar a pessoa da professora, pois elas erram, acertam, aprendem, crescem e se transformam ao mesmo tempo (A AUTORA, 2007).

Ao fazer esta afirmação, não estou dizendo que minha prática profissional e nem minha vida pessoal são perfeitas, pelo contrário, estou apenas afirmando que na condição de ser humano e de profissional, essa questão faz parte da totalidade de meu ser, pois, minhas ações estão todas imbricadas.

Isso se dá, porque, no momento da aula, o professor se relaciona diretamente com as pessoas, seu trabalho se realiza em um contexto plural, no qual, ele não pode se omitir como profissional e nem como pessoa e, nessa relação deixa transparecer em seu tom de voz, em suas expressões faciais, em seus olhares, em sua forma de se comunicar com os alunos, muito de sua vida pessoal, a qual influencia a sua atividade profissional. Para Freire (1996, p. 97) “A percepção que o

aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo, mas também de como o aluno entende como atuo”. Esta situação está representada no relato da professora Roseane:

tive alguns professores afetivos, com eles, era possível criar algum vínculo, pois eles não estavam só para trabalhar conteúdos. Eles estavam se dando, aí tudo mudou, a minha forma de me relacionar com as pessoas, posso citar a Prof^a. Maria Luiza, ela trabalhava de forma dinâmica e atividades subjetivas, fazia a gente pensar, se envolvia, ela conseguia mexer com a gente. Eu direi que ela tem muita influência em minha decisão e trajetória como professora.

Quando a professora declara que mudou sua vida e postura em decorrência da influência de uma professora, reforça minha convicção de que a afetividade tem grande importância nas relações entre professor e aluno, por outro lado, evidencia o papel destacado que exerce o professor no sentido de influenciar seus alunos, pois, mesmo que, na sociedade atual ele não seja mais a única fonte de informações para o aluno, como coordenador do processo ensino-aprendizagem desenvolvido na sala de aula, ele ainda representa um modelo a ser seguido.

Questão que está evidente no comentário da professora Roseane, ao se reportar a uma determinada professora: “Como a Professora Maria Luíza era boa, eu não queria decepcioná-la e fazia todos os trabalhos dela, quando não dava para fazer, ela compreendia os motivos da gente, hoje eu tento fazer assim com os meus alunos”.

O relato da professora nos mostra, que o fazer pedagógico e o desempenho pessoal do professor, em sala de aula, é observado e percebido pelos alunos em seus aspectos profissional e pessoal, por isso é importante que ele seja afetivo como pessoa, além de competente profissionalmente, para Freire (2004, p.148) “para você transformar o mundo, tem que iniciar um pouco a transformação de você mesmo”, como demonstra o relato anterior da entrevistada.

Em relação à questão afetiva ser elemento presente em nossa formação pessoal e profissional, pode-se perceber que a formação recebida na academia, as atitudes de professores podem influenciar sobremaneira a nossa postura como profissional e como pessoa, tanto negativamente, como de forma positiva, isso fica claro quando percebemos a professora Roseane, dizer que mudou seu comportamento como pessoa, a partir da formação recebida na academia e das atitudes afetivas de alguns professores.

Situação que pode ser claramente identificada, na afirmação a seguir:

o trabalho profissional, aquele que escolhemos por inclinação, interesse ou por qualquer circunstância, representam uma escolha nossa e faz parte integrante da nossa vida. Representa os mecanismos de desenvolvimento de atividades, comportamentos e responsabilidades sociais e afetivas que exercem influência sobre nós mesmos e sobre todas as pessoas que nos cercam. É nessa interação que se processa a própria evolução do ser humano e da sociedade (SAMPAIO, 2004, p. 42-3).

Mesmo que o afeto tenha lugar preponderante na vida do ser humano, existem pessoas e entre essas, professores, que têm dificuldades em expressá-lo com medo de serem consideradas sentimentais. É como se o fato de demonstrar afeto, fosse torná-las frágeis ou perder a sua autoridade docente, porém, isso é um equívoco dessas pessoas que pensam assim, tendo-se em vista, que o ser humano não pode deixar de expressar suas emoções e seus sentimentos, afinal eles fazem parte permanente de suas vidas em todas as circunstâncias, pois, sem sentimentos e sem afeto, o ser humano perderia a sua humanidade, igualando-se aos outros animais, nesse caso, não se educaria.

Para Sampaio (2004, p. 59) “na verdade, manter sob controle as emoções que nos afligem é fundamental para o bem estar. O objetivo é o equilíbrio e não a supressão das emoções”. A falta de emoções e de afetos é um problema que não encontramos no relato da professora Ivanilde, ao comentar que se considera afetiva em sala de aula.

sim, sou afetiva e consigo demonstrar essa afetividade pelos alunos e, sentir isso, através das manifestações de afetos que os alunos demonstram ter por mim. Eles são muito afetivos comigo, deixam transparecer seus sentimentos por meio de palavras, de presentes simbólicos, como mensagens escritas, flores, cartões, pequenas lembranças que expressam carinho e gratidão, mas, principalmente, afeto por mim. Penso que se eu não fosse afetiva, não receberia essas manifestações de afeto e principalmente, de respeito por mim como pessoa e também como profissional, afinal, são identidades que coexistem no mesmo ser.

O relato da professora me leva a pensar, que é importante refletir, sobre a visão racionalista de ver o papel do professor, pois, antes de ser profissional ele é uma pessoa e, como tal, precisa estar constantemente se transformando, se atualizando, ampliando sua formação e, sua forma de se relacionar com os alunos. Ao que parece, a professora estabelece um clima propício para demonstração de afetos, como por exemplo, dar e receber presentes, que simboliza uma relação afetiva.

Quando o professor se fecha a essa questão e não procura estabelecer relação de reciprocidade e nem de abertura ao outro e ao novo, ele será uma peça a mais no

mercado de trabalho, no qual, as mudanças são aceleradas e exigem cada vez mais, que ele esteja preparado para conviver com o outro, com o inusitado, o diferente, o inacabado e, se ele não tiver uma boa formação, não terá condições de enfrentar esses desafios e nem de fazer opções de ensino e de vida, pois,

a maneira como cada um de nós ensina, está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. E as opções que cada um de nós tem se fazer como professor, as quais cruzam, à nossa maneira de ser; com a nossa maneira de ensinar e desvendam, na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal (NÓVOA, 1995, p. 17).

Constatação que nos leva a reafirmar, o quanto é importante o professor sentir-se identificado com a sua profissão, para que tenha mais condições de mediar os conflitos axiológicos e existenciais das relações humanas presentes na sala de aula como espaço de diversidade.

A necessidade do professor, estar identificado com sua profissão, torna-se cada vez mais importante, e pode ser percebida no relato do professor José Roberto, ao falar de sua escolha pelo magistério:

eu venho de uma família de professores, por isso eu acredito que fui influenciado pela formação familiar, porém, isso não é um peso para mim, pelo contrário, eu me sinto muito bem na profissão docente, gosto muito do meu trabalho. Olha Edina, eu passo a maior parte do meu tempo no trabalho, vivo dentro da Universidade convivendo com a educação dia e noite, muitas vezes até nas férias, se eu não gostasse disso, me sentiria muito infeliz, como gosto do que faço, procuro fazer com muito carinho e sou feliz.

O professor expressa que sua escolha profissional, sofreu influência de sua convivência familiar, como a maioria de nós, demonstrando assim, o poder das famílias em nossas escolhas, as quais, de certa forma, não são totalmente pessoais, porém, ele esclarece, que se realiza na profissão docente, o que o ajuda a fazer com gosto seu trabalho.

Nessa perspectiva, a educação não pode ser apenas um instrumento de formação de mão-de-obra especializada para o mercado de trabalho, mas ela tem uma missão especial ao socializar e construir novos conhecimentos, como diz Rios (2006, p. 26) “contribuir para que as pessoas possam atuar criticamente no contexto social de que fazem parte, exercer seus direitos e, nessa medida, ser, de verdade, pessoas felizes”.

E a afetividade se faz presente em todas as situações e decisões de ensino assumidas pelo professor, desde sua preparação, elaboração, até sua execução, pois, o professor não se desliga de sua condição humana ao exercer sua condição

profissional, ao contrário, como atividade humana que se realiza na interação social, ele permanece sendo pessoa.

Assim, a afetividade está presente em seu trabalho, influenciando portanto, a relação entre os sujeitos e até mesmo com os objetos de estudo a serem apropriados pelos alunos, por isso, a formação docente precisa sensibilizar o professor, de que os seres humanos aprendem realmente, quando ocorrem mudanças fundamentais na sua maneira de ver o mundo, como ele se relacionar, e também, quando se processam alterações significativas de suas capacidades, tanto cognitivas quanto afetivas, pois,

a educação abrange todas as ações destinadas a desenvolver e cultivar habilidades mentais, perícias, conhecimentos, atitudes e comportamentos, de tal forma que a personalidade do indivíduo possa se desenvolver o mais extraordinariamente possível e ser de valor positivo para a sociedade onde vive (ANTUNES, 2001, p. 107).

Ainda sobre essa questão, a professora Ivanilde ao ser entrevistada, mostra a importância de estar na profissão de magistério, como uma escolha profissional que foi influenciada por uma decisão pessoal e, o quanto isso a ajuda na compreensão desses valores:

bem, primeiramente, eu sempre quis ser professora, desde criança eu já brincava de ser professora, eu gostava da experiência de ensinar as minhas colegas, a minha família sempre soube que eu seria professora, pois manifestava essa intenção já na infância, e respeitou minha decisão. Fiz o curso de Licenciatura em Filosofia, essa escolha se deu, em função de meu grande interesse pelas ciências humanas, e pela questão epistemológica, porque eu sempre valorizei muito a aquisição e produção do conhecimento sistematizado, além disso, a Filosofia te coloca em contato com as questões axiológicas, educativas e especialmente, com a questão do ser humano, com o processo de formação e humanização, isso ajudou a formar minhas referências teóricas e, principalmente, a fortalecer minha opção por uma educação formadora e transformadora de valores e pessoas.

A entrevistada deixa transparecer, que sua opção pelo magistério se deu principalmente, porque acredita nele como uma oportunidade de construir processos educativos humanizantes, nos quais, os sujeitos se sintam respeitados em sua individualidade e humanidade e, como consequência, são capazes de aprender e de ensinar. Seu envolvimento com a Filosofia, parece ter aumentado seu interesse pela causa educativa e pelos sujeitos desse processo, neste sentido, questiona Freire (2000, p.67): “Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes?”.

Penso que é possível reverter esta situação em que se encontra a formação docente, na medida em que o professor assumir-se como sujeito ativo de sua própria

formação, que tenha oportunidade de expressar-se, de dizer sua palavra, e que não se conforme em ser passivo em relação ao seu processo formativo, apenas acatando proposta que não lhe realizem como profissional e pessoal.

Ele precisa lutar para superar seus medos, melhorar sua auto-estima e fazer-se respeitar, caso contrário, ele terá sua auto-estima abalada, o que em tese, significa se avaliar de forma inferior, e muito aquém de suas possibilidades e capacidades, e assim, deixar de construir-se sujeito de sua história, se manifestando e se recriando a si mesmo, se explicando, se definindo, se identificando, e contribuindo para a formação de mais sujeitos sociais.

Sobre essa questão, argumenta Freire (2004, p.252) “à medida que começamos a fazer história, foi que a história começou a nos refazer e foi exatamente isso que, durante um processo bastante longo, gestou a possibilidade de termos uma consciência do mundo e uma consciência de nós”. A relação de aprender e de ensinar com e aos diferentes, além de construir minha formação profissional, nela fui me construindo também, historicamente como pessoa, tudo isso, me ajudou na opção incondicional pelo magistério, desde minha infância e que, ainda hoje vem se fortalecendo, pois, percebo a cada dia estar na profissão certa para mim, considerando, que ela responde minhas expectativas profissionais e pessoais:

esta opção pelo magistério e aprendizagem com os diferentes, me leva a lembrar que eu sou professora por opção, que, o magistério para mim, é um caminho sem volta que faço questão de caminhar. Eu já me lembro de mim, brincando de ser professora das outras crianças. Eu pensava ensinar aquilo que nem eu mesma sabia. Brincar de ser professora, me dava um certo poder, além de muito prazer por estar fazendo algo importante enquanto brincava. Prazer que vem se renovando ainda hoje. Dentro de meu insignificante conhecimento do magistério, eu já pensava estar contribuindo com as outras crianças, que, assim como eu, eram vítimas do abandono social e da exclusão escolar. Eu fui alfabetizada por minha mãe, que apesar de nunca ter freqüentado uma escola, aprendeu a ler e escrever, tornando-se uma autodidata e uma professora muito afetiva, pois, ela acreditava e ainda hoje acredita na importância social da educação e, nos ensinava de forma afetiva, fazia isso, no balcão de nossa taberna, lendo bula de remédio, rótulos de produtos, revistas e livros antigos (A AUTORA, 2007).

O magistério para mim, assim como para os outros professores entrevistados, foi uma opção pessoal e profissional, todavia, ele me faz sentir importante, é uma questão de exercício de poder, e de autoridade que dá prazer e identificação afetiva. No meu caso, no do professor José Roberto e, no da professora Ivanilde, foi uma opção de infância e, uma influência de família, um sonho cultivado e realizado, evidenciando uma relação radical com o magistério.

Para a professora Roseane, que considerava o magistério uma sub profissão, essa opção aconteceu em sua vida adulta, como consequência da perda do emprego, como graduada em Administração Empresarial, essa necessidade lhe empurrou para o magistério e no qual ela foi profundamente influenciada pela docência e, principalmente pela postura de professores. Apesar disso, ela demonstra ter se encontrado na profissão e adquirido envolvimento afetivo com ela e, hoje ela demonstra estar realizada profissional e, pessoalmente, como vemos na declaração:

na verdade a escolha não se deu, aconteceu. (risos), como todos os adultos pressionados pra trabalhar como professor, eu deixei essa porta aberta. Eu trabalhava na área empresarial e, indiretamente na área da educação, por que eu fazia palestras e me sentia bem. Eu tinha feito vestibular pra economia e passei, na época fiquei grávida, parei. Resolvi retornar depois de dez anos sem estudar, fui fazer Pedagogia, a intenção era cursar o primeiro ano e buscar uma transferência para outro curso na área de administração, ou de direito, mas quando eu terminei o primeiro ano, eu tinha ficado muito feliz, eu peguei bons professores no primeiro ano, eu sei, que a metade da motivação veio dos professores. Eu diria que parte de eu ter escolhido a profissão de professora, foi no decorrer das posturas de professores, e depois que eu cursei o primeiro ano, eu disse vou cursar mais um ano, segundo ano talvez eu faça outra opção, porém, eu criei um vínculo muito grande com professores e com o curso, hoje eu sou feliz como professora.

O relato, comprova a necessidade de nos envolvermos verdadeira e afetivamente com nosso trabalho, tendo-se em vista que, a postura do professor pode influenciar as decisões dos alunos, pois, a tendência é fazemos melhor aquilo em que acreditamos e, com o que nos envolvemos afetiva, além de profissionalmente.

Em outra dimensão, isso evidencia que nossas escolhas profissionais são influenciadas por envolvimento pessoais e afetivos, como demonstra o relato da entrevistada, e que nossas escolhas podem ser alimentadas permanentemente, pois, somos vulneráveis as contingências da vida, e podemos renovar nossas convicções sobre algo, como também, podemos transformá-las, ou até mesmo, refutá-las, porém, não dá para ficarmos indiferentes ao que nos envolve afetivamente.

Situação que exige uma postura de permanente reflexão de nossas práticas e relações, pois, por mais democráticas que sejam as relações entre esses atores, existe uma certa hierarquia entre eles, que é determinada pelos diferentes saberes de cada um, pelas convenções sociais, pelas concepções políticas e filosóficas desses e pela própria estrutura institucional que demarca poderes e lugares, exigindo uma renovação constante na postura do professor. Neste sentido, ele pode e deve ajudar o aluno a superar suas dificuldades, tanto no sentido cognitivo, quanto no

afetivo, porém, recomenda-se que ele não interfira em suas decisões, como identifico neste relato da professora Roseane:

gosto de ajudar o aluno, porém, não costumo invadir sua privacidade, querendo saber suas coisas íntimas, nem também lhe fazendo confidências pessoais, considero isso, invasão de privacidade e, falta de compreensão do papel do aluno e do professor. Eu também não costumo misturar minha vida pessoal com trabalho, mas se tem algum aluno que quer desabafar, eu até escuto, mas não interfiro, se ele pedir, posso até dar um parecer, mas a partir de sua solicitação, prefiro não interferir em sua vida particular, para não invadir o espaço dele, afinal é uma questão muito delicada

A professora evidencia que está disposta a ajudar seus alunos, caso eles solicitem, porém, considera invasão de privacidade penetrar em questões íntimas e particulares dos alunos. Essa situação pode demonstrar, um certo medo de maior envolvimento afetivo com eles, ou até mesmo, um zelo com a ética profissional, o que seria mais indicado neste caso e, coerente com os relatos da professora.

Creio que, para que esta relação seja mais responsável, prazerosa e, produtiva para ambos, é recomendável que ela aconteça dentro de um clima que proporcione o respeito e a aceitação do outro como pessoa e, que além disso, lhe proporcione o direito de ser ele mesmo e de viver plenamente a sua alteridade, de poder assumir suas múltiplas identidades, sem vergonha de fazê-lo.

É preciso compreender o que está por trás de um sentimento ou emoção e como lidar com a ansiedade, pressões, frustrações, mágoas, alegrias, raiva, tristeza, prazeres e, tantos outros sentimentos, para crescer como pessoa. E para crescer é necessário ter oportunidade, como diz, Rogers (2001, p. 31) “acabei por me convencer de que, quanto mais um indivíduo é compreendido e aceito, maior é sua tendência para abandonar as falsas defesas que emprega para enfrentar a vida, maior sua tendência para se mover para á frente”.

Torna-se indispensável valorizar mais as questões da afetividade dos sujeitos, considerando que, aprender não é um mecanismo exclusivo da razão. Isso vem se evidenciando na negação de situações dicotômicas entre razão e emoção, que provocam nos professores sentimento de baixa estima e falta de identificação com a profissão, pois, sentem-se desprestigiados no campo pessoal, e profissional o que interfere em seu desempenho, nas relações afetivas e no processo ensino-aprendizagem desenvolvido na sala de aula.

O trabalho docente exercido em sua plenitude, vai além do domínio de conteúdos, ele extrapola o campo técnico e cognitivo, estendendo-se a outros

ambientes, como o da subjetividade e afetividade, elementos que estão presentes no processo ensino-aprendizagem como em todos os processo educativos.

Com vista as diferentes atribuições do professor, a ação docente não pode ser apenas uma questão instrumental, posto que, entre o conhecimento e a ação, tem a mediação do sujeito, o qual tem, além da racionalidade, a subjetividade, já que, o processo ensino-aprendizagem se realiza por meio da razão e da emoção e, não se faz de forma isolado e fragmentado como muitos querem fazer parecer.

Sobre essa formação docente, comenta a professora Ivanilde:

como eu estou no magistério porque gosto e acredito nele e, em sua importância social, eu procuro exercer com responsabilidade e afetividade o meu trabalho docente, além disso, procuro me envolver em outras ações que promovam uma formação de qualidade intelectual, humana e social. Minha luta incansável para a implantação do Mestrado em Educação na UEPA, representa essa consciência, esse compromisso e, a realização de uma grande utopia, de uma luta profissional e pessoal, por vezes cansativa, desgastante, porém sem nunca me fazer desistir desse sonho, que é vivido com a colaboração de outros colegas que também acreditam nesse trabalho, como uma ação de ousadia, de coragem e de utopias possíveis.

O relato, coloca em evidência que a questão da formação do professor depende em parte, do compromisso de outros colegas de profissão que já conseguiram avançar profissionalmente, e, que, sentem-se responsáveis pela melhoria da formação de outros, pois, na condição de educadores, não se acomodam diante das necessidades formativas. A professora deixa essa impressão em seu relato.

Sobre isso, argumenta Arroyo (2000, p. 61): "teremos obrigação moral como profissionais de extirpar toda estrutura, toda lógica e todo ritual, excludentes, e seletivos, que reforcem os processos de exclusão e desumanização a que vêm sendo submetidos fora da escola".

Nessa linha de pensamento, é importante refletir a formação do professor, discutida constantemente nos diferentes níveis da academia, ampliando a idéia de que, o conhecimento acadêmico produzido na universidade deve ser fruto do trabalho dos professores, os quais necessitam ter uma formação de qualidade.

Formação essa, que os torne capazes de, além de transmitir e socializar o conhecimento sistematizado e, historicamente acumulado, promover melhorias e, aproveitar os diferentes saberes dos alunos, o que significa tornar a universidade responsável pela popularização do conhecimento científico e trabalhar a cultura das camadas populares, formar cidadãos mais éticos, e desenvolver a capacidade afetiva das pessoas, pois ela é indispensável na construção de seu processo educativo.

E para formar cidadãos éticos, justos, afetivos e mais humanos, a educação escolar pode ter papel de destaque neste contexto, e junto com ela, entra o sujeito fundamental e insubstituível neste processo educativo de formação de cidadania, de humanização, de posturas éticas, da sistematização das informações, do conhecimento, e das relações entre os sujeitos, o Professor!

Ele é o responsável imediato para dinamizar as relações afetivas em sala de aula e orientar o aluno a organizar sua aprendizagem, e a compreender que o conhecimento está em todo lugar e ao alcance de todos e que, além disso, não é propriedade de ninguém em particular, mas que é produzido coletivamente através da interlocução dos sujeitos consigo mesmo e da interação com seus pares, considerando que todo conhecimento é construído na coletividade, afinal, o conhecimento, como produção humana é social.

O professor tem responsabilidade direta no processo de sistematização do saber e da cultura, portanto, é bom que ele saiba que, além dos conteúdos teóricos, o que está em jogo na educação é também a formação da sua competência humana, o que implica a formação das emoções, dos sentimentos, do afeto e do direito ao exercício da cidadania, por isso, é fundamental que ele receba uma formação, na qual compreenda-se como um ser humano, e que por isso está sujeito a erros e é capaz de grandes acertos; assim, pode-se dizer que o professor precisa de uma boa formação epistemológica. Sobre essa formação, argumenta o professor José Roberto:

como eu disse anteriormente, minha formação em graduação se deu na UEPA, também nela aconteceu a Especialização e o Mestrado em convênio com a universidade de Cuba. Posso dizer, que considero minha formação boa, porém, sou eu que tenho que procurar melhorá-la cada dia mais, porque penso que não sei muitas coisas e preciso sabê-las. Além disso devo dar significado ao meu trabalho, por isso, eu sou muito responsável, ninguém me vê faltar, porém, eu cobro muito a responsabilidade do aluno, pois não me considero babá de professorandos, eu os ajudo, oriento, respeito-os com pessoas, trato bem a todos, porém são eles que devem buscar sua aprendizagem.

O professor, nos coloca diante de uma outra situação que necessita ser refletida, que é a responsabilidade que deve ter o professor com a sua própria formação e, também, com a formação de seus alunos, de orientá-los a terem autonomia de estudo, entretanto, ele expressa uma certa impaciência ao dizer que não aceita “ser babá” de professorandos, o que demonstra, um certo distanciamento de relações mais pessoais com os sujeitos desse processo, mesmo assim, ele reafirma o compromisso com sua formação.

Todavia, precisamos reconhecer que o conhecimento científico não aceita o reducionismo das idéias e nem o determinismo das coisas, ele procura ver a totalidade dentro de uma visão mais global e dinâmica, e por isso ele transforma e se transforma num processo constante de revisão que exige tempo e com ele evolui, dentro de um processo dinâmico de mudanças, sobre isso comenta, Veiga (2006, p. 23) “Os trabalhadores necessitam não apenas de dominar habilidades de alto nível, como também se manter em dia com conhecimentos obsoletos com rapidez”

Com base nas idéias da autora, tanto a universidade, quanto o professor, devem estar preparados para acompanhar as mudanças de seu tempo, ou ficam excluídos delas, entretanto, é necessário perceber, que as instituições de ensino são o reflexo da dinâmica social, e como tais, elas precisam ter claros e definidos seus objetivos e princípios educacionais, bem como o tipo de homem e de sociedade que deseja formar, pois, mesmo que existam muitas fontes de informações, a academia continua sendo o local apropriado para realizar a sistematização dessas informações e torná-las importantes na formação das pessoas.

Contudo, em várias situações o professor sente que sua formação não lhe proporcione essa possibilidade de desenvolvimento, pelo contrário, sente-se um estranho de seu fazer, um executor de tarefas mecânicas, descontextualizadas da realidade, e portanto, vazias de envolvimento afetivo com os sujeitos desse processo, tarefas essas, pensadas por outros que constantemente, são alheios ao processo e as relações existentes no cotidiano da sala de aula, sem que lhe permita ser um profundo conhecedor do ser humano, respeitar a si mesmo e aos outros como sujeitos que tem dificuldades e limitações, mas que são portadores de virtudes e capacidades. Sobre essa questão afirmam Tardif e Lessard (2005, p. 67):

é este fenômeno de exterioridade do objeto do trabalho que explica o fato de a ação dos professores não constituir o único e exclusivo, tampouco o mais importante determinante do sucesso ou fracasso escolar dos alunos.

Na mesma perspectiva, argumenta Leite (2006, p. 32) “A natureza da experiência afetiva (se prazerosa ou aversiva) depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto”. Isto quer dizer, que o papel do professor como mediador do processo ensino aprendizagem, é de suma importância para aproximar ou afastar o aluno do objeto a ser conhecido e ou apropriado por ele.

Sobre essa questão, comenta a professora Ivanilde:

eu me considero ser uma professora rigorosa no quis diz respeito á seriedade com a questão epistemológica e, ao mesmo tempo, capaz de ser afetuosa como mediadora entre o aluno e o objeto do conhecimento e, dos alunos entre si. Faço essa mediação, fundamentada em minha formação profissional e, nas minhas experiências pessoais, considerando que, não é possível separar o profissional da pessoa. Eu consigo demonstrar isso, ao ter paciência de explicar quantas vezes e de diferentes maneiras for necessário para que o aluno aprenda e se sinta a vontade, seguro ao demonstrar sua insegurança e curiosidade diante do saber.

A professora associa a afetividade, ao fato de ter paciência em explicar, todavia, ressalta seu rigor epistemológico sem desmerecer as condições do aluno. Esse relato nos leva a perceber, a importância que o professor deve dar a sua identificação com o seu fazer, que descubra sua vocação e se identifique com ela, tenha prazer e emoção em exercê-la, e deseje que seus alunos aprendam.

Entretanto, para que isso se efetive, é importante uma formação que leve em conta, além, dos saberes curriculares, disciplinares, saberes epistemológicos e pedagógicos, os saberes da experiência, da competência e do conhecimento a respeito do ser humano, afinal seu trabalho se realiza na relação entre humanos, sobre o assunto, argumenta, Sampaio (2004, p.67):

a educação emocional é de fundamental importância na formação do educador, para que possa ampliar a clareza de sua missão e possa agir coerente com ela, exercitando as habilidades e as competências emocionais que lhe dê uma estrutura capaz de comprometer-se e responsabilizar-se pela formação dos seus alunos.

De acordo com a visão da autora, esta estrutura emocional e de conduta contribui para que o professor eleve sua auto-estima, o respeito por si mesmo, e a auto-motivação na compreensão da sua importância para a transformação humana. Ou seja, ela o ajuda a identificar-se com sua profissão, na medida, que se percebe como sujeito que tem um papel a desempenhar na formação das pessoas, e na transformação social. É esta motivação e aproximação afetiva, que faz com que ele se identifique como pessoa e profissional, que tem uma tarefa educativa, política, humana e social a desempenhar: educar-se ao educar o outro.

Diante ao exposto é imprescindível, que se reveja a questão da formação docente e se reflita a respeito do papel que a afetividade exerce nesta formação, para que o sujeito não seja sufocado pelas regras do sistema escolar, que dificultam o desenvolvimento da aprendizagem e da pessoa, pois,

nós produzimos como sujeitos sociais e culturais produzindo a sociedade, a cultura, o conhecimento. Os vínculos entre existência e consciência, entre trabalho e cultura, entre cultivo e cultura, entre

vivência e saber. O como trabalhamos nos forma ou deforma, como profissionais e pessoas (ARROYO, 2000, p. 115).

O trabalho docente nos formará na medida que tivermos projetos educativos mais democráticos, inclusivos, solidários, éticos e voltados para a realização do processo de humanização, que deve ser tarefa importante da educação. Tarefa árdua, se levarmos em conta as condições atuais da sociedade na qual vivemos, em que os valores éticos e humanos, estão passando por uma crise sem precedentes, no qual existe a predominância do ter em detrimento do ser; da razão como condição lógica e teórica para a sobrevivência humana.

Temos cada vez mais dificuldade em demonstrar afeto pelos outros, como também, em recebê-los, é como se expressar afetividade, nos tornasse frágeis, vulneráveis, por isso, preferimos provar que somos fortes, negando-nos esse prazer.

Muitas vezes, o medo que o professor tem de parecer ridículo, o faz parecer muito obscuro, a dar aulas insignificantes e até assumir uma expressão de aparente neutralidade, eliminando todos os laços afetivos e de aproximação com os alunos, o que possivelmente, interfere de forma negativa no processo ensino-aprendizagem.

Situação que, de acordo com seu relato, dificilmente acontece na prática da professora Roseane:

eu não tenho vergonha de expressar sentimentos diante dos meus alunos, afinal, considero que, pelo fato de sermos professores, não deixamos de ser pessoas e, as pessoas têm o direito de se emocionar, de amar e de serem amadas, de sentir alegria ou tristeza, de acertar e de errar. Por isso, quando eu estou ministrando aula, gosto de demonstrar meu envolvimento com aquilo que faço, para que assim, eu possa envolver os alunos nas aulas. Neste sentido, eu não tenho vergonha de demonstrar afetividade também.

O comentário, comunica a intenção, de usar as manifestações afetivas, como instrumento de envolvimento dos alunos nas aulas, para que eles se sintam motivados a participar. Por outro lado, demonstra que a professora tem plena consciência de que, além de ser profissional, ela é uma pessoa e, como tal, não pode tornar-se fria e indiferente, afinal, a educação acontece na relação entre os sujeitos do processo de conhecimento e, desses com o objeto a ser conhecido, portanto, é muito importante que haja comunicação e laços de afetividade entre eles.

Nessa relação, algumas dessas atitudes são de aproximação, de demonstração de apreço e de afeto, já em outras, alunos e professor percebem claramente as manifestações do desejo de exclusão, de discriminação, de dominação e de

indiferença à presença do outro, considerando que as nossas atitudes profissionais estão ligadas as nossas convicções e valores pessoais, pois,

a ação do professor e da professora é inseparável de sua subjetividade, de seus sentimentos, idéias e representações, da percepção e da consciência que tiver sobre os interesses que estão em jogo, sobre as estruturas, as múltiplas determinações do social e, especificamente, dependerão da consciência que tiver de sua ação educativa, do próprio campo de atuação da educação e da escola (ARROYO, 2004, p. 204).

O autor reflete a relação indissociável entre o eu profissional e o eu pessoal do professor, o que nos aponta para a presença da afetividade nesta relação, tendo em vista que, o afeto pode ser adquirido e cultivado na relação que se estabelece com o outro, todavia, para que isso aconteça, é necessário que haja espaço para o afeto se manifestar, afinal, são as relações afetivas e sociais que marcam a vida humana, seja no campo da subjetividade, ou da racionalidade.

Sobre essa questão, eu sempre acreditei que:

a minha opção profissional, se confunde com a minha vida pessoal. Claro que em alguns momentos específicos é a minha vida pessoal que eu preciso separar do profissional, mas em qualquer situação em que eu esteja, a educadora se confundi com a pessoa, elas estão imbricadas profundamente uma na outra, caminhando juntas, numa relação de dor e prazer, alegrias e tristezas, poucas certezas e profundas dúvidas, mas em permanente crescimento. Por isso, eu sempre digo que sou apaixonada pelo magistério, isso significa, que eu tenho uma relação pessoal e, afetiva com ele e, com os alunos, pelos quais, demonstro afeto, pois sei a importância disso. Também, tenho consciência da importância do magistério na construção e no exercício da cidadania e, de pessoas mais livres e felizes (A AUTORA, 2007).

Não quero dizer, que deixei de viver minha vida particular, me divertir, apaixonar como qualquer cidadã comum, o que estou a dizer, é que minha vida profissional, está umbilicalmente ligada a minha vida pessoal, pois, o professor é um profissional profundamente marcado pelo outro, isso se justifica em função de que seu trabalho se realiza por intermédio de relações com o outro, nessas relações estão envolvidas racionalidade e afetividade, profissional e pessoal.

O trabalho do professor é um trabalho coletivo, e também, envolve visibilidade, envolvimento direto entre alunos e professores, nesse caso, as emoções e as expressões demonstradas pelo professor, imediatamente são percebidas pelos alunos, os quais conseguem distinguir entre expressões afetuosa, calorosa, carinhosa, e respeitosa, de expressões de deboche, de indiferença e de discriminação em relação a si ou aos demais alunos, já que:

a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os

sujeitos (alunos) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares) bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas (LEITE, 2006, p. 26).

A afirmação evidencia que, saber explicar bem o conteúdo que ensina é uma necessidade, além de obrigação de todo professor, além de um bom começo para que ele estabeleça um relacionamento produtivo e agradável com seus alunos, entretanto, isso não é o suficiente para que imediatamente os alunos passem a se relacionar bem com ele e a gostarem de sua companhia.

Situação que é muito positiva, pois, desperta nos alunos a sensação de confiança no professor e, conseqüentemente, o respeito pelo seu trabalho e por sua pessoa, porém, ainda falta mais para estabelecer uma relação de cumplicidade entre eles, e, isso, o professor só vai perceber, na medida em que se desarmar de velhos preconceitos e se envolver afetivamente com os alunos, sem deixar de ser rigoroso no cumprimento do dever de ensinar e de exigir que os alunos se proponham a aprender, tudo isso, sem perder a postura ética e, sem ferir o aluno como pessoa que ele é.

A respeito dessa situação, comenta Brandão (2005, p.79):

o ser de uma pessoa, quem quer que ela seja, é um território sagrado. Ele não pode ser, de modo algum, invadido por uma avaliação crítica que, desqualificando a objetividade interativa de um ato de sua ação, de um feito, desqualifique o ser de uma pessoa.

Essa realidade se expressa em políticas e práticas antidemocráticas que negam ao homem o direito de ser sujeito de sua própria história, matam seus sentimentos, adormecem suas emoções, e negam o direito a ter uma vida, na qual haja espaço para a demonstração de afeto, de viver dignamente como pessoas livres que deveriam ser, contradizendo a ética ao negar ao outro o direito de dizer sua palavra. Os direitos a liberdade humana e de expressão, são inalienáveis e portanto, precisam ser garantidos a toda e qualquer pessoa, independente, de sua posição econômica e ou social em que se encontra em relação ao outro.

Em relação ao direito a liberdade, a professora Ivanilde, comenta a respeito de sua prática docente, colocando-se como uma educadora que respeita o outro na condição de aluno e de pessoa, pois ela acredita que o papel do educador, seja:

eu creio que o professor, seja um profissional que tenha consciência de seus saberes, de seus limites em relação a esses saberes e, principalmente, da necessidade do aluno em apropriar-se desses saberes e de construir novos saberes. Por isso, eu penso que um professor, não pode usar seus conhecimentos como instrumento de manipulação, de esnobação e de descaso em relação às necessidades que o aluno tem de aprender. Ele

pode ser rigoroso, em relação a querer que os alunos levem a sério seu trabalho e, o seu processo educativo, todavia, ele não poderá usar de abuso de poder para impor que seus alunos aprendam o que quer que seja, muito menos, não permitir que eles se expressem, seja na condição de alunos ou na de pessoas.

O argumento da professora demonstra que a mesma faz análise do papel exercido pelo professor em relação ao seu saber e, principalmente, em relação a sua elevada posição intelectual, comparada a dos alunos. Neste sentido, ela considera que o professor precisa ser rigoroso com seu trabalho, entretanto, ele jamais poderá desqualificar o aluno por causa de seu limitado saber, por isso, ele precisa ter seu direito á expressão garantido, além de ser respeitado como pessoa.

Ela faz esse comentário, amparada nas idéias de Dussel, citado por ela em um de seus trabalhos escritos.

aceitar o argumento do outro supõe o aceitar ao outro como igual, e esta aceitação do outro como igual é uma posição ética, é o reconhecimento ético ao outro como igual, quer dizer, aceitar o argumento do outro, não é somente uma questão de verdade é também, uma aceitação da pessoa do outro (DUSSEL, 2000, *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 110).

Considero de grande relevância, que o professor adote posturas éticas, que lhe possibilite viver e conviver com o “distinto”; sendo capaz de respeitá-lo em suas diferenças. Todavia, para que isso se efetive em nossas práticas, é necessário fazermos uma revisão de nossos conceitos, e superarmos velhos preconceitos e idéias de superioridade diante do outro, bem como, da imposição de nossas idéias e práticas sociais e educativas, seletivas, racistas e excludentes, que fogem aos princípios e as posturas éticas, o respeito à alteridade e, a convivência com a diversidade, condições indispensáveis à vida escolar e em sociedade.

Questões que o professor não pode negligenciar, considerando que ele trabalha em contextos sociais de diversidade. Por isso, torna-se importante que o professor admita com humildade que ele não é infalível, mas sim que é humano e, portanto, passivo de erros assim como os alunos.

A respeito dessa questão, as autoras Pimenta e Anastassiou (2005, p.179) argumentam: “o papel das teorias é de iluminar e fornecer instrumentos e esquemas para análises e investigações, que permitam questionar as práticas, e ao mesmo tempo, pôr as próprias teorias em questionamento”. Afinal, as teorias são explicações sempre provisórias da realidade, o que nos leva a crer que ninguém detém a

totalidade do conhecimento, porém, que existe sempre a necessidade de se aprender.

Isso se justifica, porque, além de saber explicar o conteúdo que ensina, espera-se que este professor também saiba se relacionar com seus alunos, respeitar suas limitações e acreditar em suas potencialidades, tratando a todos como pessoas especiais. É que o trabalho do professor não é isolado, ele trabalha com os alunos em um contexto social. Neste sentido afirma, Freire (1996, p. 67).“O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância”.

Tolerância, essa indispensável nas relações entre as pessoas, como condição de respeito à alteridade do outro, neste sentido, o professor intervém sobre as relações de interações e de estímulos educativos existentes em sala de aula, organizando-as, criando novas e, construindo mediações entre os sujeitos, como os principais responsáveis por essa relação.

E as relações vivenciadas em sala de aula, entre alunos e professores, assemelha-se a um palco, no qual todos os sujeitos precisam estar motivados para interagir e com ele participar. Neste sentido, eu penso na sala de aula como um grande teatro no qual, o professor é o autor que escreve e dirige a peça e, os alunos são todos atores principais e, cada um representa seu próprio papel pessoal dentro dessa relação social.

Se o autor conhecer e respeitar os atores, escreverá papéis que poderão ser desenvolvidos por todos, para isso, basta que ele dê a cada um, o papel correspondente as suas capacidades e a seus talentos, e além disso, procurar desenvolver os talentos existentes no grupo e possibilitar a criação de novos talentos, todavia, todos têm o mesmo grau de importância nesta peça, assim, até mesmo o professor não pode ser visto como estrela principal, apesar de coordenar as atividades e ser o líder, ele é tão importante quanto seus alunos, já que:

enquanto profissão de interação com seres humanos, portanto, a docência confronta-se, de repente, com a problemática do poder, quer dizer, com a coordenação das ações coletivas de indivíduos tão diferentes, autônomos e capazes de iniciativas, algumas das quais, até, potencialmente perigosas para os projetos do professor (TARDIF e LESSARD, 2005, p. 70).

Dentro dessa visão, acredito nas relações afetivas e maior aproximação entre os sujeitos na sala de aula, para que haja mais possibilidade de interação e de

aproveitamento do processo ensino-aprendizagem. Para que isso ocorra, faz-se necessário, maior desprendimento de preconceitos e tabus em relação ao outro, e que além disso, o professor seja capaz de mudar, de quebrar barreiras, de entregar-se nesta relação, desarmar-se, desejar amar e ser amado pelos seus alunos, e envolver-se verdadeiramente com eles.

A respeito desse envolvimento com os alunos e com aquilo que faz, eu considero que seja importante o professor ter percepção e sensibilidade diante dos problemas e das necessidades dos alunos e do seu trabalho e, além disso, envolver-se verdadeiramente com a tarefa educativa, e acreditar que a mudança é possível se você a construir, como penso que procuro fazer.

eu tenho uma capacidade muito grande de perceber possibilidades, de superar problemas, por pior que ele seja, eu sempre acredito que tem uma saída e, eu corro em busca dessa saída. Além disso, eu não tenho vergonha de mudar de opinião, de me renovar constantemente, pois o novo me anima a novas descobertas, por isso, estou sempre aberta a mudanças, porque sei que hoje, ela é a única coisa permanente. Eu penso, que não tem sentido você estudar e continuar escravo, oprimido, porque o conhecimento te dá autonomia, porém, ele é apenas potencial, se você não utilizá-lo como instrumento de liberdade e, de aproximação com o outro (A AUTORA, 2007).

Esse comentário, parece dar a entender, que eu não tenho medo da mudança, todavia, elas me assustam sim, porque mudar, apesar de ser prazeroso, dá trabalho e insegurança, porém, eu não permito que o medo me imobilize, eu luto para superá-lo. Com essa intenção, a formação docente vai se construindo, se forjando na tarefa cotidiana do professor, que se constitui em uma tarefa diferente da de um trabalhador de fábrica, pois, antes de ir para a escola, ele precisa elaborar mental e minuciosamente o que vai fazer, e além disso, ele já começa a mobilizar suas emoções ao planejar, considerando que planeja para sujeitos sociais, os quais, por sua vez, também pensam e sentem.

A formação pessoal e profissional do professor, é construída a partir de suas experiências de trabalho, do tipo de formação que recebe, das relações que estabelece com os sujeitos do processo educativo, das influências culturais, axiológicas e políticas as quais está constantemente exposto no meio social e, principalmente, a partir de suas emoções, afetos e sentimentos, sejam, os de auto-estima, em relação a si mesmo, ou a seus alunos, bem como, o de frustração em relação a essa questão e a sua profissão:

por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos

deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 1996, p. 63).

A afirmação nos leva a refletir, sobre as práticas pedagógicas de formação docente, que se dão, desenvolvidas por utilização de manuais, os quais, parecem, mais, código de normas e regras que se deve seguir, limitando os professores e os alunos a repetirem essas fórmulas e a decorarem informações que pouco contribuem para sua formação profissional e pessoal.

Significa, que o pensar certo não está sendo exercitado nesses programas, pelo contrário, está sendo negado como instrumento facilitador da formação de um profissional competente, coerente, consciente de suas limitações e possibilidades, afinal, a formação de um profissional da educação, envolve mais do que fórmulas e regras metodológicas aplicáveis a uma gama de situações, nela, devem estar presentes, possibilidade de criar, de inovar, de refletir e analisar as diferentes situações nas quais, esta formação se realiza.

A respeito da formação docente, ser desenvolvida por meio de manuais, a professora Ivanilde, faz o seguinte comentário:

eu não acredito que um professor se forme técnica e politicamente competente, apenas seguindo as regras de manuais, eles só servem para informar, mas não estão preparados para formar. Formação vai mais além, exige muita reflexão, capacidade de análise, de questionamento, de por em dúvidas saberes existentes e, de criar novos saberes. Todavia, isso só é possível, se os formadores de professores tiverem uma formação muito ampla e consistente, e além disso, tiverem coragem de desafiar as estruturas, de inovar, de construir novas possibilidades.

O comentário da entrevistada, nos indica o seu nível de consciência a respeito de seu papel como formadora de professores, pois ela tece sérias críticas a utilização dos velhos e novos manuais de formação de professores, como se esses servissem apenas como instrumento de informação e não de formação.

Completando seu pensamento, ela nos possibilita refletir, sobre a necessidade de uma formação que realmente prepare o professor para o exercício da docência, de forma efetiva, competente e comprometida com a formação das pessoas e a transformação da sociedade.

É essa certeza que obriga o professor a ter uma formação, que lhe permita:

aprender as artes de lidar com as pessoas, de acompanhar seus processos complexos de formação, de apreensão de saberes e valores, exige artes muito especiais. Exige inventar e reinventar práticas, atividades, intervenções. Esse é o seu ofício, seu saber e suas destrezas. É sobre elas que deveriam saber mais, muito mais (ARROYO, 2000, p.231).

A afirmação nos faz pensar, que ainda temos, muito a aprender a respeito do ser professor, todavia, a formação que recebemos na academia, ainda é muito frágil em relação a arte de trabalhar com as pessoas, o que exige de cada professor, que assuma sua auto-formação e, busque possibilidades de ampliá-la e, principalmente, humanizá-la.

A respeito dessa arte de trabalhar com as pessoas em seus processos educacionais e formativos, eu penso que a formação de um professor, deveria se dar da seguinte maneira:

antes de prestar exame para o vestibular em educação e, em especial para as licenciaturas, o candidato a professor, deveria passar por exames de habilidades e identificação pessoal com a docência, é claro que essa identidade pode ser construída no processo formativo, porém, eu penso que talvez assim, teríamos menos profissionais sem identificação com a profissão, coisa que é difícil em qualquer uma, principalmente, quando se trata de professor, pois ele trabalha no coletivo, na relação com as pessoas e, nesse sentido, ele precisa ter equilíbrio emocional, paciência, criatividade, afetividade e gostar do que faz. Após esse processo, é que ele deveria iniciar o curso, o qual deveria trabalhar bastante os conhecimentos a respeito do ser humano, sem descuidar é claro, dos conhecimentos epistemológicos, pedagógicos, curriculares e disciplinares, bem como do estágio supervisionado que é uma grande oportunidade de descoberta ou não, dessa identificação pessoal e profissional docente (A AUTORA, 2007).

Este comentário pode parecer preconceituoso, corporativo, e até seletivo, porém, ele representa uma concepção de formação e de identidade docente, pela qual, deve ser professor, aquele que realmente possa exercer bem a profissão e trazer ricas contribuições para a sociedade.

Dentro dessa ótica, as instituições formadoras deveriam reformular seus sistemas de seleção e ingresso no magistério, seus currículos e critérios avaliativos, por outro lado, o professor não pode se contentar com a formação que recebe na academia, a qual, sempre deixa lacunas que podem trazer problemas na efetivação das ações docente.

O professor precisa estar permanentemente se atualizando, buscando novas possibilidades, abrindo caminhos para a melhoria de sua formação, afinal, a profissão docente exige que o professor seja possuidor de muitos conhecimentos, e tenha muitas habilidades e saberes diversificados, especialmente, no trato com o ser humano, pois, é com ele que o professor trabalha.

Torná-se portanto, necessário que o professor sinta-se identificado com o seu trabalho, afinal, o processo de realização profissional, perpassa pela nossa autonomia no exercício e controle de nosso trabalho, o qual, se faz com a totalidade

de nosso ser, com todas as nossas dimensões, entre elas, as da afetividade, como elemento influenciador, do processo de práticas educativas humanizadoras, questão que será refletida no capítulo a seguir, o qual discute as práticas educativas dos professores do Curso de Pedagogia da UEPA, como processo humanizador.

CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO AFETIVA COMO PROCESSO HUMANIZADOR.

Se o afeto do amor que se vive também se aprende a viver, um dos seus lugares é a educação que se comparte na escola. Se isso é verdadeiro, lá na escola e por toda a parte, a sua melhor docência é a do diálogo. Um abrir-me ao ser, ao viver, aos sentimentos, às palavras e idéias do outro-diante-de-mim, e conviver com ele um momento de partilha gratuita e generosa da experiência de criar saberes, isto é, de aprender.

A pedagogia como ciência da educação, procura investigar a práxis dos educadores, ao assumir a responsabilidade pela efetivação de processos educativos emancipadores, de cidadania, autonomia, em situações favoráveis ou adversas de vida dos seres humanos, por isso, ela se preocupa com a qualidade das relações inter-pessoais e dos processos interativos

Na condição de profissionais da docência, precisamos saber tratar as questões afetivas em nossas práticas educativas, pois, nelas nos deparamos com as mais diferentes pessoas com as quais estabelecemos relações, isso acontece a cada ano, semestre, semanas, dias ou até mesmo horas, ou minutos em que a aula acontece. Porém, nem sempre essas relações são prazerosas, com muitos, nos envolvemos, acolhemos e sentimos-nos acolhidos, com alguns evitamos nos envolver e nos fechamos a seus apelos, prejudicando a relação, todavia, não podemos negar a possibilidade do afeto, afinal, somos seres humanos e como tal, temos necessidades emocionais e afetivas que necessitam ser realizadas.

O professor, na condição de ser humano, tem sentimentos, experimenta emoções e vivencia situações afetivas em sua vida particular e no contexto da sala de aula, como ele se relaciona com seus sentimentos e suas emoções, implicam na sua afetividade e em sua vida pessoal e profissional, por isso, atribui-se ao professor a responsabilidade de procurar estabelecer laços de afetividade com seus alunos, a ter equilíbrio emocional diante dos conflitos e das situações que lhe exigem lidar com as emoções e com o afeto, além de fazer escolhas e tomar decisões, as quais, muitas vezes lhe obrigam a dizer não, porém, lhe impõem que sua atitude seja ética.

Para Pimenta e Anastasiou (2005, p.16) "o trabalho docente está impregnado de intencionalidade, pois, visa à formação humana por meio de conteúdos e habilidades, de pensamento e ação, o que implica escolhas, valores, compromissos éticos".

A Pedagogia como campo específico da educação, historicamente tem sido palco de grandes interpretações sobre suas possibilidades, finalidades, campo de trabalho e até de domínio epistemológico, atualmente, estas interpretações só têm aumentado em grau de intensidade e de diversificação de seu campo e abrangência de atuação.

A questão tem gerando inúmeros debates e reformulações em seus programas, na tentativa de atender uma demanda de mercado, e aos interesses e finalidades do que se propõe a fazer, seja na área educacional escolar, bem como, em ambientes não escolares e movimentos populares, entre esses espaços temos: empresa, hospital, presídio, abrigo, centro esportivo, cultural, sindicato, entre outros tantos que necessitam de docência, orientação, gestão, supervisão, planejamento, e até aconselhamento, atividades para as quais, atribui-se que o pedagogo esteja de fato, ou em tese preparado para exercê-las.

Neste sentido, cabe aqui uma reflexão, estaria o pedagogo preparado para tantas habilidades e competências, recebendo uma formação, que ainda carece de grandes investimentos, de seriedade e de melhorias?.

Em relação à importância e abrangência do Curso de Pedagogia, existem muitas interpretações, entre elas posso fazer referência ao comentário da professora Roseane, que, ao ser questionada sobre o assunto, respondeu:

a questão é acreditar na formação, eu sou pedagoga, as pessoas criticam a pedagogia, mas eu acredito nela. Talvez, se eu tivesse feito outra licenciatura, eu não pensasse assim, não tivesse essa base que a Pedagogia me deu, porque ela dá essa visão maior sobre educação, as outras licenciaturas são específicas, a Pedagogia tem um campo maior, mais amplo, e isso te ajuda a ver e a fazer diferente. Eu sou apaixonada pela Pedagogia. Hoje eu vejo que criou-se uma imagem do curso de Pedagogia que não é verdadeira, assim como de qualquer profissão, temos também pedagogos que não agem certo, mas depende muito da pessoa, do que ela pensa e em que acredita, vai do compromisso da pessoa. Então eu não me arrependo de ter feito o curso de Pedagogia, só lamento ganhar menos do que ganhava em outra área, mas as gratificações do magistério são superiores a questão salarial, eu acredito no meu trabalho, e nas pessoas com quem trabalho.

A declaração da professora demonstra um certo encantamento pelo Curso, ao mesmo tempo, em que lamenta as críticas que ele recebe, neste item, ela aproveita para fazer duras críticas, a seus colegas de profissão, evidenciando com isso, que não existe consenso a respeito da formação e da postura dos pedagogos.

O projeto político do Curso de Pedagogia reconhece, como seu perfil, a formação docente em sua base curricular, por isso, o pedagogo tem responsabilidade na construção da cidadania, pois, na condição de docente e educador, é ele próprio o veículo de comunicação e de criação de oportunidades quando age de forma consciente. Nesse sentido, me incluo neste texto, relatando minha relação com o curso de Pedagogia:

foi com esta compreensão que eu optei por fazer a licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Pará, no projeto interiorização e,

apesar de algumas insatisfações, de todos os percalços, de todas as críticas, de todas as lacunas que ficam em nossa formação, eu nunca me decepcionei com a Pedagogia, afinal, o curso oferece possibilidades reais de uma percepção melhor de mundo, de sociedade, de educação e de homem, bem como, do papel do professor como um trabalhador social e, da relação homem/mundo. Nesta perspectiva, o curso de Pedagogia tem respondido as minhas expectativas e, consolidado minhas convicções (A AUTORA, 2007).

Digo isso, demonstrando consciência a respeito da identificação que tenho com o curso, todavia, eu me questiono sempre, como seria minha atuação em outras áreas de formação?. A minha compreensão sobre ele não se faz de forma ingênua, achando que ele por si só, resolve os problemas educativos e pedagógicos, no entanto, ele traz significativas contribuições para as relações, bem como, para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e para a formação de posturas mais éticas nos diferentes contextos educativos.

o curso deverá formar o profissional pedagogo, cientista educacional, ou seja, um especialista na compreensão, pesquisa e orientação da práxis educativa, que ocorre nas mais diversas instâncias sociais. Deverá ter sua ótica voltada à qualificação e transformação de espaços educacionais em espaços educativos, através da cientificização da práxis educativa (PIMENTA, 2002, p. 109).

A criação de um curso de Pedagogia no elenco dos cursos ofertados pelas faculdades de Filosofia , Ciências e Letras, veio como resposta à necessidade de se preparar quadros docentes para as escolas normais, as quais foram tendo maior disseminação no país, a partir da década de 70. Para Távora (1997, p. 18) “na época, esse curso era considerado como o formador de um profissional muito capacitado, um *expert* em assuntos educacionais, habilitado a dedicar-se à pesquisa – ainda que, para tanto, não tivesse o preparo desejado”.

A discussão em torno da preparação para a pesquisa, ainda permeia os grandes debates a respeito das competências, habilidades e sabres necessários a um Pedagogo no desempenho de suas diferentes atividades, entre elas, a gestão, a supervisão, a orientação e a coordenação, além da docência, que é a base de sua formação e, da qual desejo tratar nesse capítulo, ao me referir a afetividade vivenciada pelos professores em seu campo de trabalho, destacando as possibilidades e contradições existentes entre os sujeitos desse processo, o que indica ao Pedagogo, a necessidade de substituir a pedagogia das certezas nas quais ele se ampara, por uma pedagogia da pergunta, da descoberta e do crescimento, pois,

na sala de aula os alunos vão construindo a sua subjetividade. O ensino envolve sentimentos, emoções. Daí a necessidade de conhecer e compreender motivações, interesses e as necessidades de alunos entre si, capacidade de comunicação com o mundo do outro, sensibilidade para situar a relação docente no contexto físico, social e cultural do aluno (PIMENTA, 2002, p. 89).

Recomenda-se que os educadores da contemporaneidade, não ignorem os aspectos da subjetividade e da afetividade presentes nos processos educativos desenvolvidos na sala de aula e no contexto escolar de modo geral, mas ao contrário, que eles passem a valorizar mais a afetividade como elemento integrador da aprendizagem do aluno.

Para Távora (1997) O Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará, tem origem no ano de 1983, com a criação da antiga Faculdade Estadual de Educação, que, em 1989, transformou-se em Instituto Superior de Educação do Pará, e posteriormente em Fundação Educacional do Estado do Pará, hoje Universidade do Estado do Pará, através da Lei estadual nº 5747 de 18 de maio de 1993.

A partir dessa época, o Curso tem formado centenas de pedagogos no Estado do Pará, contribuindo assim para elevar o nível de escolaridade, de conhecimento e de vida da população paraense, entre esses formandos, posso citar o professor José Roberto, sujeito dessa pesquisa, para quem o Curso representa.

sou pedagogo graduado pela Universidade do Estado do Pará e acredito na formação que recebi e, que eu também construí. Na UEPA, eu tive bons professores que me ajudaram a ampliar a minha visão sobre educação e a valorizar ainda mais o magistério. Eu acredito no curso de Pedagogia, pois, ele amplia nossa visão a respeito dos problemas educacionais e sociais. Hoje sou professor da Pedagogia e procuro ser responsável, comprometido e competente, apesar das minhas limitações, pois sei que sempre precisamos melhorar.

O entrevistado apresenta uma visão muito positiva a respeito do curso e dos professores, tal visão, reafirma a importância de estudar a formação e atuação dos professores de Pedagogia na UEPA. Sobre essa visão que o curso dá, suas idéias convergem com as da professora Roseane, a qual, também é formada em Pedagogia, porém, por outra instituição.

Esse fato faz a constatação de que, o Curso de Pedagogia em ambas instituições, corresponde às expectativas dos seus egressos, no que diz respeito a formação que receberam.

Recentemente, o Curso de Pedagogia desta universidade, atendendo a sua concepção de educação, de homem e de sociedade, bem como as exigências e demandas de mercado, o qual indica novas “competências” e, saberes necessários a

profissão, fez modificações em seu desenho curricular, na tentativa de proporcionar uma formação que contemple às novas exigências sociais e, principalmente, que atenda as necessidades humanas dos alunos e dos profissionais nele envolvidos, para que possam dar sentido ao seu fazer, tendo em vista que, a Pedagogia pode favorecer o processo do exercício da cidadania e realizar a humanização, questão que discuto neste capítulo.

Tal reformulação tem gerado algumas crises de identidades, tanto nos profissionais, como nos egressos e estudantes desse Curso. Espera-se que isso tenha sido superado com o resultado da avaliação feita pelo Ministério de Educação – MEC, que atribuiu conceito “A” ao Curso de Pedagogia da UEPA, em junho de 2007, elevando assim, a auto-estima dos sujeitos desse processo e a visão da sociedade paraense sobre o Curso na Universidade do Estado do Pará.

Infelizmente, esse resultado não se efetiva na maioria dos cursos, exigindo profunda reflexão nas políticas de formação docente adotadas em nosso país, e questionamento, se elas trabalham em seus currículos a questão da afetividade na formação do professor, que valores são trabalhados, incentivados, ou reprimidos, ou como são trabalhadas essas questões? As políticas atuais de formação de professores, que em muitos casos acontecem em programas aligeirados⁷, propicia espaço para a inclusão e a discussão dos valores humanos?

A formação e competência emocional do professor, é elemento fundamental na sua formação, tanto pessoal, quanto profissional, afinal, ele atua num espaço de relações e interações afetivas e, através dela, ele vai ampliando sua interação consigo mesmo, vai se conhecendo mais e melhor, descobre sua identidade, seus limites e possibilidades, bem como, as dos alunos, o que, já significa um avanço para o processo ensino-aprendizagem, tendo-se em vista, que o conhecimento da realidade é o primeiro passo para um bom planejamento e atuação do professor.

Todavia, nem sempre as relações em sala de aula, são portadoras de atenção, carinho e afeto, às vezes, são de grandes conflitos, de desgaste emocional e até de agressividade, assim, é importante que o professor seja equilibrado emocionalmente para saber conviver com essa realidade e ter condições de transformá-la e

⁷ Refiro-me a programas de formação docente, que se dão por meio de convênios de curta duração, com redução de conteúdos e pouca reflexão sobre o papel do professor como pessoa e trabalhador social, limitando as possibilidades de trabalhar melhor as relações entre os sujeitos do processo pedagógico.

transformar a si mesmo e aos sujeitos desse processo, afinal, a educação só acontece quando existe mudança, seja no campo teórico, no prático, ou no afetivo.

O ato de ensinar e de aprender, pode ser satisfatório para alunos e professores, do contrário, será uma ação meramente técnica e burocrática, neste sentido, a minha compreensão sobre a questão é de que, o processo ensino-aprendizagem é profundamente marcado pela afetividade, pois, o ato cognitivo se efetiva através da relação existente entre razão e emoção, como um jogo de sedução e de interação.

É importante que o professor, seja ele de qualquer disciplina, esteja envolvido afetivamente com a profissão, para que possa desenvolvê-la de forma mais proveitosa para o processo ensino-aprendizagem, como declara a professora Ivanilde, que tem formação em Filosofia na graduação e, em educação na Pós-Graduação, e diz sentir-se totalmente envolvida e comprometida com a causa educativa, pois considera os conhecimentos da filosofia, importantes na formação da pessoa, em especial do professor, como nos mostra a seguir:

como aluna do curso de Filosofia na Universidade Federal do Pará, fui Monitora da prof^a Neuza Monteiro, pois ela acreditava em mim, e no meu interesse pela Filosofia e pela educação como processo de formação e de humanização, coisas que são preocupação e de que a Filosofia se ocupa como ciência voltada para os valores, a ética, a educação e a humanização. Foi assim que ela me incentivou para ser professora no Curso de Pedagogia da antiga FICON, hoje UNAMA. Após retornar da França, fiz o concurso e fui aprovada, começando a trabalhar imediatamente como professora. Assim, eu começava minha trajetória profissional no ensino superior, adquirindo experiências como professora responsável pela formação de novos professores, como continuo fazendo até hoje aqui na UEPA, seja na graduação, ou na Pós-Graduação, bem como nos projetos e programas de educação popular que formam formadores, essa é uma atividade que me gratifica em todos os sentidos e que eu tenho muito carinho em realizar.

A professora demonstra em seu relato, ter bastante consciência sobre a educação que recebeu no curso de Filosofia e das responsabilidades dessa formação, anunciando seu contentamento com o trabalho que realiza na formação de formadores. Tal depoimento, reforça sua opção pela docência e sua trajetória profissional, marcada pela inserção nos movimentos de educação popular.

Diante desse relato, reafirmo minha compreensão sobre a importância da construção do conhecimento acadêmico produzido na universidade desde que, ele não seja apenas um instrumento técnico e burocrático, mas que sirva como instrumento facilitador da felicidade e da humanização. É nesse sentido, que argumenta, Araújo (2003, p.166) "a construção do conhecimento, na forma que

concebemos, pressupõe um sujeito ativo, e que participa de maneira intensa e reflexiva das atividades”.

Situação que me leva a pensar, que a educação pode preocupar-se também, com a construção e organização da dimensão afetiva das pessoas, além de trabalhar os conteúdos, privilegiando o desenvolvimento da competência dialógica e reflexiva dos educandos e do educador, posto que ela exerce papel preponderante na formação pessoal e profissional das pessoas, entre elas o professor, o qual é responsável pelo processo de humanização, como veremos no item a seguir.

3.1 Práticas docentes afetivas e humanizadoras no Curso de Pedagogia.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua linguagem, mas precisamente, a sua síntese

e a sua prosódia: o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ele se ponha no seu lugar ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento do seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente a experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

PAULO FREIRE

Vejo este item, como um dos momentos mais significativos deste trabalho, pois, ele justifica o objetivo desta pesquisa, que tenta evidenciar a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem, como elemento de grande importância no processo de fortalecimento da humanização.

Elegi como referência teórica básica para a construção de sua análise, a expressão educativa mais forte das últimas décadas no Brasil, o Professor Paulo Freire, um educador que sonhou, sofreu, incomodou e ardorosamente defendeu uma pedagogia problematizadora, capaz de possibilitar o processo de humanização dos sujeitos nele envolvidos, fez isso, porque acreditava no homem como sujeito de sua aprendizagem, de sua história e autor de sua libertação, e por condenar toda prática seletiva, excludente, e antidemocrática.

Procuro trabalhar a importância determinante da afetividade na educação e construção da evolução social, histórica, cultural, e humana, além de fazer uma crítica à educação bancária, burguesa e autoritária, porque seleciona, exclui, massifica e, embrutece o homem, levando-o a desumanizar-se. Utilizo para isso, a análise dos dados que foram construídas por meio de entrevistas individuais semi-estruturas, com três professores do Curso de Pedagogia da UEPA, que colaboraram como sujeitos desta pesquisa, bem como, faço referências às minhas experiências formativas, pessoais e profissionais.

Reflico essas falas e as analiso em confronto com as referências que dão sustentação teórica a este estudo, para isso, faço minhas interpretações em torno do que dizem os entrevistados a respeito das afinidades e ou dissonâncias entre eles, procurando relacionar com a educação como uma atividade política que pode estar comprometida com a libertação e portanto, com a humanização do ser humano.

Reconheço contudo, que, para que essa educação aconteça é recomendável reconhecer a importância da formação profissional e pessoal do professor, além de sua atuação crítica e consciente como um trabalhador social que tem coragem para trabalhar as contradições sociais e propor vias de mudança.

Entretanto, para que este processo educativo se efetive em nossa realidade, faz-se necessário, que o ser humano seja reconhecido e valorizado em sua totalidade, como pessoa completa, com qualidades e defeitos, limites e possibilidades, ou seja, alguém que é construtor de si mesmo e da história através de suas ações, mas que também, pode ser influenciado pelas contingências do meio em que vive, com elas se construir e assim, transformar a realidade na qual vive.

Observo a importância dessa influência e formação afetiva na vida do professor, ao conhecer o que expressa a professora Roseane, ao ser questionada sobre a sua formação e escolha profissional e, em que sentido isso influenciou sua vida pessoal, ela respondeu:

eu estou no magistério porque quero, gosto de trabalhar com o público, isso me dá prazer, agora você não me vê mais aborrecida, humilhando ninguém, porque eu estou de bem comigo, porque gosto do que faço. Estou me sentindo melhor como pessoa, minha relação com meus filhos também melhorou, minha vida mudou para melhor depois que eu entrei no magistério.

O relato da professora, deixa evidente que antes, ela não se reconhecia uma pessoa tolerante, isso se deu como consequência de sua inserção no magistério, pois, ela considera essa formação, um instrumento de transformação, não só de suas práticas como profissional, mas principalmente, de suas relações pessoais com seus familiares. Sobre isso, argumenta Freire (1996, p. 79). “A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho”.

Neste sentido, a mudança de comportamento do professor, representa a possibilidade de realizar o processo de humanização que se realiza por meio da educação, a qual só será possível, quando essa prática docente for permeada de afetividade que pode estar presente na relação entre as pessoas desse processo, pois, para, Brandão (2005, p. 31) “a educação muda às pessoas, as pessoas mudam o mundo”.

Portanto, compete às instituições de ensino, em especial as formadoras de professores, proporcionar condições de convivência e crescimento na e com as diferenças humanas, pois são elas que constituem o complexo educativo e social da

humanidade, por isso, a ação educativa precisa ser uma oportunidade de diálogo permanente entre seus atores, e de humanização, pois,

não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase 'coisas', com eles estabelece uma relação dialógica permanente" (FREIRE, 2005, p. 63).

Tendo em vista esta realidade, torna-se importante que os programas curriculares adotados nas escolas, reconheçam essa necessidade de diálogo e, esta diversidade humana e social, para que possam fazer de seu desenvolvimento, uma oportunidade de convivência respeitosa com todos, afirmação de identidades dos sujeitos, os quais, conseqüentemente, estão inseridos no contexto social.

Todavia, não é bem isto o que se tem presenciado no sistema de ensino, como nas práticas tradicionais de educação, centradas na transmissão de conteúdos descontextualizados da vida dos alunos, privilegiando a memorização em detrimento da formação e o desenvolvimento do senso crítico. Dessa maneira, a escola é mantenedora e reprodutora do sistema social elitista, seletivo, excludente e marginalizador das classes menos favorecidas.

Nesse sistema, os homens são submissos e sua humanidade, afetividade e liberdade são negadas, pois, o sistema não reconhece e não aceita a possibilidade do questionamento, da discordância, e do diálogo afetivo que a convivência com a pluralidade proporciona e exige que se exercite, porém, esta realidade precisa ser questionada e superada em nossas práticas pedagógicas e sociais, já que:

compete à educação o esforço de levar à perfeição a natureza humana, cabendo à Pedagogia, enquanto ciência, projetar, a partir do material humano concreto e o encontro histórico, cultural, uma forma futura de criatura humana, assinalando os fins educativos para que o sujeito da educação possa realizar plenamente todo o seu potencial humano (GONZÁLEZ, 2005, p. 39).

Com essa intenção, é que percebo a necessidade da afetividade estar presente no processo ensino-aprendizagem desenvolvido na sala de aula, já que, é por intermédio dela e de seu fazer competente, que o professor vai demonstrando seu compromisso diretamente com as pessoas e com seu projeto de humanização, por isso, eu assumo que é importante o envolvimento profissional e afetivo com os alunos, o que deve e pode ser feito, de forma natural, porque a afetividade é um elo que nos faz, sentir comprometido com a causa dos alunos, e a desejar que eles aprendam. Eu acredito que é mais fácil você se solidarizar com aqueles com os quais

se sente envolvida afetivamente, do que com aqueles que você apenas vê, por isso, defendo relações mais afetivas entre professor e aluno

A respeito da importância do envolvimento afetivo com os alunos, o professor José Roberto, faz um relato bem resumido, porém contundente, ao afirmar:

sou professor porque gosto de ser professor, por isso eu acredito que seja importante me relacionar bem com os alunos, porque assim, o trabalho fica mais tranquilo, menos estressante, mais agradável, mais produtivo e, portanto, menos cansativo para todos. Acredito que o processo ensino-aprendizagem se efetiva com mais possibilidade de sucesso, quando existe uma relação afetiva entre os sujeitos, neste sentido, eu procuro respeitar, ajudar naquilo que posso, e ser afetuoso com todos.

É possível identificar no relato do professor, que ele vai direto na questão, e deixa claro que considera importante, um clima agradável entre alunos e professores, permeado de afetividade, como possibilidade de melhorar o processo ensino-aprendizagem. Seu comentário também mostra, que ele age assim, porque espera resultados mais positivos no trabalho, todavia, não o distancia de suas convicções.

A importância da afetividade, é percebida também, na fala da professora Roseane, ao responder, como se relaciona afetivamente com seus alunos no trabalho:

eu respeito os alunos também como seres humanos; deixo bem claro do que gosto, mas tudo tem um limite, inclusive com as brincadeiras, para que seja possível estabelecer uma relação afetiva sadia com eles, para isso estabeleço um código de conduta. Eu prefiro estabelecer uma relação de respeito, o que ele fala pode estar até errado, eu só tendo ajudá-lo a refletir sobre o que disse, para perceber a importância de sua atitude. Você acha que aquele aluno aplicado, certinho, esforçado, quando tem dificuldade, ele merece chance?. Eu escuto os seus motivos e dou outra oportunidade. Eu penso que a gente tem que incluir, e não excluir os alunos com dificuldades.

A professora expressa sua afetividade, em forma de respeito ao ser humano, que como tal, não nasceu para ser objeto, mas sim para ser sujeito, portanto, é assim que ele deve ser tratado para que sua humanidade não seja negada, como presenciamos nos regimes totalitários, anti-democráticos e excludentes, que não permitem ao homem viver sua liberdade, tratando-o como “coisa”, como se ele não fosse uma pessoa, tendo em vista que ela está sendo negada ao negar-lhe a condição de sujeito e de humano. Todavia, ela faz referências a impor limites, inclusive as brincadeiras, sem esclarecer, que limites são esses, e a que eles se referem, levando-nos a questioná-los nessa relação.

Sobre isso, argumenta Freire (2004, p. 39). “É preciso permitir ao ser humano chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros, relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história”.

Tendo-se em vista a questão da afetividade como oportunidade de realizar o processo de humanização, ao ser questionada sobre sua forma de se relacionar afetivamente com os alunos a professora Ivanilde respondeu de maneira convergente ao que pensam os outros professores entrevistados:

primeiro, eu procuro respeitar meus alunos como pessoas e também como alunos que estão em busca de um conhecimento, que eles pensam que eu tenho como profissional, neste sentido, procuro ser responsável em meu trabalho, trato a todos de forma igual, respeito às diferenças e procuro me aproximar deles. Demonstro compreensão por seus problemas, escuto suas questões e sou solidária quando eles precisam de mim, todavia, não relaxo com as responsabilidades profissionais, sempre busco ser ética e coerente, pois isso é também uma forma de demonstrar compromisso e envolvimento com as pessoas com as quais trabalhamos, o que a meu ver, também é uma maneira de manifestar afetividade por elas.

Destaco nessas respostas, algumas questões importantes. A primeira está relacionada a necessidade do respeito pelo aluno como pessoa, coisa considerada de grande importância para os três entrevistados; depois, tem a ideia de compromisso, de responsabilidade com o trabalho pedagógico, de compromisso com a educação e com seus sujeitos .

Outra questão que merece atenção, diz respeito ao entendimento de saber ouvir, de compreender os problemas enfrentados pelos alunos, sejam, em relação a aprendizagem como relatam os professores Roseane e José Roberto, como também, de ordem pessoal, como demonstra a professora Ivanilde.

Foi constatado também, que todos deixam transparecer em suas falas, que fazem isso como forma de compromisso social e de demonstração de afeto pelos alunos, ao que parece, aponta Leite (2006, p.172) “o aluno aprende realmente bem aquilo que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar afinidades”.

O autor expressa em sua fala, que a forma como o professor se relaciona afetivamente com seus alunos, interfere na sua disposição para aprender, ou pelo menos para demonstrar certo interesse pelo trabalho desenvolvido em sala de aula, afinal, o aluno quer de alguma forma, tornar-se agradável aos olhos do professor, essa teoria está presente na fala da professora Roseane, ao relatar a importância de uma determinada professora em sua vida acadêmica:

ela envolvia a turma de uma forma positiva, porque tem professor que envolve de uma forma negativa. Ela nos dava explicações, e aceitava às nossas; sabia ouvir, mas é preciso o professor ter estratégia e por limites, estabelecer diálogo com os alunos, dizer o que gosta e o que não gosta., e ouvir os alunos também.

Identifiquei que os professores entrevistados, consideram a afetividade um valor importante no processo ensino-aprendizagem e, destacam a presença de professores que demonstraram essa afetividade e respeito pelos alunos, como algo positivo e, um modelo a ser seguido, isso está também representado, no comentário do professor José Roberto ao ser questionado sobre sua forma de se relacionar com seus alunos, ao que ele respondeu:

como eu disse anteriormente, tive bons professores na minha formação na UEPA, eles sempre me trataram bem, por isso, hoje eu procuro ser assim com meus alunos, muito embora eu seja muito sério em relação ao conteúdo, faço isso de forma respeitosa e, afetuosa, tratando bem a todos. Acredito que isso seja um reflexo dos bons professores que eu tive e, agindo assim, com humildade, eu não tenho problemas de relacionamento com os alunos, pois, os respeito e consigo ser respeitado por eles, dessa maneira, penso que estabeleço um relacionamento agradável entre nós.

Ainda nessa perspectiva, ao ser questionada sobre a sua forma de lidar com situações de conflitos afetivos, ou de grosserias em sala de aula, a professora Roseane relata de forma emocionada, uma experiência que vivenciou em sala de aula na graduação, e que, apesar de dizer que não sabe se agiu certo ou errado, sua atitude nos mostra um grande controle emocional diante de uma situação de conflito e de aparente desequilíbrio emocional da aluna, colocando em prática, aquilo que diz Freire (1996, p. 67): “O meu respeito como professor à pessoa do educando, exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância”. Tal exigência de humildade e tolerância, se configura no seguinte relato da professora:

antes eu tinha muito medo de um aluno me agredir, que isso acontecesse, eu tinha medo da minha reação, eu não sabia como ia reagir diante disso. Teve uma oportunidade com uma aluna em que eu passei uma prova, ela queria dez, e só tirou oito, ela reagiu de uma forma muito agressiva, embolou a prova e jogou no meu rosto. Eu estava sentada, não fiz nada, me senti muito humilhada naquela hora, sinceramente, eu fiquei com muita raiva, minha vontade era levantar e jogar a prova também na cara dela e botá-la pra fora de sala, mas eu me mantive aparentemente calma, acho que fui humilde e muito iluminada naquela hora. Tomei uma atitude inesperada até para mim: levantei, juntei a prova, alisei, fui até ela e lhe entreguei dizendo: tome, até para reivindicar sua nota, você precisará desta prova. Todos ficaram admirados, ela sem graça, depois, mais calma, foi conversar comigo, eu expliquei o porque da nota, e ela entendeu e me pediu desculpas pelo seu ato, passando a melhorar seu comportamento e a me respeitar.

O exemplo relatado pela professora, nos leva a pensar que o professor também precisa ser respeitado como pessoa e profissional, para sentir-se valorizado, a respeito disso, argumenta González (2005, p. 40): “educando e educador, têm que ser respeitados como sujeitos”.

Ficou evidente na atitude da professora que, apesar da indisciplina da aluna, ela a reconheceu e respeitou como sujeito, porque também se respeita e sente-se sujeito de sua ação, permitiu que a aluna se manifestasse, porém, não deixou de corrigir sua atitude, sem que fosse necessário desrespeitar a pessoa. Todavia, ela não nega a sua indignação diante da atitude da aluna, isso mostra, que as situações profissionais que vivenciamos em sala de aula nos afetam também como pessoas.

A respeito dessa questão, argumenta Freire (1996, p. 105): “licencioso teria sido se tivesse permitido que a indisciplina de uma liberdade mal centrada desequilibrasse o contexto pedagógico, prejudicando assim o seu funcionamento”.

A professora demonstrou ter equilíbrio emocional para lidar com a situação e manter sua autoridade docente sem usar de autoritarismo, afinal, o professor é quase sempre mais adulto do que o aluno, em tese tem mais conhecimentos do que ele, tem formação pedagógica e profissional que lhe orientam a agir nessas situações, além disso, como professor ele exerce autoridade na classe, portanto, deve ter maturidade para agir diante dessas situações, como demonstrou a professora entrevistada.

Situação justificada, porque além de saber explicar o conteúdo que ensina, espera-se que este professor também saiba se relacionar com seus alunos, respeitar suas limitações e acreditar em suas potencialidades, tratando a todos como pessoas especiais, pois, o trabalho do professor não é isolado, ele trabalha com os alunos em um contexto social. Neste sentido, argumenta Freire (1996, p. 67): “O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância” .

Tolerância e humildade essas, presentes na atitude da professora Roseane e, indispensável nas relações entre as pessoas, como condição de respeito à alteridade do outro, neste sentido, o professor intervém sobre as relações de interações e de estímulos educativos existentes em sala de aula, organizando-as, criando novas, e

construindo mediações entre os sujeitos, afinal, eles são os principais responsáveis por essa relação.

Por isso, eu acredito em uma educação humana, e afetiva, capaz de humanizar e de libertar; que atenda a pessoa por inteira, dotada de razão, e emoção, de corpo e sentimentos e, por isso, capaz de se emocionar, de sentir, de dar e de receber afeto, caso contrário, o processo ensino-aprendizagem será apenas uma transferência mecânica de conteúdos, todavia, a educação não pode servir apenas a este propósito, ela pode contribuir para transformar a realidade e melhorar a vida do ser humano.

Freire (2000, p. 91) destaca que “se, de um lado, a educação não é a alavanca das transformações sociais, de outro, estas não se fazem sem ela”. Realidade que comprova, que só criaremos escolas e currículos democráticos e multiculturais, nos quais os sujeitos possam exercer a cidadania e humanidade, na medida em que refletirmos nossos comportamentos e mudarmos nossas atitudes seletivas e discriminatórias que negam a existência das diferenças.

Na medida em que revermos paradigmas que consideramos verdadeiros, além dos pressupostos teóricos e filosóficos e, principalmente, se mudarmos nossas idéias e práticas de unilateralidade, por meio das quais, justificamos a existência e imposição de um programa curricular, no qual se nega ao sujeito o direito de exercer a sua alteridade e humanidade e lhe distorcem a noção de cidadania e de autoridade, levando-o ao extremo em suas atitudes, ao querer demonstrar insatisfação ou desejar impor suas opiniões, como vimos na atitude da aluna diante de uma insatisfação, contudo.

a pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2005, p. 46).

Esta pedagogia que a meu ver é bastante afetiva e humanizante, pode ser percebida, ao vermos a explicação da professora Ivanilde, ao ser questionada a respeito de como age diante de um comportamento deselegante, ou agressivo de aluno, ao que ela respondeu:

ainda não tive problemas dessa natureza com alunos, todavia, se isso um dia acontecer, penso que chamarei a sua atenção seriamente, mostrando-lhe o erro de sua atitude, porém sem agredir a pessoa, e nem igualar-me a ele sendo grosseira também. Procuro sempre conquistar a confiança e o

respeito do aluno e evitar situações como essas. Aprendi com Paulo Freire e, na própria experiência, que autoridade se conquista por meio da competência e não do autoritarismo docente, e procuro humildemente seguir essa lógica.

A referida professora, assim como os outros entrevistados, fala e acredita na humildade, como elemento importante na formação e na atitude do professor, bem como, na necessidade de impor-se como autoridade de forma afetiva, como comenta Freire (2004, p. 237) “eu recuso a humilhação, não aceito humilhação precisamente porque defendo a humildade”.

Todavia, o que vemos em muitas práticas, são modelos que se dizem novos, mas permanecem com velhas práticas seletivas, negam as diferenças e contribuem para apressar o processo de exclusão do diferente, o qual, também é humano, pois, apesar de sermos iguais na condição humana, somos pessoas singulares, diferentes umas das outras, essa singularidade, nos torna profundamente humanos, embora a escola não reconheça esta verdade, como é possível perceber na afirmação a seguir:

o mesmo e o outro não podem, nessa temporalidade, nessa escola, estar ao mesmo tempo. A mesmidade da escola proíbe a diferença do outro. Um lugar, estável, ordenado, linear para a mesmidade. Outro lugar, bem diferente, mais de muito maior ordem, de muito controle, de maior governo, um lugar deliberadamente sem tempo e sem espaço para os outros (SKLIAR, 2003, p. 210).

No trabalho do professor no contexto da sala de aula, podem acontecer situações de conflitos entre os sujeitos, chegando em alguns casos, até a situações limites, por isso, espera-se que esse trabalho aconteça permeado de valores éticos, de estética da sensibilidade e, do respeito às diferenças e aos limites de cada um. Sobre essa diferença argumenta, Freire (2004, p.184) “Eu sou diferente do aluno, mas não permito que a minha diferença se transforme em antagonismo. Sou diferente, mas sou tão sujeito quanto ele no processo de aprender e de ensinar”.

Por reconhecer a educação como um instrumento de transformação, eu faço de minha prática, uma constante oportunidade de crescimento pessoal e profissional, meu e dos alunos, pois,

no momento em que trabalho os conteúdos, e as atividades pedagógicas com os alunos, eu estou me colocando como pessoa, afinal, eu não posso me desvincular do envolvimento com os alunos, não vejo como fazer isso. Com 27 anos de magistério, trabalhando em diferentes níveis de escolaridade, eu tenho procurado não me distanciar dos alunos e, estabelecer relações prazerosas, e proveitosas. Eu tenho recebido o reconhecimento desse trabalho, através de agradecimentos particulares e públicos, por meio de homenagens, cartões, plaquetas, mensagens e, até

em forma de Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, em reconhecimento ao meu trabalho e atuação docente, atitudes que demonstram o meu envolvimento afetivo com os alunos e a demonstração de carinho por parte deles. Isso representa, a concretização de uma prática fundamentada naquilo que digo e acredito como valor educativo (A AUTORA, 2007).

A situação de gratificação sentida por mim, não quer dizer que eu seja uma professora perfeita, muito pelo contrário, estou bastante distante disso, significa, que eu consigo atender as necessidades formativas e afetivas dos alunos, e eles demonstram isso como gratidão, realidade que também se faz presente no relato da professora Roseane, ao comentar sua atuação em sala de aula.

vi meu trabalho ser valorizado agora no primeiro dia de aula, quando eu trabalhei um texto para os alunos fazerem interpretação, teve um rapaz que não conseguiu expressar o que ele queria dizer, porém, eu dei a ele a oportunidade de crescer pedindo que tentasse outra vez. Agora, no final do semestre, ele me fez um outro texto muito diferente, não aparentava ser a mesma pessoa. Foi um progresso imenso, isso aconteceu, porque ele teve a oportunidade de crescer, fico feliz por ter feito isso, incentivado para ele não parar, disse, meu filho, não pare!. Acho que isso é trabalhar com emoção, com sentimento e com afeto. É uma forma de se relacionar com o outro em sala de aula.

A professora põe em discussão a questão da avaliação como processo formativo, além de demonstra ter consciência de que, sua atitude tolerante diante da dificuldade do aluno, foi importante para que ele conseguisse superar essa dificuldade. É importante que o professor adote uma postura de acolhimento, e também de autoridade de respeito por si mesmo e pelos alunos. E além disso, os gestores e agentes educativos compreendam a escola como um espaço polissêmico, no qual estão em jogo diferentes interesses e pessoas. A respeito dos diferentes interesses dos alunos, o professor José Roberto, faz o seguinte comentário:

nesses anos de magistério na UEPA, eu tenho percebido, que muitos alunos chagam no curso sem saber para que vão se formar, isso atrapalha sua formação, pois, muitos querem apenas o diploma para conseguir emprego, outros por questão do *status* que o nível superior dá, outros, por que gostam do magistério. Eu também percebia isso na minha época de graduação, acho que, é por isso que muitos professores não se sentem gratificados com a profissão, pois eles não se envolvem afetivamente com ela e, nem com os sujeitos.

O comentário do professor, evidencia a problemática da identidade com o magistério, como elemento importante para o professor envolver-se afetivamente com o trabalho e com os sujeitos, além de ser também, um indicativo para ele sentir-se realizado na profissão, coisa que só será possível, se houver envolvimento afetivo, além de profissional. Porém, não é isso o que normalmente se vê nos cursos de formação: a metodologia adotada, o currículo, e os interesses da universidade por

sua vez, são homogêneos e não estão preparadas para trabalhar as diferenças que existem em seu interior, dificultando a compreensão dessas diferenças culturais, axiológicas, econômicas, sociais e de ritmos de aprendizagem, ou seja, o professor, não é cúmplice de seus alunos, apontando para a compreensão inferida por Freire (2004, p.184) de que “cumplicidade que é sinônimo de participação – uma presença afetiva e sobretudo ética”. Contudo, a missão do professor é desenvolver o ser humano em todas as suas dimensões e possibilidades, entre elas a afetividade.

Quando isso não acontece, esta não poderá ser uma escola na qual o sujeito se encontre, se identifique como pessoa e cidadão. Ela não tem vocação e nem princípios humanitários que possibilite ao homem ser sujeito de sua história, exercer a sua identidade e cidadania, tornar-se livre. Ao contrário, ela provavelmente, conduzirá para a anulação das identidades, para a prática de atitudes preconceituosas que geram violência, que impedem a manifestação da subjetividade, dos sentimentos, das emoções e do afeto.

Uma escola que prega a mesmice, que tem medo do novo, e se fundamenta em princípios de seletividade e portanto de negação das diferenças humanas, sempre presentes nas relações com a diversidade. Nesse sistema educacional, o aluno é apenas mais um depositário de um saber justaposto, autoritário e mandonista, que nega ao outro o direito de dizer sua palavra, tratando-o como quase “coisa”, neste sentido, os gestores desse sistema, não demonstram afetividade pelos alunos e nem contribuem para realizar o processo de humanização, realidade que é contraditória a fala de Giles (1983, p. 27) “educar é alcançar a pessoa naquilo que lhe é mais específico, no seu ser-humano, isto é, na sua intelectualidade, na sua afetividade, nos seus hábitos, para levá-la à realização de um ideal”.

Ao considerarmos esta afirmação, podemos concluir, que a educação se propõe a atender tanto a intelectualidade do aluno, quanto a sua afetividade, haja vista, que ele mobiliza ambas no processo da construção de sua aprendizagem. Na tentativa de entender melhor a questão, perguntei a professora Roseane, sobre a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem, ao que ela respondeu:

eu acredito que a afetividade é muito importante na relação entre professor e alunos na sala de aula, pois ela facilita as relações, torna mais agradável a convivência, nos aproxima mais uns dos outros. Essa aproximação, faz com que o aluno se interesse mais pela matéria que o professor ministra, dessa maneira, ele passa a prestar mais atenção nas explicações, e a fazer as atividades que o professor propõe, ele age assim, porque quer agradar o professor, assim, ele termina aprendendo mais, isso mostra o quanto é importante haver afetividade entre alunos e professor.

Ao refletir o que expressa a professora sobre a importância da afetividade na sala de aula, percebo que a mesma, a situa como valiosa nessa relação, ao considerá-la elemento facilitador do processo ensino-aprendizagem, quando afirma que o aluno se interessa mais pela disciplina quando sente-se afetivamente envolvido pelo professor, isso me leva a pensar, que suas idéias convergem com o que muitos autores vêm defendendo ao longo desse texto: que a afetividade tem destacada posição na efetivação da aprendizagem do aluno, como revela esta afirmação.

sem chegar a dizer que a forma do ensino é mais importante que o seu conteúdo, pode-se afirmar que a transmissão de um ensinamento, qualquer que seja, supõe um comportamento favorável e afetivo do professor, e o que é mais difícil ainda, um comportamento adequado a cada aluno em particular (MARCHAND, 1985, p. 105).

Tenho consciência de que no processo formativo escolar, apenas a postura afetiva do professor, não é condição suficiente para que o aluno aprenda, todavia, ela traz significativas contribuições para que isso aconteça, na medida que o aluno se desarma emocionalmente contra o professor, e passa a ver nele uma pessoa capaz de demonstrar-se humana, de sentir, de demonstrar e de desejar receber afeto, além de ser um profissional e educador, neste sentido, Freire (1996, p. 67) faz o seguinte questionamento: “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?”.

E por acreditar que o professor tem grande importância na dinamização das relações vivenciadas em sala de aula, e do processo ensino-aprendizagem, ele não poderá esquecer que a relação entre as pessoas está profundamente marcada por laços de afetividade, ou pela necessidade deles, já que ela é considerada importante nessa relação e nesse processo, como se observa na resposta da professora Ivanilde, ao ser questionada sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, ao que ela respondeu:

eu considero a afetividade fator de fundamental importância no processo formativo e na relação professor-aluno, para os alunos entre si, e desses com a construção de sua aprendizagem, porque o ser humano é um sujeito pronto para viver a afetividade, por isso, ela tem destacado papel nessa relação. Acredito que a sua principal importância está em tornar as relações mais agradáveis entre alunos e professores, e entre os próprios alunos, além disso, a afetividade pode proporcionar maior envolvimento com o processo ensino-aprendizagem, tornando os alunos mais bem dispostos para a aprendizagem, e mais abertos para o acolhimento do outro, como também de suas idéias e de seu trabalho. Neste caso, o professor e os alunos se beneficiam profissional e pessoalmente nesta relação, pois ela é

mais prazerosa e produtiva profissionalmente, além de propiciar a realização de um processo educativo mais humanizante.

A professora nos leva a pensar que a postura afetiva do professor facilita o processo ensino-aprendizagem tornando-o agradável e, serve fundamentalmente, para tornar o homem cada vez mais humano. Penso que para isso, os sujeitos desse processo devem ter esperança de que seu trabalho tem valor no processo de humanização e que além disso, podem lutar para realizá-la.

Neste sentido, Freire (2004, p.191) reconhece que, “sonhar faz parte da minha natureza inconclusa e da consciência de minha inconclusão”. Considera ainda, que sonhar não é coisa de maluco, mas de todo aquele que existe, porque sonhar é uma necessidade da natureza humana que não pode ser silenciada pela burocracia pedagógica e mandonista, que por muito tempo vem predominando em nossas escolas.

Isso se dá porque os agentes destes espaços educacionais, não exercitam a afetividade e nem compreendem o processo do mundo global e multicultural, do qual fazemos parte ao habitarmos um espaço planetário, no qual precisamos exercer a nossa cidadania, convivendo com muitas diferenças, as quais, não podem ser negadas como se não existissem, sobre isso, argumenta Chalita (2001, p. 214) “ a escola também tem de preparar para a convivência plural, seja qual for a diferença”, caso contrário, estaria formando um arsenal a serviço da anti-democracia.

Definitivamente, esta não é a instituição de ensino que sonhamos ter, porque ela não está preparada para acolher os diferentes, para viver o afeto e muito menos realizar o processo da humanização, com o qual sonhamos e acreditamos que é possível ser realizado nos ambientes escolares, se assim desejarmos e lutarmos para que se efetive, afinal, a vida em sociedade é necessária e essencial, já que o ser humano não consegue se desenvolver plenamente sem o outro.

A respeito de acreditar no processo de humanização e de nossos sonhos, argumenta Freire (2004, p.191) “é preciso sonhar com um projeto de vida, com um projeto de sociedade”. É por acreditar em meus projetos de vida e em meus sonhos, que:

eu sempre lutei e luto para realizá-los, afinal, eu defendo a pedagogia da esperança, em que os sonhos, as utopias são possíveis de serem realizadas, por isso, faço educação com esperança e afeto e, também, porque acredito que meu trabalho é importante na construção da democracia, da consciência de cidadania planetária e, de projetos

educativos sociais mais humanos. Nesta perspectiva, eu acredito em escolas mais inclusivas, democráticas e em projetos educativos humanizantes. É isso o que o penso e acredito, além de ser assim que procuro trabalhar (A AUTORA, 2007).

O meu relato pode parecer pretensioso, se analisado friamente e de forma distante, todavia, ele tem sido constatado por aqueles com os quais trabalho, além de já ter sido reconhecido e registrado em forma de um Trabalho de Conclusão de Curso de alunas de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, no qual elas reconhecem essa prática comprometida com a mudança.

A escola que queremos e precisamos ter, deve estar aberta para acolher os diferentes e respeitar essas diferenças, realidade que só será possível, na medida em que trabalharmos, currículo pautado em uma educação humanizante, com perspectiva que desafiem a construção de identidades éticas, que trabalhe as diferenças, que combata os preconceitos, que pratique a sensibilidade, que respeite a pluralidade cultural e realize o questionamento de discursos que calam, de práticas que estereotipam o diferente, que neguem sua humanidade, ou o impeçam de exercê-la com autonomia e portanto com liberdade, pois é este o propósito da verdadeira educação, como podemos ver na afirmação moriniana:

a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo o que é humano (MORIN, 2003, p.47).

Para uma educação que se diz humana e que busca realizar o processo de humanização, ela deve fundamentar-se em práticas educativas afetuosas e amorosas, tendo-se em vista que, nos preocupamos mais com aqueles a quem amamos.

Assim, o professor tem uma importância fundamental neste processo, porque ele é capaz de amar e poder demonstrar este amor por meio de atitudes, de posturas, as quais, podem ser, de um sorriso aberto, de uma palavra verdadeira, que, às vezes deve ser dura, porém amorosa, afetuosas, todavia, afirma Arroyo (2000, p.148) “a escola perde mais tempo controlando o “capeta” que vê em cada educando, sobretudo nos educando dos setores populares, do que soltando o que há em cada um de humanos”.

Sabemos que a correção e a disciplina, são necessárias como ações educativas, porém, tanto a correção, quanto à disciplina, devem ser pautadas em princípios éticos e de respeito ao aluno, assim, corrige-se rigorosa e amorosamente a

ação, mas não se humilha o sujeito. Isso só será possível, a medida em que os professores perceberem que são responsáveis pela formação humana e pessoal de seu aluno, tanto quanto pela sua formação acadêmica e profissional.

O aluno é uma pessoa e deve ser tratado como tal, afinal, quem está aprendendo e amadurecendo é um indivíduo em constante processo de crescimento, coisa, que o educador humanizador percebe ao se relacionar afetivamente com esses sujeitos, como afirma Freire (2005, p. 81) “a educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo como uma realidade ausente dos homens”.

A afirmação nos convida a refletir a respeito da educação como instrumento de humanização e de libertação que deve ser conquistada pelos próprios sujeitos, e não como um presente do opressor. Ele a considera como um processo permanente de busca, de luta e de conquista. Conquista esta, que se dá por intermédio da luta, porém, ela deve se dar, de forma amorosa, e com alegria de quem tem esperança e equilíbrio emocional indispensável a todo professor, e principalmente, se ele refletir sua prática.

Condições que se fazem necessárias, ao se considerar que o relacionamento humano envolve a maior parte do trabalho docente, e sabe-se que, o afeto exerce grande influência na relação pedagógica, assim, é bom que o professor tenha uma formação que o faça capaz de refletir sua prática.

Sobre isso, a professora Roseane faz a seguinte afirmação:

não sei se consigo alcançar tudo o que penso estar fazendo, mas eu planejo e faço reflexão e avaliação de minha formação e de meu trabalho, a autocrítica é muito importante no nosso trabalho. Eu sou uma professora que procuro refletir sempre sobre os meus atos e cumprir minhas responsabilidades, porque penso que através da reflexão, eu possa mudar aquilo que não está bom, todavia, penso estar podendo contribuir com a formação das pessoas, pois tento ser uma professora educadora, além de companheira, comprometida, presente e afetiva com meus alunos.

Apesar de suas dúvidas, a professora considera, que seu trabalho é importante na formação do aluno e considera-se responsável, afetiva e capaz de fazer autocrítica de suas ações através da reflexão de sua prática como professora educadora.

E o professor que sonha com a mudança da realidade em que vive, não aceita a prática da educação bancária, depositária de um saber oficial que tem servido para alimentar nosso individualismo, e ao mesmo tempo, nos acomodar diante das

injustiças das quais somos vítimas, esta educação, alimenta a pedagogia do silêncio que fortalece o processo de desqualificação dos sujeitos, como se eles não fossem autores de sua aprendizagem.

Esse modelo de educação continua sendo defendido e aplicado em nossas escolas, principalmente, por aqueles que não desejam assumir o seu compromisso com a mudança, que não arriscam sair do comodismo, o qual, mata os sonhos e imobiliza a ação transformadora; que amordaça, cala, e oprime. Essa é a pedagogia do silêncio que faz temer, amedrontar, vetar, punir, ameaçar, uma escola que tem por objetivos ser uma fábrica de mentes sem afetos, a respeito disso, comenta Chalita (2001, p. 58): “o mercado de trabalho que suga e descarta seres humanos obedece á mesma lógica”.

Situação que nos leva a refletir sobre essas práticas antigas, e substituí-las por novas posturas, pois, o processo educativo deve servir para tornar o homem cada vez mais humano, para isso, os sujeitos desse processo devem ter esperança e sonhar com esta humanidade e, lutar para realizá-la. Neste sentido, a professora Ivanilde, ao ser questionada a respeito de seu trabalho, de seus sonhos e de suas realizações na UEPA, nos mostra que acredita na importância social de seu trabalho, quando diz:

minha permanência se dá ainda hoje no magistério, em função de me identificar com a profissão, além de acreditar que posso contribuir com a instituição, com as pessoas, e com a qualidade de ensino e de vida da sociedade paraense. Minha luta incansável para a implantação do Mestrado em Educação na UEPA, representa a realização de uma grande utopia e luta profissional e pessoal, por vezes, cansativa, desgastante, porém sem nunca me fazer desistir desse sonho, que também é vivido com a colaboração de outros colegas que como eu, acreditam nesse trabalho, como uma ação de ousadia e de coragem.

Os professores entrevistados, relatam suas experiências, suas atuações e realizações profissionais, como quem acredita em um projeto de educação capaz de intervir positivamente na vida das pessoas, de contribuir com elas, com a transformação da realidade social, nas quais os sujeitos estão envolvidos, como é possível observar na experiência relatada pela professora Ivanilde, com os projetos de Educação Popular desenvolvidos pelo NEP.

Nesse aspecto, ela se assemelha a Freire (2004, p.141) que diz:

em mim, a teoria é prática, absolutamente prática. Não há nada do que eu disse que eu não tenha feito, não há nada disso que não tenha sido resultado da minha reflexão sobre o que fiz. No meu caso, e perdoem-me a falta de humildade, há uma identidade muito forte entre teoria e prática.

E o educador que exercita sua humanidade, de maneira afetiva é capaz de humanizar e de libertar, além de ensinar e de aprender, por que ele atende e respeita a pessoa como um sujeito de direitos, o que o torna capaz de se emocionar com suas conquistas, de sentir, de dar e de receber afeto, pois, ele se envolve e acredita em seu trabalho. Um professor comprometido com os sujeitos e com a transformação da realidade, faz permanente reflexão de sua prática como propõe a professora Roseane, para que seu trabalho no processo ensino-aprendizagem, não seja apenas uma transferência mecânica de conteúdos, mas que tenha sentido e significado concreto na vida das pessoas, afinal, afirma Freire (2004, p. 183). “a prática educativa vai mais além dela mesma, o que vale dizer que não há prática educativa que não gire em torno de sonhos e de utopias”.

Utopias que ambas as professoras demonstraram ter ao falar de seu trabalho, e de como elas se envolvem profissional e afetivamente com ele, porque elas acreditam nele, como instrumento de humanização e de troca de afetividade entre os sujeitos.

Ao ser questionado sobre a afetividade como instrumento de humanização, o professor José Roberto, faz o seguinte comentário:

eu creio que a afetividade seja importante no processo ensino-aprendizagem e, também, no processo de humanização, pois a afetividade, torna as pessoas melhores e portanto, elas tendem a buscar praticar atitudes mais humanas, mais solidárias, menos egoístas. Assim, as pessoas passam a desenvolver mais a sua humanidade, por isso é importante que as relações em sala de aula, seja realizadas com ética, com responsabilidade e com afetividade.

O professor deixa evidente que acredita na afetividade como um elemento propiciador da humanização, já que, trabalhando de forma afetuosa, as pessoas se tornam melhores e passam a praticar atitudes mais humanas. Afinal, a escola tem possibilidade de tocar o ser humano em sua totalidade, tendo em vista, que ela mobiliza suas diferentes dimensões, entre elas, a sua afetividade e humanidade.

Tendo em vista essa realidade, a afirmação a seguir nos leva a perceber que:

a escola é uma experiência humana bem mais plural do que a visão futurista e cognitivista por vezes nos passa. Uma experiência bem mais mutável do que o caráter provisório do texto curricular, dos conteúdos das áreas e das disciplinas. Aprender as artes de lidar com a totalidade das experiências humanas que perpassam o tempo de escola e de aprender a fazer escolhas para dar conta dessa pluralidade de dimensões humanas, que entram nos jogos educativos, são artes constitutivas da peculiaridade do ofício de mestre-educador. São artes não previstas no texto provisório das mudanças curriculares (ARROYO, 2000, p. 232).

Os professores pensam como Arroyo, e têm consciência da importância da afetividade como elemento integrador das pessoas, e da educação afetiva como processo humanizador, por isso, se consideram afetivos com seus alunos, e procurarem demonstrar essa afetividade de maneira respeitosa, e comprometida, com um projeto educativo forjador da nova realidade educacional e social.

Essa concepção de educação, está subentendida no comentário da professora Roseane:

ganho pouco como professora, mas eu vejo que ajudo muito aos alunos com o meu trabalho, pois eu estou colaborando com a formação dos jovens e com a transformação da sociedade. Uma coisa que me chateia na escola, é a desunião, o comodismo em relação à mudança, tem professor que não quer participar, que não se prepara para seu trabalho; se você é professor, você tem que se relacionar bem com os alunos, tem que estar contribuindo, preparado para a mudança, tem que ter disposição, é uma questão de compromisso pessoal e profissional, e de envolvimento afetivo com os alunos e com a mudança da sociedade.

Fica evidente, no relato da entrevistada, a sua insatisfação com as condições salariais, e diante de determinadas posturas de acomodação de seus colegas, isso mostra, os conflitos pessoais, profissionais, políticos e axiológicos, existentes na categoria docente, por outro lado, ela consegue associar educação afetiva com educação transformadora, e além disso, ela destaca a importância do professor assumir seu envolvimento com os sujeitos e lutar pela transformação da sociedade, neste sentido, ela deixa claro que o professor é responsável pelas relações existentes na sala de aula, contudo, muitos não assumem essa responsabilidade limitando-se a transmitir conhecimentos, todavia, assinala Chalita (2001, p. 248) “o professor que apenas transmite informação não consegue perceber a dimensão do afeto na aprendizagem do aluno”.

A respeito da educação afetiva como possibilidade de mudança da estrutura social, o professor José Roberto, faz o seguinte comentário:

posso até não ser considerado um professor revolucionário e muito carinhoso, entretanto, eu tenho consciência da importância social de meu trabalho no processo de mudança da sociedade, ou pelo menos, da realidade com a qual trabalho. Sei que a escola não pode resolver todos os problemas, porém, ela pode sim, intervir de forma positiva nesse processo de mudança. Eu busco fazer o meu trabalho, com calma, sem alarme, mas de forma responsável e competente, além de me considerar afetuoso com os alunos, porque acredito que o exemplo é mais importante do que muitas palavras. Neste sentido, o aluno se sente envolvido afetivamente e, assim, ele procura fazer sua parte nesse processo, com mais gosto e empenho, por isso a afetividade influi sim no processo da mudança.

O relato do professor, indica uma certa insegurança em relação ao conceito que os alunos têm a respeito dele, no sentido de sua afetividade e posição política, entretanto, ele considera a afetividade importante no processo de mudança da sociedade e além disso, ele se considera afetivo com seus alunos. Ele defende que, quando o aluno se envolve afetivamente com as tarefas escolares e com as pessoas desse processo, ele tem mais vontade de participar da luta pela mudança, o que torna a afetividade, elemento importante a ser vivenciada nas relações entre os sujeitos.

A concepção de relação educativa, também está presente na postura adotada pela professora Ivanilde, ao expressar a maneira como se relaciona com seus alunos, e o que representa seu trabalho no processo de construção de cidadania e de uma sociedade mais humana, como veremos a seguir:

Como eu gosto de ser professora, me realizo como professora, então, estar na sala de aula com os alunos é algo muito gratificante para mim, porque foi à profissão que eu escolhi desde a infância, acredito que por isso, eu me relacione bem com os alunos, fazendo com que isso influencie de maneira positiva no processo ensino-aprendizagem. Além do mais, eu acredito na importância social de meu trabalho, sei que de alguma maneira eu estou contribuindo para ajudar as pessoas a acreditarem mais nelas mesmas e a lutarem por uma sociedade, mais ética, justa e portanto mais humana.

O comentário da professora, demonstra convicção sobre sua escolha e compromisso profissional e social com a mudança; em relação a sua visão sobre a ética e a humanização da educação, suas idéias convergem com a idéia de Freire (1996, p.17) ao afirmar: “me acho absolutamente convencido da natureza ética da prática educativa, enquanto prática especificamente humana”.

Nessa perspectiva, a educação é vista como instrumento propiciador de relações afetivas, de atitudes éticas e de práticas educativas que estimulam o processo da construção de uma sociedade de fato mais humana e melhor para se viver, como propõe Leite (2006, p. 18) “uma escola, onde o aluno passa a ser considerado como sujeito ativo no processo e, na escola o professor visto como principal mediador”.

A professora Roseane, demonstra procurar ser mediadora dos problemas que percebe entre os alunos, tanto nos aspectos da aprendizagem, quanto nos problemas de ordens afetivas, como demonstra nesta afirmação, ao ser questionada sobre como costuma agir diante de um aluno aparentando nervosismo:

quando tem algum aluno nervoso, procuro saber os motivos, e a gente conversa com mais calma, eu sempre procuro ouvir, assim, eu vou esperando que ele se acalme, digo isso a ele, até funcionar. No momento

em que acontece, eu não discuto, tento adiar, pois, sei que ele está aborrecido e poderá reagir de forma agressiva, agindo assim, tenho tido sucesso com os alunos, pois isso tem dado certo.

Identifico no relato da professora, que ela tem consciência sobre sua posição como mediadora, e que, além disso, reconhece a possibilidade de uma reação agressiva por parte do aluno, evidenciando, as relações de conflitos naturais existentes entre as pessoas na sala de aula, e que muitas vezes tentamos escamotear. Ela demonstra notar o problema, contudo, não impõe que o aluno lhe conte seus motivos, isso representa, a consciência que a professora tem em relação ao seu papel nessa relação, bem como, o de liberdade sobre os direitos do outro como condição do ser humano, como argumenta, Rousseau (1989, p.14) “perder a liberdade é renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres”.

A meu ver, negar o direito à liberdade é negar a condição de ser verdadeiramente humano, porque a vocação do homem é a liberdade, contudo, ela é muito difícil de ser conquistada, pois,

a liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela, precisamente porque não a tem: liberdade é condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (FREIRE, 2005, p. 37).

O educador consciente, não se limita, a assistir à opressão, à exploração, à violência e à dominação, sem fazer nada para mudar, ao contrário, na medida em que ele tem consciência disso, ele luta para transformá-las, pois, o homem livre não assiste à História como telespectador, mas participa dela como agente transformador. Coloco-me nesta questão, ao dizer: eu quero outros caminhos e acredito em outros projetos, creio na educação como instrumento de transformação e de humanização, não me acomodo diante da inércia de muitos professores que já perderam a esperança, ao contrário, eu me sinto comprometida com a transformação, tendo em vista que:

eu sempre acreditei que a educação é um caminho, não o único, mas ela é um bom e viável caminho para estar intervindo na sociedade. Eu nunca pensei educação apenas como transmissão de conteúdos, mas sim, como transformação de pensamento, ou até, de construção de um novo pensamento, pois eu penso que o conhecimento tem que servir para tornar a sociedade e, as pessoas melhores, mais justas e mais humanas. A educação tem que servir para tirar o homem de seu estado biológico, natureza pura e levá-lo para o estado cultural e promover a humanização (A AUTORA, 2007).

Esta crença vem de 27 anos envolvidos na educação, que me autorizam a criticar o modelo de escola que temos, no qual, raramente permitimos que o aluno seja livre para ser ele mesmo, manifestar seus saberes, seu querer, e também suas emoções e seus afetos, pois, muitas vezes, praticamos a pedagogia do silêncio, da racionalidade e esquecemos a afetividade, e a silenciemos com ditadura racionalista de práticas antidemocráticas, trabalhamos a pedagogia do silêncio que nega a existência do outro, e a manifestação do afeto.

Esse outro que não pode ser ignorado no processo educativo, e inter-pessoal vivenciado na sala de aula, mas pelo contrário, precisam ser percebidos, respeitados e experimentados pelos sujeitos desse processo, como nos relata a professora Ivanilde, ao ser questionada a respeito, de como vê a afetividade em sala de aula.

vejo a afetividade como algo natural e cultural nas relações entre seres humanos, e necessária na sala de aula, porque no momento das aulas, o professor se comunica com os alunos e esses entre si, expressando seus sentimentos, suas emoções e seus afetos. Elementos que caracterizam os seres humanos, afinal, o trabalho do professor se realiza entre pessoas, por isso a afetividade deve estar presente nessa relação, para que ela seja mais valiosa e significativa para todos os sujeitos desse processo.

É recorrente na fala da entrevistada, sua consciência da importância da afetividade nas relações entre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem, como elemento propiciador de um processo educativo mais significativo para ambos, no qual, todos podem dizer sua palavra, e expressar seus sentimentos, sem vergonha de fazê-lo porque se sentem aceitos como pessoas.

Isso só é possível, em situações em que se vivenciam relações afetivas positivas, e os sujeitos percebam, como comenta Masetto (2003, p.53) “o espaço de aula não é apenas para o professor falar e o aluno ouvir, mas um tempo de ambos trabalharem para que a aprendizagem ocorra”. O autor se refere a valorização do tempo da aula, como oportunidade de aprendizagem para alunos e professores, bem como, um tempo no qual, o aluno seja respeitado como sujeito de sua história e de sua aprendizagem, todavia, para que essa realidade se efetive é importante:

deixar de tratar os saberes humanos como apenas conteúdos, matérias escolares, temáticas, conhecimentos de nossa disciplina, e avançar revelando a nós mesmos e as crianças e adolescentes os sinais de humanização que aí apontam. Aprender a escutar esses sinais, a entender os processos como seres humanos nos tornamos possíveis, nos desenvolvemos (ARROYO, 2000, p. 45).

É possível perceber nessa afirmação, a expressão de alguém que acredita no tempo de aula como um momento de escuta dos saberes e da subjetividade do outro,

possibilitando a troca de experiências, e, principalmente, percebe a aula como espaço e tempo de revelação e desenvolvimento do ser humano, e conseqüentemente, de humanização desses sujeitos.

A respeito desse momento de sala de aula, pensa Freire (2000, p. 43) “a aula é um momento de defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica, e mentirosamente neutra”. Isso se dá, porque a ação docente se efetiva na relação entre as pessoas, nas quais, transmite-se, criam-se e vivenciam-se sentimentos, afetos, expectativas, medos e sonhos, tanto por parte do professor, quanto, pelo lado dos alunos.

Realidade que pode ser claramente percebida, quando se observa a dinâmica de uma sala de aula, na qual se configuram realidades humanas que, apesar de iguais como tais, possuem valores e interesses diferentes que se conflituam entre si, mobilizando as emoções, os sentimentos e os afetos dos sujeitos envolvidos nesse processo formador. A respeito desse processo vivenciado em sala de aula, o professor José Roberto tem a seguinte impressão:

como na sala de aula existem diferentes pessoas, existem também diferentes comportamentos, por isso, é importante que o professor saiba lidar com esses comportamentos para que alguns não atrapalhem o processo de ensino-aprendizagem. Têm muitos alunos que não estão muito interessados nesse processo e às vezes tentam atrapalhar com piadinhas e atitudes inconvenientes. Por isso, eu procuro sempre conhecer a turma e estabeleço alguns acordos entre nós, eu penso que temos que ser duros com esses alunos, porém, não podemos nunca tratá-los com grosserias.

Identifica-se no comentário do professor, que ele tem clareza da diversidade presente na sala de aula e, também, dos problemas e conflitos que essa diversidade pode trazer, isso está evidente, quando ele afirma a necessidade da dureza do professor, com alguns alunos que tentam atrapalhar seu trabalho, isso demonstra, que a sala de aula é um espaço de contradições e de disputa de poder. Nesse sentido, é necessário o professor saber administrar os conflitos que surgem na sala de aula, sem que seja necessário usar de grosserias com os alunos.

Na sala de aula, professores e alunos ocupam lugares diferentes em relação a seus papéis sociais nesta relação, pois, por mais democráticas que sejam as relações entre esses atores, existe uma certa hierarquia entre eles que é determinada pelas convenções sociais, pelos diferentes saberes de cada um, pelas concepções políticas e filosóficas desses e, pela identificação do professor com os prazeres e dores da profissão, no sentido de administrar as relações inter-pessoais

que nela se estabelecem. Sobre isso, argumenta Freire (2004, p.184) “Sou diferente, mas sou tão sujeito quanto ele no processo de aprender e ensinar”.

Para que esta relação seja mais responsável, prazerosa e produtiva para ambos, ela precisa se dar dentro de um clima que proporcione o respeito e a aceitação do outro como pessoa, que proporcione ao outro o direito de ser ele mesmo e, que, as diferenças que existem entre nós, não sejam transformadas em conflitos.

Portanto, a afetividade se constitui fator de elevada importância na determinação das relações entre professor e aluno. Isso se dá, porque a afetividade valoriza também os fatos e acontecimentos de nosso passado e nossas perspectivas futuras, realizando assim, a tessitura de nossa formação pessoal e profissional, a qual se faz ao longo de nossas vivências, tanto racionais, quanto emocionais, o que exige que o professor tenha consciência de sua importância nesta relação, como demonstra a professora Roseane.

quando eu não estou bem, quando acontece alguma coisa muito séria que eu não tenho condições de enfrentar, eu prefiro não vir para a sala de aula, do que vir e ter problemas com os alunos. Eu tenho conseguido estabelecer uma relação profissional com os alunos muito simples e afetuosa, não sei se o que faço é certo ou errado, mas eu acredito na importância daquilo que eu faço. Eu não exijo que o aluno me chame de senhora, de professora, podem me chamar pelo nome, mas eu quero que me respeitem como pessoa e profissional, e tenho conseguido isso, porque os trato de maneira afetuosa.

A fala da professora mostra a postura de uma pessoa e profissional que reconhece suas limitações emocionais e afetivas, naturais nas pessoais, e que não tenta disfarçá-las, fingindo-se de super-herói, como muitos pensam ser o professor. Ela reconhece a importância social de seu trabalho e se sente envolvida afetivamente com os alunos, além de nos indicar, que a afetividade demonstrada pelo professor, não diminui em nada a sua autoridade diante do aluno, considerando, que ele não a perde ao ser afetivo, pelo contrário, a perderá sendo arrogante e insensível, pois,

esta abertura ao querer bem não significa na verdade, que, porque, professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa abertura ao querer bem, a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano (FREIRE, 2005, p.141)

E educação como prática eminentemente humana, não pode desconsiderar os sujeitos que a constroem e que por elas são construídos, e nem também, as relações que necessariamente se estabelecem entre esses sujeitos, nas quais, expressam-se poderes, forças e saberes diferentes que se confrontam, confortam, convergem e divergem em vários aspectos, como consequência natural ou construída da relação entre as pessoas.

E nesse contexto, afirma Freire (1996, p.65) “o professor deve saber lidar com a relação tensa entre autoridade e liberdade, não permitindo que essa autoridade se transforme em autoritarismo ou que a liberdade se transforme em licenciosidade”.

Esta perspectiva está presente no relato da professora Ivanilde ao nos explicar como compreende a questão da autoridade relacionada á afetividade.

o educador Paulo Freire, vivenciou e defendeu com muita propriedade essa questão, pois ele sempre defendeu que a autoridade do professor precisa ser estabelecida por meio de sua competência, e que ela pode ser conquistada através de seu trabalho sério, competente e comprometido com os sujeitos e com a causa educativa e, jamais pode ser imposta aos alunos. Neste sentido, eu venho pautando minha experiência profissional docente, de maneira que eu possa conciliar a minha competência profissional com a minha humildade pessoal, para isso, estabeleço critérios avaliativos e discuto com os alunos permitindo assim, que eles também se expressem e demonstrem seus pontos de vistas. Faço isso de forma afetuosa, sem jamais perder o senso de responsabilidade de educadora que tem um conhecimento a ensinar e, isso tem dado certo, pois, os alunos de modo em geral, respeitam mais aqueles professores com os quais estabelecem relações de confiança e de afeto.

É possível perceber no relato da professora, que ela tem inspiração freireana e, que compreende claramente seu papel de autoridade competente como professora, contudo, ela reconhece que sua autoridade precisa ser exercida de forma afetuosa e respeitosa, para que assim, o aluno a respeite e também estime, dessa maneira, acredita que o processo pedagógico seja favorecido.

O que só será efetivado à medida que os professores se assumirem como pessoas mais afetivas, éticas, e comprometidas profissionalmente com a construção da cidadania e com o processo de humanização por meio de seu trabalho, afinal, o professor se relaciona direta e afetivamente com os alunos. Para González (2005, p.39) “o verdadeiro espaço humanizado é aquele em que a sociedade surge da unanimidade gerada pelo trabalho”.

Assim como a professora Ivanilde, eu também tenho forte influência de Freire em minhas práticas pedagógicas, não para copiá-lo, porque seria negar a condição de sujeito autônomo que ele pregava, mas porque me identifico com sua pedagogia.

com tantos teóricos que eu encontrei na universidade, descobri Freire, estudei suas obras, me apaixonei por ele! Eu me identifiquei com ele, com sua história, com sua prática e com suas idéias sobre educação, como processo de transformação, de humanização, de construção de cidadania, de identidades, de pessoas construindo a comunicação, saindo da condição de objeto, para a de sujeito que de fato ele é. A descoberta de Freire foi fundamental para eu me atirar de cabeça no magistério, porque ele respondia as minhas crenças. Ao ler suas obras, descobri que ele prega aquilo em que eu acredito e, tento praticar como educadora. Daí eu desejei continuar minha trajetória profissional dentro desta filosofia que considero uma possibilidade para realizar o processo de humanização (A AUTORA, 2007).

O meu entusiasmo por Freire, confirma, que somos afetados afetivamente pelas teorias, quando nos identificamos com elas, o que se aplica ao aluno. Considero sua prática, educativa, revolucionária, transformadora, humanizante e, acima de tudo, profundamente afetiva, como ele mesmo faz questão de expor em suas falas, em suas atividades docentes, pedagógicas e políticas, como se percebe na afirmação:

a afetividade não me assusta, não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (FREIRE, 1996, p. 141).

É importante que o professor respeite a afetividade de todos, afinal, ela resulta do jeito como o sujeito aprende a lidar com suas emoções e com seus afetos, assim, torna-se importante que ele saiba acolher, aceitar e respeitar a subjetividade dos sujeitos do processo educativo, porque isso é suporte para a interação em sala de aula, onde o diálogo precisa ser incentivado e vivenciado permanentemente, considerando que ele é o elemento essencial na relação entre as pessoas no processo pedagógico de sala de aula, no qual se desenvolve a humanização.

Quando essa humanização não acontece, argumenta Arroyo (2000, p. 54): “podemos aprender a ler e a escrever, sozinhos, podemos aprender geografia e a contar sozinhos, porém, não aprendemos a ser humano sem a relação e o convívio com outros humanos que tenham aprendido essa difícil tarefa”.

Para se estabelecer diálogo humanizante entre alunos e professor, é preciso que ambos saibam, ou aprendam a escutar, porque é somente ouvindo, que poderei avaliar o que o outro pensa, é poderei compreender seus pontos de vista, sua forma de pensar, de aprender e de se comunicar, é somente ouvindo, que poderei também reformular minhas idéias, meus conceitos.

Nesta perspectiva, a sala de aula é espaço no qual, os professores podem experimentar diferentes formas de vivenciar a sua humanidade ao se relacionar com os alunos, como é possível observar no relato da professora Roseane:

antes de ser professora, eu trabalhava na empresa e passava por cima de quem me atrapalhava. Depois que iniciei meu trabalho e relacionamento com os alunos, é exatamente o contrário, eu penso no outro, estou mais humana, isso mudou depois dos estudos que comecei a fazer, das leituras que eu passei a fazer na formação e no trabalho e, principalmente, a partir do meu envolvimento afetivo com os alunos e colegas de profissão, apesar de não ter uma matéria específica que trabalhasse às questões da afetividade, sentimentos e emoções, eu mudei meu comportamento por causa das relações que a sala de aula produz.

A entrevistada se desnuda, se expõe, se mostra com todas suas fragilidades e possibilidades, isso evidencia coragem e humildade pessoal, ao nos indicar, que sua forma de viver e de se relacionar com o outro, foi transformada em decorrência de sua formação acadêmica e, principalmente, de seu trabalho como professora, ao se relacionar afetivamente com os alunos e colegas de profissão.. Neste sentido, ela declara, que se considera mais humana, o que vem ao encontro daquilo que trata este capítulo, a afetividade como instrumento humanizador.

Questão que nos leva a pensar, que a formação do professor deve contemplar além dos saberes disciplinares, pedagógicos, epistemológicos, metodológicos e experienciais, os saberes a respeito do ser humano, porque a educação é realizada pelo homem e para o homem, assim, ela deve atender as suas necessidades, desvendar e compreender as suas diferentes dimensões, tendo em vista que o ser humano se educa e se humaniza de forma completa, com os seus sentidos, com sua intencionalidade, com sua afetividade e com todas as sua dimensões.

Assim, comenta, Leite (2006, p. 143) “as interações, que ocorrem na sala de aula, são permeadas por afetividade, que se constitui como um fator de grande importância na determinação do vínculo que se estabelecerá entre o aluno e as áreas /conteúdos escolares”. Situação que demonstra a importância de estabelecer relação entre conteúdos e objetivos educacionais, bem como, entre os interesses dos sujeitos desse processo para que essa educação tenha sentido e significado na vida do aluno.

Ao ser questionada, se nas relações entre os sujeitos em sala de aula, a afetividade funciona como instrumento de humanização, a professora Ivanilde, faz o seguinte comentário:

sim, entre as poucas certezas que tenho, esta é uma delas, pois, acredito que as pessoas não melhoram como seres humanos em relações, grotescas, desgastantes e desumanas. As pessoas tendem a melhorar e a crescer como seres humanos, em relações mais gratificantes, nas quais elas possam viver sua identidade e permitir que os outros também vivam sua alteridade de forma completa e, isso será possível nas relações onde haja espaço para a sensibilidade, para o respeito, para a demonstração e vivência de afetos. Eu considero a afetividade como elemento significativo e determinante para realizar o processo de humanização, porque o ser humano tem mais possibilidade de crescer humanamente, nas relações em que ele se sente aceito, amado e respeitado em todos os sentidos, e isso se torna possível, naquelas em que existe afetividade. Do contrário, se em suas relações não houver espaço para a demonstração de posturas éticas, de solidariedade e, de vivência da afetividade entre eles, o ser humano se embrutece, se coisifica e se desumaniza. A afetividade é portanto, elemento de grande importância para que esse processo humanizador se realize, por isso eu procuro trabalhar de forma afetiva com meus alunos, afinal, a educação compreende o ser humano como pessoa completa.

O relato da entrevistada, anuncia sua crença na educação afetiva como processo humanizador, sem deixar dúvidas em relação ao seu papel como educadora, confirmando o que diz Freire, entre outros que defendem essa idéia. Além disso, ela expressa sua postura ética e afetiva, em sala de aula, por considerar-se importantes como instrumento de humanização, ao afirmar que, o ser humano só melhora em condições favoráveis de crescimento, nos quais haja lugar para o afeto, caso contrário, ele se embrutece e se desumaniza. A respeito desse processo desumanizador, argumenta Freire (1996, p.101) “ O que quero repetir, com força, é que nada justifica a minimização dos seres humanos”.

Como a educação visa à humanização, a felicidade deve ser uma das finalidades do processo educativo, e o professor, o seu principal estimulador. Nesse contexto, é indispensável, que o professor conheça, seus limites, suas possibilidades, e sua estrutura emocional, para ter condições de elaborar melhor as atividades e, as situações a serem vivenciadas em sala de aula.

Entretanto, para que essa realidade se efetive nas práticas pedagógicas, é inquestionável o papel que a afetividade exerce na formação do professor e em suas ações no cotidiano escolar, considerando que, é por intermédio dela, que será possível estabelecer relações mais prazerosas e produtivas. A respeito dessa questão, eu penso que:

a minha experiência com a formação de formadores, talvez não seja mais importante do que com o ensino fundamental, porque ele é base, porém, a estrutura social, a responsabilidade em formar formadores é superior, em decorrência de sua abrangência, pois aqueles que eu ajudo a formar, estarão atuando na formação de outros. Eu me questiono permanentemente, se tenho competência para isso. Organizo meu trabalho, em relação ao domínio metodológico e cognitivo do conteúdo, mas

também, sobre os saberes da competência pedagógica e, a respeito do ser humano (A AUTORA, 2007).

Penso que esta minha compreensão da responsabilidade em formar formadores, advinha de minha insatisfação, com as lacunas que ficaram em minha formação, e o quanto isso é prejudicial profissional e pessoalmente. O que me faz refletir, que a escuta é importante na atuação pedagógica, e na relação entre os sujeitos desse processo, por isso, é muito importante que o professor esteja atento às necessidades que possam interferir nesse processo, afinal ele trabalha com a formação de formadores, e isso significa saber ouvir como sugere Freire (1996, para 120):

a verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das idéias.

Isso me leva a perceber a importância do professor saber ouvir, não se sentir o dono da verdade, não adotar posturas autoritárias diante das inseguranças dos alunos e suas, pois, atitudes autoritárias, escondem na verdade, incertezas e fraquezas do professor, que tenta disfarçando suas fragilidades ao agir dessa maneira. Todavia, esse não é o melhor caminho a ser adotado pelo professor, afinal agindo assim, ele estará contribuindo para dificultar ainda mais o seu trabalho e conseqüentemente, as relações entre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem.

A respeito desse saber ouvir, a professora Ivanilde, faz o seguinte comentário:

a minha formação em Filosofia e em Educação, ensinou-me que, a escuta e a reflexão são elementos indispensáveis em nossa prática pedagógica, considerando, que o professor não é o dono da verdade, alias, ninguém o é, porque ela não é propriedade de ninguém. Além disso, ao trabalhar com a formação de professores, eu preciso estar atenta aos seus interesses, necessidades e possibilidades e, isso só será possível, na medida em que eu for uma professora com perceptivas humanas, e tornar-me sensível a essa realidade. Neste sentido, eu preciso ter afeto pelos sujeitos, do contrário, não irei perceber e, muito menos me sensibilizar diante de suas necessidades.

A professora, indica que há necessidade do professor fazer reflexão de sua prática e adotar postura de escuta sensível á realidade do grupo. Todavia, isso reflete, que sua consciência se dá, em função de sua formação em Filosofia e em educação, que apontam para a necessidade permanente da reflexão e da escuta. O que aponta para uma realidade necessária: o professor admitir com humildade que não é infalível como ser humano e nem como profissional, portanto, é passivo de erros assim como os alunos, sobre isso, argumentam Pimenta e Anastassiou (2005,

p.179) “o papel das teorias é de iluminar, e fornecer instrumentos e esquemas para análises e investigação, que permitam questionar as práticas, e ao mesmo tempo, pôr as próprias teorias em questionamento”.

Como as teorias são explicações sempre provisórias da realidade, isso nos leva a crer que ninguém detém a totalidade do conhecimento, porém que existe sempre a necessidade de se aprender. Contudo, não estou dizendo que o professor, pode descuidar-se de sua formação negligenciando a seriedade que deve ter o seu trabalho. A esse respeito argumenta, Freire (1996, p. 65) “a prática docente especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética. Se não se pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se deles exigir seriedade e retidão”.

O autor acima citado, não considera que os professores sejam perfeitos, pois sabe que não o são, todavia, ele indica, que os professores precisam assumir a responsabilidade com o seu trabalho, afinal, ele trabalha em uma atividade especificamente humana. Neste sentido, ele nos convida a refletir a educação como instrumento de humanização e de libertação, conquistada pelos próprios sujeitos, e não como um presente do opressor, já que, ele a considera como um processo permanente de busca, de luta e de conquista.

Conquista esta, que se dá por intermédio da luta, porém, ela deve se dar de forma amorosa e, com alegria de quem tem esperança e equilíbrio emocional indispensável a todo professor, além disso, o relacionamento humano envolve a maior parte do trabalho docente, por isso, as emoções e o afeto exercem grande influência na relação pedagógica e, o professor precisar ter uma formação que leve em conta esta competência docente. A respeito dessa seriedade e competência emocional, o professor José Roberto, faz o seguinte comentário.

eu me considero um professor e uma pessoa que tem um bom equilíbrio emocional, porém, existem situações em sala de aula, em que é preciso fazer um grande esforço para não explodir com determinado aluno, pois, existe aquele aluno que gosta de te desafiar, de testar teus limites profissionais e pessoais, mesmo assim, eu consigo manter-me calmo, afinal, tenho que demonstrar superioridade diante dele, pois, como professor, tenho formação que me dá essa competência, além disso, normalmente sou mais amadurecido que ele e, principalmente, porque exerço autoridade sobre ele, o que me abriga a coerente. Mas isso só acontece, porque exercito minha afetividade e compromisso social docente.

Apesar do comentário do professor evidenciar que ele tem consciência de suas responsabilidades como docente, bem como, de seus limites emocionais como ser

humano, ele registra, além disso, que a sala de aula é um espaço de situações de conflitos, e de disputa de poder entre alunos e professores, quebrando a idéia ingênua de que ela é um lugar de completa harmonia.

O professor desempenha destacado papel nas relações entre os sujeitos da sala de aula, pois, a ele se atribuem saberes, poderes e status de autoridade. Todavia, é importante que esse professor não se revista de autoritarismo em função de seu status de autoridade, porque esta autoridade lhe é atribuída por conta de sua posição social, posição essa, que lhe assegura o título de professor, e como tal, ele não pode prescindir de posturas éticas, e de respeito pelos alunos, caso contrário, estaria abrindo mão dessa autoridade, ao usar de atitudes desrespeitosas e mandonistas.

Só resta ao professor uma opção se quiser permanecer com seu status e conquistar a confiança e o respeito de seus alunos, procurar ser mais aberto, mais humilde em relação a sua autoridade e a seus limites, a respeito dessa questão, argumenta Freire (1996, p.134) “atitude correta de quem se encontra em permanente disponibilidade a tocar e a ser tocado, a perguntar e a responder, a concordar e a discordar”. Dessa maneira, o professor estará contribuindo significativamente, para que se estabeleçam relações afetivas em sala de aula, que tragam benefícios para todos, e facilite o processo ensino-aprendizagem, pois, argumenta Freire (2000, p. 34) “Como aprender democracia na licenciatura em que, sem nenhum limite, a liberdade faz o que quer, ou no autoritarismo em que, sem nenhum espaço, a liberdade jamais se exerce?”.

Eu acredito em uma educação humana e afetiva, capaz de libertar; que atenda a pessoa por inteira, dotada de razão, emoção, corpo e sentimentos, e por isso, capaz de se emocionar, de humanizar, de sentir, de dar e de receber afeto, elementos fundamentais nas relações entre os sujeitos do processo educativo humanizador. Ao ser questionada, se ela considera a afetividade, um instrumento importante no processo de humanização, a professora Roseane respondeu:

eu diria que a afetividade é essencial para o professor que deseja que o aluno possa mediar e construir o conhecimento de forma prazerosa e significativa. A afetividade possibilita humanizar o ato de educar, na medida em que possibilita uma relação de troca e conseqüentemente, de afetividade e humanização.

A entrevistada acredita na afetividade como instrumento humanizador, se ela for usada como mediadora do processo ensino-aprendizagem desenvolvido em sala de

aula, capaz de tornar esse processo mais prazeroso e significativo. Pelos seus relatos, parece que ela trabalha nessa perspectiva. Não se pode esperar que as escolas sejam apenas racionalistas, sem trabalhar outros aspectos do desenvolvimento humano, como a sociabilidade e a emoção, pois, no ser humano, tanto a afetividade e a sensibilidade, quanto a inteligência e o conhecimento, estão imbricados e contribuem para o seu desenvolvimento, uma vez que,

a minha compreensão das relações entre subjetividade e objetividade, consciência e mundo, prática e teoria foi sempre dialética e não mecânica. Se jamais defendi um papel todo poderoso para a subjetividade na História jamais, por outro lado, aceitei sua redução à pura reprodução da realidade material (FREIRE, 2000, p. 89-90).

Freire, nos possibilita refletir, sobre o tratamento que normalmente damos as questões relacionadas à subjetividade e a afetividade presentes nas relações pedagógicas, ele nos indica a necessidade de que, essas questões, recebam um tratamento adequado, evidencia a sua importância, tanto no sentido de articular e facilitar o processo ensino-aprendizagem, bem como, sobre sua importância na construção da História da humanidade.

Pela cultura, o homem vai construindo-se como pessoa, pela relação no convívio social, o ser humano cria cultura, transforma o meio e constrói história, é a historicidade que nos permite dar continuidade a nossa educação, quer seja a institucionalizada, ou a educação informal que se processa nas relações com as gerações passadas, presentes e futuras, já que a educação é um dos principais meios de se garantir a história da humanidade.

A História é construída pelos seres humanos em sua totalidade, não é possível separar as suas conquistas materiais, de seu envolvimento emocional e afetivo com essas conquistas. Neste sentido, a educação deve ser pautada nesses aspectos, para atingir o ser humano em sua totalidade. Na concepção filosófica e política da pedagogia de Freire (2004, p. 57) “Não há prática pedagógica que não parta do concreto cultural e histórico do grupo com quem se trabalha”.

Percebe-se que, a prática educativa e social dos professores, pode ser construída na relação e no envolvimento afetivo e humano com a história das comunidades com as quais trabalha, já que, é possível trabalhar e contribuir para a construção de processos educativos mais democráticos, capazes de fortalecer a luta de forma mais afetiva e humanizante, pois,

a presença do homem no mundo como algo original e singular, quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma

Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Que se pensa a si mesma, que se sabe, que intervém, transforma, fala do que faz mas também do que sonha, constata, compara, avalia, valora, decide, que rompe (FREIRE, 2005, p. 18).

O autor referido, aponta a possibilidade do homem como sujeito de sua história, capaz de intervir no mundo e de transformá-lo, de avaliar, valorar, decidir e romper. Rompimento, esse necessário, se sonharmos realizar um processo educativo humanizante e libertador, construído por nós e, marcado pelas contingências e utopias dos educadores comprometidos com o processo da humanização.

A respeito desse compromisso profissional e social, comenta Rodrigues (1996, p.67): “à medida que o educador, enquanto educador, compreende a importância social de seu trabalho, a dimensão transformadora de sua ação, a importância social e, cultural, coletiva e, política de sua tarefa, o seu compromisso cresce”.

Mediante o compromisso e, as contingências que marcaram minhas utopias, sempre tive uma prática educativa e postura de rompimento com práticas arrogantes, seletivas e excludentes, que só servem para marginalizar e embrutecer o ser humano.

Com essa crença, tenho exercido minha prática profissional, fundamentada em princípios éticos, responsáveis e comprometidos com a transformação da sociedade e da construção do processo de humanização, como tendo explicado nesta afirmação:

foi meu desejo pessoal e as contingências de minha história pessoal, que me arrastaram para a vida profissional docente, com a qual me identifico plenamente e sinto-me totalmente envolvida. Acredito que minha formação profissional e pessoal, é profundamente marcada pela influência da Igreja Católica, no início, a tomista, depois, a Teologia da Libertação, que aumentou meu espírito revolucionário e minha identificação com a educação como prática de liberdade, concepção que cresce cada vez mais, mediante as descobertas, as contingências e as conquistas da profissão, consolidando meus sonhos e utopias de uma educação que possa contribuir com a construção da humanização (A AUTORA, 2007).

Esta constatação, não me torna melhor ou pior do que outros professores, pelo contrário, só para aumentar minhas responsabilidades diante das exigências que crescem assustadoramente. E para estar comprometido politicamente com a tarefa educativa, é necessário ter consciência da responsabilidade que nos é confiada, pois, ninguém nasce comprometido, o compromisso a gente desenvolve mediante as circunstâncias de trabalho, as contingências de vida, da formação que se recebe e das opções políticas, profissionais e pessoais que fazemos.

O compromisso se cultiva, como o amor que precisa ser alimentado para se desenvolver, por isso, o professor precisa renovar constantemente sua decisão, assim como renova sua esperança, seus sonhos, seus saberes, porque, eu só posso ser educador, se tenho esperança e compromisso com a mudança e a humanização:

se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo, se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto do mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes (FREIRE, 2000, p. 33).

A afirmação nos indica que, se temos sonhos e utopias a realizar, temos também um compromisso profissional com a mudança, todavia, essa mudança só se efetivará, se nós a construirmos, e, construí-la não é tarefa fácil, exige investimento pessoal, vontade política e condições apropriadas para fazê-lo. Para isso, é necessário que o professor esteja também, envolvido afetivamente com os sujeitos e com o projeto transformador.

A respeito dessa questão, a professora Ivanilde, faz a seguinte declaração:

como sou educadora popular, a educação para mim tem um sentido muito forte, ela tem como finalidade básica, realizar o processo inclusivo e humanizador do sujeito, ajudá-lo a construir o seu processo de libertação. Por isso, eu procuro me envolver profissional e afetivamente com os projetos educativos e sociais, porque acredito que eles sejam instrumento de construção desse processo humanizador. Neste sentido, a afetividade desempenha um importante papel, pois, ela serve para aproximar os sujeitos, aumentar a confiança que existe entre eles e, assim, conquistar seus sonhos de liberdade.

A entrevista nos coloca diante de três temáticas importantes de serem refletidas na educação formal: a Inclusão, a Pedagogia de Projetos e a Educação Popular, seu discurso está permeado por valores que as defendem, como possibilidades de propiciar, junto com a afetividade, o processo humanizador. Ela defende essas questões, porque é educadora popular, ou torna-se educadora popular ao defender essas questões?. Ao que parece, essa ordem não tem importância, o importante é que ela diz fazer isso, porque acredita que a afetividade contribui para aumentar a confiança entre as pessoas e juntas a realizarem seus sonhos de humanização.

Sem sonhos, sem desejos e sem planos, o ser humano ficaria apenas no plano material, biológico, portanto, teria sua humanidade e a condição de sujeito de sua história, negados, porque, esses sentimentos possibilitam ao ser humano, se realizar plenamente, como profissional e pessoa, todavia, na prática, tem poucas

oportunidades para o homem realizar seus sonhos de forma ética, porque ainda se pratica a pedagogia do silêncio, da seletividade e da exclusão dos sujeitos sociais.

Contrariando essa realidade, propõe Freire (2005, p. 21):

a pedagogia como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstraído, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

A liberdade dá ao homem responsabilidade, pois sendo livre, ele precisa ser coerente e agir com princípios éticos, como regra básica para viver em sociedade. O homem livre deve ter consciência de si mesmo e do mundo no qual vive, e deve viver corretamente, não aceitar a dominação e a exploração do homem pelo homem. Portanto, a liberdade, pode ser uma conquista e construção gradativa do homem que não aceita a condição de coisa e luta para expressar-se como sujeito de seu próprio destino. Neste sentido, ela deve ser exercida com responsabilidade ética, com respeito por si mesmo e pelo outro e, por isso, com utopia e afetividade.

a proclamada morte da história que significa, em última análise, a morte da utopia, do sonho, reforça, indiscutivelmente, os mecanismos de asfixia da liberdade. Daí que a briga pelo resgate do sentido da utopia de que a prática educativa humanizante não pode deixar de estar impregnada tenha de ser uma constante (FREIRE, 2005, p. 115).

O referido autor, me leva a refletir, sobre a importância de mantermos acesas as utopias que nos colocam em contato com o futuro e com a liberdade, utopias essas, que indiscutivelmente, devem estar presentes em nossas práticas educativas humanizadoras, afinal, são as utopias que alimentam nossas esperanças em uma sociedade mais humana, justa, e prazerosa. E a educação, a pedagogia e todas as demais ciências, precisam oferecer ao homem, possibilidades para ser feliz.

Diante do exposto, é importante que o professor compreenda que, na sociedade atual, vivemos uma época de grandes e significativas mudanças na forma de viver e de conviver; essas transformações exigem do professor, que tenha, atitude crítica frente a essa realidade, porque esta época, torna a posse do conhecimento uma grande riqueza e, a academia, equivale a um banco que a gerencia, infelizmente, por um processo seletivo e discriminatório, que exclui as camadas menos privilegiadas da sociedade, em benefício dos que detêm o poder e por isso, tenta manipular o saber.

Nesse contexto, a afetividade é vital no combate às práticas pedagógicas e administrativas seletivas, excludentes e antidemocráticas, que reforçam a

segregação e a barbárie, tão presentes atualmente. Ela pode anunciar políticas e práticas educativas democráticas, inclusivas e de qualidade social, que pensem o humano, como um ser de sonhos e de realizações, isso será concreto, quando tivermos uma pedagogia que refute a racionalização, mas utilize a racionalidade como elemento integrador da subjetividade humana, em comunhão com a afetividade.

Uma pedagogia, que descarte a padronização e a coisificação que embrutece o ser humano e nega sua alteridade, uma pedagogia que seja afetiva e, realize o processo humanizador que tanto sonhamos ter. A respeito dessa possibilidade, argumenta Freire (2004, p. 94): “É neste sentido que tenho afirmado que não sou esperançoso por pura teimosia, mas por uma questão de radicalidade ontológica”.

É essa esperança radical que indubitavelmente, precisa estar presente nos sujeitos dos processos educativos e pedagógicos, desenvolvidos nas instituições de ensino, em especial, nas que formam professores, considerando que esses, como responsáveis direto pela formação da sociedade, necessitam estar formando-se permanentemente, pois,

o homem é, forçosamente, um educando; não é questão de alguém querer educar-se ou de querer permanecer deseducado: acontece que, ou nos educamos e alcançamos a constituição humana, ou deixamos de educar-nos permanecendo num estágio de animalidade elementar. A natureza do homem exige o processo educativo (FULLAT, 1994, p. 85).

Foi essa idéia, que tentei defender ao longo deste texto, pois, existe um número muito limitado de pesquisas sobre o professor e o aluno de Pedagogia, portanto, é nossa responsabilidade mudarmos esta realidade, coisa que acredito estar fazendo ao realizar esta pesquisa, a qual, trata da afetividade na formação docente, a relação professor-aluno, como instrumento humanizador, no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO

Ao longo de vinte e quatro meses de intenso envolvimento acadêmico e empenho pessoal, percorridos na construção deste estudo, sobre o qual, me debrucei de corpo e alma, razão e emoção, afeto e cognição, a contar, da elaboração

do projeto, até a conclusão da pesquisa, posso dizer que, minhas utopias foram realizadas, ao constatar, que resultados evidenciam que as minhas inquietações tinham fundamento teórico e, ricas experiências concretas que as confirmam, como ficou comprovado nesta pesquisa, a partir das referências teóricas que a sustentam e dos relatos dos professores que foram os seus sujeitos.

Mesmo com todas as contingências que marcaram este percurso, indicando-me a necessidade teórica e metodológica, de constantemente reescrever este texto, eu não desisti de minhas utopias, porque sempre persigo meus ideais até conquistá-los. Isso, é uma característica do ser humano que tem sonhos e, de todo educador otimista e humanista. A respeito do dever do educador, estimular e alimentar utopias, argumenta Freire (1996, p. 144) “Se não posso, de um lado estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar”.

Foram as utopias e o processo educativo, que garantiu ao homem, as condições necessárias para a sua evolução, na sua condição biológica, como também, nas suas condições culturais e sociais, que lhe permitem as garantias dos bens necessários ao seu desenvolvimento em todos os aspectos, portanto, a educação é uma criação e necessidade humana, que precisa levar em conta as necessidades, os desejos e, a felicidade desse homem. Nessa linha de pensamento, a educação pode ajudá-lo a tornar-se mais humano, o que pode ser realizado através do exercício da afetividade.

Os dados desta pesquisa, evidenciam alguns pontos que merecem atenção, pois, reafirmam a existência do problema levantado no projeto e, respondem as questões que nortearam a sua realização, e assegura o alcance de seus objetivos. Assim, considero importante, destacar algumas questões que foram reveladas a partir das referências teóricas que lhe deram suporte e, principalmente, nas falas dos professores entrevistados, questões essas, que serão destacadas neste texto, entre as quais, posso fazer referência aos seguintes pontos:

A afetividade é importante no processo ensino-aprendizagem da sala de aula, e está presente na formação pessoal e profissional docente; as atitudes afetivas do professor, influenciam o interesse e o desempenho do aluno; a autoridade exercida com afetividade, melhora a auto-estima e a aprendizagem do aluno, pois, ela está presente no processo cognitivo; existe necessidade de formação permanente dos professores, como processo libertador; a relação afetiva com a profissão, facilita o trabalho docente; a formação e a experiência profissional docente, transformam a

pessoa; os professores se consideram afetivos, e acreditam na educação afetiva como instrumento de humanização.

Dado o exposto, é possível perceber, que a pesquisa conseguiu realizar aquilo que se propôs a fazer, levantar dados, que justificam a necessidade de sua realização, como serão explicitados a partir desse momento:

> A afetividade é importante no processo ensino-aprendizagem da sala de aula.

Ao analisar o que dizem os professores entrevistados, se percebe que, na visão desses, a afetividade tem destacada importância nas relações estabelecidas entre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem e, devem ser cultivadas pelos professores como responsáveis por esse processo e, pela realização da humanização. Para Freire (1996, p. 23) “É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”.

Partindo desse princípio, defendo a ação pedagógica vivida na sala de aula, como uma possibilidade de se vivenciar afetos e construir aprendizagem, pois, a afetividade é elemento integrador entre aluno e professor diante dos conteúdos a serem trabalhados, e desses entre si, possibilitando melhor aprendizagem e convivência coletiva, sobre isso comenta Leite (2006) a maneira de o professor expor os conteúdos, de forma clara e bastante organizada e, além disso, explicitar seu sentimento positivo com relação a esses conteúdos, influencia os alunos, fazendo com que eles se interessem cada vez mais pelo objeto de conhecimento.

A idéia, indica a necessidade de introduzir nos programas de formação docente, aspectos do conhecimento da afetividade, dos sentimentos e das emoções, e não apenas dos saberes cognitivos e racionais, já que, a aprendizagem, como qualquer ação humana, não acontece desvincula da totalidade do ser humano, mas ela se dá, por meio do envolvimento de todas as suas dimensões, pois, aprendemos com todos os nossos sentidos, sobre isso, afirma Brandão (2005, p. 69) “todo ato de aprendizado, de criação de pensamentos reflexivos é um processo de diálogo de dimensões interiores do ser humano”.

> A afetividade está presente na formação pessoal e profissional docente.

Em relação à questão da formação pessoal e profissional docente ser marcada pela afetividade, os entrevistados deixam transparecer, que a afetividade é de suma importância nessa formação, considerando que, todos eles, declararam ter recebido

forte influência dela em sua formação, principalmente, da afetividade recebida de seus familiares. Neste sentido, todos declararam ser de famílias afetivas, nas quais, prevalece a cooperação, o respeito e a afetividade, como elemento preponderante nessas relações e, essa afetividade de sua vida pessoal, eles procuram também vivenciar, no campo profissional.

Os entrevistados também relatam que, apesar de não terem estudado a afetividade como conteúdo em sua formação acadêmica, quer seja no Curso de Pedagogia, como no de Filosofia, eles acreditam que ela estava presente em diferentes conteúdos, pois, basta que se queira, encontramos conteúdos e possibilidades de trabalhar a afetividade, afinal, ela não é propriedade de nem uma disciplina em particular, mas sim, uma questão de atitude, de postura, de sensibilidade e, compromisso social do professor.

Nessa linha de pensamento, afetividade se aprende e se ensina, ao vivenciá-la em nossas práticas e relações com o outro, considerando, que para Brandão (2005, p. 29) "não se ensina em profundidade e de maneira verdadeira e convincente um valor ético e afetivo. Não se ensina, a não ser pela criação de um clima de reciprocidades vividos, antes de serem pensadas e ensinadas, que corresponda a esse valor".

Esta realidade precisa ser compreendida pelo professor, pois ele trabalha em espaços de pluralidade de sujeitos e de idéias, dentro desses espaços, ele encontrará as mais inusitadas situações da expressão de sentimentos e de emoções, que o ajudarão na construção de sua formação profissional e pessoal, afinal, a prática pedagógica não acontece isoladamente, mas envolvida na relação com os sujeitos, portanto, ela não pode ser apenas racionalista e fragmentária, como muitos a exercitam.

Todavia, há de se compreender, que:

não há como o educador começar a ser educador na hora em que bate o ponto e deixar de sê-lo na hora em que o relógio indica o fim do expediente. Do educador se exige uma constante ocupação com o ato educativo. Ele tem de Ser. É uma questão de ser e não uma questão de estar (RODRIGUES, 1996, p. 38).

O autor, reflete sobre o professor como educador, como alguém que precisa ser, além de estar; ou seja, o professor é visto nesta visão, como uma identidade profissional que está umbilicalmente ligada a sua condição de pessoa, e não como algo desprovido de envolvimento pessoal, e afetivo. Isso me leva a refletir, a respeito

do trabalho desenvolvido na sala de aula, no qual, as pessoas se envolvem cognitivamente e afetivamente no processo educativo, pois, a aprendizagem não se dá de forma dicotômica, mas, envolvida por várias dimensões do ser humano.

Fica evidente que a afetividade é elemento presente na formação pessoal e profissional docente, tendo-se em vista que, é impossível separar o profissional da pessoa, principalmente, quando se trata da formação de um professor, pois, ele trabalha diretamente com as pessoas em espaço polissêmico, no qual, ele precisará demonstrar habilidade emocional e profissional para saber lidar com as situações vivenciadas entre os sujeitos desse ambiente. Para isso, ele precisará mobilizar o tempo inteiro, os seus saberes epistemológicos, pedagógicos, disciplinares, experienciais, e principalmente, os referentes ao ser humano.

> Atitudes afetivas do professor, influenciam o interesse e o desempenho do aluno.

É possível perceber nos relatos dos professores, que eles receberam forte influência da postura afetiva de seus professores, uma chegou a dizer que, algumas vezes fazia os trabalhos de determinado professor, porque ele a reconhecia como pessoa, porque esse professor a tratava com afeto, o que lhe fazia desejar agradá-lo.

Isso confirma, aquilo que venho perseguindo ao longo deste texto, que o tratamento afetivo do professor, contribui para a melhoria do processo ensino-aprendizagem e influencia na formação de valores dos alunos. Assim, o professor assume a posição de parceiro do aluno na construção dos conhecimentos e, aprende junto às descobertas desses.

Acredito que o trabalho do professor, exercido de forma plena não se sustenta apenas no domínio da matéria que ensina, ele vai além do campo disciplinar, metodológico e cognitivo, avançando por outros ambientes que se manifestam na prática do cotidiano escolar, considerando que, a profissão de professor é prática, porém, fundamentada por teorias que sustentam essa prática.

Todavia, é necessário que o professor seja leal ao que diz, e, que suas ações correspondam ao seu discurso, pois, em muitas situações, ele é visto como um modelo a ser seguido pelos alunos e pela comunidade.

Questão que ficou evidente no relato de todos os professores, pois, cada um fez referências positivas a um determinado professor que, de alguma maneira influenciou sua decisão de ser professor, situação que também foi reforçada pela professora Roseane, ao afirmar, que foi cursar Pedagogia com a intenção de mudar de curso no ano seguinte, porém, a postura de uma professora, lhe incentivou a permanecer no magistério, bem como, a querer fazer seus trabalhos para não decepcioná-la.

Sobre o exemplo que deve ser dado pelo professor, argumenta Freire (2004, p.186) “É preciso haver uma indispensável coerência entre o que se diz e o que se faz – o meu discurso não pode diferenciar-se do meu gesto”. Assim, na relação e interação afetiva entre professor e aluno, eles intensificam também, a sua relação consigo mesmo, podem, além disso, refletir a respeito de seus limites e possibilidades e, aprendem a respeitar os limites e as possibilidades do outro, além de contribuir para elevar sua auto-estima.

> A autoridade exercida com afetividade, melhora a auto-estima e a aprendizagem do aluno.

Foi comprovado nos relatos dos professores, que a autoridade docente deve ser exercida com humildade e competência profissional e, o aluno precisa ser tratado com respeito pelo professor e, vice versa. Nesta linha de pensamento, os entrevistados, declararam saber ouvir, dar oportunidade ao aluno, chamar a sua atenção de forma educada, respeitosa e afetuosa, porque o respeitam como pessoa. Assim, eles assumem papel de mediadores e, não de comandantes ou de autoritários, configurando-se assim, como educadores democráticos.

Situação que me possibilita pensar, no professor como alguém que jamais pode confundir humildade com licenciosidade e, nem autoridade com autoritarismo, ele precisará demonstrar sua autoridade, sem que para isso, seja preciso ser autoritário.

Para Gauthier (1995, p. 85) “a ação pedagógica não pode nunca se limitar à coerção e ao controle autoritário, porque ela exige para ter êxito, uma certa participação dos alunos, e de algum modo, seu consentimento”.

Nessa ótica, cada aluno pode reagir de diferente maneira às ações do professor. Essa realidade, muitas vezes, o deixa inseguro, ele não sabe se suas idéias serão bem aceitas pelo grupo, se suas estratégias terão o efeito desejado e, nem como os alunos irão reagir diante de seu trabalho, isso lhe causa uma

ansiedade de véspera, que precisa ser superada pela segurança. A respeito de humildade e autoridade, argumenta Freire (1996, p.121) “O que a humildade não pode exigir de mim é a minha submissão à arrogância e ao destempero de quem me desrespeita”.

Contudo, isso não significa que, para que eu seja respeitado como professor, eu necessite impor-me de forma autoritária, porque ao agir dessa maneira, eu estaria também, me igualando a quem me desrespeitou, contradizendo portanto, o que venho dizendo neste texto e, ao mesmo tempo, estaria negando a afetividade como elemento que possibilita relações de respeito entre as pessoas.

É importante, que o professor se reconheça como um profissional que necessita exercer a sua autoridade docente de forma afetiva, todavia, ele não poderá esquecer, que essa autoridade tem limites e, que esse limite se instala, na medida em que o aluno necessita exercitar sua cidadania, o qual, também, deve ser visto como autoridade de pessoa.

>A afetividade está presente no processo cognitivo.

As referências teóricas que deram sustentação a este texto, bem como, os relatos dos professores entrevistados, deixaram evidente, que, o processo ensino-aprendizagem se constrói e se consolida, por meio da racionalidade com a afetividade, da objetividade com a subjetividade. Para Freire (2005, p. 41) “a objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre ela, é objetivismo, todavia, a educação é objetiva e subjetiva”.

Isso evidencia que, formar um professor técnica e politicamente competente é formar um profissional que possua conhecimentos, habilidades, crenças, valores, emoções, e além disso, seja comprometido com os sujeitos do processo educativo, pois, seu trabalho se realiza na interação entre eles e, essas dimensões. Para dizer em outros termos, os conhecimentos e os sujeitos precisam ser lidos em suas relações horizontais e como dimensões intrinsecamente vivenciadas.

É indiscutível a relação existente entre cognição e afetividade no processo da construção do conhecimento, considerando que, na visão de Arantes (2003, p. 35) “quando o sujeito abstrai ou seleciona um elemento da realidade, atribui a ele um determinado significado e estabelece relações e/ ou implicações com outros dados e significados”.

Tal constatação, reafirma a idéia de que, afetividade e cognição são elementos presentes no processo educativo, como disseram os entrevistados e, indicam os teóricos consultados para a construção deste texto.

Entretanto, é necessário compreender, que na educação afetiva existe racionalidade e emoções nos conceitos que os alunos aprendem, bem como, das experiências afetivas que vivem, eles aproveitam muitas coisas para ampliar a sua aprendizagem, confirmando assim, que afetividade e cognição, são elementos presentes na construção da aprendizagem.

> Há necessidade de formação permanente como processo libertador.

Os professores entrevistados expressam ter consciência da permanente necessidade de atualização, melhoria e ampliação de sua formação profissional, considerando que, atualmente, a única certeza é a de que as mudanças acontecem a todo instante e, que o professor não é mais a única fonte de informação para o aluno. Ele precisa estar permanentemente se atualizando para dar conta de acompanhar a dinamicidade das informações, processá-las, interpretá-las, discuti-las e transformá-las com os alunos.

Sobre essa necessidade formativa, diz Freire (2005, p. 67) “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também”.

O professor é considerado um intelectual, porque lida com a produção do conhecimento sistematizado, o que lhe impõe a urgência de estar preparando-se permanentemente e, de assumir uma postura com o projeto de transformação das estruturas sociais, pois, intelectual, é aquele que se coloca a serviço da mudança, afinal, o conhecimento deve ter como princípio básico, realizar o processo transformador de forma ética.

Contudo, para que seja possível uma convivência ética entre as pessoas, faz-se necessário que as políticas de formação de professores, e as instituições por elas responsáveis, levem em conta estes saberes e critérios formativos, para garantir ao professor, condições formativas apropriadas, e lhe oferecer possibilidades de refletir sobre a importância de seu trabalho na formação das pessoas, nas relações vivenciadas por elas e, qual sua influência no contexto social.

Como o professor trabalha em contextos sociais, ele precisará fazer escolhas, optar por determinado sistema de valores. Sabendo que a escola é, em tese, um espaço apropriado para a formação de valores e de posturas, é importante que os professores tenham uma formação que contemple o ser humano em todas as suas dimensões, entre elas, a dimensão afetiva e ética, pois, para ensinar, exige-se afeto e postura ética.

Nesta dimensão, a ética pode ser adotada como postura e prática do professor, considerando, que ele trabalha diretamente na formação das pessoas, seja no aspecto profissional como no pessoal, os quais, estão sujeitos às nossas influências como professor, sejam essas, éticas ou não.

Dentro desse princípio, suas ações devem corresponder às competências necessárias exigidas para o exercício da docência, entre elas: a competência ética no trato com os sujeitos do processo educativo, os quais devem ser percebidos e valorizados como pessoas portadoras de sentimentos, desejos, planos, saberes, afetos e sonhos.

A respeito dessa necessidade, afirma Freire (1996, p.95) “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei”. Tal afirmação vem sustentar a tese de que o professor necessita estar em permanente processo de formação e de reflexão de sua prática, tendo em vista que seu trabalho lhe exige uma constante atualização.

>A formação e a experiência profissional docente, transformam a pessoa.

Pude observar nos diferentes relatos dos professores, bem como, em minhas experiências pessoais e profissionais, que a formação recebida e, as experiências vivenciadas no magistério, contribuem sobremaneira, para ajudar na transformação de posturas e de práticas pessoais e profissionais autoritárias e arrogantes, em práticas pedagógicas melhores, mais democráticas e humanizantes, pois, o magistério é uma escola, na qual se aprende a lidar com pessoas, é um espaço de formação e de relações humanas.

Questão que ficou muito evidente na declaração da professora Roseane ao dizer:

hoje, eu penso no outro, estou mais humana, isso mudou, depois dos estudos que comecei a fazer, das leituras que eu passei a fazer, dos

encontros que participei, das experiências, que vivi em sala de aula. Tudo isso foi muito bom para minha vida, foi melhorando minha forma de ver as coisas, por que antes era assim, toma aqui, dá ali. Hoje é diferente, meu trabalho mudou minha vida pessoal para melhor. Olha, para mim o magistério representa mudança, melhoria de vida como pessoa, como ser humano; para mim, foi muito, muito bom mesmo. Antes de ser professora, eu era uma pessoa altamente egoísta.

A professora expressa a importância da formação profissional, como fator influenciador para sua formação pessoal e, mudança de comportamento para melhor e, que isso se deu, graças às leituras que fez e, as experiências que vivenciou no magistério. Ela atribui ao seu trabalho, a melhoria de sua vida como pessoa, porque nele, ela se relaciona profissional e afetivamente com diferentes pessoas, isso a fez perceber que é necessário adotar posturas mais humildes, bem como, a transformar-se permanentemente, como condição essencial ao ser humano, em especial, ao professor.

Creio que isso seja possível, porque a formação e o exercício docente, nos levam a refletir sobre os valores e princípios educacionais, sobre a necessidade de conviver com as diferenças existentes e, principalmente, porque é uma formação e profissão que se efetiva no coletivo e, no contato direto com o outro, o que em tese, exige posturas mais democráticas, menos arrogantes, mais tolerantes e, nesta perspectiva, mais inclusiva e, transformadora.

> O professor se considera afetivo com seus alunos.

Pelos relatos dos professores nas entrevistas, foi possível identificar, que os professores consideram a afetividade, elemento importante no processo educativo e, que além disso, se consideram afetivos em sala de aula.

Neste sentido, eles chegando inclusive, a darem exemplos de como manifestam essa afetividade, o que pode ser percebido nos seus relatos, os quais, demonstram as atitudes que eles usam para expressar essa afetividade.

Como exemplo, posso citar:

Professora Roseane:

Eu sou afetuosa com o aluno e, demonstro isso, o respeitando, tratando bem e acreditando nele, pois, quando você acredita no seu aluno, ele quer corresponder a sua confiança, isso me faz bem. Eu não creio que tirar ponto de aluno vai ajudá-lo a aprender mais, muito pelo contrário. Eu penso que a gente tem que incluir, e não excluir os alunos com dificuldades, o que demonstraria falta de afetividade.

Professora Ivanilde:

Eu acredito na afetividade como um elo que aproxima aluno e professor, além de facilitar o processo ensino-aprendizagem, por isso, faço questão de ser afetiva com eles, e demonstro essa afetividade, através de meu trabalho responsável, competente, e amoroso, também brinco educadamente com eles e, principalmente, os respeito como pessoas que são, tratando bem a todos de forma igual.

Professor José Roberto:

Eu reconheço que afetividade é importante para todos, porque todo mundo gosta de ser tratado com educação, dessa maneira, procuro respeitar o aluno como pessoa e, até brinco com eles quando é possível.

Pode-se perceber, que eles consideram o respeito como sinal de afetividade, por outro lado, demonstram que ela se faz representar por brincadeiras, pelo compromisso com o trabalho, bem como, através de tratamento delicado e, até pela confiança deposita neles. Isso evidencia, que a afetividade pode ser manifestada por diferentes maneiras e atitudes, não havendo uma regra para defini-la, como vimos nos diferentes relatos dos entrevistados, o que importa é vivê-la e permitir que o outro também a experimente.

Na relação e interação afetiva entre professor e aluno, eles intensificam também, a sua relação consigo mesmo, podem, além disso, refletir a respeito de seus limites e possibilidades e, aprendem a respeitar os limites e as possibilidades do outro.

Sobre esse papel do professor, comenta Chalita (2001, p. 210) “o saber, o conhecimento é apaixonante. Seria um desperdício não aproveitar a oportunidade, o privilégio de ser educador para auxiliar o aluno a crescer mais e melhor, e crescer de forma envolvente”. O que significa, que existe necessidade de maior envolvimento afetivo entre aluno e professor.

>A relação afetiva com a profissão, facilita o trabalho docente.

Os professores entrevistados evidenciaram em seus relatos, que são professores porque querem, porque gosta e acreditam na profissão, alguns disseram que o magistério é uma questão de realização pessoal, além de profissional, como veremos a seguir.

O professor José Roberto, disse ser de uma família de professores, que sua mãe é professora, e que ele gosta da profissão. A professora Ivanilde, assim como eu, disse que desde a infância, sabia que queria ser professora e, que o magistério, representa a realização de um sonho pessoal e afetivo.

A professora Roseane, ao ser entrevistada, disse que o magistério foi uma segunda opção, que ele veio mais tarde, todavia, depois que ela começou a cursar as disciplinas de seu curso e, especialmente, quando começou a trabalhar como docente, descobriu que agora estava na profissão certa para ela, se sentia feliz como professora e, além disso, o magistério mudou para melhor a sua forma de ser como pessoa, melhorando suas relações familiares e profissionais.

Todos afirmaram, que procuram fazer bem o seu trabalho, a se relacionar melhor e afetivamente com os alunos, porque gostam da profissão e se sentem afetivamente envolvidos com ela, apesar, de uma ter comentado que a remuneração recebida pelo trabalho, é insuficiente, se levarmos em conta, a importância social do trabalho do professor.

Todavia, mesmo ganhando menos do que deveria, admite que as gratificações do magistério são superiores, às que recebe pelo trabalho desenvolvido, isso se dá, porque o magistério, representa esperança, realização e humanização para os professores que acreditam em seu trabalho com estas dimensões.

Realidade que nos possibilita acreditar, que, aqueles professores que não se identificam afetivamente com a profissão, que não têm consciência dos objetivos e finalidades da educação e, do papel de sua profissão, demonstram ter dificuldades de se relacionar afetivamente com as atividades docentes e, conseqüentemente, com os sujeitos do processo ensino-aprendizagem.

Por outro lado, aqueles que estão ligados afetivamente com a profissão, demonstram ter mais equilíbrio emocional, se envolvem mais com as atividades e as pessoas desse processo, e conseqüentemente, se sentem realizados na profissão, como foi percebido nos relatos de todos os sujeitos desta pesquisa.

> A educação afetiva é um instrumento de humanização.

A educação tem como objetivo primeiro, ou deveria ter, realizar o processo de humanização do ser humano, tirá-lo do estágio natural e, através da educação, levá-lo para o estágio cultural, social e, assim, torná-lo mais humano. Muito embora, esta não tenha sido a prática de nosso sistema educacional, pautado em uma estrutura curricular e organização política e administrativa, tradicional, bancária, dogmática e, antidemocrática, servindo como espaço de seletividade e de legitimação da exclusão escolar e, conseqüentemente, social, a que milhares de pessoas são submetidas.

Os professores entrevistados, assumiram em seus relatos, que consideram a educação afetiva um grande instrumento humanizador, por isso, preferem ser afetuosos com seus alunos. Nesta perspectiva, eu acredito que a medida em que os alunos são tratados como pessoas, com respeito e, de maneira afetiva, eles passam a se sentirem sujeitos e, construtores de sua aprendizagem, bem como de sua história pessoal e social.

Ser tratado de forma afetiva, ajuda a elevar a auto-estima e, assim, eles passam a acreditarem mais em suas possibilidades de sucesso, o que aumenta, ou devolve o sentimento de sujeito e, portanto, de ser capaz de realizar seus sonhos e, assim, sentir-se plenamente humano.

Quando esse processo afetivo se instala, o ser humano deixa de sentir-se objeto e passa a ter sonhos, a sentir-se sujeito, e, sentir-se sujeito, é uma das características do ser humano, no processo educativo humanizador, que toda escola e universidade deveria ter. A respeito dessa questão, comenta Freire(2000, p. 123): “Se o sonho morreu e a utopia também, a prática educativa nada mais tem com a denúncia da realidade malvada e o anúncio da realidade menos feia, mais humana”.

E a escola poderá ser um espaço que possibilite ao ser humano lutar pela realização de seus sonhos, da construção de sua identidade e do respeito à alteridade, como condição fundamental na convivência com a diversidade, tão importante nos processos educativos. A esse respeito comentam Tardif e Lessard (2005, p. 55) “ escola como lugar de trabalho não é apenas um espaço físico, mas também um espaço social que define como o trabalho dos professores é repartido e realizado, planejado, supervisionado, remunerado e visto por outros”.

Todavia, para sua efetivação, é necessário que o professor, tenha mentalidade aberta, criativa, atitude crítica, reflexiva, e capacidade para orientar seus alunos a organizarem sua aprendizagem, selecionando e processando informações que chegam de todas as formas e por diferentes veículos, para que sejam aproveitados em sua formação e, no desenvolvimento integral da pessoa, em todas as suas dificuldades e possibilidades.

Penso que a educação, obrigatoriamente, deverá atender o ser humano por inteiro, em seus sentimentos, emoções, razões e afetos, porque, ele é uma pessoa e precisa ser tratada e respeitada como tal, tarefa de todo professor ético, que tem consciência da importância de seu trabalho.

Em uma realidade escolar contrária a essa, não tem espaço para que o ser humano se manifeste, diga sua palavra, se faça ouvir, se manifeste como pessoa, é nessa realidade que o educador revolucionário pode intervir de forma positiva, propositiva, e afetiva, porque a afetividade, pode transformar estruturas, a medida em que as pessoas forem tocadas por esse afeto e, não afetividade como romantismo, deslocado das lutas por melhorias, mas afetividade como consciência do direito a ser tratado com dignidade, a ser respeitado como pessoa, a ser visto como ser humano.

Nessa dimensão, o professor afetivo respeita o aluno, porque o reconhece como ser humano e sabe de sua necessidade de desenvolver-se humanamente, por isso, ele pensa a escola como um espaço e tempo de esperança, na qual o aluno se encontre e se perceba humano.

É essa escola e, essa afetividade, que tentei defender ao longo desta pesquisa!

Os dados construídos por meio das entrevistas aos professores, e das referências teóricas consultadas, indicam a necessidade de um repensar sobre as políticas de formação docente desenvolvidas neste país, nas quais, não se valorizam a formação emocional e afetiva do professor. Todavia, essas mesmas referências, nos apontam que esta mentalidade está se modificando, tendo-se em vista que, já existem grupos e pessoas preocupadas em estudar e vivenciar os fenômenos afetivos em sala de aula, por considerar, que existe uma estreita relação entre afetividade e cognição.

É igualmente importante que as universidades e instituições de ensino responsáveis pela educação neste Estado, reconheçam a importância e o valor social dos educadores como promotores de bens culturais e sociais e, passem a fazer investimentos reais na formação dos educadores e na infra-estrutura dos espaços, proporcionando condições melhores de produção metodológica e científica de boa convivência, onde o educador tenha autonomia e sinta-se respeitado e reconhecido como profissional e pessoa, e tenha autonomia pedagógica.

E compreende-se por autonomia pedagógica, ao direito mínimo que deve ter o professor de liberdade para escolher os objetivos, os conteúdos e os métodos de ensino, fundamentados em um projeto de sociedade mais humana, justa e ética e, que pense o ser humano como alguém portador de direitos, de desejos, de subjetividade e de afetividade. Por isso, trabalhar fundamentado em um projeto

político-pedagógico humanizante, é responder a verdadeira vocação da educação: ajudar o ser humano a descobrir e a projetar suas ações para realizar seus sonhos.

Se eu fosse e pudesse concluir, diria que, o mergulho nesta pesquisa, me permite afirmar, que ela possibilitou-me refletir a respeito da condição humana, de sua educação, de seus valores e de seus afetos, com ênfase na formação pessoal e profissional do professor, procurando investigar, como acontecem as relações entre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem, especialmente, no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará.

Por outro lado, me permitiu perceber, que é possível e necessário modificar velhas posturas e práticas educativas que ainda adotamos, mas que não consideram o ser humano em sua totalidade, uma vez, que elas enfatizam mais a racionalidade técnica, em detrimento da subjetividade, na qual, se localizam os fenômenos afetivos, que trazem ricas contribuições para o processo ensino-aprendizagem, e para o desenvolvimento saudável da pessoa.

É necessário esclarecer nesta pesquisa, que, apesar de existir na Universidade do Estado do Pará, professores que ainda assumem posturas arrogantes, não afetivas e, pouco adequadas ao exercício ético docente, eu fiz a opção por trabalhar, dando ênfase às atitudes positivas, como necessidade de evidenciá-las e, desejo de que se multipliquem entre os sujeitos desse processo, como possibilidade de melhorar ainda mais as suas práticas.

Todavia, não disfarcei e nem quero negar as contradições e conflitos existentes nessas relações, pois, aqueles que historicamente adotam tais posturas, recusam-se a participar de pesquisas, que possam vir a inquietá-los, ou a questionar suas verdades estabelecidas, contudo, espero que, o fato de terem sido solicitados a participar desta pesquisa, os faça refletir sobre suas posturas, e possivelmente, venham a ler este texto e extrair dele algum aprendizado sobre afetividade docente e sua importância no processo educativo humanizador.

Gostaria de dizer, que não os culpo por agirem assim, afinal, existe um conjunto de fatores que influenciam para que tal realidade seja vivenciada, entre elas, posso fazer referência, as políticas de formação docente que pouco enfatizam a questão da afetividade, as inadequadas condições de trabalho e de salários do professor, a fragilidade de sua formação acadêmica e profissional, a falta de sentimento de pertença ao magistério, como consequência da lógica da exclusão, por parte dos

dirigentes, que fazem questão de mantê-los excluídos das decisões, e, principalmente, daqueles que fazem dele uma alternativa de complemento de renda.

Posso ainda citar, a insegurança permanente com a ameaça de demissão dos professores colaboradores, tem ainda, a sobrecarga de trabalho que dificultam suas ações de planejamento, bem como, as próprias contingências que marcam o percurso de suas vidas.

Somado a esses fatores, existe a propagação de valores que incentivam a barbárie e contaminam as pessoas, tornando-as individualistas, preconceituosas, seletivas e excludentes, interferindo também, no exercício da docência e das relações pessoais, quando, na verdade, se deseja que as relações sejam mais afetivas, éticas e humanas.

Quero esclarecer, que não tive e, nem tenho a pretensão de tentar humanizar o capitalismo como tenho sido criticada, afinal, sou consciente de minhas limitações e da impossibilidade dessa humanização, porque, não se humaniza aquilo que não é humano, todavia, assumi sim, o meu compromisso ético de refletir a respeito das atuais condições em que as práticas educativas se dão, bem como, tenho utopia de transformar essas práticas em reais possibilidades de humanização, questão, que considero possível, por meio de uma educação mais afetiva e humanizante.

Tendo em vista esta realidade, parafraseio Freire, ao dizer, que prefiro ser criticada como idealista e sonhadora inveterada por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, afinal, como ser humano e, educadora comprometida com a transformação social, eu acredito na humanidade, a qual, não pode ser negada a despeito de qualquer pretexto, afinal, o educador está sempre envolvido na missão reflexiva que exige provocar novas leituras sobre a realidade de vida, novos olhares e interpretações a respeito do mundo e de nossa ação sobre ele.

Mesmo com todas as contingências que marcaram o percurso desta pesquisa, foi um prazer escrevê-la, por isso, com ela me envolvi visceral e afetivamente, porque ela responde minhas utopias e esperanças, além de me fazer refletir sobre meus valores, a reforçar minhas convicções na educação como processo afetivo e libertador, bem como, a repensar minha formação e sentir que, apesar de meu empenho e de minha vontade, ainda tenho muitas limitações que precisam ser superadas.

Algumas dessas limitações, se referem a minha falta de paciência histórica em relação à mudança, pois, eu tenho muita pressa em que essa transformação se

realize, todavia, esperança e coragem não me faltam para tentar provocar essa mudança.

Espero que, em sua simplicidade teórica e acadêmica, todavia, de grande utopia, esta Dissertação possa oferecer significativas contribuições para a Universidade do Estado do Pará, em especial para os professores, pois, á medida em que as pessoas se apropriarem de seu conteúdo, elas serão instigadas a refletirem suas práticas, sensibilizando-se com sua discussão e procurando renovar suas posturas, tornando-as mais afetivas, humanizadas e humanizadoras.

A partir das referências teóricas que sustentam esta pesquisa, bem como, dos relatos dos professores entrevistados, posso reafirmar, que a afetividade exerce destacada importância na formação pessoal e profissional da pessoa e, do docente em especial, posto que, ela está presente em todos momentos de nossa vida, e etapas do trabalho pedagógico exercido pelo professor, seja na sala de aula, ou ainda em sua preparação, afinal, a sua atividade se realiza na relação com as pessoas.

Partindo desse princípio, a afetividade pode contribuir sobremaneira, para construir um processo educativo mais humanizante e libertador. Isso ficou evidente na construção da pesquisa, pois, todas as ações e, decisões pedagógicas, assumidas pelo professor, tem influências diretas na vida do aluno, quer seja no aspecto cognitivo, quanto no afetivo.

Com a pesquisa também foi possível comprovar, que as intervenções metodológicas e cognitivas dos professores, tem significados afetivos importantes para o aluno, isso significa, que o ser humano aprende, pensa, sente, se expressa e se constrói simultaneamente, de forma inteira e, não dicotômica, como historicamente, alguns tentaram acreditar e até defender.

Todavia, também tenho consciência, de que em nosso sistema educacional é muito difícil, a consolidação de uma prática afetiva, e humanizante, na qual as pessoas se encontrem, se respeitem e se amem.

Isso é reflexo de falta de políticas sérias de formação de professores, de uma vivência em época de barbárie, na qual prevalece o ter, em detrimento do ser e, o ser humano está no limiar da desumanização, provocada por relações, competitivas, autoritárias, seletivas, segregadoras e, conseqüentemente, excludentes dos menos favorecidos.

Realidades como essa, não permite ao sujeito ser mais, viver com dignidade a sua humanidade e, nem manifestar a sua afetividade, a qual é constantemente negada. É neste contexto que os educadores humanistas necessitam intervir, provocar a transformação dessa realidade, de forma afetiva e humanizante.

Considerando o exposto, a pesquisa procurou despertar essa consciência, além, de indicar pontos que instiguem a reflexão, que provoquem o debate e, estimule os professores a buscarem reanimar suas esperanças, a mudarem suas posturas e assumir a causa da educação como processo humanizador, porque essa é a sua grande responsabilidade como educador.

Creio não ser possível ao educador comprometido com a humanização, estar no mundo, indiferente aos homens e ao seu processo afetivo humanizador, considerando que, o ser humano pensa e sente simultaneamente, o que implica, na necessidade do professor trabalhar de forma afetiva, transformadora e, humanizante.

Ao chegar até aqui, tenho convicção de que sou obrigada a concluir esta Dissertação, porém, tenho a mesma convicção, de que ela está incompleta, no sentido de sempre haver necessidade de rever sua construção e os processos metodológicos que foram percorridos, e principalmente, de ampliação e reflexão de seus resultados.

Por outro lado, tenho a sensação de estar me desligando emocionalmente de alguma coisa que representa muito para mim, é um sentimento do dever cumprido, do sonho realizado, e ao mesmo tempo, de perda desse objeto, que, no período de dois anos estive muito próximo de mim, foi motivo de muitas angústias, incertezas, medos, afetos, esperanças, sonhos, e acima de tudo, de muito envolvimento emocional e de muitas expectativas em torno desse sonho a realizar.

É com essa sensação, consciência e compromisso, que me proponho a revisá-la, ampliá-la e melhor desenvolvê-la futuramente, para que de fato ela seja concluída, se é que isso é possível em uma pesquisa como esta, que trata da afetividade docente, todavia, penso que esta Dissertação, seja um instrumento propiciador de reflexão em nossas posturas pessoais e práticas profissionais.

Espero que ela possa propiciar a construção de novas formas de trabalhar e de se relacionar com os alunos, vivenciando atitudes mais afetivas e humanizadoras, como defendi ao longo deste texto, reafirmando o que diz Freire (2005, p. 63) não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar

mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente”.

Relação de diálogo, que procurei estabelecer com os sujeitos e os autores que sustentaram teoricamente este texto, bem como, com seus possíveis e futuros leitores. Obrigada, por ser você um deles.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. e GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método das ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRÉ, Marli E.D.A e LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPE, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

ARANTES, Valéria Amorim.(org). **Afetividade na sala de aula: alternativas, técnicas e práticas**. São Paulo: Sammus, 2003.

ARAÚJO, Ulisses, F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação dos valores. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas, teorias e práticas**. São Paulo: Sammus, 2003.

ARROYO, G. Miguel. **O ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 6ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ARRUDA, Ângela (org) **Representando a alteridade**. 2ª ed. Petrópolis; RJ: Vozes, 2002.

BARROS, Flávia Regina de. Mediação e afetividade: histórias de mudanças na relação sujeito-objeto. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva.(org). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BENTES, Nilda. **Sanção Educativa x Aprendizagem e as relações dialógicas da escola**. Faculdade Metodista de Piracicaba. Tese de doutoramento. São Paulo: 2002.

BENEVIDES, Maria Vitória. Educação em direitos humanos: de que se trata? In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. (org). **Formação de Educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aprender o Amor: sobre um afeto que se aprende a viver**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

CAMPOS, Alessandra. S. **Afetividade e autoridade: uma relação possível?** UEPA. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém, 2005.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 8ª ed. São Paulo: gente, 2001.

DANTAS, H. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. São Paulo: Summus, 1992.

ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Ática, 1978.

FLICK. Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Sandra Netz. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FERREIRA, Naura Syria Carraeto e AGUIAR, Márcia Ângela da S.(orgs) **Gestão da Educação: Impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio da língua portuguesa**. Século XXI. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (FNDE).

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. 28ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP; 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 41ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da tolerância**. FREIRE, Ana Maria (Org.). São Paulo: UNESP, 2004.

FULLAT, Octáni. **Filosofia da educação**. Petrópolis, R,J: Vozes, 1992.

GALVÃO, Izabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In: ARANTES, Valéria Amorim(Org). **Afetividade na escola: alternativas, teorias e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Henri Wallon**. Petrópolis: RJ: Vozes, 1996.

GAUTHIER, Chermont. et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisa contemporânea sobre o saber docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

GAUTHIER, Jaques. (org) **Práticas da pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem Sociopoética**. São Paulo: Atheneu, 2005.(Série Atualização em Enfermagem,v. 3).

GILES, Thomas Ranson. **Filosofia da educação**. São Paulo: EPU, 1983.

GONZÁLEZ, Leopoldo. J.F. **Antropologia e educação** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. (cadernos de Antropologia da Educação, v. 1).

_____. **Homem, pessoa e personalidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. (Cadernos de Antropologia da Educação. v. 2).

GUARESCHI, Pedrinho. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, Ângela (org). **Representando a alteridade**. 2ª ed. Petrópolis, R,J: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martim. **Todos nós ... ninguém: um enfoque fenomenológico do social**. Tradução e Comentário. Dulce Cristell. São Paulo: Moraes, 1937.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva.(Org). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.

LUDGERO, Cláudio. **Ser professor universitário: uma leitura fenomenológica**. UNAMA. Dissertação de Mestrado. Belém, 1997.

KUPFER, Maria C. Machado. Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão. In:

ARANTES, Valéria Amorim(Org). **Afetividade na escola: alternativas, teorias e práticas.** São Paulo: Summus, 2003.

MARCHARD, Max. **A Afetividade do Educador.** 4ª ed. São Paulo: Sammus, 1985.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do Professor Universitário.** São Paulo: Sammus, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza.(Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, R.J: Vozes, 2004.

MONDIN, Batista. **O homem: quem é ele?:** elementos de antropologia filosófica. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

MONTEIRO, Albeni. L. **Auto-formação, história de vida e construções de identidades do/a educador/a.** PUC / SP. Tese de Doutorado. São Paulo, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 8ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

NÓVOA. Antônio. (Org). **Vidas de Professores.** 2ª ed. Portugal: Porto, 1995.

_____.(Org). **As organizações escolares em análise.** 2ª ed. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1995.

NUNES, Cely. **O Campo Metodológico e os estudos teóricos: limites e possibilidades.** Belém, UFPA, 2004. (mimeo).

_____. Breve panorama da formação inicial e continuada de professores no cenário nacional e internacional: possíveis consensos. In: PAIXÃO, Carlos Jorge.(Org). **Educação e conhecimento na Amazônia.** Belém: UNAMA, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Leituras freireanas sobre educação.** São Paulo: UNESP, 2003.

_____. Educação inclusiva e formação de professores: a importância do corporal sensível. In: PIZZI, Laura Cristina Vieira (org). **Formação do pesquisador em educação: identidade, diversidade, inclusão e juventude.** Maceió, AL: EDUFAL, 2007. (Anped - Anais do 18º EPENN).

OLIVEIRA, José Pedro Garcia. **A profissionalização docente na ótica do discurso oficial**. UFRN. Tese de Doutorado. Natal, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido(org). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, e ANASTÁCIU. Léa das Graças Camargo. **Docência no ensino superior**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação).

REGO, Teresa Cristina. Vigotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: Alternativas, teorias e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola à escola necessária**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1996. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

ROGERS, Carl. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROMAN, Eurilda Dias. Pedagogia: o ato de ensinar e o de aprender. In: **Pedagogia em conexão**. ZORZO, Cacilda Maria (org). Canoas, RS: ULBRA, 2004.

ROSSINI, M. A.S. **Educar para Ser**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ROUSSEAU, Jean. J. **O contrato social**. (tradução de Antonio de Pádua Danesi) São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **A Pedagogia do Ser: Educação dos sentimentos e dos valores humanos**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SAMPAIO, Rosa Maria W Ferreira. **Freinet – Evolução Histórica e Atualidades**. São Paulo: Ed. Scipione, 1996.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e Inteligência**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SASTRE, Genoveva. O significado afetivo e cognitivo das ações. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas, teorias e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

SENGE, Peter. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. 14ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHMITZ, Egídio. **O Homem e sua educação: Fundamentos da Filosofia da Educação**. Porto Alegre: Sagra, 1984.

SOUZA, M.T.C.C. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

TANURI, I. M. **História da formação de professores**. In: revista Brasileira de Educação. Associação nacional de Pós-Graduação em Educação, nº 14, maio, junho, julho, agosto de 2002. p. 27, 29.

TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. **O Trabalho Docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TASSONI, Elvira C. Martins. Dimensões afetivas na relação professor-aluno. In: LEITE, Sérgio Antonio da Silva. **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

_____. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação – UNICAMP. São Paulo, 2000.

TÁVORA, Maria Josefa de S. **Adequação da Formação do Pedagogo ao Mercado de Trabalho**: um estudo avaliativo junto a egressos do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará. UNAMA. Dissertação de Mestrado. Belém, 1997.

TOURAINÉ. Alain. **Podemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna. 2004.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos Pedagógicos da Libertad: 2).

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org). **Lições de Didática**. Campinas, SP: Papirus, 2006. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1971.

_____. **As origens do caráter da criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

_____. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fortes, 1993

ZORZO, Cacilda Maria. (org). **Pedagogia em Conexão**. Canoas –RS: ULBRA, 2004.

APÉNDICE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
LINHA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Aluna: Edina Fialho Machado

Orientadora: Prof^a. Dr. M^a. Josefa de Souza Távora

Carta Convite aos professores(a)

Belém, março de

2006.

Caro professor(a),

Sou aluna do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, na linha Formação de Professores, e faço a pesquisa para a construção dos dados de minha Dissertação, a ser realizada junto aos professores do Curso de Pedagogia desta universidade, da qual V^a. S^a faz parte, por isso, solicito sua colaboração para responder estas questões, as quais serão analisadas e utilizadas na construção de minha Dissertação, intitulada: “Afetividade na formação docente: a relação professor-aluno como processo humanizador”. esperando que a mesma, possa refletir e trazer significativas contribuições para nossas práticas vivenciadas no curso.

Na oportunidade, gostaria de dar-lhe os parabéns por sua decisão, em participar como sujeito desta pesquisa, e ao mesmo tempo, agradecer a sua generosa e afetuosa colaboração, comprometendo-me a dar tratamento, verdadeiro, respeitoso, afetuoso e portanto, ético as suas respostas, e além disso, entregar-lhe uma cópia da referida Dissertação, para que você possa ter conhecimento do tratamento que foi dado as suas falas.

Atenciosamente,

Edina Fialho Machado

Pesquisa

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
LINHA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Aluna: Edina Fialho Machado

Orientadora: Prof^ª. Dr. M^a. Josefa de Souza Távora

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA PARA PROFESSOR(A)

Tópicos a serem desenvolvidos nas entrevistas

- 1- Comente a respeito de sua Escolha profissional e da decisão de ser professor (a)
- 2 – Fale de sua trajetória profissional e experiência adquirida
- 3 - Foi trabalhado como conteúdo, a questão da afetividade em sua graduação, ou pós-graduação?
- 4 - Que importância tem a afetividade na relação professor-aluno?
- 5- Qual a influência da afetividade em sua formação pessoal e profissional?
- 6- Já vivenciou alguma experiência deslegante ou até agressivas de alunos?

- 8 Como lidou com a questão ?
- 9- Como sente a aceitação de seus alunos em relação ao seu trabalho e a você?
- 10- Qual a relação existente entre, afetividade e autoridade docente?
- 11- Você considera que o professor possa influenciar o aluno de alguma maneira?
- 12- O trabalho do professor pode intervir na transformação da sociedade?
- 13- A educação afetiva pode contribuir para o processo de humanização?
- 14- Você se considera uma pessoa e profissional afetiva?
- 15 Fale-me do fato de ter sido escolhido (a) como sujeito desta pesquisa

ENTREVISTA COM A PROF^a. DR^a. IVANILDE APOLUCENO DE OLIVEIRA

Foram duas entrevistas, a primeira aconteceu no mês de março de 2007, foi marcada com antecedência e se deu em sua sala no Mestrado, no CCSE, sem nem uma interrupção, pois desligamos os telefones. A segunda, aconteceu também em sua sala, no mês de maio, e sem data marcada, pois, quando fui fazer isso, ela colocou-se imediatamente a disposição e realizamos a entrevista, comprovando assim a sua generosidade com os pesquisadores.

Entrevistadora: Prof^a. fale sobre a escolha pelo magistério, como ela se deu?

Entrevistada:

Esse é um assunto muito bom de falar, principalmente, porque eu sempre quis ser professora, desde criança eu já brincava de ser professora, eu gostava da experiência de ensinar as minhas colegas, de me colocar na posição de professora, acho, que a minha família sempre soube que eu seria professora, pois já manifestava essa intenção desde a infância e isso foi se fortalecendo com o tempo, com os estudos e com as experiências. Acredito que seja por isso, que minha família sempre respeitou minha decisão e me deu força para seguir minha escolha, então eu posso dizer, que o magistério é minha escolha pessoal e profissional, pois nele me realizo plenamente.

Foi pensando assim que fui cursar magistério no ensino médio e venho seguindo essa carreira até hoje, reconheço as responsabilidades e as dificuldades do magistério, mas também reconheço a sua importância e as gratificações que ele me dá, assim, cada dia que passa, eu tenho mais certeza de que fiz a escolha certa e isso me deixa muito feliz, porque eu gosto do meu trabalho.

Entrevistadora: A partir desse desejo, como ele foi se consolidando?

Entrevistada:

Eu concluí o ensino fundamental, o antigo 1º grau e depois, fui fazer o curso Normal no colégio Santa Catarina, que é um colégio católico, no curso, me identifiquei com a profissão, descobri que era isso mesmo o que eu queria fazer, depois, eu fui cursar Licenciatura Plena em Filosofia na UFPA.

Essa escolha se deu, em função de que meu grande interesse era pelas ciências humanas, e pela questão epistemológica, porque eu sempre valorizei muito, a aquisição e produção do conhecimento sistematizado, assim como valorizo até hoje, gosto muito de estudar, de descobrir e de fazer ciência, além disso, a Filosofia te coloca em contato com as questões axiológicas e especialmente, com a questão do ser humano, com o processo de humanização, acho que isso me faz gostar ainda mais de ser professora de Filosofia, pois gosto de trabalhar as questões do ser humano e em especial de sua educação, é com isso que eu trabalho o tempo todo.

Além disso, sei que existe uma relação muito forte entre a Filosofia e a Pedagogia, penso que elas se completam e fortalecem a formação de um professor, por isso gosto de ser professor de Filosofia e filosofia da Educação, nos cursos de Pedagogia.

Entrevistadora: Fale de sua trajetória profissional e experiência adquirida.

Entrevistada:

Como aluna do Curso de Filosofia na Universidade Federal do Pará, fui Monitora da prof^a Neuza Monteiro, pois ela acreditava em mim, e no meu interesse pela Filosofia e pela educação como processo de formação e de humanização, coisas que são preocupação e de que a Filosofia se ocupa como ciência voltada para os valores, a ética, a educação e a humanização.

Foi assim que ela me incentivou para ser professora no Curso de Pedagogia da antiga FICON, hoje UNAMA. Após retornar da França, fiz o concurso e fui aprovada, começando a trabalhar imediatamente como professora. Assim, eu começava minha trajetória profissional no ensino superior, adquirindo experiências como professora

responsável pela formação de novos professores, como continuo fazendo até hoje aqui na UEPA, seja na graduação, ou na Pós-Graduação, bem como nos projetos e programas de educação popular que formam formadores, essa é uma atividade que me gratifica em todos os sentidos e que eu tenho muito carinho em realizar, porque eu me envolvo profissional e pessoalmente neles, eles são parte daquilo em que acredito.

Entrevistadora: Como aconteceu o Ingresso e a permanência na UEPA?

Entrevistada:

Com a experiência adquirida na UNAMA, foi mais fácil entrar na UEPA, fui aprovada no concurso público para trabalhar com a disciplina Filosofia, nos cursos de graduação, especialmente no de Pedagogia que trabalha a introdução a Filosofia e a Filosofia da Educação. Minha permanência se dá ainda hoje no magistério, em função de me identificar com a profissão, além de acreditar que posso contribuir com a instituição, com as pessoas, e com a qualidade de ensino e de vida da sociedade paraense.

Eu poderia já ter feito concurso para outra universidade, para a UFPA por exemplo, sei que tenho condições de ser aprovada, entretanto, apesar das dificuldades, eu gosto de trabalhar na UEPA, tenho sofrido aqui, mas também tenho tido grandes conquistas que me gratificam e fazem permanecer por aqui, procurando contribuir com aquilo que posso.

Entrevistadora: Fale de seus sonhos, projetos, realizações e envolvimento profissional e afetivo na UEPA.

Entrevistada:

Edina, é muito bom poder falar de sonhos e de projetos, isso nos anima a continuar acreditando que eles podem ser realizados. Eu posso lhe falar de muitos projetos e também de alguns sonhos, entre eles eu posso citar, a minha luta incansável para a implantação do Mestrado em Educação, pois, ele representa a realização de uma grande utopia, de uma luta profissional, e pessoal, por vezes cansativa, desgastante, porém sem nunca me fazer desistir desse sonho vivido com a colaboração de outros colegas que também acreditam nesse trabalho, como uma ação de ousadia, de muita coragem e, principalmente de muita sensibilidade e afetividade. Hoje, graças a Deus já estamos concluindo a primeira turma, a qual você pertence, temos outra iniciada e mais uma em processo de seleção, posso dizer, que este é um processo consolidado na UEPA, é um caminho sem volta, ele tem tudo

para dar certo, ou melhor, já está dando muito certo, eu sou muito feliz em ter ajudado e construir este projeto que só tem a crescer.

O Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, é a consolidação de um projeto coletivo e também pessoal, quando iniciaram o trabalho, contavam apenas com a alfabetização de um grupo de adultos, na Vila na Barca, hoje este projeto cresceu, ganhou notoriedade e respeito público, já está consolidado como um projeto sério de inclusão social através da educação. Hoje o NEP tem o reconhecimento do público, da academia e o respeito das autoridades. Eu acredito neste trabalho e me envolvo profissional, pessoal e afetivamente com ele, eu acredito, penso e sinto, que as pessoas que trabalham no NEP são movidas e unidas por laços de afetividade, de companheirismo, de solidariedade, sem jamais se descuidar do rigor científico e da postura ética que deve estar presente em toda proposta educativa.

Entrevistadora: E o Cotidiano da sala de aula, como você se relaciona nele?

Entrevistada:

Bem (rindo) eu já lhe disse anteriormente que gosto muito de ser professora, que me realizo como professora, então, estar na sala de aula com os alunos é algo muito gratificante para mim, porque foi a profissão que eu escolhi desde a minha infância, acredito que por isso, eu me relaciono bem com os alunos, sem deixar que isso interfira de maneira negativa no processo ensino-aprendizagem, pelo contrário, isso ajuda o processo.

Além disso, eu acredito na importância social de meu trabalho como educadora, eu reconheço que, apesar de algumas limitações, as quais todos estamos sujeitos como pessoas e profissionais, eu penso que sou uma boa professora e gosto de ser considerada assim, tudo isso ajuda a manter um bom relacionamento em sala de aula, e faz com que eu me sinta bem tranquila no trabalho, é como se na sala de aula, eu estivesse em minha casa, entre amigos, é assim que eu me sinto, e isso mostra que eu me relaciono bem com os alunos, não poderia ser diferente, eu gosto do meu trabalho, gosto das disciplinas que ensino, respeito os alunos e procuro também gostar deles.

Em todos esses anos de trabalho, eu venho consolidando a minha escolha profissional, creio, que seja por isso, que a sala de aula e os alunos não me metem medo, junto deles eu me sinto muito tranquila, a vontade e segura, nas relações que estabeleço com meus alunos, acho que eles também se sentem assim comigo, pois demonstram isso de muitas maneiras.

Eu penso que deve ser muito doloroso para um professor, enfrentar permanentemente problemas de relacionamento com os alunos, deve ser muito desgastante para todos, pensando nisso, eu sempre procuro me relacionar bem, não por obrigação, mas por prazer e convicção de minhas crenças e meus valores.

Entrevistadora: Que importância tem a afetividade na relação professor-aluno?

Entrevistada:

Bem eu acho que vou continuar falando sobre o que estava agora. Eu considero a afetividade fator de fundamental importância na relação professor-aluno, bem como para os alunos entre si, porque o ser humano é um ser de muitas dimensões, entre elas a afetividade, por isso, ela tem destacado papel nessa relação, afinal, o professor e os alunos estão muito próximos, visíveis uns dos outros, não dá para fingir que se dão bem, não se pode disfarçar e nem viver se defendendo o tempo inteiro, por isso, é melhor que se dêem bem uns com os outros, de preferência, que eles seja afetuosos entre si.

Acredito que a principal importância da afetividade, seja tornar as relações mais agradáveis entre alunos e professores, e entre os próprios alunos, além disso, a afetividade vivenciada em sala de aula, facilita o processo ensino-aprendizagem, porque torna as pessoas mais bem dispostas para a aprendizagem, e mais abertas para o acolhimento do outro, como também de suas idéias, questão que é muito importante nessa relação, ao se considerar que normalmente nos interessamos pela companhia, daqueles com quem nos damos bem.

Neste caso, o professor que é afetivo com os alunos, se beneficia profissional e pessoalmente nesta relação, porque ela passa a ser mais produtiva e também prazerosa, tanto para ele, quanto para os alunos, muito embora, isso nem sempre seja valorizado em sala de aula.

Eu penso que a afetividade deve ser mais explorada e vivenciada nas salas de aulas, como instrumento que facilita as relações e a aprendizagem.

Entrevistadora: Como você vê a afetividade presente na sala de aula?

Entrevistada:

Olha, Edina, eu consigo perceber a afetividade como algo natural e cultural nas relações entre seres humanos, como também, necessária na sala de aula, porque no momento das aulas, o professor se comunica com os alunos e esses entre si, expressando seus sentimentos, suas emoções e seus afetos, elementos que caracterizam os seres humanos, afinal, o trabalho do professor se realiza entre as

peessoas, por isso a afetividade deve estar presente nessa relação, para que ela seja mais valiosa. Ou seja, eu penso que é preciso que haja coerência ética e epistemológica dos professores e também dos alunos, e, isso tem que se concretizar nas atitudes deles, as quais, devem ser coerentes com as suas palavras, para que ele tenha credibilidade e ganhe o respeito dos alunos.

Eu imagino que, dentro de minhas limitações, eu consiga demonstrar essa afetividade de muitas maneiras, uma delas é tendo paciência de explicar a matéria, quantas vezes e de diferentes maneiras forem necessárias, para que o aluno aprenda e se sinta a vontade e seguro ao demonstrar sua insegurança e curiosidade diante do saber do qual ele precisa se apropriar. Eu sei o quanto isso é importante para a auto-estima deles e de qualquer pessoa.

Sei que isso é minha obrigação como professora, porém, faço isso na condição de pessoa, de forma afetiva e carinhosa, porque acredito no meu trabalho, acho que isso faz a diferença no relacionamento com os alunos.

Entrevistadora: Que influência tem a afetividade em sua formação pessoal e profissional?

Entrevistada:

Bem, a afetividade sempre esteve presente em minha vida pessoal e também na profissional. Na família eu sempre me senti muito querida, amada, meus pais eram muito afetivos entre si e comigo também, tenho uma família bem estrutura emocionalmente, e que demonstra afetividade com muita naturalidade, essas experiências familiares determinaram minha formação pessoal como uma pessoa afetiva, e isso eu consegui e consigo trazer para minha formação profissional, na qual eu procuro aliar os conhecimentos e saberes acadêmicos, disciplinares e curriculares, com os saberes a respeito do ser humano.

Nesse sentido, eu penso que afetividade está presente em todas as instâncias e decisões assumidas por mim, eu não tenho escolhas apenas no campo da racionalidade, todas as minhas escolhas, por mais racionais que elas sejam, estão profundamente influenciadas pela presença da minha afetividade, por isso, a afetividade está muito próxima de minha vida profissional e pessoal, ela está viva verdadeiramente em toda a minha formação.

Eu posso lhe dizer, que acredito mesmo, que a afetividade está sempre presente em minha vida e procuro demonstrar isso em minha maneira de ser e de me

relacionar com os outros, entre eles com os alunos, acho que é por isso que me sinto aceita, respeitada e querida por eles.

Entrevistadora: Você se considera uma professora afetiva?

Entrevistada:

É difícil responder isso falando de mim mesma, de meus atos e de minhas posturas, entretanto, eu acredito que sim, eu sou afetiva e consigo sentir isso através das manifestações de afetos que os alunos demonstram ter por mim, eles são muito afetuosos comigo, deixam transparecer seus sentimentos por meio de palavras, de presentes simbólicos como: mensagens escritas, flores, pequenas lembranças que expressam certa gratidão, mas principalmente carinho e respeito por mim, entre um abraço apertado, um sorriso amigo e outras coisas. Penso que se eu não fosse afetiva com meus alunos, eu não receberia essas manifestações de afeto e principalmente de respeito por mim como pessoa e também como profissional, pois, essas manifestações, eu recebo em todas as turmas com as quais trabalho.

Sou conhecida como uma professora rigorosa no que diz respeito à seriedade com a questão epistemológica e, ao mesmo tempo, capaz de ser afetuosa como mediadora entre o aluno e o objeto do conhecimento e, dos alunos entre si. Procuro fazer essa mediação, fundamentada em minha formação profissional e, nas minhas experiências pessoais, considerando que, não é possível separar o profissional da pessoa.

Sinceramente, eu não consigo entender um professor que tem dificuldades de demonstrar afetos, porém, infelizmente existem muitos desse jeito, os alunos sempre tentam comentar e fazer comparações entre professores, mas eu não costumo dar abertura para que falem de nem um colega, mas eu quero dizer, que os alunos sentem a diferença de tratamento e fazem questão de dizer isso.

Entrevistadora: Como você demonstra essa afetividade?

Entrevistada:

Primeiro, eu procuro respeitar meus alunos como pessoas, e também como alunos que estão em busca de um conhecimento, que eles pensam que eu tenho como profissional, neste sentido, procuro ser responsável em meu trabalho, trato a todos de forma igual, respeito às diferenças e procuro me aproximar deles, faço elogios quando vejo que o aluno merece e também chamo sua atenção.

Mas eu procuro demonstrar essa afetividade, tendo compreensão por seus problemas, escutando suas questões além de ser solidária quando eles precisam de mim, todavia, não relaxo com as responsabilidades profissionais, sempre busco ser ética e coerente, pois, isso é também uma forma de demonstrar compromisso e envolvimento com as pessoas com as quais trabalhamos, o que a meu ver, também é uma maneira de manifestar afetividade por elas.

Além disso, eu costumo até brincar educadamente com os alunos, penso que isso quebra o gelo e serve para aproximar mais os alunos de mim, é claro que procuro ter cuidado para não gerar licenciosidade demais, afinal, o afeto precisa ser exercido com responsabilidade.

Entrevistadora: Como age diante de um comportamento deselegante, ou agressivo de aluno?

Entrevistada:

Bem, nesse item eu posso me considerar uma professora, e pessoa muito feliz, pois, graças a Deus, eu ainda não tive problemas dessa natureza com alunos, até hoje eu sempre me dei bem com todos, porém, se em algum dia algo assim vier a acontecer comigo, eu penso que chamarei a atenção desse aluno seriamente, mostrando-lhe o erro de sua atitude, porém, sem agredir a pessoa, e nem igualar-me a ela sendo grosseira também, porque assim, eu estaria errado igual a ela.

Eu acredito muito na possibilidade que o professor tem de conquistar a confiança do aluno e evitar situações como essas, o prof. Paulo Freire nos ensinou, que a autoridade, se conquista por meio da competência e não do autoritarismo docente, eu tenho tentado humildemente seguir essa máxima e até então tenho me dado bem.

Entrevistadora: como a senhora associa a questão da autoridade e da afetividade docente?

Entrevistada:

Eu penso que a afetividade combina muito bem com a autoridade em um professor e tenho tentado seguir esse caminho. Não quero ser comparada ao educador Paulo Freire, o qual para mim, vivenciou e defendeu com muita propriedade essa questão, pois ele sempre defendeu que a autoridade do professor precisa ser estabelecida por meio de sua competência, e que ela pode ser conquistada através de seu trabalho sério, competente e comprometido com os sujeitos e com a causa educativa, e jamais pode ser imposto aos alunos.

Eu venho pautando minha experiência profissional docente, de maneira que eu possa conciliar a minha competência profissional com a humildade pessoal, para isso, estabeleço critérios avaliativos e discuto com os alunos, permitindo assim, que eles também se expressem e demonstrem o que pensam a respeito do que, e de como estamos trabalhando, afinal ele é o principal interessado. Faço isso de forma afetuosa, sem jamais perder o senso de responsabilidade e isso tem dado certo, pois, os alunos de modo em geral, respeitam mais aqueles professores com os quais, eles estabelecem relações de confiança e de afeto, é por isso que eu busco conquistar a confiança dos alunos, fazendo bem o meu trabalho e os tratando de forma respeitosa e afetuosa, porém, não permito que eles confundam afetividade com falta de autoridade.

Entrevistadora: A senhora acredita que a afetividade pode contribuir para o processo de humanização?

Entrevistada:

Sim, entre as poucas certezas que tenho, esta é uma delas, pois, penso que as pessoas não melhoram como seres humanos em relações, grotescas, desgastantes e desumanas. As pessoas tendem a melhorar e a crescer como seres humanos, em relações mais gratificantes, nas quais elas possam viver sua identidade e permitir que os outros também vivam sua alteridade de forma completa e, isso será possível nas relações onde haja espaço para a sensibilidade, para o respeito, para a demonstração e vivência de afetos.

Eu considero a afetividade como elemento significativo e determinante para realizar o processo de humanização, porque o ser humano tem mais possibilidade de crescer humanamente, nas relações em que ele se sente aceito, amado e respeitado em todos os sentidos, e isso se torna possível, naquelas em que existe afetividade.

Do contrário, se em suas relações não houver espaço para a demonstração de posturas éticas, de solidariedade e, de vivência da afetividade entre eles, o ser humano se embrutece, se coisifica e se desumaniza. A afetividade é portanto, elemento de grande importância para que esse processo humanizador se realize, por isso eu procuro trabalhar de forma afetiva com meus alunos, afinal, a educação compreende o ser humano como pessoa completa

Entrevistadora: O que a senhora pensa a respeito dos conteúdos trabalhados na formação de professores, hoje?

Entrevistada.

As instituições que formam professores, perdem muito tempo trabalhando conteúdos sem muito valor formativo, quando na verdade, poderiam resignificar os

conteúdos que são trabalhados nessa formação, para que o professor que saísse da academia tivesse capacidade técnica, intelectual, epistemológica e, principalmente, ética e humana. Afinal, ele está se formando para intervir na formação de outras pessoas, por isso, é importante que ele possua uma formação que tenha sentido e significação social, afetivo e profundamente humano.

A escola e os professores precisam redescobrir seus papéis sociais e junto com eles, redefinirem suas prioridades em relação ao seu trabalho como educadores. Eu creio que não é mais possível se trabalhar sem objetivos definidos, sem envolvimento com os alunos, sem respeitá-los em suas limitações e possibilidades.

Um professor tem que procurar ajudar o aluno a superar suas dificuldades, a avançar em suas conquistas, porém, isso só será possível, na medida em que ele se sentir valorizado e respeitado como pessoa, para isso, é importante que sejam trabalhadas as questões dos valores, da ética e, principalmente, os conhecimentos a respeito do ser humano.

Eu penso, que os conteúdos trabalhados na formação de professores, devem ser contextualizados com a realidade do aluno e significativos para os mesmos e para sua formação, a qual deve ser bem feita, pois, ele vai atuar na formação de outras pessoas.

Entrevistada: Professora, a senhora estudou conteúdos a respeito de afetividade em sua formação acadêmica?

Entrevistada:

Como Filósofa, Mestre e Doutor em Educação, eu considero, que tenho uma formação acadêmica sólida, porém, sempre procuro melhorar, porque tenho consciência de que nunca estaremos formados como professores, porque eu sei que o conhecimento precisa ser renovado permanentemente e, de que nós, não temos condições de nos apropriarmos de sua totalidade, além disso, como pessoas, temos limites, pois somos seres inconclusos.

Todavia, nos cursos que fiz, não trabalharam como conteúdo específico a questão da afetividade, isso só foi possível perceber, em uma unidade de Filosofia, quando estudamos as idéias de Lévinas, ele discute a afetividade, a partir do corporal sensível.

Nesse sentido, eu penso que, nós precisamos descobrir os caminhos que nos levem ao encontro dos conteúdos que sejam significativos para a aprendizagem e para a vida dos alunos, se esses conteúdos não existem no programa, eu na

condição de professor que reconheço sua importância, posso tentar introduzi-los e trabalhá-los com os alunos, creio que a afetividade seja um desses conteúdos significativos, ela pode e deve ser trabalhada em todos os conteúdos e, principalmente, ela pode e deve ser vivenciada em nossas relações, porque afeto pode até ser explicado, porém ele precisa ser sentido, experimentado em nossa vida concreta.

Entrevistadora: A senhora considera que o professor tem obrigação de tentar mudar a sociedade?

Entrevistada:

Eu penso que, como educadores que somos, temos a obrigação de ajudar na transformação da sociedade, por meio da transformação das pessoas, porque são as pessoas que constroem e portanto, *são elas que podem mudar a sociedade.*

Eu imagino que a educação seja um dos caminhos capazes de ajudar nesta transformação, é claro que tenho consciência de que ela por si só, não mudará a sociedade, o que ela tem grandes contribuições a dar, no sentido de ajudar a formar consciência crítica sobre a realidade e de despertar o desejo de mudança nos sujeitos. Eu penso que a educação tem sim o papel de provocar mudanças.

Nesse sentido, o professor é, o seu principal agente de transformação, por isso, ele tem um papel social muito importante a desempenhar e, não deverá omitir-se desse papel, que é ajudar a construir uma sociedade mais pensante criticamente, mais ética politicamente e, humanamente mais afetiva. Essas são condições indispensáveis no processo transformador e no sujeito desse processo.

Entrevistadora: O que a senhora pensa, sobre os manuais de formação de professores?

Entrevistada:

Olha Edina, eu não acredito que um professor se forme técnica e politicamente competente, apenas seguindo as regras determinadas por uma minoria e muito menos o que está nos manuais, pois, os manuais só servem para informar, mas não estão preparados para formar. A formação vai mais além, exige muita reflexão, capacidade de análise, de questionamento, de por em dúvidas saberes existentes e, de criar novos saberes.

Todavia, isso só é possível, se os formadores de professores tiverem uma formação muito ampla e consistente, e além disso, tiverem coragem de desafiar as estruturas, de inovar, de construir novas possibilidades.

É assim que eu penso a formação docente e, é assim que eu procuro trabalhar essa formação, os manuais só servem para agilizar as questões, porém deixam muito a desejar, porque limita a capacidade criativa do professor e expõem os alunos e futuros professores.

Entrevistadora: E ter sido escolhida como sujeito desta pesquisa?

Entrevistada:

Bem Edina, você me faz uma pergunta que parece, porém não é tão simples assim responder não. É muito difícil expor-se numa pesquisa, é preciso confiar muito no pesquisador, pois nunca sabemos o tratamento que nossas idéias irão receber, (mas não se preocupe, eu confio em você), mesmo assim, é muito bom, para o profissional que conhece o trabalho e sabe o valor da pesquisa, assim como eu sei.

Esse é um momento muito importante para mim, porque de alguma maneira eu estou refletindo minha prática docente e também contribuindo com o seu trabalho e com o desenvolvimento da pesquisa para a Universidade do Estado do Pará, para o Estado como um todo, e até do país, pois, sua pesquisa poderá até transformar-se em livro e assim, muitos professores e pessoas em geral venham a ler suas idéias, isso me faz sentir útil e aumentar minha felicidade com o Mestrado da UEPA.

Sempre que é possível, eu estou disponível para colaborar com os pesquisadores, porque sei a importância da pesquisa, e reconheço a angústia dos alunos pesquisadores em busca de sujeitos para suas pesquisas, pois eu já passei por isso várias vezes, e ficava angustiada para resolver logo a pesquisa, como ainda passo e fico até hoje, porque continuo a fazer pesquisa, hoje até mais do que antes, porque hoje fazer pesquisa para mim, não é mais uma apenas uma necessidade acadêmica, eu faço pesquisa porque realmente gosto fazer e também de participar das pesquisas dos outros.

Nesse sentido, eu acredito já tenha ajudado muitos estudantes pesquisadores a realizarem suas pesquisas, sempre tratando de maneira atenciosa, respeitosa e afetiva, assim como estou sendo hoje e sempre sou com você e com os demais. Eu fico muito feliz com isso, e lhe desejo muita calma, serenidade nos momentos de dúvidas, e lhe desejo muito sucesso em sua pesquisa.

ENTREVISTAS COM O PROFESSOR JOSÉ ROBERTO ALVES DA COSTA

A primeira aconteceu no segundo semestre de 2006, em sua sala, na Direção do CCSE da UEPA, marcada com antecedência e sem nem uma interrupção que pudesse prejudicá-la. A segunda, aconteceu após muitas tentativas, e se deu de forma rápida, no primeiro semestre de 2007, pois ele estava muito ocupado com as aulas do Doutorado.

Entrevistadora: Como se deu sua escolha profissional? Se sente realizado com ela?

Entrevistado:

Eu venho de uma família de professores, minha mãe é professora, por isso eu acredito que fui influenciado pela formação familiar, porém, isso não é um peso para mim, pelo contrário, eu me sinto muito bem na profissão docente, gosto de ser professor, porque gosto muito do meu trabalho.

Olha Edina, eu passo a maior parte do meu tempo no trabalho, vivo dentro da Universidade do Estado do Pará, seja na condição de professor, ou na de gestor como vice-diretor do Centro de Ciências Sociais e educação, já no segundo mandato, aqui na UEPA, eu estou convivendo com a educação dia e noite, muitas vezes até nas férias, quando trabalho com a interiorização ou os cursos de Especialização, se eu não gostasse disso, não faria somente por dinheiro e me sentiria muito infeliz, porém, como eu gosto do meu trabalho, daquilo que faço e por isso, procuro fazer com muito carinho, desse jeito, termino sendo muito feliz com meu trabalho e profissão.

Entrevistadora: Professor, você traz muitas influências de sua formação pessoal para sua formação profissional?

Entrevistado:

Acredito que sim, pois, eu sou de uma família muito amável, na qual, nos relacionamos bem uns com os outros, fui educado com cuidado, com seriedade e, com muito carinho, coisas que eu considero importantes na vida de todo mundo, e gosto de viver assim, infelizmente, nem todas as famílias conseguem viver assim. Então, eu penso que devo também, tratar todo mundo assim, principalmente no meu trabalho como professor, coisa que eu considero muito importante, pois, ele se dá na relação entre as pessoas, e essas relações precisam ser boas, para que sejam bem proveitosas.

Eu penso que, como professor eu tenho que dar bom exemplo para os alunos, ser educado, atencioso e, respeitoso, afinal, os alunos se espelham nos professores,

ou pelo menos, cobram o comportamento deles, reparam como se comportam, você pode ver, os alunos observam até as roupas, os sapatos, o relógio que você usa, principalmente, como você se comporta em sala de aula

Eu acredito que as coisas que foram importantes na minha formação como pessoa, também são importantes na minha formação profissional, porque eu sou a mesma pessoa, não deixo de ser o Roberto, quando sou professor. Por tudo isso que já comentei sobre minha família, sobre a forma como fui criado e educado, eu acredito que a minha formação profissional foi sim, muito influenciada pela minha convivência pessoal e familiar.

Entrevistadora: Como você se relaciona com seus alunos em sala de aula?

Entrevistado:

Bem, não tenho problemas, mesmo sabendo que não costumo parecer romântico, porque tem muitos alunos que pensam que professor homem é mais rigoroso e menos sensível, porém nem sempre isso é verdadeiro. Eu sou homem e me considero um professor sério no que diz respeito a organização do trabalho, ao domínio de conteúdo, aos critérios de avaliação, sem tornar-me alguém insensível e sem afetividade.

Eu consigo me relacionar bem com os alunos e reconheço que isso é importante também para eles, principalmente, no sentido de motivá-los, de incentivá-los na superação de suas dificuldades.

Nesse sentido, eu penso que tenho até muita paciência e sensibilidade em explicar o que eles ainda não entenderam, principalmente, que porque eu trabalho com a informática educativa e, muitos adultos têm dificuldades na aquisição desses conhecimentos, por falta de oportunidade mesmo, pois, a grande maioria não tem acesso a informática, isso só acontece no último ano do curso, por isso precisam ser orientados com muita calma, e eu acredito que consigo fazer isso.

Entrevistadora: que importância você dá a de participação dos alunos em sala de aula?

Entrevistado:

Particularmente, como aluno, eu sempre gostei de participar, de fazer perguntas como faço até hoje, mesmo eu sendo tímido, porque eu penso que a gente precisa perguntar aquilo que ainda não entendeu, é melhor tirar as dúvidas com o professor na sala de aula. Por isso, todas as minhas experiências profissionais, especialmente como docente, eu tenho procurado trabalhar de forma democrática,

oportunizando ao aluno que se expresse, que fale de suas dificuldades e possibilidades, que exponha suas idéias, pois desse jeito, eu posso conhecer melhor os alunos e, também, melhorar minha prática pedagógica, porque sempre temos algo a melhorar.

Acredito que isso seja uma forma de demonstrar competência profissional e pessoal, além disso, busco estabelecer uma relação de confiança entre mim e os alunos, sem permitir que isso interfira negativamente no trabalho, além disso, eu gosto quando os alunos participam, parece que eles se interessam mais e a aula também fica mais dinâmica, tanto para mim, quanto para eles. faço isso de forma responsável e afetuosa.

Entrevistadora: Professor, você é Pedagogo formado pela UEPA e, hoje trabalha com o curso de Pedagogia na UEPA, como é essa relação com a Pedagogia?

Entrevistado:

Veja bem, eu sou Pedagogo graduado pela Universidade do Estado do Pará e acredito muito na formação que nela recebi e, que eu também ajudei a construir, porque eu sempre fui muito preocupado com minha formação.

O Curso de Pedagogia me realizou profissionalmente, e também pessoalmente, pois, nele eu me encontrei. Na UEPA, eu tive bons professores que me ajudaram a ampliar a minha visão sobre educação e a valorizar ainda mais o magistério, alguns até me inspiraram para seguir a carreira docente, alimentando a influência que veio de casa. Hoje sou professor do curso de Pedagogia, na mesma universidade em que me formei, isso é motivo até de orgulho,mas também de muita humildade, por isso, eu procuro ser um professor responsável, comprometido e competente no meu trabalho, eu quero dar bom exemplo, mostras aos alunos que a Universidade é boa, despertar o interesse e a responsabilidade deles pelo curso e pelo exercício futuro da profissão.

Apesar das minhas limitações, pois reconheço que tenho falhas e que, além disso, sempre precisamos melhorar, principalmente na condição de professor. Apesar das críticas que o curso tem enfrentado, eu acredito muito no curso de Pedagogia, pois ele nos dá uma visão mais ampliada da realidade educacional e de como trabalharmos essa realidade, neste sentido, eu procuro mostrar isso aos alunos do curso, evidenciando sua importância social, ajudando-os a perceberem que sempre

existirá mercado de trabalho para os bons profissionais que lutarem com seriedade, competência e sensibilidade.

Entrevistadora: Professor, como você considera a formação acadêmica e profissional que recebeu na Universidade?

Entrevistado:

Como eu disse anteriormente, minha formação de graduação em Pedagogia se deu na UEPA, também nela aconteceu a Especialização e o Mestrado em convênio com a Universidade de Cuba. Posso dizer, que considero minha formação boa, pois, eu tive bons professores que nos orientaram sobre a importância de nosso curso, porém, sou eu que tenho que procurar melhorá-la cada dia mais, porque penso que ainda não sei muitas coisas e preciso sabê-las, por isso continuo estudando, faço o Doutorado em Educação para sempre melhorar meu trabalho.

Além disso devo dar significado ao meu trabalho, por isso, eu sou muito responsável, ninguém me vê faltar nas aulas ou no trabalho como gestor, porém, eu cobro muito a responsabilidade do aluno, pois não me considero babá de professorandos, eu os ajudo, oriento, respeito-os com pessoas, trato bem a todos, porém são eles que devem buscar sua aprendizagem, neste sentido, eu procuro mostrar a eles as dificuldades e as belezas do magistério.

Entrevistada: Professor, em sua formação acadêmica, você estudou conteúdos sobre afetividade?

Entrevistado:

Sou pedagogo formado pela Universidade do Estado do Pará, e me sinto realizado na profissão, e volto a dizer que acredito muito na formação que recebi, tive bons e competentes professores, além de afetuosos, entre eles posso fazer referência as professoras, Ivanilde Apoluceno de Oliveira e Albeni Liz Monteiro, elas foram muito competentes em todos os sentidos, trabalharam com responsabilidade e de maneira muito afetuosa. Entretanto, eu não me lembro de ter estudado no curso de Pedagogia, e nem no Mestrado e agora mesmo no Doutorado, nem um conteúdo específico que discutisse a questão da afetividade em sala de aula, isso parece que nem tem muita coisa pra se estudar, mesmo aqueles professores que trabalham de forma afetiva, não trabalham esses conteúdos conosco, porém, eu penso que afetividade a gente vai sentindo e aprendendo na prática, na ação dos professores, na forma deles se relacionarem com os alunos, mas eu penso que seria muito interessante estudarmos essas questões em nossa formação, afinal, ainda tem muito

colega que não age desse jeito com os alunos, então seria bom discutir esses conteúdos.

Entrevistadora: Qual o seu pensamento em relação a afetividade entre professor e aluno em sala de aula?

Entrevistado:

Bem, eu nunca tinha parado para pensar sobre isso concretamente, porém, como eu disse anteriormente, sou de uma família muito afetuosa, além disso, sou professor porque gosto de ser professor, por isso eu acredito que seja importante me relacionar bem com os alunos, porque assim, o trabalho fica mais tranqüilo, menos estressante, mais agradável, mais produtivo e, portanto, menos cansativo para todos, desse jeito, a aprendizagem foi melhor.

Acredito que o processo ensino-aprendizagem, se efetiva com mais possibilidade de sucesso, quando existe uma relação afetiva entre os sujeitos, porque é sempre melhor você trabalhar com aqueles com quem se dá bem, com quem gosta de estar junto, neste sentido, eu procuro respeitar, ajudar naquilo que posso, e ser afetuoso com todos para que o trabalho seja melhor.

Eu penso, que seria muito chato, você dar aula para alunos, com os quais você não se sente bem, por quem não tem nem uma relação afetiva, então, é melhor procurar se relacionar bem com os alunos, para que seu trabalho seja melhor.

Entrevistadora: Professor, você acredita que um professor pode influenciar seus alunos?

Entrevistado:

Na minha fala anterior, eu já mencionei que tive bons professores na minha formação em Pedagogia aqui na Universidade do Estado do Pará, digo isso, porque, além de competentes, eles sempre me trataram bem, não somente a mim, mas a todos, reforçando a minha intenção de ser professor, quer dizer, eles terminam influenciando, a minha escolha, porque, se os professores só desses exemplos ruins, eu me desencantaria pela profissão, por isso, hoje eu procuro ser assim com meus alunos, muito embora eu seja muito sério em relação ao conteúdo, faço isso de forma respeitosa e, afetuosa, tratando bem a todos.

Acredito que isso seja um reflexo dos bons professores que eu tive e, agindo assim, com humildade, eu não tenho problemas de relacionamento com os alunos, pois, os respeito e consigo ser respeitado por eles. Quando a gente gosta de um

professor, procura estar atenta a seu trabalho, além de respeitar suas opções e desejar alcançar seus conhecimentos.

Entrevistadora: Professor, que importância você dá, ao envolvimento afetivo com a profissão?

Entrevistado:

No meu caso ele é forte e muito importante, pois vem de herança familiar, minha mãe é professora. Nesses anos de magistério na UEPA, eu tenho percebido, que muitos alunos chegam no curso sem saber para que vão se formar, e que efetivamente vão fazer, isso atrapalha sua formação, pois, muitos querem apenas o diploma para conseguir emprego, outros por questão do status que o nível superior dá, outros, finalmente por que gostam do magistério.

Eu também percebia isso na minha época de graduação, muitos colegas estavam nessa situação, queriam o diploma, mas não gostavam da profissão, acho que é por isso que muitos professores não se sentem gratificados com a profissão, pois, eles não se envolvem afetivamente com ela e, nem com os sujeitos, se mantêm distantes, trabalham de forma mecânica, sem envolvimento afetivo.

Entrevistadora: Professor, como você costuma lidar com problemas de condutas desleais de alguns alunos em sala de aula?

Entrevistado:

Olha Edina, para ser sincero, particularmente, eu ainda não tive nem um problema que possa ser considerado sério com aluno, mesmo assim, eu sei que os problemas existem com frequência na sala de aula.

Isso é um problema sério e que tem atrapalhado bastante o processo ensino-aprendizagem desenvolvido em sala de aula, pois, como na sala de aula existem diferentes pessoas, existem também diferentes comportamentos, dos melhores aos piores, como em qualquer lugar, em qualquer relacionamento, por isso, é importante que o professor saiba lidar com esses comportamentos para que alguns não atrapalhem o processo de ensino-aprendizagem de muitos.

Têm muitos alunos que não estão muito interessados nesse processo e às vezes tentam atrapalhar com piadinhas e atitudes inconvenientes, fazem isso, só para desestabilizar emocionalmente o professor, por isso, eu procuro sempre conhecer a turma e estabeleço alguns acordos entre nós, para que se possa trabalhar, eu penso que temos que ser duros com esses alunos, porém, não

podemos nunca tratá-los com grosserias, se não, estaríamos fazendo o jogo deles, e isso não seria bom para nós.

Entrevistadora: Por favor, comente a questão de autoridade e afetividade docente.

Entrevistado:

Essa é uma outra confusão que muitas pessoas fazem, elas pensam que o professor perde a sua autoridade se ele for afetivo com os alunos, eu penso o contrário sobre essa questão, o professor só perde a autoridade quando ele não sabe usá-la. Eu me considero um professor e uma pessoa, que tem um bom equilíbrio emocional, e que procura manter a calma, sempre, principalmente na condição de professor, porém, existem situações que a gente vive em sala de aula, em que é preciso o professor fazer um grande esforço para não explodir com determinados alunos, porque as vezes, eles abusam da tua paciência, se tu não fores muito consciente, tu perdes a calma.

Sabe, existem aqueles alunos que gostam de te desafiar, de testar os limites profissionais e pessoais do professor, alguns as vezes até provocam, mesmo assim, eu consigo manter-me calmo, afinal, tenho que demonstrar superioridade diante dele, mas uma superioridade positiva, não de autoritarismo, porque isso eu não faço. Eu penso que, como professor, eu devo ter uma formação que me dê essa competência, por isso estudamos Psicologia Educacional que nos ajuda a lidar com essas situações difíceis, além disso, normalmente sou mais amadurecido que ele e, principalmente, porque exerço autoridade sobre ele, o que me abriga a ser coerente. Mas isso só acontece, porque exercito minha afetividade e compromisso social docente.

Entrevistadora: Professor Roberto, você considera que trabalhar de forma afetuosa seja importante no processo de transformação da sociedade?

Entrevistado:

É claro que é importante, por exemplo, eu posso até não ser considerado um professor revolucionário e muito carinhoso, entretanto, eu tenho consciência da importância social de meu trabalho no processo de mudança da sociedade, ou pelo menos, da realidade com a qual trabalho. Sei que a escola sozinha, não pode resolver todos os problemas da sociedade, e nem os dela, porém, ela pode sim, intervir de forma positiva nesse processo de mudança.

Eu busco fazer o meu trabalho, com calma, sem alarme, mas de forma responsável e competente, além de me considerar afetuoso com os alunos, porque acredito que o exemplo é mais importante do que muitas palavras.

Neste sentido, o aluno se sente envolvido afetivamente e, assim, ele procura fazer sua parte nesse processo, com mais gosto e empenho, por isso a afetividade influi sim no processo da mudança, afinal, lutar por mudanças é característica dos que se identificam com a causa, dos que se envolvem afetivamente com ela.

Entrevistadora: Professor, você acredita que a afetividade pode contribuir para o processo de humanização?

Entrevistado:

Com certeza a afetividade contribui sim para ajudar no processo de humanização, isso acontece, porque só existe humanização, quando existe afetividade entre os seres humanos, a humanização não acontece em relações sem afeto.

Eu creio que a afetividade seja muito importante mesmo, no processo ensino-aprendizagem e, também, no processo de humanização das pessoas, pois a afetividade, torna as pessoas mais amáveis, sensíveis e melhores humanamente e, portanto, elas tendem a buscar praticar atitudes mais humanas, mais solidárias e menos egoístas, porém, nem todo mundo compreende esta verdade e continua caminhando sem rumo, sem dar a importância devida para o processo de humanização, coisa que se torna de grande importância na sociedade atual.

Nós sabemos que, quem trabalha em ambientes afetivos, nos quais as pessoas gostam de estar, apresenta características mais amáveis e, conseqüentemente, aprendem a ser mais solidários, mais afetivos e principalmente, a pensar no outro, a desejar o melhor para todos, a se desarmar contra o outro, desse jeito, as pessoas são mais humanas.

Nesse sentido, eu imagino que as pessoas passam a desenvolver mais a sua humanidade, a querer ser cada dia melhor, por isso é importante que as relações vivenciadas em sala de aula, sejam realizadas com ética, com responsabilidade e com afetividade, para despertar o que há de melhor em cada um.

Entrevistadora: professor, eu agradeço sua colaboração e gostaria que você comentasse, o que significa para você, ser sujeito desta pesquisa?

Entrevistado:

Eu também quero te agradecer Edina, por teres me escolhido como sujeito de tua pesquisa, principalmente por não termos muita intimidade, apesar de sermos professores na UEPA, nós dois nunca trabalhamos juntos em uma turma, então isso prova que não me escolheste porque somos amigos.

Eu te agradeço muito pela tua seriedade neste trabalho, afinal isso termina sendo um prêmio para quem dela participa, pois trata de uma questão muito importante para nossa formação como pessoa e profissional, além disso, eu também já fiz e faço pesquisa e, sei o quanto é difícil encontrar pessoas dispostas a participar, a colaborar, a maioria dos colegas fogem para não responder as questões, até mesmo em formulários, eu vejo também o desespero dos nossos alunos de especialização e até da graduação.

Eu gostei muito, principalmente, do assunto que estás trabalhando, porque, além de ser algo novo para a UEPA, ele expõe de alguma forma o professor e exige muita sinceridade nas respostas, isso termina, sendo uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, pois, ao pensarmos para responder, ou responder mesmo sem formular as respostas, nos leva a refletir sobre vida pessoal e profissional, a avaliar nossa conduta como professor e, além disso, a desejar melhorar. Para mim foi muito bom participar desta pesquisa.

ENTREVISTAS COM A PROFESSORA ROSEANE FERNANDES DA COSTA

Realizadas em duas ocasiões em uma sala de estudo, na sala dos professores, no CCSE da UEPA. A primeira ocorrida em junho de 2006 e a segunda em abril de 2007. Ambas marcadas com antecedência e se deram sem nem uma interferência que pudesse atrapalhar o seu desenvolvimento.

Entrevistadora: Prof^a. Rosiane eu gostaria que você falasse, como é que se deu a sua decisão de se tornar professora?

Entrevistada:

Bem, na verdade a escolha não se deu, aconteceu(risos), como todos os adultos pressionados pra trabalhar, como professor, eu deixei essa porta. Na verdade eu trabalhava na área empresarial, era o cargo de gerência que eu assumia, e trabalhava indiretamente na área da educação, fazia palestras, eu me sentia bem como palestrante, mesmo trabalhando na área empresarial.

Eu tinha feito vestibular a primeira vez pra economia e passei, cursei dois semestres, na época fiquei grávida parei. resolvi retornar depois de dez anos sem estudar, digo vou procurar um curso que seja menos concorrido na época, e Pedagogia na época era tecnicamente concorrido, foi no decorrer de oportunidade e eu passei, então a intenção era cursar o primeiro ano, e buscar uma transferência para outro curso na área de administração, ou na área de direito era a minha vontade, mas quando eu terminei o primeiro ano, eu tinha ficado muito feliz, eu peguei bons professores no primeiro ano, entre eles a professora a Betânia Fidalgo, eu só sei, que a metade da motivação veio dos professores; eu diria pra você que parte de eu ter escolhido a profissão de professora agora, foi no decorrer das posturas de professores, e ai depois que eu cursei meu primeiro ano, eu disse não, eu vou cursar mais um ano, segundo ano talvez eu faça outra opção, então eu criei um vínculo muito grande com a professora Betania Fidalgo, que é uma professora que tem um sentido muito político no trabalho dela, ela é muito envolvida é..

Eu comecei a participar de projetos por aqui ao redor de Belém, no Tubaua, comecei a ter uma admiração pela profissão, por que até então eu imaginava que professor é uma profissão, como se fosse uma sub profissão, e ai, eu comecei a valorizar e resolvi terminar o curso, e quando terminei o curso, logo depois fiz uma Especialização na área e disse, vou tentar ficar na profissão e me apareceu a primeira oportunidade, foi pra trabalhar com nível superior, foi na Universidade Vale do Acaraú. Foi um convite do prof. Carlos Alberto de Alcântara que estava na época organizando a faculdade aqui em Belém, conheceu meu trabalho na instituição e também por acaso eu falei pra ele da minha intenção, de ser professor, ele falou, você não quer começar agora? Só pra imaginar como será, e ai eu disse não, depois fui, me inscrevi, fiz o processo, e fui uma das selecionadas e assim eu entrei.

Entrevistadora: E a sua trajetória aqui na UEPA, como foi o ingresso?

Entrevistada:

A trajetória aqui na UEPA, foi meio que parecido, por que eu estava com quase três anos já como professora, e por ser professora da Uva sempre quis ser professora da UEPA. Então eu tive que passar por um processo para entrar aqui, era preparatório, era não sei o que, ai eu trouxe meu currículo, e eles me fizeram uma ligação me perguntando se eu trabalhava na época; eu estava trabalhando com planejamento e política educacional, relacionado ao trabalho social, estava trabalhando mais de dois anos com essa disciplina, depois disso ai, eu fui, fui avaliar,

passei...quase dois anos na secretaria de educação e depois eu fui premiada, (risos), muito complicado, né? E estou na UEPA a três anos.

Entrevistadora: Essa sua experiência aqui na UEPA, Você tem dificuldades? Está se encontrando na profissão?

Entrevistada:

Lógico trabalhando muito. Eu gosto do trabalho na UEPA não só da UEPA, mas das universidades que eu trabalho também gosto muito. Ganho pouco, no entanto vejo como professora que eu ajudo muito os alunos, isso me fez mudar a situação mas também como pessoa, estou contribuindo pra formação dos jovens, agora aqui na UEPA eles tem duas estratégias de trabalho, eu trabalhei dois anos no curso de Pedagogia na cidade e também no interior, o trabalho de formação no interior, eu vejo que é um trabalho mais sintonizado, mais envolvido, por que é com alunos do interior, a gente fica trabalhando só naquela disciplina, então a gente fica um período integral, quando você passa na sala uma atividade pra analisar é muito bom.

Aqui na capital é diferente, toda semana temos um encontro, dois encontros e, então eu sinto que há uma quebra, e quando você gosta daquela aula e monta uma estratégia pra reforçar o que você esta trabalhando e torna tudo aquilo interessante pra o aluno, então aqui o que vejo na UEPA Belém é...essa demanda de projetos para estimular os professores, agora, em contra partida você tem um número elevado, por que você tem turnos diferentes e no interior não, todo dia a mesma turma o mesmo horário o mesmo encontro e aqui não, e essa possibilidade pra se, digamos assim, tornar o trabalho mais dinâmico, mesmo que sejam turmas diferentes, você tem como fazer isso, então você estava vendo assim conheço as turmas, mesmo elas em horários deferentes, ela permite que você faça e aplique a sua metodologia no decorrer de sua aula.

Entrevistadora: Na sua formação em Pedagogia, teve alguma disciplina que trabalhou os sentimentos, as emoções e o afeto ?

Entrevistada:

É...a matéria, pra trabalhar especifica não, agora se me perguntar de professores, de turmas diferentes é que você percebe que aquela esta mexendo com emoções, com sentimentos e você cria digamos assim, um vínculo maior com aquele professor, e o professor que você percebia que ele não estava ali só pra trabalhar, mas ele estava ali pronto pra te ajudar nas coisas que se passam no dia-a-dia, ele

estava ali, estava se doando e um desses professores pra mim foi a professora Maria Luiza que trabalhava o planejamento e avaliação, mas a metodologia que ela utilizava era muito dinâmica e subjetiva, estudo dirigido e despertava as atenções.

Ela fez um trabalho sobre os animais. Quando desenhei um papagaio, ela veio e me falou para fazer uma análise não do animal em si, mais das atrocidades que nós praticamos contra os animais. Ela disse, pela caracterização do papagaio você vai ser uma excelente professora, porque você tem a ferramenta principal, e tem que saber como usar. Ela mexia com aquilo da gente, ela fazia nós percebermos as coisas que não conseguíamos perceber. E eu acredito que ela tenha influenciado não só na minha trajetória, mas por outros lados também, por que eu adorava as aulas dela, normalmente como era mais senhoras, ela não fazia freqüência,mas você percebia que dificilmente você se confrontava com ela, e te explicava por que faltou, tanto que você não faltava nas aulas dela, então eu diria assim que ela era uma professora que conseguia envolver uma turma ao todo de uma forma positiva, por que tem professores que envolvem de uma forma negativa.

Entrevistadora: É você percebe os passos desses professores trabalhando diferente, isso facilita ou não o processo de aprendizado?

Entrevistadora:

Olha Edina, tanto eu, quanto aluna e também agora como professora, vejo que facilita muito, é...dentro do professor que está a dosagem do desenvolvimento, acho que tem que ser muito bom, é mesmo muito bom, pois essa professora conseguia fazer esse desenvolvimento de uma maneira importante, então eu vejo que isso é, algo mais que tem o professor que consegue envolver o aluno, por que eu vejo da seguinte forma, pelos trabalhos dela, uns apresentavam num dia outros ficavam pro outro dia, o meu geralmente ficava pro outro dia, ai eu pensava: eu não quero decepcionar essa professora, então tentávamos mostrar um trabalho melhor, e a mesma coisa eu vejo na sala de aula, eu procuro trabalhar com esta perspectiva, eu vejo o aluno chegar na sala de aula e dizer: Professora eu to meio chateado, não achei legal o que aconteceu. Nós vemos um desenvolvimento maior, eu vejo assim, que essa estratégia que o professor deve utilizar. Mas desde que saiba colocar limites dentro dessa relação eu vejo como uma ferramenta a mais pelo ambiente do aluno, até mesmo pelos próprios universitários que levam esse aprendizado pelo lado positivo.

Entrevistadora: Você já leu, participou de algum curso, oficina? Sobre o tema afetividade na educação?.

Entrevistada:

É...(pausa) já li, na verdade eu tenho livros, eu tenho um livro que é a história de uma professora japonesa que trabalha muito a questão da emoção da educação infantil. Acho que você já leu. Ele é muito bom, é muito engraçado porque ela quer terminar o trabalho dela e ela faz de tudo pra todo mundo prestar atenção, também tem professores que fazem parte do filme. Tem professores que trabalham comigo, e percebem que eu trabalho muito de modo avaliativo, É nessa perspectiva também, eu tento me influenciar bastante e que me desperta mais atenção, mas tenho uns dez trabalhos com essa questão.

Entrevistadora: Professora Rose, dentro da profissão magistério, o que mais cansa você, o que mais gosta e menos gosta nesta profissão?

Entrevistada:

Bem, tem diversos fatores (risos) o que menos eu gosto e a questão da desorganização, eu percebo que na desorganização o que é mais grave não é só o termo da sociedade que não nos valoriza, como também no nosso próprio meio da desvalorização do professor, eu vejo uma discriminação do professor com professor, por que tem um título a mais, eu vejo que a profissão do professor ela é única, ser professor da educação infantil, ou do ensino superior, a mesma coisa, acho que falta realismo na nossa categoria, não tem por que ter discriminação entre nós; somos iguais e temos que dar as mãos uns ajudando aos outros, e não uns derrubando aos outros.

Isso é uma coisa que eu não gosto. Temos que trabalhar unidos, é uma questão de conquista mesmo. Outra coisa que me chateia na escola, é a desunião, o comodismo em relação a mudança, tem professor que não quer participar nem do planejamento, que não se prepara para seu trabalho, se você é professor, você tem que está contribuindo, preparado para a mudança, tem que ter disposição, é uma questão de compromisso. Outra coisa que me chateia, é que, apesar das dificuldades, tem professor que se esforça para fazer bem o seu trabalho, e tem colegas que só atrapalham.

Eu gosto muito no magistério, eu gosto muito é da relação que se estabelece com o outro, gosto também de ver a realização de um trabalho, me sinto muito gratificada mesmo! como vi agora no primeiro dia de aula, eu trabalhei um texto para os alunos fazerem interpretação teve um rapaz que não consegui entender o que ele queria dizer, porém, eu dei a ele a oportunidade de crescer, agora, no final do semestre, ele me fez um outro texto muito diferente, não aparentava ser a mesma

pessoa, foi progresso imenso, isso aconteceu, porque ele teve a oportunidade de crescer, fico feliz por ter feito isso, incentiva para ele não parar, disse, meu filho, não pare!. Acho que isso é trabalhar com sentimento e com afeto. É uma forma de se relacionar com o outro em sala de aula.

Eu fico feliz, quando vejo meu trabalho ser respeitado, quando percebo que alguns alunos não estão fazendo isso, procuro conversar com ele, mostrar a importância para ele, chamo a atenção mesmo, faço ele refletir, mas de maneira calma, sem grito. Essa forma de conversar com o outro, com o sujeito, a questão da autonomia que é pequena, mas você tem na sala de aula, você busca essa autonomia com um trabalho que seja sério, que seja planejado, é uma questão de respeito sem dúvida, aí vem o resultado do seu trabalho, eu vejo muito bom!

Como sou administradora e estou fora do mercado empresarial por dois anos, um dia encontrei uma pessoa dessa área que me perguntou o que eu estava fazendo? Eu respondi: sou Professora!, então ela se assustou e perguntou: Não conseguiu mais vaga na área de seguro?. Aquela idéia de que não conseguiu nada, vai ser professora. Então disse, eu contrário, quando eu saí daquela empresa, fui convidada para trabalhar em várias, e eu não quis; eu estou no magistério porque eu quero, me dá prazer, agora você não me você mais aborrecida, humilhando ninguém, porque eu estou bem comigo, gosto do que faço. Agora, se você me perguntar se aquele dinheiro que eu ganhava na empresa me faz falta, porque dinheiro nunca é demais, mas em contra partida, estou me sentindo melhor como pessoa, minha relação na minha casa melhorou, minha relação com meus filhos também melhorou, minha vida mudou.

Antes eu era uma pessoa muito egoísta; intransigente, arrogante, eu pisava nos outros, com a maior facilidade, não tinha dó. Agora isso mudou, não vou te dizer, que eu consegui tirar isso tudo de mim, mas posso dizer que tenho mudado muito, muito, muito.(diz isso com brilho nos olhos). Assim, eu sei que mudei, encontrei uma pessoa que me conhecia da empresa, e ela disse: olha Rose eu não sei o que aconteceu contigo, mas tu mudaste muito pra melhor. Sinceramente Edina, eu mudei por causa do meu trabalho!

Entrevistadora: A sua prática em sala de aula, serviu para lhe tornar uma pessoa melhor?

Entrevistada:

A única coisa que eu posso dizer, é que antes de ter feito Economia, eu deveria ter feito Pedagogia.(risos), talvez, naquela época em que fiz economia, eu não tinha visto o outro lado, não tinha percebido, talvez eu não tivesse valorizado como valorizo hoje.

Entrevistadora: O magistério representa o que em sua vida?

Entrevistada:

Olha, para mim ele representa mudança, melhoria de vida como pessoa, como ser humano; para mim, foi muito, muito bom mesmo. Antes de ser professora, eu era uma pessoa altamente egoísta, tanto é que isso é verdade, que empregada para mim, não durava às vezes nem um mês. Eu trabalhava na empresa e passava por cima de quem me atrapalhava, sabe o slogan que eu usava na época?. Se você não sair da minha frente eu te atropelo, e se você não morrer, eu volto e passo novamente por cima, primeiro eu, depois você; era isso o que eu dizia (diz isso, parecendo muito emocionada, faz pausa) hoje não, é exatamente o contrário, se eu por acaso te atropelar, paro, volto, e te socorro, porque hoje, eu penso no outro, estou mais humana, isso mudou, depois dos estudos que comecei a fazer, das leituras que eu passei a fazer, dos encontros que participei, tudo isso foi muito bom para minha vida, foi melhorando minha forma de ver as coisas; por que antes era assim, toma aqui, dá ali. Aqui é diferente, tudo mudou, a minha forma de me relacionar com as pessoas, mas eu acho, que entrei aqui na hora certa, se eu tivesse iniciado na capital, talvez eu não tivesse compreendido as reais necessidades dos alunos, e nem as finalidades da educação; no interior eles têm muitas necessidades, isso me fez mais sensível, eu aprendi muito com eles, tive oportunidade

Entrevistadora: Se um aluno adotar uma postura deselegante, qual é sua atitude diante do aluno?

Entrevistada:

Antes eu tinha muito medo de que isso acontecesse, eu tinha medo da minha reação, eu não sabia como ia reagir diante disso, eu tinha muito medo. Uma vez, teve uma oportunidade com uma aluna eu passei uma prova, ela queria dez, e eu só dei oito para ela; ela reagiu de uma forma muito agressiva, embolou a prova e jogou no meu rosto, eu estava sentada, não fiz nada, me senti muito humilhada naquela hora (diz isso com voz e expressão facial emocionada).

Sinceramente, eu fiquei com muita raiva, minha vontade era levantar e jogar a prova também na cara dela e botá-la pra fora de sala, mas eu me mantive

aparentemente calma, acho que fui humilde e muito iluminada naquela hora; tomei uma atitude inesperada até para mim: levantei, juntei a prova, alisei, fui até ela e lhe entreguei dizendo: tome, até para reivindicar sua nota, você precisará desta prova. Todos ficaram admirados, ela sem graça, depois, mais calma, foi conversar comigo, eu expliquei o porque da nota, e ela entendeu e me pediu desculpas pelo seu ato, e parece até que nos tornamos amigas, a gente sempre conversa.

De lá pra cá, tem acontecido algumas coisas pequenas, mas eu tenho conseguido assim, de uma forma calma sem levantar a voz, como eu não estou levantando, resolver. Eu procuro saber os motivos, e a gente conversa com mais calma, eu sempre procuro ouvir, assim, eu vou, esperando que ele se acalme, digo isso a ele, até funcionar, pois, naquele momento em que acontece, eu não discuto, tento adiar, sei que ele está aborrecido, isso tem dado certo. Na sala de aula, é impressionante como o ser humano é, quando acontece algo, todo mundo fica olhando para ver qual é tua reação, mas eu não discuto, prefiro adiar, esperar a calma chegar, além disso, quando eu não estou bem, quando acontece alguma coisa muito séria; que eu não tenho condições de enfrentar, eu prefiro não vir para a sala de aula, do que vir e ter problemas.

Entrevistadora: Gostaria que você me respondesse, como os seus alunos lhe tratam?

Entrevistada:

Olha, eu tento conseguir estabelecer uma relação profissional com os alunos, é muito simples; primeiramente, Edina, eu não sei se faço é certa ou errado, mas eu acredito naquilo que eu faço. Eu não exijo que o aluno me chame de senhora, de professora, podem me chamar pelo nome, mas eu quero que me respeitem como pessoa e profissional. Deixo muito claro o que quero em relação ao trabalho, a vida, e os respeito também como seres humanos; mas tudo tem um limite, inclusive com as brincadeiras, para que seja possível estabelecer uma relação sadia com eles, para isso estabelecemos um código de conduta, eu também não costumo misturar minha vida pessoal com trabalho, mas se tem algum aluno que quer desabafar, eu até escuto, mas não interfiro, se ele pedir, posso até dar um parecer, mas prefiro não interferir em sua vida particular, para não invadir o espaço dele, eu prefiro estabelecer uma relação de respeito, eu tendo ajudá-lo a refletir sobre o que disse, para perceber a importância a consequência de sua atitude, agindo assim, eu ainda não tive resultado negativo.

Também tem coisa que eu me preocupo muito em relação ao meu trabalho, uma pessoa até me falou este semestre, você acha que aquele aluno aplicado, todo certinho, esforçado, quando tem dificuldade e não entrega trabalho, merece chance? não sei se isso é certo ou errado, eu uso uma estratégia que é ouvir seus motivos, se ele me convencer eu dou mais uma oportunidade a ele, ou então faço a ele perguntas sobre seu trabalho, porque quando o professor se interessa, ele conhece seus alunos e sabe quem está mentindo, as vezes, tem colegas que ficam aborrecidos, mas eu sempre procuro acreditar na palavra de quem está pedindo a chance, afinal, eu deve respeitá-lo antes como pessoa, por isso não posso duvidar de suas justificativas, sempre dou nova oportunidade.

Então isso é uma estratégia, muitas pessoas acham que estou errada, que sou muito ingênua, porém eu acredito que estou certa, pois quando você acredita no seu aluno, ele quer corresponder a sua confiança, isso me faz bem, eu não creio que tirar ponto de aluno vai ajudá-lo a aprender mais, muito pelo contrário. Eu penso que a gente tem que incluir, e não excluir os alunos com dificuldades, isso está errado.

Entrevistadora: Se você fosse definir a professora Rose, como seria esta professora?

Entrevistada:

Olha, é muito difícil me definir como prof^a. (rindo) pausa. Eu sou uma professora identificada com a profissão, sou uma pessoa muito sensível, organizada, procuro buscar estratégias de atuação em sala de aula, procuro buscar leituras que possam me ajudar na sala de aula e melhorar minha aprendizagem, compro filmes, busco coisas novas; então eu sou uma pessoa, que me identifico com o processo, só não sei se consigo alcançar tudo o que penso estar fazendo, mas eu planejo e faço avaliação de meu trabalho, autocrítica, a auto-avaliação é muito importante no nosso trabalho, mas eu não sei se consigo ser o que penso que sou, é muito difícil avaliar isso, eu penso estar contribuindo com a formação das pessoas, estou tentando ser uma professora realmente educadora, sendo presente, companheira, comprometida.

Entrevistadora: Agora, você pode dizer algo que considera importante falar.

Entrevistada:

Este papo está sendo muito bom para mim, pois nunca tive oportunidade de falar sobre isso antes, a gente vive correndo pra trabalhar e não sobra espaço para refletirmos nossas questões, nesses encontros pedagógicos, reuniões que fazemos, também não dá para fazer isso, eu estou achando muito bom fazer isso agora, refletir sobre minha vida e minha prática.

Este é um momento de auto-avaliação para mim sobre minha atuação pedagógica, pois estou refletindo sobre aquilo que eu estou falando, entendeste? . eu vejo sim, este momento como uma grande oportunidade que você está me dando para minha formação, eu te agradeço mais uma vez, é como se você fosse um psicólogo né? É mais ou menos isso o que fazemos, falamos sobre nós, você direciona a gente vai falando, (risos) , é um desafio, você pensa e fala aquilo que você acredita.

É na questão da minha formação, do fato de eu ser professora hoje em dia, eu vejo o seguinte: mais do que nunca eu faço a reflexão, que a minha profissão serve como referencial, para eu estar consciente do que eu quero para minha vida, porque as vezes você fica 20 anos em uma profissão e não se sente bem como ela. Outra questão também é acreditar na formação, eu tenho formação como pedagoga né, as pessoas criticam a pedagogia, mas eu acredito nela, talvez se eu tivesse feito outra licenciatura, eu pensasse assim, não tivesse essa base que a pedagogia me deu, porque ela dá essa visão maior sobre educação, as outras licenciaturas são específicas, a pedagogia não, ela tem um campo maior, mais amplo, e isso te ajuda a ver e a fazer diferente.

Entrevistadora: então você também é uma apaixonada pela pedagogia ?

Entrevistada:

(rindo bastante) sim, eu sou apaixonada pela pedagogia. Lá na UVA, eu trabalhava com um grupo de sociólogos, mesmo assim, eu conseguia me fazer ouvir, e colocar as questões pedagógicas como prioridade, eles se admiravam de minha paixão, então eu disse a eles: em toda profissão tem aqueles que compram a idéia, se envolvem com o que fazem, e tem aqueles que não, que só brincam de estar sendo; eu gosto do que faço e acredito na sua importância. Porém, hoje eu vejo que criou-se uma imagem do cursos de pedagogia que não é verdadeira, assim como de qualquer profissão, temos também pedagogos que não agem certo, mas depende muito da pessoa, do que ela pensa e em que acredita, vai do compromisso da pessoa, não é do curso e nem da profissão. Então eu não me arrependo não de ter feito o curso de pedagogia, é.. só lamento ganhar menos do que ganhava em outra área, mas as gratificações do magistério são superiores a questão salarial, eu acredito no meu trabalho,,e nas pessoas com quem trabalho.

Outra coisa, eu gosto de ser professora, eu me vejo como professora, trabalho como professora, me identifico como professora a todos que me perguntam em que

trabalho; e eu vejo, amigas minhas que têm vergonha de dizerem que são professoras, então essas coisas que eu não gosto na minha profissão. Mas gosto muito de ser professora!





Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo
66113-200 Belém-PA
www.uepa.br